

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO  
REGIONAL - MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM  
DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Glória Silvina Lia Fernández Molina

**UM ESTUDO COMPARADO SOBRE O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DE  
CAXIAS DO SUL E DE SANTA CRUZ DO SUL**

Santa Cruz do Sul, maio de 2010

Glória Silvina Lia Fernández Molina

**UM ESTUDO COMPARADO SOBRE O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DE  
CAXIAS DO SUL E DE SANTA CRUZ DO SUL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Regional.

Orientador: Carlos Aguedo Nagel Paiva  
Coorientadora: Marília Patta Ramos

Santa Cruz do Sul, maio de 2010

Glória Silvina Lia Fernández Molina

**UM ESTUDO COMPARADO SOBRE O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DE  
CAXIAS DO SUL E DE SANTA CRUZ DO SUL**

Esta tese foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Regional.

Dr. Carlos Aguedo Nagel Paiva  
Professor Orientador

Dr<sup>a</sup>. Marília Patta Ramos  
Professora Co-Orientadora

Dr. Eduardo Ernesto Filippi

Dr<sup>a</sup>. Márcia Eckert Miranda

Dr<sup>a</sup>. Virginia Elisabeta Etges

Dr. Silvio Cezar Arend

*A meu marido Jorge, companheiro de todas as horas, às minhas filhas  
Maria Sol e Ana Celeste, alegria da minha vida, e  
à minha mãe, Glória, amiga e conselheira desde sempre.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus familiares pelo incentivo de todas as horas, especialmente, ao meu marido, Jorge, às minhas filhas, Maria Sol e Ana Celeste, e à minha mãe, Glória.

Agradeço aos professores e aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional.

Agradeço às secretárias do Programa em Desenvolvimento Regional, Cassia e Daniela, pela ajuda recebida.

Agradeço, especialmente, à minha amiga Maria Eloisa Cavalheiro, pela companhia e força dada durante a longa caminhada .

Agradeço à CAPES pelo auxílio da bolsa para poder realizar meu doutorado e à Universidade de Buenos Aires, pela possibilidade de realizar os estudos de forma gratuita, durante a graduação.

Agradeço à professora Nerci Terezinha D`Avila pelo esforço realizado na correção desta tese.

Agradeço, pelo carinho e sabedoria, ao meu orientador, Carlos Aguedo Nagel Paiva, bem como à professora Marília Ramos, minha coorientadora, pelo apoio a mim brindado.

*La humanidad ha recibido una naturaleza donde cada elemento es único y diferente. Únicas y diferentes son todas las nubes que hemos contemplado en la vida, las manos de los hombres y la forma y el tamaño de las hojas, los ríos, los vientos y los animales. Ningún animal fue idéntico a otro. Todo Hombre fue misteriosa y sagradamente único.*

(SÀBATO, Ernesto. Buenos Aires, Argentina, 1998)

## RESUMO

Esta tese identifica as principais diferenças do processo de industrialização dos municípios de Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul. Em virtude das características das duas regiões apresentadas, o principal embasamento teórico para explicar o desigual desenvolvimento de Caxias do Sul e de Santa Cruz se encontra nos estudos de Douglas North (1961) sobre as economias de regiões novas que dependem da exportação, para o mercado externo, de um produto primário ou de um pequeno número desse tipo de produto. A principal questão que resolvemos em relação ao objeto de estudo se relaciona com o segundo fator apresentado por North, ou seja, as características técnicas do produto-base de exportação. A preocupação fundamental em relação a Caxias e Santa Cruz foi investigar se o fumo ou o vinho induziram o aparecimento de indústrias subsidiárias. Quisemos pesquisar as razões pelas quais duas regiões, que tiveram, no passado, uma matriz econômica similar, acabaram evoluindo de forma divergente. O principal problema foi indagar a causa dos diferentes caminhos adotados e, dessa forma, surgiu a nossa principal questão: por que Caxias se transformou numa região multiespecializada e Santa Cruz especializou-se num produto só? A tese, situada na perspectiva de North, é que os principais determinantes das divergências nos padrões de desenvolvimento de regiões que ingressam em um sistema mercantil a partir de bases geográficas e históricas similares, são as características técnicas da produção da mercadoria de exportação, de forma que, suas exigências de insumos e de processamentos é que devem explicar essas divergências. A pesquisa foi uma investigação sobre a história econômica regional comparada. A metodologia que utilizamos foi o método comparativo, que considera tanto as semelhanças quanto as diferenças entre os elementos comparados. A intenção foi identificar a origem da indústria em cada região e determinar quem eram os agentes responsáveis pelos dois processos de industrialização e de onde vinha a acumulação primitiva. Outro elemento que verificamos foi o encadeamento produtivo e a pertinência de distintas teorias do desenvolvimento econômico na explicação de suas trajetórias.

Para poder cumprirmos com nossos objetivos, em primeiro lugar, sistematizamos o processo histórico de seleção da base de exportação e seus desdobramentos. Posteriormente, avaliamos se a crescente divergência poderia ser explicada pela opção do produto da base de exportação e seus desdobramentos. Também confrontamos as conclusões com a literatura alternativa disponível e avaliamos se os casos de Caxias e de Santa Cruz reforçaram ou fragilizaram o modelo teórico de Douglass North.

Palavras-chaves: História econômica; teorias do desenvolvimento econômico; desenvolvimento industrial; diversificação e especialização.

## ABSTRACT

The aim of this thesis is to identify the main differences between the process of industrialization of Caxias do Sul and Santa Cruz do Sul. Our main theoretical framework to explain the development of the analyzed regions is the theory of Douglas North. This author developed a staple theory of economic growth. The analytical framework used in this thesis come to be known as the export base theory of regional development. The framework places particular emphasis on a region's export sector as a critical determinant of its growth rate and economic structure. He asked why does one area remain tied to a single export staple while another diversifies its production and becomes an urbanized and industrializes economy. North explains that the sustained expansion depends on the factors, the natural endowments of the region, the character of the export industry and changes in technology and transfers costs. We wanted to know why two regions, which had in the past, a similar economic organization, eventually developed in different ways. Our main problem, in this thesis, is to inquire: why Caxias do Sul became a multi-specialist region and Santa Cruz specialized in one product? Our thesis, based on North's theory, is that, the divergences, between the two regions, could be explained by the characteristics of the export industry. Our research was an investigation of regional comparative economic history and we used the comparative method to study the differences and the similar elements. Our main objective was to identify the source of the industry in each region and determine the agents who were the responsible for both manufacturing processes and which were the sources for the primitive accumulation. Another element that was verified was the productive chain and the importance of the different theories of the economic development to explain the different path

At a first moment, we systematized the historical process of selection of the export base and its consequences. Subsequently we evaluated whether the increasing divergence could be explained by the choice of the main region's export sector. We also faced the conclusions with the literature available alternative and evaluated if the cases of Caxias and Santa Cruz have strengthened or weakened the theoretical model of Douglass North

**Key Words:** Economic history, theories of economic development, industrial development, diversification and specialization.



## LISTA DE QUADROS

1	Exportações dos principais produtos do período desde 1853-1921.....	61
2	Tabaco exportado de Santa Cruz do Sul do período 1853 até 1921.....	61
3	Produção gaúcha fumo 1915-1965.....	63
4	Produção de fumo em Santa Cruz do Sul ( 1975-2005).....	64
5	Incorporações e alterações no controle acionário das firmas líderes de exportação.....	123
6	Número de Contribuintes do Imposto de indústria e profissões período 1893-1894.....	125
7	Lançamento de Contribuintes do Imposto de indústrias e profissões intendência Caxias do Sul no exercício de 1910 .....	128
8	Livro de contabilidade da indústria e profissões de 1920.....	131
9	20 maiores indústrias do município conforme o valor adicionado para 2003.....	146

## LISTA DE TABELAS

1	Estabelecimentos para o ano de 1896 em Santa Cruz do Sul.....	74
2	Receita de oficinas e fábricas da Prefeitura de Santa Cruz do Sul para o ano de 1901.....	76
3	Impostos de indústrias e profissões para o ano de 1910 (Santa Cruz do Sul)....	79
4	Impostos de indústrias e profissões de Santa Cruz o Sul para o ano de 1911.....	80
5	Impostos de indústrias e profissões de Santa Cruz o Sul para o ano de 1921.....	81
6	Situação industrial de Santa Cruz do Sul de 1937.....	84
7	Produção industrial de Santa Cruz do Sul de 1955.....	87
8	Santa Cruz do Sul 1970.....	94
9	Percentual dos estabelecimentos, pessoal ocupado, salário e despesas da indústria de Santa Cruz do Sul em 1970.....	95
10	Santa Cruz do Sul 1980.....	97
11	Dados da indústria de Santa Cruz do Sul referentes ao ano de 1990.....	100
12	Dados da indústria de Santa Cruz do Sul referentes ao ano de 1996.....	101
13	As 10 principais empresas que arrecadam ICMS de Santa Cruz do Sul para os anos 2003 e 2002.....	102
14	As 10 principais empresas que arrecadam ICMS de Santa Cruz do Sul para os anos 2005 e 2004.....	103
15	Percentuais de participação de emprego e estabelecimentos de Santa Cruz do Sul referentes ao ano de 2007.....	104
16	Indústria de Caxias do Sul 1937.....	135
17	Número de firmas, operários, capital empregado e valor de produção em Caxias do Sul em 1941.....	135
18	Participação percentual dos setores nos estabelecimentos, capital empregado, valor de produção e empregados, em Caxias do Sul no ano de 1941.....	135
19	Produção industrial de Caxias do Sul em 1955.....	137
20	Percentual dos estabelecimentos, pessoal ocupado, salário e despesas da indústria de Caxias do Sul 1970.....	139

21	Percentuais de estabelecimentos, pessoal ocupado, salários e valor de produção e transformação industrial. Caxias do Sul para 1980.....	140
22	Estabelecimentos e empregados percentual de participação em Caxias do Sul, 1990.....	141
23	Pessoas ocupadas e estabelecimentos e percentuais de 1996 de Caxias do Sul..	142
24	Empregados e estabelecimentos e percentuais de Caxias do Sul para 2007.....	143
25	População total e taxas de crescimento geométricas das populações de Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul, Porto Alegre e Rio Grande do Sul entre 1890 e 2007.....	155
26	Informações gerais e população ocupada na agropecuária em 1920.....	157
27	Indústria 1920.....	158
28	População ocupada em comércio, transportes, administração pública e privada, profissões liberais e total em 1920.....	161
29	Número de estabelecimentos comerciais em 1927.....	162
30	Telefonia em 1927.....	162
31	Veículos em 1927.....	163
32	População urbana e suburbana, taxas geométricas de crescimento médias anuais em relação ao período anterior e ao início da série para Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul, Porto Alegre e Rio Grande do Sul entre 1940 e 2007...	164
32	Taxa de urbanização de Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul, Porto Alegre e Rio Grande do Sul e relação entre as taxas de urbanização de Caxias e Santa Cruz entre 1940 e 2007.....	165
33	População rural, área do território e densidade demográfica para Caxias do Sul, Santa Cruz e Rio Grande do Sul entre 1940 e 2007.....	167
34	População urbana e suburbana, rural hipotética e total hipotética para Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul e Rio Grande do Sul entre 1940 e 2007.....	169
35	Relação entre as taxas de urbanização hipotéticas de Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul e taxa de crescimento da população total para Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul e Rio Grande do Sul entre 1940 e 2007.....	170
36	Estatística da Indústria de 1937.....	183
37	Relação entre a indústria de Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul, de 1941.....	189
38	Especialização de Caxias do Sul dos gêneros industriais, 1941.....	194

39	Especialização de Santa Cruz do Sul ano 1941.....	195
40	Caxias do Sul Santa Cruz do Sul, pessoal ocupado e salários pagos, 1950.....	198
41	Valor de produção industrial Rio Grande do Sul, Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul e Porto Alegre, 1950.....	199
42	Produtividade do trabalho e excedente e taxa de exploração do ano de 1950....	201
43	Pessoal ocupado de Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul, Porto Alegre e Rio Grande do Sul para 1960.....	205
44	Valor de produção e valor de transformação industrial de Caxias e Santa Cruz do Sul para o ano de 1960.....	209
45	Produtividade do trabalho e excedente e taxa de exploração para o ano de 1960.....	210
46	Caxias do Sul: estabelecimentos, pessoal ocupado e valor de produção industrial e valor de transformação industrial 1970.....	214
47	Indústria de Santa Cruz do Sul 1970.....	216
48	Percentual dos estabelecimentos, pessoal ocupado, salário e despesas da indústria de Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul 1970.....	218
49	Comparativo de Caxias sobre Santa Cruz do Sul 1970 do estabelecimentos, pessoal ocupado, salários e valor de produção e valor de transformação industrial.....	220
50	Quociente locacional de Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul e Porto Alegre 1970.....	224
51	Pessoal ocupado em 1970.....	228
52	Total de salários pagos 1970.....	228
53	Valor da produção e valor de transformação industrial de 1970 de Caxias, Santa Cruz e Porto Alegre.....	229
54	Produtividade do trabalho e excedente da taxa de exploração, 1970.....	231
55	Dados industriais de Caxias do Sul para 1980.....	234
56	Industria Santa Cruz 1980.....	236
57	Relação de Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul para 1980.....	238
58	Percentuais de Caxias e Santa Cruz do Sul 1980.....	242
59	Quociente locacional de Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul e Porto Alegre 1980.....	244
60	Estabelecimentos, pessoal ocupado e salários pagos de 1980.....	251

61	Valor de produção e valor de transformação 1980.....	252
62	Produtividade do trabalho e excedente taxa de exploração 1980.....	253
63	Estabelecimentos, percentual de participação e quocientes locacionais para Caxias Santa Cruz do Sul e Porto Alegre 1990.....	256
64	Empregados, participação percentual e quocientes locacionais dos empregados para Porto Alegre, Caxias e Santa Cruz do Sul 1990.....	257
65	Percentuais de Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul e Rio Grande do Sul em 1996.....	260
66	Quociente Locacional 1996.....	262
67	Razão entre Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul para 1996.....	263
68	Percentual de pessoas ocupadas e de estabelecimentos para o ano 2001.....	264
69	Quocientes locacionais de Caxias e Santa Cruz de 2001	267
70	Percentuais de participação de emprego e estabelecimentos de Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul e Rio Grande do Sul 2007.....	272
71	Quociente locacional Caxias e Santa Cruz do Sul 2007.....	274
72	Taxa de crescimento das unidades locais e do pessoal ocupado de Caxias do Sul desde 1996 até 2007.....	275
73	Taxa de crescimento das unidades locais e do crescimento do pessoal ocupado para Santa Cruz do Sul - desde 1996 até 2007.....	277
74	Receita estadual arrecadada 1893-2000.( Anexo A)	299
	A	
75	Arrecadação Tributária Estadual indexada correspondente ao período entre B 1893-2000. ( Valor expresso em reais)..(Anexo B).....	302
76	Taxa de crescimento geométrico media anual em relação ao período anterior da arrecadação dos municípios de Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul, Porto Alegre e Rio Grande do Sul entre 1893-2000. (Expresso em Percentual).....	284

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	16
1 TEORIA DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL DE DOUGLASS NORTH.....	27
1.1 Padrões de crescimento das regiões: industriais residenciais e indústria de exportação.....	32
1.1.1 Um novo conceito de região em torno da base de exportação.....	37
1.1.2 Agricultura no crescimento econômico.....	39
1.2 Teoria de crescimento da empresa.....	45
1.2.1 O espírito empreendedor e as oportunidades de expansão.....	49
2 O DESENVOLVIMENTO MERCANTIL-INDUSTRIAL DE SANTA CRUZ DO SUL: HISTÓRIA DE UMA TRANSIÇÃO INCONCLUSA.....	55
2.1 A colonização e a opção pelo fumo.....	56
2.1.1 O fumo: principal produto de exportação do município.....	60
2.2 A monoespecialização e a indústria do fumo.....	66
2.2.1 Origem da indústria de Santa Cruz do Sul.....	66
2.2.2 Histórico das empresas de Santa Cruz do Sul.....	67
2.2.3 Estudo de caso das principais empresas de fumo.....	70
2.3 Os limites da estrutura produtiva contemporânea.....	73
2.3.1 Periodização da industrialização.....	73
2.3.2 Período de crescimento industrial.....	74
2.3.3 Industrialização restringida.....	82
2.3.4 Industrialização pesada.....	86
3 O DESENVOLVIMENTO MERCANTIL-INDUSTRIAL DE CAXIAS DO SUL: A TRANSIÇÃO BEM-SUCEDIDA.....	106
3.1 Caxias do sul: uma nova experiência imigratória no Rio Grande do Sul.....	106
3.2 Caxias e o caminho do principal produto de exportação.....	108
3.3 Relações de produção na industrialização do vinho e os principais tipos de estabelecimentos.....	109
3.4 Origens da indústria de Caxias do Sul.....	113

3.4.1 Estudo de casos: principais empresas de Caxias do Sul que propiciaram o desenvolvimento da indústria.....	115
3.5 Períodos da indústria de Caxias do Sul.....	124
3.5.1 Emergência e crescimento industrial.....	125
3.5.2 Período da industrialização restringida.....	131
3.5.3 Período da industrialização pesada.....	136
3.5.4 Perfil da indústria nos dias de hoje.....	144
4 COMPARANDO DUAS TRAJETÓRIAS EM BUSCA DE SEUS DETERMINANTES.....	148
4.1 As determinações comuns: distribuição, cultura e capital social.....	149
4.2 Estudo da demografia: mudanças na população e na área dos territórios analisados em função dos determinantes econômicos.....	153
4.2.1 Considerações sobre informações da década de 20: estudo da infraestrutura, transporte e atividades comerciais no início do século XX.....	155
4.2.2 Evolução da urbanização na época do início da Indústria em Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul.....	164
4.2.3 Mudanças nas áreas de Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul.....	167
4.3 Uma comparação do desenvolvimento mercantil-industrial de Caxias e Santa Cruz do Sul: dois municípios inseridos no contexto regional, nacional e mundial no início do século XX.....	171
4.3.1 Mais -valia, produtividade e acumulação do capital.....	176
4.3.2 Concentração e centralização do capital: duas categorias representadas no processo comparativo da indústria.....	179
4.3.3 Industrialização restringida: análise das variáveis da indústria de 1937 até os nossos dias.....	182
4.3.4 Industrialização pesada: características da década de 1955 até os nossos dias....	202
4.3.4.1 O milagre econômico brasileiro.....	230
4.3.4.2 Principais mudanças acontecidas a partir dos anos 80.....	253
4.4.4.1 A base de exportação e sua relação com a arrecadação tributária: Análise Histórico dos Impostos que incidiam sobre fumo e do vinho.....	269
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	285

REFERÊNCIAS.....	2932
ANEXO A - Receita estadual arrecadada 1893-2000 sem indexar.....	298
ANEXO B - Arrecadação Tributária Estadual indexada correspondente ao período entre 1893-2000. ( Valor expresso em reais).....	301
ANEXO C- Alíquotas dos impostos sobre o vinho e o fumo entre 1893- 2000.....	304
ANEXO D- Fontes de tributação desde 1893-2000.....	321
ANEXO E- Exportações dos principais gêneros de Rio Grande do Sul	324



## INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, fizemos uma análise comparativa sobre o desenvolvimento da indústria de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul no período compreendido entre fim do século XIX e o início do século XXI. Nosso objetivo foi pesquisar as razões pelas quais duas regiões que tiveram, no passado, uma matriz econômica similar, acabaram evoluindo de forma divergente.

Caxias do Sul possui uma economia industrial diversificada, com indústrias metalúrgicas, metal-mecânicas, de transporte, de móveis, de construção, de bebidas. Pelo contrário, Santa Cruz do Sul possui uma atividade industrial pouco diversificada, concentrada no beneficiamento do fumo.

Analisando a demografia, vemos que, no ano de 1920, conforme o IBGE, Caxias do Sul possuía 33.773 habitantes em uma área de 1.530 km<sup>2</sup>, ao contrário de Santa Cruz do Sul, que possuía 41.136 habitantes distribuídos numa área de 2.526 Km<sup>2</sup>. Porém, no ano de 2007, Caxias do Sul contava com 399.038 habitantes, uma população quase quatro vezes maior do que a de Santa Cruz do Sul, que, no mesmo ano, contava com 115.857 habitantes. Na década de 20, Caxias do Sul já possuía uma população, ocupada na indústria, de 1600 pessoas, enquanto Santa Cruz do Sul tinha um total de 1.080 pessoas ocupadas no setor secundário, o que já demonstrava uma maior dedicação às atividades industriais. Mas, apesar das diferenças existentes na demografia e da discreta superioridade de Caxias do Sul na participação do emprego industrial, os dois municípios se especializaram num primeiro momento na produção e beneficiamento de produtos primários, principalmente, no vinho, no caso de Caxias do Sul e no fumo, no caso de Santa Cruz do Sul.

O principal problema foi indagar a causa dos diferentes caminhos adotados, que redundaram na transformação de Caxias do Sul num município industrial multiespecializado, enquanto Santa Cruz se manteve especializado num único produto.

Nossa tese foi, pois, que as características técnico-produtivas das principais mercadorias de exportação e, em particular, suas exigências de insumos (a montante) e de processamento (a jusante) na própria região poderiam explicar parcela não desprezível das

divergências nas dinâmicas de desenvolvimento e industrialização de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul.

Partimos do pressuposto de que a teoria do desenvolvimento regional de North - de que a “base de exportação” se articula a determinações distributivas e institucionais - é a teoria mais adequada sobre o tema.

Quando falamos de desenvolvimento da região, estamos nos referindo ao conceito de desenvolvimento capitalista. Assim, o foco principal desta tese foi entender a acumulação capitalista, o processo de industrialização e o grau de urbanização a partir da análise da base exportadora. Da mesma forma, o nosso conceito de região se baseia nas ideias de North, segundo o qual, a região não pode ser definida pelas semelhanças geográficas: o que a define é seu desenvolvimento em torno de uma base de exportação comum. Dessa forma, estudamos o desenvolvimento em torno da base de exportação comum de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul, que constituem os principais municípios das regiões do Vale do Rio Pardo e da Serra.

O objetivo geral foi identificar o papel das opções técnico-produtivas originais de duas regiões de padrão de ocupação similar na determinação de suas trajetórias econômicas diferenciadas e crescentemente divergentes.

Um objetivo específico foi resgatar a bibliografia sobre a origem dos municípios de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul, suas encruzilhadas históricas e opções estratégicas que levaram à especialização (fumo x vinho). Outro objetivo foi acompanhar a diferenciação da produção urbana e analisar os quocientes locais de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul relativas aos diferentes períodos da indústria. A nossa intenção foi identificar a origem da indústria em cada região e determinar quem eram os agentes responsáveis pelos dois processos de industrialização e de onde vinha a acumulação primitiva. Buscamos verificar, ainda, o encadeamento produtivo e a pertinência de distintas teorias do desenvolvimento econômico na explicação de suas trajetórias.

Se assumirmos que, para realizarmos um estudo comparativo, temos que partir de uma característica comum, essa semelhança estaria dada pelo mesmo passado econômico dos dois territórios objetos de nossa pesquisa e pelas características comuns da população: imigrantes

italianos, na região da Serra, e alemães, na região do Vale do Rio Pardo, bem como pela política de colonização realizada sob padrões similares, na segunda metade do século XIX.

Outra característica similar era a organização produtiva em pequenas propriedades. No caso de Santa Cruz do Sul, os primeiros lotes coloniais foram distribuídos gratuitamente pela administração provincial e possuíam 160.000 braças quadradas, que equivaliam a 77 hectares para cada família. Posteriormente, principalmente a partir da Lei de Terras, de 1850, e pela Lei 304, de 30 de Novembro de 1854, foram reduzidos os lotes coloniais a 100.000 braças quadradas, o que equivalia a 48,4 hectares atuais. Por esse motivo, Caxias do Sul recebeu os lotes coloniais com dimensões levemente reduzidas em relação a Santa Cruz do Sul.

No final do século XIX, em ambos os municípios, a partir da produção agrícola, que tinha, como unidade, a pequena propriedade, acumulou-se capital. Os colonos das duas regiões destinaram seus excedentes para o comércio e participaram em empreendimentos na zona urbana, ou constituíram pequenas fábricas que atendiam a sua zona de produção.

Se partirmos do pressuposto de que, para duas regiões serem comparadas, devem apresentar características comparáveis, podemos dizer que as duas regiões possuíam uma população similar até determinado momento. Conforme a FEE (1981) referente a 1890, a população total de Caxias do Sul era de 18.506 habitantes, e a de Santa Cruz do Sul, de 15.336 habitantes.

Por fim, vale destacar, ainda, que os dois municípios têm uma distância similar em relação à capital do Estado. Assim, Caxias do Sul dista 120 km de Porto Alegre, e Santa Cruz do Sul, 150 km. Este último município conta com via de acesso fluvial à Capital, enquanto aquele, no alto da Serra, só veio a contar com um sistema de transportes relativamente barato (a ferrovia) a partir de 1910. Esta situação contribuiu para a determinação dos diferentes tipos de produção, já que os custos, frequência e tempo de transporte são fatores fundamentais para a escolha dos produtos de especialização e exportação no momento de ocupação das novas regiões.

A metodologia que utilizamos foi o método comparativo. Como afirma Bloch (1988), é importante considerar tanto as semelhanças quanto as diferenças entre os elementos comparados. Entre as vantagens que podem ser esperadas da aplicação do método

comparativo às pesquisas históricas, podemos mencionar que a determinação de leis históricas e a construção de modelos históricos não podem ser feitas sem recorrer ao método comparativo. Este permite não só eliminar certas hipóteses explicativas, como também enriquecer ou matizar as generalizações admitidas, ou, mesmo, esboçar novas explicações e problemáticas antes inexistentes.

Na verdade, cada evento histórico é rigorosamente único. E os agentes que definiram a trajetória que desejamos estudar foram movidos por motivações que não são apenas estritamente racionais, de forma que não seria possível afirmar ou negar a validade dessa ou daquela interpretação histórica somente pela racionalidade interna das mesmas.

Disso não se extrai, contudo, que não se possa ou não se deva enfrentar a questão, ou seja, o que determinou o processo transcorrido. Com efeito, restringir, dessa forma, nosso campo de investigação é o mesmo que dizer que não devemos pensar.

Mesmo não sendo estritamente racional, o processo histórico comporta racionalidade. É claro que essa racionalidade é limitada (ou circunscrita, como diria Simon, (1965). Mas, dentro da limitação de percepção, influenciados por valores culturais (eles mesmos passíveis de conhecimento e compreensão), os agentes buscam contemplar seus interesses.

Nesse sentido é que desenvolvemos esta pesquisa, buscando as características próprias de cada local, de cada região, de cada espaço. Ocupamo-nos com a história dessas duas regiões, sem esquecer que elas formam parte de um Estado, de uma nação e de um continente com características próprias.

Para podermos analisar os referidos territórios, tivemos que fazer uma dupla viagem, no espaço e no tempo. Com efeito, por um lado, não podemos compreender as economias regionais sem levar em conta o espaço nacional no qual estão inseridas. Por outro lado, se o passado nos permite entender o presente, também o presente nos permite entender o passado. Isso é válido, sobretudo, para o fenômeno da globalização ou mundialização da economia. Ele teve sua origem no século XVII e apresentou fluxos e refluxos. Hoje, esse fenômeno de liberação das trocas e do movimento dos fluxos de capital atingiu sua máxima expressão, influenciando o comportamento das economias regionais.

Uma antiga tradição que vem de Aristóteles (1988) afirma que só há ciência do universal. Dessa forma, se o historiador quer atingir conhecimento científico, não pode ficar preso à especificidade das regiões. Ele tem que reconhecer, no particular, o universal: identificar, no desenvolvimento de uma região específica, padrões universais, leis históricas e econômicas; subsumir o caso particular dentro da lei geral.

Nossa pesquisa serviu como teste para avaliar a consistência e a pertinência da teoria da base de exportação, na versão de Douglass North, para explicar distintas dinâmicas de desenvolvimento territorial. Em virtude das características das duas regiões apresentadas, o nosso principal embasamento teórico para explicar o desigual desenvolvimento de Caxias do Sul e de Santa Cruz se encontra nos estudos de North (1961) sobre as economias de regiões novas que dependem da exportação, para o mercado externo, de um produto primário ou de um pequeno número desse tipo de produto.

A principal preocupação desse autor é tentar determinar por que algumas regiões permanecem atreladas a um determinado produto de exportação, enquanto outras diversificam sua produção e se transformam em economias urbanizadas e industrializadas.

Segundo North (1961), os fatores que parecem ser os mais importantes no desenvolvimento das regiões são os seguintes: a) os recursos naturais; b) as características do produto- base da indústria de exportação; c) mudanças na tecnologia e transporte.

Os recursos naturais vão determinar a especialização original da região. Se esses dotes naturais representam vantagens comparativas de algum produto agrícola em relação ao outro, a consequência imediata vai ser concentrar toda a produção em determinado produto.

Em relação ao segundo fator, North (1961) analisa se o produto é cultivado em grandes propriedades ou em propriedades de cunho familiar. A grande diferença é a distribuição da renda. Os proprietários das grandes plantações geralmente consomem bens importados e supérfluos, enquanto, com uma renda mais equitativamente distribuída, existe uma demanda de bens e serviços de consumo de massa, que induzem o desenvolvimento de novas atividades econômicas no território, com a consequente diversificação da produção local.

Em relação às características técnicas da produção, North (1961) também destaca o investimento induzido pelo produto agrícola ou serviço base da exportação. Se a *commodity* requer processamento local, investimento em transporte e/ou outro tipo de investimento social, economias externas são criadas, situações que facilitam o desenvolvimento de indústrias subsidiárias. O autor complementa ressaltando que, se a indústria de exportação encoraja o crescimento das indústrias subsidiárias e se a tecnologia, os custos de transportes e os recursos naturais permitem que esses elos da cadeia sejam produzidos localmente, será favorecido o desenvolvimento do lugar. Por outra parte, existe o produto que demanda poucas indústrias ou que, por sua natureza, torna mais fácil importar os insumos do exterior. Da mesma forma, existem produtos que se utilizam de insumos industriais caracterizados pelas economias de escala e que não solicitam um processo mais sofisticado de processamento para serem exportados. Nestes casos, a produção dos insumos (a montante) e o processamento industrial (a jusante) tendem a se realizar em grandes centros urbanos, onde as redes logísticas, a oferta de mão de obra e o mercado interno são de grande expressividade. Afinal, as economias locacionais externas dos grandes centros de serviços só são compensadas pelos atrativos da produção local nos casos em que as vantagens de escala são baixas e os custos de transporte do produto *in natura* são muito maiores do que os custos de transporte do produto processado.

O terceiro fator apontado por North (1961) contempla as vantagens das mudanças na área da tecnologia e dos transportes. O autor ressalta que esse fator pode mudar as vantagens comparativas da região. A tecnologia pode incrementar a taxa de retorno de outros bens e serviços, levar à exploração de novas fontes e afastar-se da produção inicial da indústria da base de exportação. O transporte constitui uma vantagem inicial para o produto exportável da região, mas, com a entrada de novas regiões, a sua facilidade pode constituir um entrave a esse produto.

A principal questão que resolvemos em relação ao objeto de estudo se relaciona com o segundo fator apresentado por North (1961), ou seja, as características técnicas do produto base de exportação. Em relação à distribuição da renda, há uma grande similaridade entre Caxias e Santa Cruz do Sul, já que North, na teoria, se refere às diferenças existentes entre os donos das grandes plantações e das pequenas propriedades. A preocupação fundamental em relação a Caxias e a Santa Cruz é verificar se o fumo ou o vinho induziram o aparecimento de

indústrias subsidiárias. Como bem ressalta North (1961), o sucesso da economia resulta do próprio setor de exportação. A economia cresce porque o desenvolvimento inicial do setor exportador leva a uma maior abertura da base exportadora e ao aumento do consumo do mercado interno. A demanda por novos produtos leva ao aparecimento de indústrias locais. Essas indústrias, ao produzirem para o mercado da região, podem mudar seu caráter. Muitas delas não só substituem bens importados, mas também passam a produzir em grande escala. Como conseqüência, algumas indústrias manufatureiras exportam para o mercado externo, e outras vendem para o mercado interno que já foi expandido. Já, no caso de economias não bem-sucedidas, amplia-se a necessidade de suprimentos para a indústria base de exportação e não surgem indústrias subsidiárias, nem cresce o consumo interno da região e, principalmente, a renda não permanece na região, o que leva a uma expansão, em ritmo pouco acentuado da indústria original da base exportadora.

Para podermos cumprir com nossos objetivos, em primeiro lugar, sistematizamos o processo histórico de seleção da base de exportação e seus desdobramentos. Posteriormente, avaliamos se a crescente divergência poderia ser explicada pela opção do produto da base de exportação e seus desdobramentos. Também confrontamos as conclusões com a literatura alternativa disponível e avaliamos se os casos de Caxias e de Santa Cruz reforçaram ou fragilizaram o modelo teórico de North (1961).

Esta pesquisa combinou as técnicas próprias da pesquisa bibliográfica com a metodologia de estudos de casos. No que diz respeito a Caxias do Sul, partimos da agroindústria vitivinícola e analisamos o processo de ampliação e complexificação dessa cadeia produtiva. No que se refere a Santa Cruz do Sul, analisamos, basicamente, o setor fumageiro e as características peculiares dessa cadeia produtiva, que (por hipótese) contribuíram para abortar a diversificação produtiva regional. As principais fontes foram trabalhos acadêmicos sobre essas cadeias produtivas e sobre o desenvolvimento histórico dos dois municípios (e respectivas regiões que esses municípios polarizam), bem como livros, revistas, material de arquivos, índices estatísticos, etc., que versam sobre os referidos temas. Também, pesquisamos, nas prefeituras das principais regiões estudadas, nas associações comerciais e industriais e nas bibliotecas municipais e universitárias, em documentos sobre estabelecimentos industriais, origem dos donos, origem e formação da mão de obra industrial. Os principais dados secundários consultados foram o material disponível na FEE sobre impostos, indústria, demografia e outros dados relevantes para a pesquisa. Também foram

pesquisados os dados disponíveis no Arquivo Municipal João Spadari Adami, sobre a história de Caxias do Sul, registros de tributos, história de empresas. Da mesma forma, foram consultados os arquivos da Prefeitura de Santa Cruz do Sul, disponíveis na Antiga Estação Ferroviária – Casa de Cultura Francisco Frantz-, sobre registros contábeis dos impostos e os dados mais atuais na Secretaria da Fazenda de Santa Cruz do Sul. Também foram pesquisados dados sobre empresas no Centro de Documentação da UNISC.

No que se refere ao levantamento dos impostos estaduais dos municípios analisados, a professora Márcia Eckert Miranda disponibilizou os arquivos da sua dissertação para extrair os dados de tributação até 1945. A partir dessa data, foram consultadas séries específicas de tributos estaduais da FEE. Para consulta das alíquotas de impostos que taxavam o fumo e o vinho durante o período do século XX e início do século XXI, foram consultados os arquivos da Biblioteca da Assembleia Legislativa e do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Quanto à estrutura da tese, o primeiro capítulo se refere ao embasamento teórico. Em virtude das características das duas regiões apresentadas, o principal embasamento teórico para explicar o desigual desenvolvimento de Caxias do Sul e de Santa Cruz se encontra nos estudos de North (1961) sobre as economias de regiões novas que dependem da exportação, para o mercado externo, de um produto primário ou de um pequeno número desse tipo de produto. Para complementar a nossa análise, apresentamos a teoria de Penrose (1962, que estuda o crescimento das empresas, resultando um importante complemento à nossa análise teórica. Sendo a empresa, a peça-chave do processo de industrialização, o estudo sobre as firmas traz significativos subsídios para compreender a lógica da acumulação, das relações sociais de produção e das diferentes mudanças que operam na indústria.

No segundo capítulo, estudamos as especificidades da história de Santa Cruz do Sul e os caminhos que levaram à monoespecialização no fumo. Mas, para tal, foi preciso conhecer, também, a origem da fundação do município, as atividades desenvolvidas, o nascimento e a consolidação da indústria. Assim, num segundo momento do segundo capítulo, estudamos a origem da indústria de Santa Cruz do Sul, a acumulação do capital e a reprodução das relações produtivas de produção. Analisamos as particularidades da dinâmica da indústria santa-cruzensense desde uma óptica microeconômica, através da trajetória das principais empresas do município, sob a luz da teoria de Penrose (1962), que ilustra o crescimento das firmas.



Num terceiro momento do segundo capítulo, apresentamos o desenvolvimento industrial de Santa Cruz do Sul, visto ser necessário entender as especificidades desse processo. Na análise referente a esse município, fizemos, também, um estudo desde o ponto de vista macroeconômico da indústria e analisamos os principais gêneros do setor secundário da economia, verificando a participação de cada atividade no total de estabelecimentos, número de empregados, valor de produção e de transformação industrial. Vale dizer que adaptamos a periodização proposta por Cardoso de Mello para marcar os principais períodos históricos da indústria de Santa Cruz do Sul.

No terceiro capítulo, estudamos o caminho do vinho. Para entendermos a escolha do principal produto, que foi a base de exportação do município e dos posteriores desdobramentos da indústria, fizemos um levantamento da imigração italiana, verificando os empecilhos enfrentados para produzir outro tipo de mercadoria, bem como a forma de desenvolvimento de sua produção. Fizemos um estudo exaustivo de como, a partir de um produto simples, sem muita tecnologia e sem muita sofisticação, chegamos ao desenvolvimento da indústria metalúrgica, de material de transporte e mecânica. Para podermos entender o sucesso e a diversificação da suas atividades produtivas, partimos do estudo do seu principal produto que compunha a sua base de exportação. Desse modo, elaboramos uma história do vinho, analisando suas particularidades e diferenças.

Para podermos traçar um perfil da estrutura produtiva contemporânea, indicamos um perfil da indústria nos dias de hoje. Fizemos uma reflexão apurada de dados empíricos sobre os caminhos que levaram à diversificação das atividades industriais do município. Analisamos as principais empresas de Caxias do Sul e enunciamos as principais mudanças acontecidas na composição societária das firmas estudadas, a fim de testar as principais proposições de Penrose (1962) em relação à expansão das empresas e as hipóteses levantadas por North (1961) no que se refere ao tipo de produto que produz os diferentes desdobramentos produtivos.

Num segundo momento do terceiro capítulo, estudamos o desenvolvimento industrial de Caxias do Sul. Seguindo uma sequência lógica com o estudo da indústria de Santa Cruz do Sul, aplicamos a mesma periodização proposta por Cardoso de Mello. Estudamos o período que se estende desde o início da industrialização em Caxias até 1933, que corresponde ao período conhecido por crescimento industrial. O segundo período da indústria que abrange

desde 1933 até 1955, é denominado período de industrialização restringida. Finalmente, analisamos as características do período de industrialização pesada no município, que surge a partir de 1955 e que continua até o presente.

No capítulo final, num primeiro momento, analisamos os dados da demografia. Para tal fim, apresentamos os estudos comparativos de população e mudanças de áreas. Verificamos se o crescimento industrial provocou aumento, ou não, da população e se esse contingente passou a integrar as fileiras da indústria local. Para enriquecermos nosso estudo, trouxemos outras variáveis que proporcionaram subsídios para entendermos a dinâmica do processo de industrialização, tais como infraestrutura, transporte e atividades comerciais, principalmente, no que diz respeito à década de 20, momento histórico, sobre cuja distribuição de população urbana e rural, não possuíamos dados.

Num segundo momento do capítulo final, comparamos o desenvolvimento mercantil e industrial dos municípios de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul. Para podermos verificar as particularidades do desenvolvimento capitalista da indústria de cada um deles, estudamos as variáveis concentração, centralização e acumulação propostas por Marx.

Da mesma forma, sistematizamos as principais variáveis da indústria, tais, como valor de produção, estabelecimentos, empregados e capital empregado desde 1937 até os nossos dias. Os dados recolhidos permitiram determinarmos a participação dos principais gêneros da indústria na receita dos municípios e do Estado. Por último, para verificarmos se cada município estava especializado em determinado gênero industrial, calculamos o quociente locacional, que serviu para entender a opção por diversificar ou especializar no caso dos processos estudados.

Para enriquecermos ainda mais a nossa comparação entre os dois municípios, sistematizamos os valores dos impostos estaduais arrecadados desde fim do século XIX até os nossos dias, os quais indicam a participação dos principais gêneros da indústria na receita dos municípios e do Estado. A composição tributária é significativa para entendermos a opção por diversificar ou especializar no que diz respeito aos processos estudados.

Finalmente, apresentamos as considerações finais, onde levantamos as principais descobertas da nossa tese, mostrando os caminhos divergentes de cada município e o perfil das indústrias no dias de hoje. Também refletimos sobre o desenvolvimento capitalista de cada lugar e as consequências das escolhas dos produtos iniciais na economia de cada município. Fizemos uma reflexão sobre os desdobramentos produtivos e os impactos da implementação das medidas econômicas no processo de industrialização de cada município. Da mesma forma, colocamos, nas considerações finais, as limitações à tese, aspectos referentes ao cumprimento dos objetivos, dificuldades enfrentadas quanto ao seu cumprimento, bem como as contribuições desta tese para o conhecimento científico.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Devemos salientar que esta tese foi corrigida conforme as novas normas ortográficas.

## 1 TEORIA DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL DE DOUGLASS NORTH

A fim de dar embasamento teórico à nossa tese, vamos explicar as principais proposições de Douglass North no que se refere à teoria da base de exportação. O autor proporciona os fundamentos para entender o desenvolvimento de dois municípios, no nosso caso, Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul.

North (1955) inicia seu trabalho criticando a teoria da localização e a teoria do crescimento econômico regional no ano de 1955. O autor parte da ideia do interesse crescente pela teoria da localização nos Estados Unidos e faz críticas ao fato de existir um abismo entre a teoria de crescimento econômico regional e a realidade existente nas regiões dos Estados Unidos. Para fazer a sua análise, North considera tanto as regiões desenvolvidas num quadro de instituições capitalistas quanto aquelas cujo desenvolvimento não dependeu de restrições impostas pela pressão populacional.

As regiões que tenham se desenvolvido dentro de um quadro de instituições capitalistas e, portanto sensíveis a oportunidades de maximização de lucros e nas quais os fatores de produção apresentem relativa mobilidade e 2) regiões que tenham se desenvolvido sem as restrições impostas pela pressão populacional. (NORTH, 1955, p. 252)

Por outra parte, para poder criticar a teoria de localização e a teoria do crescimento regional<sup>2</sup>, North (1955) enuncia os principais pressupostos das teorias citadas anteriormente, que partem do fato de que as regiões devem cumprir uma série de estágios para atingir seu desenvolvimento.

Num primeiro momento, as regiões caracterizam-se por um estágio de economia de subsistência, na qual a população se adapta aos recursos naturais existentes, e a atividade principal é a agrícola.

Num segundo momento, devido às melhoras experimentadas nos transportes, a região começa a desenvolver o comércio e a especialização local. Conforme a teoria dos estágios, uma parte da população começa a investir numa indústria incipiente, que se desenvolve a partir da matéria-prima, do mercado e da mão de obra que procedem da agricultura.

Quando aumenta o comércio entre as regiões, a região começa a diversificar e vai da pecuária extensiva à produção de cereais, à fruticultura, à produção de laticínios e à horticultura. Esse seria o terceiro estágio.

No próximo estágio, quando a população cresce, a região começa a se industrializar. No entanto, a industrialização percorre várias etapas. Os seus primeiros estágios correspondem a produtos agrícolas e florestais e incluem atividades como processamento de alimentos, artefatos de madeira e preparação de fibras têxteis. A segunda etapa da industrialização corresponde à indústria de fundição, refinação e processamento de metais, refinamento de petróleo, indústrias químicas baseadas no carvão.

O quinto e último estágio corresponde à especialização da região em atividades terciárias, produzindo para exportação. “Nesse estágio a região exporta capital, mão de obra qualificada e serviços especiais para as regiões menos desenvolvidas.” (NORTH, 1955, p. 294).

Devemos ressaltar que a teoria dos estágios enfatiza o papel dos custos de transportes no desenvolvimento regional. Assim Isard, citado, por North (1955, p. 294), detalha a importância dos transportes no crescimento da região:

Verificamos que, historicamente, a redução das taxas de transporte tem tendido a 1) transformar padrões de produção dispersos e ubíquos em outros de crescente concentração e 2) promover uma progressiva diferenciação e seleção entre lugares com recursos superiores ou inferiores e entre rotas comerciais.

Dessa forma, segundo essa teoria, a diminuição do custo dos transportes ajudou a especializar e a diferenciar a produção em função dos recursos e das rotas comerciais.

Posteriormente, depois de apresentar a teoria dos estágios, North faz uma crítica à sequência proposta pela teoria do crescimento regional, por considerar que esses estágios apresentam pouca semelhança com o desenvolvimento das regiões. “Não são capazes de fornecer qualquer indicação sobre as causas do crescimento e da mudança.” (NORTH, 1955,

---

<sup>2</sup> North parte dos trabalhos pioneiros de *Thunen, Weber, Lösch, Palander* e outros. North sugere que pode-se encontrar um sumário das contribuições desses autores em *Hoover, E.M na obra. Location Theory and the shoe and leather industries.*

p. 295). Uma outra razão para criticar a teoria dos estágios é a ênfase que essa teoria coloca na industrialização como base para o desenvolvimento.

Porém, a principal falha nessa teoria seria a falta de correspondência entre a teoria e a realidade americana. North (1955) salienta que os Estados Unidos foram colonizados como um empreendimento capitalista, e o povoamento das regiões novas, assim como seu crescimento, foi determinado pelo mercado mundial. Dessa forma, a teoria dos estágios serviria para explicar a história europeia em alguns aspectos, mas, no caso particular da História americana, North explica que, se existiu alguma economia de subsistência, estágio inicial da teoria enunciada anteriormente, foi em alguma região nova que tivesse deficiência dos meios de transporte, fato que depois foi corrigido pelo governo mediante o pedido dos colonizadores de ampliar a infraestrutura.

O autor ilustra essa afirmação pela história econômica do Pacífico Noroeste. Essa região nunca apresentou economias de subsistência e tinha seus mercados localizados, muitas vezes, a milhares de milhas de distância. Conforme North, a *Hudson Bay Company* explorava o negócio de peles. Com o declínio desse comércio, mudaram os produtos de exportação, sendo substituído o produto original pelo trigo, pela farinha e pelas madeiras. Seu principal mercado foi a Califórnia, que demandava uma forte quantidade desses produtos no período conhecido como *corrida do ouro*. Posteriormente, o mercado expandiu-se, e foram exportados esses produtos para Japão, Austrália, Havaí, Oriente e Europa. Da mesma forma, a indústria da madeira cresceu rapidamente, através da expansão dos mercados externos. O crescimento se deu graças aos transportes aquático e ferroviário. O sucesso das madeiras estava relacionado ao aumento das exportações.

North (1955) salienta que a história do Pacífico Noroeste serve para mostrar que a teoria do crescimento econômico regional não se aplica nesse caso porque não existiu uma evolução gradual dos estágios propostos anteriormente, partindo da economia de subsistência. Neste ponto, devemos salientar que o autor aponta que o desenvolvimento da região dependeu, desde o início, da capacidade de produzir artigos exportáveis. Essa questão deve ser remarcada porque essa afirmação é a base da teoria do autor. Para ele, a região se desenvolve, na medida em que, a mesma consegue exportar seus principais produtos.

No caso de Caxias do Sul, a escolha do vinho obedeceu ao tipo de produto que podia ser produzido na região e que tinha grandes possibilidades de ser exportado. O problema dos transportes e da concorrência determinou a especialização na vitivinicultura. Na medida que houvesse um mercado consumidor para seus produtos, a demanda iria gerar a produção de outros bens e serviços, ampliando o desdobramento da sua produção inicial.

Da mesma forma, North (1955) nega outra afirmação da teoria da localização. Como foi exposto anteriormente, uma proposição dizia que a redução dos custos de transporte transformava a produção diversificada em especializada. O autor indica que essa afirmação não pode ser aplicada a muitas regiões novas dos Estados Unidos, já que muitas delas se desenvolveram a partir de um ou dois produtos exportáveis e só diversificaram sua base de exportação depois que ocorreu a redução dos custos de transportes.

No caso de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul, a acessibilidade às vias de transporte determinou a escolha pela produção do vinho e do fumo, respectivamente, mas, no caso de Caxias do Sul, a redução dos custos de transporte, a partir da instalação do transporte ferroviário, também facilitou a exportação de outros produtos para outros mercados. Já, no caso de Santa Cruz do Sul, a especialização do fumo teve relação direta com o transporte num primeiro momento, mas a posterior especialização se deu pela alta rentabilidade do produto.

Assim, North (1955) conclui que as afirmações da teoria da localização e da teoria dos estágios não podem ser aplicadas ao caso da história econômica americana devido às especificidades do processo de desenvolvimento. Ao contrário, o autor prefere dar início ao seu estudo sobre crescimento econômico regional, referindo-se às pesquisas de outro autor chamado Innis, que analisou o caso da economia canadense.

Os trabalhos de Innis foram muito importantes na teoria que North iria desenvolver posteriormente, já que os estudos do autor o convenceram da relevância dos produtos primários exportáveis na configuração de novas economias. Conforme North, “a análise dos produtos primários tornou-se a base da compreensão do desenvolvimento econômico daquele país. Além disso, essa abordagem forneceu lúcidas indicações sobre as instituições sociais e políticas do país.” (NORTH, 1955, p. 298).

Para Innis, citado por North (1955), produtos de exportação são os artigos produzidos por uma região. North salienta que essa terminologia foi usada para designar produtos da indústria extrativa. Mais adiante, só com o intuito de esclarecer, North salienta que seu conceito de produtos de exportação de uma região é mais abrangente do que o considerado por Innis, e pode incluir produtos de setor secundário ou terciário. Ele se refere aos produtos de exportação como os itens individuais e a expressão *base de exportação* ele utiliza para denominar, de forma coletiva, os produtos de exportação de uma região. Salienta que a terminologia produtos de exportação é utilizada da mesma forma por ele e pelo outro autor, Innis, quando se referem ao caso de regiões novas.

De acordo com a teoria de North, os colonos iam experimentando, na agricultura, novos produtos até que conseguissem uma cultura que fosse viável. Apesar de que ele criticar a teoria da localização, o sucesso de determinada escolha de produção pode ser explicado, em certa medida, por esta teoria. Também entende que

O desenvolvimento de um artigo de exportação refletia uma vantagem comparativa nos custos relativos da produção, incluindo custos de transferência. Os custos de transferência de distribuição serviram para limitar a extensão do mercado exportador. Do ponto de vista da região, a demanda pelo artigo de exportação era um fator exógeno, mas tanto o processamento como os custos de transferência não o eram. (NORTH, 1955,p.298).

Na opinião do autor que estamos analisando, a demanda pela produção da região era uma variável exógena, independente, ou seja, que não podia ser controlada. O que poderiam, sim, ser controlados eram os custos de transporte e os custos de produção. O objetivo das regiões novas era reduzir esses custos para obter uma vantagem comparativa. Nesse ponto, North ressalta que as regiões tentavam conseguir subsídios do governo e ajuda para construir estradas de ferro e facilidades para melhorar canais e rios.

Quando as regiões iam crescendo em torno de uma base de exportação, tornavam-se mais competitivas. Para isso, existia uma série de organizações que ajudavam na comercialização dos produtos, o financiamento aumentava, a mão de obra se tornava mais especializada e os transportes melhoravam. Todos esses fatores trabalhavam ao redor da base de exportação.



É destacável, também, o papel das universidades estaduais, as fazendas-modelos e outros grupos de pesquisa que ajudaram a fomentar a tecnologia para melhorar a produtividade e a competitividade da base de exportação. O objetivo final de todo esse esforço era competir, em última instância, com outras regiões.

Neste ponto, vale a pena ressaltar uma questão fundamental da teoria da base da exportação: a dependência da região da base exportadora. Quando os produtos que integram a base exportadora são produtos primários e a região é altamente dependente em relação a esses produtos, esta tende a reforçar essa dependência e não promove câmbios na base exportadora. Este ponto é fundamental para entender a dinâmica do desenvolvimento do município de Santa Cruz do Sul, porque, conforme o que vai ser estudado no capítulo específico desse local, esse seria o principal obstáculo para a diversificação da região.

North (1955) afirma que essa dependência tende a agravar-se com os investimentos externos. Quando a região recebe capitais externos, estes, geralmente, vão ser direcionados para a base de exportação, deixando de lado investimentos em novos empreendimentos. Da mesma forma, os investimentos externos, através das multinacionais de Santa Cruz do Sul, provocaram essa situação, porque, salvo alguns casos isolados, os empreendimentos foram direcionados ao setor fumageiro, agravando a dependência da base de exportação.

No caso específico de Caxias do Sul, a dependência do vinho não se agravou com os investimentos externos, porque, em determinado momento histórico, na década de 50, novos empreendimentos surgiram e, dessa forma, foi ampliada a base de exportação, não se cumprindo o risco manifestado por North.

### **1.1 Padrões de crescimento das regiões: indústrias residenciais e indústrias de exportação**

Posteriormente, North (1955) faz uma análise do crescimento das regiões. Estabelecendo uma distinção entre indústrias de exportação e indústrias residenciais. A palavra *residencial* é empregada para nomear uma indústria destinada ao mercado local. Para delimitar o mercado de cada indústria, North utiliza o quociente de localização como um instrumento para determinar o grau de especialização de uma região. O quociente de localização mede o emprego na região em relação à nação. Quando o quociente é maior que

um, significa que a região está especializada em determinada indústria. Para o autor, as indústrias que produzem para exportação possuem um valor acima de um, e a base de exportação desempenha um papel vital na determinação do nível de renda absoluta e *per capita* de uma região. As mudanças no nível de renda dependem dos produtos primários.

No caso de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul, quando calculamos o quociente locacional, ao invés de calcular o emprego de cada setor da indústria em relação à nação, devemos compará-lo com o emprego de Rio Grande do Sul. Dessa forma, podemos calcular o grau de especialização de cada município em relação ao Estado.

A base de exportação influencia no padrão de urbanização, uma vez que os lugares que têm vantagens locais especiais desenvolvem-se com maior rapidez porque os custos de transporte e de processamento diminuem. Assim, North entende que nesses lugares se desenvolvem os meios especiais para implementar a produção e a distribuição dos produtos primários. As indústrias subsidiárias, como outras atividades terciárias, tais como bancos, serviços de corretagem, os atacadistas e outros negócios, concentram-se nesses centros e atuam para melhorar o custo do produto da base de exportação. No mesmo sentido, a mão de obra vai se especializar e capacitar-se para suprir as necessidades da base de exportação. North salienta que as políticas públicas tendem a ajudar a base de exportação.

Para ter certeza das consequências da escolha da base de exportação no grau de urbanização, vamos estudar as mudanças de áreas e as transformações na demografia nos períodos analisados.

Devemos salientar um elemento que North considera fundamental na sua teoria. O autor questiona se a região precisa, ou não, se industrializar para crescer. A necessidade de industrializar uma região tem sido a base da teoria do crescimento regional, a qual North tanto criticou. Este autor indica que um estado, cuja base de exportação, está apoiada na agricultura, pode ter uma percentagem alta nas ocupações terciárias e, ainda assim, ser dependente da agricultura. North quer dizer que apesar de o emprego estar vinculado às atividades terciárias ou secundárias, a dependência em relação à agricultura permanece.

Para explicar os problemas da industrialização de uma região, North divide em quatro os tipos de manufaturas que são desenvolvidas numa região. Primeiro, analisa as indústrias orientadas para as matérias-primas que se localizam próximo à fonte desses recursos. Essas indústrias são partes da base de exportação. Depois, comenta as atividades de serviço para a indústria de exportação, ou seja, que cumprem uma função orientada às necessidades de produção da indústria-base, por exemplo, fundições e fábricas de ferramentas para máquinas, implementos agrícolas especializados.

Posteriormente, o autor classifica as indústrias em indústrias locais e indústrias sem raízes, conforme as razões para sua instalação. A indústria local é aquela que produz para o consumo local. Já as indústrias sem raízes são aquelas que se instalam por casualidade em um lugar. Este tipo de indústria não obedece a nenhuma causa em particular, já os outros tipos de indústrias se instalam por determinada vantagem locacional. North salienta que as dificuldades aparecem quando se procuram desenvolver, em uma região, indústrias que são inadequadas para a área. Neste ponto, o Estado tem um papel fundamental, e quando se planejam políticas públicas, as mesmas devem ser cuidadosas e racionais em relação aos custos e rendimentos, para ver se vale a pena conceder algum tipo de benefícios e isenções para instalar determinada indústria.

O autor analisa certos casos de industrialização nas regiões dos Estados Unidos e explica que não existe razão para todas as regiões, necessariamente, terem de se industrializar para crescer. Uma grande quantidade das indústrias secundária e terciária se desenvolverá automaticamente, seja devido às vantagens locais da indústria orientada para as matérias-primas, seja como reflexo passivo do crescimento da renda da região, resultante do sucesso de seus produtos de exportação.

Dado que o crescimento de uma região depende do sucesso de sua base de exportação, North analisa o crescimento, a mudança e o declínio da base de exportação. Na sua opinião, o declínio de um produto de exportação deve ser acompanhado pelo crescimento de outros ou a região ficará estagnada. Este detalha os motivos da queda de um produto de exportação: pode ser a exaustão de um recurso natural, como também o aumento dos custos da terra, ou do fator trabalho, em relação aos custos de outra região com a qual essa região compete. Também a estagnação pode ser explicada pela mudança na tecnologia que altera a composição dos insumos.

Entre as razões do crescimento de novas exportações, está o desenvolvimento dos transportes. North atribui ao crescimento da renda, ao aumento da demanda em outras regiões e à tecnologia, o aumento da base de exportação. Também é importante a intervenção dos governos estadual e federal na aplicação de políticas sociais que resultem no aumento de produtos de exportação em muitas regiões. As indústrias que começarem em época de guerra podem ter continuidade e ser melhoradas em época de paz.

Determinada região pode crescer em razão do aumento da demanda de seus bens de exportação já existentes, devido a um aumento da renda na área de mercado onde a região coloca seus produtos ou, ainda, em virtude de uma mudança de gostos. North ressalta o papel dos transportes no crescimento da região porque a diminuição dos custos de transferência e dos custos de processamento provocará um aumento no rendimento e na competitividade dos seus bens de exportação, podendo competir com outras regiões.

Também o papel do capital cumpre um papel importante no crescimento da região. Geralmente, o investimento do capital é externo. Num primeiro momento, os lucros são remetidos ao seu lugar de origem, mas, na medida em que a base de exportação se torna lucrativa, uma parte dessa renda é reinvestida na sua expansão.

À medida que aumenta a população e a renda, as poupanças locais aumentam, tanto as poupanças como o capital reinvestido podem ser investidos nas indústrias de exportação e, posteriormente, podem migrar para outras atividades. Uma parte irá para as indústrias locais e para as indústrias subsidiárias de exportação, e outra parte pode ir para indústrias sem raízes, que podem vir a se tornar, mais adiante, novas indústrias de exportação.

A partir das mudanças experimentadas, através do desenvolvimento urbano e da força de trabalho, torna-se mais fácil o desenvolvimento de novas exportações. Dessa forma, a produção começa a ser mais variada, ou seja, a região se diversifica.

No caso particular de Santa Cruz do Sul, verificamos que as mudanças verificadas na urbanização e no aumento da mão de obra não tornaram mais fácil o desenvolvimento de novas exportações e que a região não diversificou a sua produção. Ao contrário, o investimento do capital externo alavancou a sua economia e provocou o crescimento da região. Por outra parte, os reflexos do aumento da população e da renda em outros mercados

não se verificaram na migração para outras atividades. A demanda do fumo em novos mercados provocou uma especialização ainda maior no principal produto de exportação.

Já, em Caxias do Sul, analisamos, no decorrer da nossa tese, que a urbanização e a mão de obra fizeram que o desenvolvimento de novas exportações fosse bem-sucedido e que a região diversificasse a sua produção. O investimento de capital externo foi aplicado no município, provocando a expansão e o crescimento da sua economia. Também o aumento da população e a renda em outros mercados impactaram diretamente nas indústrias de Caxias do Sul, expandindo a área de atuação da indústria.

Depois de enunciar as causas do crescimento, declínio e expansão da base de exportação, North coloca algumas proposições para levantar uma nova teoria de crescimento econômico regional. Este examina a teoria da localização e a teoria do crescimento econômico regional, à luz do desenvolvimento das regiões dos Estados Unidos e faz a sua argumentação criticando a teoria dos estágios e comparando com a história dos Estados Unidos.

O autor entende que o primeiro estágio de subsistência foi sem importância e, nos casos das regiões dos Estados Unidos, se realmente existiu foi num momento em que faltavam os meios de transporte, ao contrário da Europa, onde esse tipo de economia subsistiu durante séculos. Quanto ao segundo estágio, afirma que as regiões americanas logo conseguiram colocar seus produtos em lugares situados a uma distância bem-afastada. Os centros urbanos que foram se instalando não apenas serviram de apoio aos produtos agrícolas, mas ainda ajudaram na colocação dos produtos básicos da região em outros mercados. Referindo-se ao terceiro estágio, North entende que existem vários motivos para mudar a base exportação: os novos meios de transporte, as variações da demanda, os novos desenvolvimentos tecnológicos, a mudança nas relações de custos em relação a outras regiões competidoras, os subsídios do governo para benefícios sociais básicos e a guerra.

No que diz respeito à teoria dos estágios, o autor entende que a mudança de uma base agrícola para uma base industrial é considerada o passo mais difícil, mas, duvida de que seja um passo indispensável para o crescimento econômico sustentado. Explica que esse passo pode não ser necessário nem desejável e que a evidência desenvolvida para apoiar esse argumento não prova nada. Explica, também, que a população e a renda *per capita* podem

crescer em uma região cuja base de exportação seja agrícola. Por sua vez, tanto a indústria como os serviços se desenvolverão automaticamente em função da produção agrícola, e, em termos de distribuição de emprego, essa região pode ser considerada industrial, porque nela os empregos derivados da indústria que trabalha em função do setor primário irão crescer e se expandir.

Para os que propõem a teoria dos estágios, uma economia regional madura se caracteriza por ser exportadora de capital e de técnicas e serviços especializados para regiões menos desenvolvidas. North concorda que, em muitos casos, essas características podem corresponder à realidade de uma economia madura, mas, isso não significa um estágio final para todas. Para definir uma economia como madura, existem outros parâmetros, como nível de emprego, valor de produção industrial, valor de transformação industrial, arrecadação tributária.

### **1.1.1 Um novo conceito de região em torno da base de exportação**

Além de todas as críticas efetuadas em relação à teoria dos estágios, North (1955) levanta uma série de considerações em relação ao conceito de região. Dessa forma, na opinião desse autor, a região não pode ser definida pelas semelhanças geográficas. O que define uma região é seu desenvolvimento em torno de uma base de exportação comum. Assim, o sucesso da base de exportação é o fator determinante da taxa de crescimento das regiões. Para entender esse crescimento, o autor postula que devem ser examinados os fatores que possibilitaram o desenvolvimento dos produtos primários. A importância da base de exportação se mede pelo nível de renda absoluta e *per capita* de uma região e pela quantidade de atividades locais, secundárias e terciárias que se desenvolverão ao redor dessa base de exportação. Esta também influencia o tipo de indústrias subsidiárias, a distribuição da população, o padrão de urbanização, o tipo de força de trabalho, as políticas e medidas sociais da região.

Para poder medir a importância da base de exportação de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul, estudamos as indústrias subsidiárias que foram surgindo em ambos os municípios, as distribuições urbana e rural da população, o grau de urbanização de cada lugar e os desdobramentos do vinho e do fumo.

Numa região jovem, a dependência dos produtos primários é reforçada pelo esforço dos habitantes para reduzir os custos de processamento através da pesquisa tecnológica, dos subsídios do Estado e dos investimentos de capital de fora, aplicados na base primária existente.

Algumas regiões desenvolverão uma base de exportação de produtos manufaturados, mas esse não é um estágio necessário. Uma grande quantidade das indústrias secundárias e terciárias resultará do sucesso da base de exportação.

Devemos ressaltar que o caso de Santa Cruz do Sul se ajusta a essa proposição porque a base de exportação era baseada em produtos primários, e a região não se desenvolveu em função do beneficiamento do fumo.

O crescimento das regiões não é igual. Um aumento da demanda dos produtos de exportação pode significar o aumento de demanda em outros tipos de atividade econômica.

À medida que cresce a renda da região, as poupanças locais tendem a ser investidas em novos tipos de atividades. Algumas dessas atividades se tornam indústrias de exportação. À proporção que os custos de transporte não são tão significativos para determinar a competitividade de uma indústria, as bases de exportação das regiões se diversificam e essas regiões tendem a perder sua identidade porque o que as caracterizava e as unia era justamente a base de exportação. No longo prazo, pode se visualizar uma maior igualdade da renda *per capita* e uma diversificação da produção.

No caso da base de exportação de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul ocorreram situações diferentes. No caso do município da Serra, muitas atividades se tornaram indústrias de exportação porque se deu o que North entendia que ia suceder com a ampliação da base da exportação, mas, no caso de Santa Cruz do Sul, observamos que a poupança e a renda da região não possibilitaram a expansão de novas atividades. Em cada lugar, podemos analisar os efeitos na renda e na diversificação da produção.

### 1.1.2 Agricultura no crescimento econômico

No trabalho realizado em 1959, North entende que existe um consenso entre os economistas, ao afirmar que a agricultura tem pouco peso no crescimento econômico. A sua argumentação parte das ideias de Rostow, que afirma que uma arrancada na economia acontece a partir da industrialização. A principal base da teoria de Rostow é a teoria dos rendimentos decrescentes da agricultura e da maior produtividade da indústria.

Por outra parte, uma teoria lançada pelo professor Theodore Schultz afirma que o desenvolvimento econômico acontece em determinado lugar e que essa economia se desenvolve em áreas de composição urbano-industrial. Ele indica que dificilmente isso ocorre em áreas rurais. Uma outra hipótese exposta por Schultz define que a base do crescimento econômico é o desenvolvimento industrial, que seria a variável independente, no entanto a agricultura seria a variável dependente no processo global de desenvolvimento urbano-industrial.

North opina que as hipóteses levantadas por Schultz têm certo grau de veracidade, porém não podem ser feitas generalizações tanto para fazer uma interpretação histórica como para formular políticas sobre os problemas atuais (referidos à época de 1959).

No artigo de 1959, o autor tenta demonstrar que uma produção bem-sucedida de bens agrícolas, destinados à exportação fora da região, tem sido o principal elemento de indução de crescimento econômico, do desenvolvimento de economias externas, da urbanização e do desenvolvimento industrial.

Para provar a sua argumentação, são levantadas as seguintes hipóteses: 1) a especialização e a divisão do trabalho constituem os fatores mais importantes da expansão inicial das regiões; 2) a produção de bens para a venda fora da região induz essa especialização e 3) o engajamento na economia internacional em expansão ou na economia nacional, no caso específico dos Estados Unidos, nos últimos dois séculos, tem sido o caminho através do qual várias regiões e nações têm alcançado o desenvolvimento econômico.



O autor salienta que essa é a teoria de Adam Smith. Concorda com Schultz no sentido da importância dos bens manufaturados na rápida expansão da demanda na história dos Estados Unidos. Traz o exemplo da Dinamarca, do Noroeste do Pacífico e da economia canadense, para mostrar como os produtos agrícolas possibilitaram a expansão geral.

Inicia sua argumentação dizendo que a expansão de um setor de exportação é necessária, mas não suficiente para o crescimento regional. Questiona porque uma região permanece atrelada a um único produto básico e por que outra se torna diversificada e se torna uma região industrializada e urbanizada. Afirma que a causa da especialização numa indústria de exportação significa que a especialização e diversificação do trabalho são limitadas fora dessa indústria. Salienta que isso significa que uma parcela da população tem permanecido fora da economia do mercado. Para essa questão, a sua resposta se sustenta em três fatores: na dotação de recursos naturais a um dado nível de tecnologia, no caráter da indústria de exportação e nas mudanças tecnológicas e nos custos de transferências.

A fim de tentar explicar a sua argumentação, North detalha cada um dos fatores em separado. Em primeiro lugar, os recursos naturais determinam os bens iniciais de exportação. Se os recursos naturais têm uma vantagem comparativa sobre qualquer outro, então a consequência imediata será uma concentração dos recursos na produção desse bem. Se a região tem a possibilidade de produzir outros bens de forma que a taxa de retorno sobre a produção de vários bens não seja muito menor que a do bem inicialmente exportado, então, com o crescimento da região, a produção de outros bens será possível.

O segundo fator se refere ao caráter da indústria de exportação, e North entende que deve ser analisado se o produto de exportação se produz em grandes extensões ou se é produzido em fazendas familiares ou minifúndios. No primeiro caso, na hipótese de o produto ser produzido em grandes latifúndios, ele argumenta que poderá existir uma distribuição da renda desigual. No caso extremo, os proprietários dos latifúndios vão gastar a sua renda em bens de luxo que serão importados pelos grandes donos das extensões rurais. Então, essa distribuição de renda desigual não possibilita a existência de indústrias domésticas.

Quando a renda é mais equitativa existe demanda para uma grande variedade de bens e serviços, parte dos quais é produzida internamente, induzindo, assim, a uma diversificação dos investimentos. Existem, nesse caso, grandes centros, ao contrário do que é desenvolvido numa economia do tipo extensiva. Assim, onde existe o latifúndio, existem poucas áreas urbanas dedicadas à exportação dos produtos básicos da região. Ao contrário, o minifúndio induz a novos investimentos e movimenta a indústria local.

Uma consequência natural da economia é a atitude em relação à educação. No latifúndio, não existe vontade de investir na pesquisa para desenvolver outros produtos de exportação. Não há, em definitivo, interesse em mudar a base de exportação e explorar outros bens porque o sucesso está assegurado no caminho adotado. Já, na região onde predomina o minifúndio, há uma consciência da necessidade de investir em educação e pesquisa, e, por tal causa, as políticas públicas orientadas nessa direção. Como consequência dessa visão diferente, há uma ampliação da base de exportação.

Deve-se ressaltar que os dois municípios, focos da nossa tese, têm como característica comum o minifúndio e, por esse motivo, é interessante entender como a teoria do autor se aplica nos dois lugares. A distribuição da renda de forma mais equitativa e a demanda de bens e serviços produzidos internamente são dois aspectos que serão analisados em cada caso em particular.

O terceiro aspecto envolve o produto de exportação. Se o produto precisa de investimento em transporte, armazenagem, portos e outros tipos de gastos sociais, criam-se as economias externas, que propiciam o aparecimento de outras explorações, e a indústria de exportação induz o crescimento de indústrias subsidiárias.

Se a tecnologia, os custos de transporte e a dotação de recursos permitem que certos bens que, anteriormente, eram importados (de outras regiões) sejam produzidos internamente, isto provocará um desenvolvimento ainda maior. O investimento em indústrias subsidiárias promoverá a urbanização, a crescente especialização e o desenvolvimento de outras atividades locais.

North afirma que, no caso contrário, situa-se a indústria de exportação que requer o desenvolvimento de poucos centros para a coleta e exportação dos bens e que promove o

desenvolvimento de uma pequena indústria subsidiária. E, muitas vezes, resulta mais proveitoso importar do que produzir internamente.

Mudanças na tecnologia e nos transportes podem alterar a vantagem comparativa de uma região, seja de maneira favorável ou desfavorável. A tecnologia pode ser um componente favorável para deixar a indústria de exportação inicial de lado e mudar o foco para produzir outros bens e serviços.

Da mesma forma, o transporte é uma variável a considerar, já que as suas condições, numa fase inicial, constituem uma vantagem comparativa para a instalação das indústrias, mas, depois, essas facilidades promovem a dependência da região em relação à indústria-base de exportação, isto que desestimula a diversificação. Isso acontece porque segundo North (1959, p. 338),

O desenvolvimento prematuro do transporte conduz, comumente (em condições competitivas) a uma rápida queda nas tarifas de transporte e, conseqüentemente, aumenta a vantagem comparativa do produto de exportação.

O problema se apresenta pela facilidade do transporte. Como este se torna barato, a região tem que competir com outras regiões. Nesse ponto é que North ressalta o papel da renda no crescimento da região. Aponta que, se a renda da região é utilizada para comprar produtos de fora, isso provoca o crescimento de algum outro lugar, e os rendimentos da indústria-base de exportação não são percebidos.

Para complementar a relação entre transporte, renda e crescimento das regiões, o autor exemplifica com o caso do Sul e do Oeste nos anos anteriores à guerra civil americana. O Sul se dedicava à produção e ao comércio de algodão, e o açúcar e o fumo eram atividades subsidiárias. No entanto, o Oeste americano dedicava-se ao trigo, ao milho e a outros gêneros, como toucinho, gordura de porco, farinha e *whisky*. As principais diferenças entre essas duas regiões eram as seguintes: o Sul era extremamente especializado num produto primário, com uma distribuição desigual da renda, existência de mão de obra escrava, organização em latifúndios.

Ao contrário, o Oeste era diversificado, voltado para o mercado externo, existindo o minifúndio para a produção dos principais produtos organizados em propriedades de tipo

familiar. O Sul não estava urbanizado, a única exceção era a cidade de *New Orleans*, e um grande percentual da população permanecia fora da economia de mercado. Por sua vez, cada vez que o Oeste se expandia, um grupo de fazendeiros se integrava à economia de mercado.

Uma outra diferença era o investimento em educação. O Sul tinha um alto índice de analfabetismo e um número menor de bibliotecas. Para o tipo de atividade sulista, não eram necessários grandes investimentos para conseguir aumentar a exportação de algodão. Não eram necessários nem o desenvolvimento dos transportes nem a presença de indústrias subsidiárias extensivas. O investimento nessa região se direcionava à compra de escravos e à abertura de novas terras para o algodão.

Já, no Oeste, era necessário o investimento em transportes e em outras instituições. Foram desenvolvidas várias manufaturas que representaram um fato importante para a urbanização. No Sul, quando o algodão era exportado, via comércio marítimo, possibilitava a vinda de produtos importados quando os navios retornavam vazios, sem mercadorias. Dessa forma, aproveitavam a viagem do navio e voltavam com produtos de outras regiões, que competiam com as indústrias locais de bens de consumo. No Oeste, as indústrias eram protegidas porque as mercadorias eram transportadas por via terrestre o subindo o rio Mississippi, o que beneficiava as suas indústrias de bens locais.

A relação entre base agrícola e crescimento da região pode ser explicada da seguinte forma: uma indústria de exportação com base agrícola pode estimular o crescimento da renda de uma região e, sob determinadas condições, que foram destacadas anteriormente, essa base agrícola levará à especialização e à divisão do trabalho com ampliação do mercado regional. Por sua vez, observar-se-á o crescimento das indústrias subsidiárias. A base de exportação será ampliada porque crescerão as indústrias locais que irão ter maiores mercados. Como consequência de todo esse processo, crescerão as áreas urbanas. Também, existirá um maior investimento na educação e na pesquisa, para ampliar o potencial da região.

North salienta que o processo de industrialização vai ter um desenvolvimento maior devido às mudanças resultantes dos fatores enumerados anteriormente. Devido ao aumento do mercado, mais empresas serão atraídas para se instalar na região. Por sua vez, quando as condições não forem favoráveis para a instalação das empresas, haverá uma política

governamental destinada a mudar a situação como transformação no sistema de propriedade e um novo foco na despesa pública destinada à pesquisa, tecnologia e educação.

Mais adiante, o autor compara sua tese com os argumentos desenvolvidos pelos professores Rostow e Schultz. Conforme Rostow, o crescimento econômico é produto da industrialização e a estagnação está associada à agricultura. North afirma que

O envolvimento nas grandes economias de mercado, apesar das vicissitudes decorrentes, tem sido o caminho clássico pelo qual as economias regionais se expandiram. Isso resultou na especialização, economias externas, desenvolvimento das indústrias locais, e o aumento da desintegração vertical como resultado da expansão do mercado. (NORTH, 1959, p. 342)

Para que a economia cresça, é preciso que se cumpram várias condições às quais North fez referência nos enunciados anteriores. O autor North tinha uma posição contrária em relação ao professor Schultz porque este último entendia que o desenvolvimento econômico tinha ocorrido nas matrizes urbano-industriais, já que, na história econômica dos Estados Unidos, em muitos casos, o impulso se deu em economias agrícolas ou extrativas.

Para North, a principal causa do crescimento das economias externas, das manufaturas e dos centros urbanos tem como fator um comércio exportador bem-sucedido. Ele aponta que a base do crescimento agrícola se encontra na capacidade de exportar. Para o autor, os problemas relevantes do desenvolvimento econômico regional giram em torno das questões levantadas no artigo publicado por ele no ano de 1959 e que foi explicado amplamente neste trabalho. Nesse sentido, não se deve contrapor a agricultura e a indústria. Na verdade, o que deve ser discutido é a capacidade da região para exportar e integrar-se nos grandes mercados mundiais. O que importa é determinar se a estrutura da economia da região possibilitará o crescimento sustentado, o que, na opinião de North, constitui a diversificação das atividades econômicas.

Os trabalhos de North de 1955 e 1959 nos oferecem subsídios suficientes para explicar o desenvolvimento econômico dos municípios que constituem o objeto de nosso estudo. Como foi salientado na introdução da tese, um dos objetivos era testar as teorias do autor. Por tal motivo, vamos analisar se a especialização num determinado produto de exportação e a divisão regional do trabalho constituem os principais fatores na expansão inicial das regiões, ou se provocam a estagnação do município. Vamos estudar, também, se o sucesso da

exportação desses bens provoca a excessiva especialização ou o desdobramento da base de exportação. Por último, vamos ponderar se a inserção dessas economias em outros mercados promove o desenvolvimento econômico.

Para testarmos a hipótese do autor, analisamos os três fatores que, segundo ele, podem determinar diferenças entre economia de diferentes regiões. Portanto, estudamos as características dos recursos naturais da base de exportação de cada município, a distribuição fundiária, e o caráter do produto de exportação, tomando em consideração se foram feitos investimentos em transporte, pesquisa e educação.

Tentamos entender os desdobramentos da produção original e as indústrias subsidiárias que surgiram posteriormente e procuramos as causas que levaram ao atrelamento à base de exportação, ou à diversificação da base produtiva.

Da mesma forma que a teoria de North proporciona os elementos necessários para entendermos o desenvolvimento econômico dos municípios e o comportamento da indústria como um todo, trazemos uma outra teoria, a teoria do crescimento da empresa de Penrose (1962), que oferece um subsídio importante para entendermos qual foi a lógica das empresas para realizar determinado investimento na indústria de cada município. Esta teoria proporciona as bases para compreendermos o motivo da chegada das multinacionais ao município de Santa Cruz do Sul e porque, em determinado momento, Caxias do Sul aproveita as condições favoráveis da economia no nível nacional para investir em bens de capital. Para tal fim, apresentamos o trabalho da autora, que analisa a natureza, a organização e a transformação da firma e o modo como essa situação influenciou no desenvolvimento local.

## **1.2 Teoria de crescimento da empresa**

Devemos salientar que Penrose e North têm uma perspectiva endogeneísta, do desenvolvimento da região (no caso de North) e da empresa (no caso de Penrose). Assim é que, em North, são os recursos internos que definem a base de exportação e é esta que, por sua vez, estimula (em maior ou menor grau) a expansão da cadeia produtiva a jusante e a montante, bem como a diversificação das atividades produtivas nos distintos territórios. A essência da tese de North é de que a região pode crescer com base em seus recursos internos se a base de exportação for capaz de estimular a diversificação produtiva regional. Da mesma

forma, Penrose salienta que a busca de alternativas para a utilização de recursos internos disponíveis e subutilizados é a ferramenta para o crescimento e a expansão da firma.

A crítica de Perroux (1964) e dos exogeneístas é que os recursos internos disponíveis em regiões periféricas e/ou estagnadas são recursos naturais e humanos ubíquos e pouco diferenciados, vale dizer, não resultam de processos inovativos e, por consequência, não permitem a constituição de vantagens competitivas necessárias à geração e apropriação, pelos agentes econômicos internos, de lucros (excedente) suficientes para garantir a acumulação produtiva acelerada.

Para Perroux (1964), na sua teoria dos polos de crescimento, a variável tecnológica e a inovação são elementos centrais na sua análise. Esse autor entende que a instalação de empresas motrizes e a geração de inovações são os propulsores do desenvolvimento de uma região. Assim, na sua teoria, a força exógena determina o processo de crescimento econômico de um determinado lugar.

Penrose (1962), por sua vez, entende que inovação não é "progresso técnico", mas a utilização diferente - de forma original - de recursos disponíveis e sub-utilizados ou utilizados de forma sub-ótima. Na verdade, as idéias de Penrose são muito simples, e, contrariamente aos economistas exogeneístas, a autora enfatiza que a inovação efetivamente lucrativa é aquela que é gestada internamente, a partir da tomada de consciência dos líderes empresariais das particularidades e desequilíbrios internos das firmas sob sua direção. Dessa forma, a ideia de Penrose é buscar o pleno uso produtivo dos recursos humanos e materiais disponíveis dentro de cada empresa. Quanto ao papel da inovação, os estímulos podem vir tanto de restrições encontradas no processo produtivo como de oportunidades surgidas nos mercados, por isso a ideia fundamental da teoria dessa autora é a busca da oportunidade produtiva para expandir a firma.

Da mesma forma que North entende que a especialização num produto deve acontecer no início e depois a região deve diversificar, Penrose afirma que as firmas bem-sucedidas nascem com um determinado foco produtivo, mas crescem pelo aproveitamento de oportunidades de diversificação inerentes ao seu padrão tecnológico, tamanho do mercado e disponibilidade/ociosidade relativa dos diversos recursos internos.

A autora começa com a definição do termo *crescimento*, que é utilizado com duas acepções. Numa primeira aproximação, o termo significa simplesmente aumento na quantidade, quando se refere ao aumento da produção da exportação ou do volume de vendas.

Em outro sentido, *crescimento* quer dizer aumento na dimensão do objeto do crescimento, ou na melhora da qualidade como resultado de um processo de desenvolvimento análogo aos processos biológicos, nos quais as mudanças internas conduzem ao aumento do tamanho, acompanhados de transformações nas características do objeto de crescimento. Apesar das diferenças, os termos *crescimento econômico e desenvolvimento econômico* são utilizados de forma freqüente, de forma intercambiável. No último sentido, a palavra *crescimento* tem mais a ver com desenvolvimento econômico.

Ao desenvolver uma teoria sobre a empresa, Penrose (1962) entende que, além dos enfoques tradicionais, existem outras teorias sobre o crescimento da empresa, empregando analogias biológicas e considerando as empresas como organismos cujos processos de crescimento são essencialmente semelhantes aos que têm lugar nos organismos vivos. A autora afirma que esse enfoque traz muitas dificuldades, sendo umas das mais problemáticas a motivação e a decisão humana que não tem espaço no processo natural de crescimento. Dessa forma, a autora refuta esse tipo de teorias. Nesse sentido, o crescimento de uma empresa está relacionado com os intentos de um grupo particular de fazer algo.

Penrose (1962) dedica-se a elaborar uma teoria, exemplificando-a com casos concretos. A análise é efetuada desde a perspectiva das sociedades industriais exploradas para obter um lucro e de empresas que não sejam regulamentadas pelo Estado. Dessa forma, não estão incluídas nem as empresas públicas, nem as organizações financeiras, nem as empresas comerciais. Outro requisito para desenvolver essa teoria é que as empresas devem estar organizadas juridicamente, sob a forma de sociedades anônimas por ações.<sup>3</sup>

Numa economia industrial capitalista, a empresa é a unidade básica da organização produtiva. A maior parte das atividades econômicas é realizada por meio das empresas. A vida econômica depende das decisões individuais, tomadas por homens de negócios que guiam as ações de aquelas unidades que se denominam empresas.

---

<sup>3</sup> Esta não é uma condição *sine qua non*. É apenas a condição ideal, mas não é rigorosamente necessária



A empresa é a instituição mais importante dentro de uma economia porque ela é a encarregada de aplicar os investimentos necessários em determinado empreendimento. A função econômica primária de uma empresa industrial é fazer uso dos seus recursos produtivos com o objetivo de oferecer bens e serviços de acordo com os planos desenvolvidos e realizados dentro da organização.

A diferença essencial entre a atividade econômica realizada no interior da empresa e a atividade econômica realizada no mercado é que a primeira se efetua numa organização administrativa, no entanto, esta situação não acontece com esta última. Nesse sentido, Penrose (1962, p. 27) afirma que, “una empresa es algo más que una unidad administrativa; es también un conjunto de recursos productivos cuya distribución entre los diferentes usos y en el curso del tiempo, se determina por decisiones administrativas”.

Mais adiante, a autora expõe que a empresa possui recursos tangíveis, tais como equipamentos, terrenos, instalações, e também recursos naturais, tais como matérias primas, produtos semielaborados, subprodutos e, *stocks* não vendidos. A empresa também consta de recursos humanos, tais como mão de obra especializada, pessoal administrativo, financeiro, legal e técnico. Mas é salientado que os fatores essenciais no processo de produção não são somente os recursos assinalados anteriormente, também os serviços que tais recursos produzem.

Los servicios que rinden los recursos son una función del modo en que se emplean; el mismo recurso, empleado para fines diferentes o de manera diferentes y en combinación con tipos e cantidades diversas de otros recursos rinde servicios también diferentes. (PENROSE, 1962, p. 29)

O elemento mais importante na teoria de Penrose é a sua distinção entre recursos produtivos e serviços produtivos. A autora defende que o mais importante não são os recursos, senão os serviços que tais recursos rendem. Assim, o resultado da combinação dos fatores através dos serviços produtivos indica a diferença entre as diversas empresas.

Posteriormente, depois de apresentar os elementos característicos de uma empresa, oferece-se uma definição:

La empresa tal como la hemos definido es tanto una organización administrativa como un conjunto de recursos productivos; tiene como fin organizar el empleo de los recursos propios y adquiridos con objeto de producir y vender ciertos bienes y servicios y obtener un beneficio; sus recursos físicos rinden servicios esenciales para la ejecución de planes cuya acción es armonizada por la estructura administrativa dentro de la cual son llevados a cabo. (PENROSE, 1962, p. 36)

Dessa forma, as atividades produtivas de uma empresa estão governadas pelo que Penrose denomina “sua oportunidade produtiva”. Nesse sentido, uma teoria sobre o crescimento de uma empresa é um exame da variação de suas oportunidades produtivas. Outro elemento importante a ser ressaltado nessa teoria é que o limite ao crescimento da empresa está dado pelo limite das oportunidades produtivas.

### **1.2.1 O espírito empreendedor e as oportunidades de expansão**

Quando se fala em crescimento, deve-se ressaltar que: a maioria das empresas não cresce e conforme Penrose (1962), o fracasso, talvez, seja mais frequente que o sucesso. É, nesse sentido, que a autora lembra Schumpeter e salienta que a decadência e a morte sejam inerentes à própria estrutura da organização, mas o foco de estudo de Penrose são as empresas com espírito empreendedor. Deve-se destacar que a autora possui a mesma opinião de Schumpeter em relação a sua visão de como deve ser um empreendedor.

Dessa forma, o espírito empreendedor é comparado a uma predisposição psicológica que leva aos indivíduos a se arriscarem com a esperança de obter um lucro e, em particular, direcionar seu esforço e seus recursos a atividades especulativas. A busca do lucro equivale a considerar a existência de um espírito empreendedor porque se precisa desse último elemento para agir.

Mas essas condições não duram para sempre, e a empresa empreendedora empregará parte de seus recursos para investigar os possíveis caminhos de expansão lucrativa. Também é provável que existam sempre oportunidades de crescimento lucrativo, ou de que a expansão seja necessária num mundo competitivo.

En todo caso, la búsqueda de oportunidades se debe siempre a una decisión emprendedora que requiere intuición e imaginación empresarial y debe preceder a la decisión económica de seguir adelante en el examen de las oportunidades de expansión. (PENROSE, 1962, p. 39)

Essa oportunidade de expansão tem um limite, e, esse limite está composto por três variáveis: a) a capacidade diretiva; b) o mercado de fatores; c) a incerteza e o risco. A primeira variável se refere às condições internas da empresa, a segunda variável às condições externas da empresa, e a terceira, a uma combinação de atitudes internas e externas. Devemos ressaltar que, de acordo com a teoria de crescimento da firma, a direção da empresa é uma peça fundamental. É justamente esse fator que faz a diferença nos objetivos de se expandir, ou não, de crescer, ou não.

Um questionamento importante que levanta Penrose (1962) é em relação aos motivos de uma empresa querer se expandir. Existem causas externas e internas para isso. As causas externas são as seguintes: a demanda crescente de certos produtos, as mudanças tecnológicas que exigem uma produção em maior escala, os descobrimentos e invenções que abrem novos campos de ação e representam grandes possibilidades e as oportunidades especiais de obter uma melhor posição no mercado ou de lograr alguma vantagem monopolística.

Os motivos internos têm origem na existência de um conjunto de serviços produtivos, recursos e conhecimentos especiais que estão inativos. Para fazer uso desses recursos, de uma maneira mais eficaz, é necessária a divisão do trabalho dentro da empresa. A divisão do trabalho é promovida pelos grandes mercados e possibilita a alocação mais eficiente dos recursos. Devemos destacar que a utilização mais eficiente dos recursos constitui a base da teoria de Penrose e, nessa perspectiva do desenvolvimento da empresa, que se assemelha à teoria de North, que entende que o desenvolvimento de uma região surge a partir da utilização mais eficiente dos recursos naturais. A autora salienta que a empresa, ao aumentar sua dimensão, organizará seus recursos com o fim de aproveitar as oportunidades de especialização. “Como consecuencia, si se quiere hacer uso completo de los recursos se precisará de un nivel mayor de producción” (PENROSE, 1962, p. 81).

No decorrer da tese, vamos analisar as causas da especialização de determinadas empresas de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul em determinadas direções verificando como essa situação influenciou na economia como um todo. Vamos estudar por que foi mais lucrativo o emprego de recursos em determinadas áreas de atuação e como a ampliação do mercado consumidor determinou a diversificação da produção nas empresas.

Em relação ao crescimento, a autora tem dado tratamento especial às empresas que diversificam suas atividades dentro da própria empresa, o que na análise econômica recebe o nome de integração. Conforme Penrose (1962, p. 117), “Se ha dicho a menudo que este proceso es probablemente ineficiente, en el sentido que la productividad será menor cuanto mayor sea el número de actividades a las que se dedica un conjunto determinado de recursos”.

Para muitos casos da produção, pode ser verdadeiro que a produtividade e os custos tendem a ser menores nas empresas especializadas que nas diversificadas e, também, os lucros tendem a ser maiores nas empresas especializadas. Porém, as empresas especializadas são muito vulneráveis quando a tecnologia e os gostos mudam. Por essa razão, uma empresa diversificada está mais amparada face às adversidades do mercado porque dispõe de mais recursos. Penrose (1962) enfatiza que as imperfeições do mercado são a causa da diversificação das empresas.

No que diz respeito à importância de uma base tecnológica para diversificar, cabe assinalar que, se a técnica da empresa é muito simples, as inovações podem ser superadas por outras empresas, portanto, a empresa, não consegue oportunidades produtivas para se expandir.

En otras palabras, los recursos existentes de tal empresa no son los más convenientes para el desarrollo de una superioridad tecnológica especializada en el uso de las materias primas, conocimientos especiales o procesos en campo de actuación sustancialmente diferentes. Por otra parte la empresa tendrá menor capacidad para adquirir otras empresas con tecnología diferente porque la dirección desconfiará de su capacidad de obrar en campos completamente extraños a su poca experiencia y porque en general será más difícil que una empresa sin ventajas especiales en un nuevo campo adquiera otras con calificaciones técnicas especiales a un precio conveniente. (PENROSE, 1962, p. 131)

Quando se fala em especialização versus diversificação, Penrose (1962) levanta a hipótese de que a maioria das empresas se especializa, com o objetivo de obter uma situação privilegiada diante dos concorrentes existentes e potenciais. Resulta interessante destacar que, conforme a opinião dessa autora, a diversificação e o crescimento das sociedades só ocorreram nestas últimas décadas, e a especialização parece ser bem a regra, e não a exceção.

Devemos destacar, neste ponto, a especialização da base de exportação à qual North fazia referência. Num primeiro momento, provocava a expansão da economia, mas, num momento posterior, se a base de exportação não provocava o aparecimento de outras

indústrias subsidiárias, a região ficava atrelada ao produto original. Na opinião do autor, deveria existir uma diversificação com o aparecimento de novas indústrias. Para Penrose (1962), a diversificação das empresas aconteceu nas últimas décadas e a situação mais comum nas empresas é a especialização. A diversificação é amplamente aceita como solução a algum dos problemas apresentados numa empresa quando a demanda se apresenta de forma desfavorável.

Penrose (1962) destaca o fato salientado anteriormente de que a empresa se especialize em poucos setores de certa amplitude. A origem da diversificação está na possibilidade de a empresa se expandir mais rapidamente do que os mercados de seus próprios produtos, e que o tipo de diversificação dependerá dos recursos existentes na empresa.

Deve-se considerar que o benefício de qualquer atividade depende dos custos da oportunidade e dos recursos nela absorvidos. Além da mão de obra, da matéria-prima e dos fatores adquiridos, os recursos também compreendem os recursos permanentes da empresa, em particular, o pessoal diretivo e técnico. Quando um investimento não é lucrativo considerando os custos de oportunidade dos recursos empregados, pode se afirmar que existe um obstáculo à expansão da empresa. Quer dizer que a empresa é incapaz de aproveitar as oportunidades alternativas de empregar seus recursos.

Além de considerar o emprego dos recursos, Penrose (1962) coloca o mercado como uma influência considerável sobre o processo de crescimento das empresas. Segundo a autora, ele facilita a diversificação, porém evita que a empresa cresça de uma forma excessiva. Para determinada empresa, talvez seja a melhor opção vender antes do que diversificar, para que os negócios sejam lucrativos para alguns proprietários e não sejam lucrativos para outros. “Siempre han existido empresas cuyos planes grandiosos les han llevado a situaciones difíciles” (1962, p. 196).

Finalmente, com o desenvolvimento de certas indústrias, algumas pequenas empresas conseguem participar sempre e quando as grandes empresas não estejam interessadas em combatê-las, mas, com o passar do tempo, tais empresas serão anuladas. As grandes empresas

deixam espaços para que as pequenas empresas possam atuar. A autora chama essas oportunidades produtivas de *interstícios*.

O crescimento da população e o progresso tecnológico, que conduzem ao crescimento da produtividade, o desenvolvimento de novas indústrias e recursos, as modificações de gostos dos consumidores e a expansão das suas necessidades junto com o aumento da poupança e a acumulação de capital, que acompanha o aumento da renda, são as forças poderosas que determinam o crescimento da economia.

Se esse crescimento é acompanhado de novas indústrias e campos tecnológicos não dominados por grandes empresas, será possível o ingresso de novas empresas. Nos primeiros momentos de um desenvolvimento da indústria, os nichos que se apresentam podem ser muito amplos e numerosos devido ao fato de as empresas estabelecidas serem escassas. Porém as indústrias principais tendem a ser dominadas por poucas empresas grandes e se produz uma grande concentração. Isto se deve às vantagens competitivas das empresas mais antigas e maiores, à fusão e à absorção e a entrada dos competidores de menor quantia.

Mas o que acontece numa economia na qual o crescimento tem sido suficientemente alto para permitir que se desenvolva mais de uma grande empresa em cada uma das indústrias principais?. As grandes empresas têm maiores vantagens sobre as pequenas nas indústrias nas quais a produção em grande escala é mais eficiente. Essa vantagem conduz as pequenas empresas a se especializar em determinada classe de atividade.

As empresas de qualquer dimensão podem ter vantagens de crescimento e, por esse motivo, o crescimento de uma empresa de qualquer tamanho depende do emprego eficiente dos recursos, tanto do ponto de vista da empresa como da economia em geral.

Dessa forma, Penrose (1962) apresentou como novidade a utilização dos recursos ociosos, como principal diferencial para conseguir o crescimento de uma empresa. Às vezes, não é preciso fazer grandes investimentos para conseguir crescer. O que interessa, realmente, é saber utilizar, com eficiência, os recursos, que a empresa possui, e ter um grupo de diretores ou executivos que saibam explorar esses recursos e consigam tomar as decisões corretas para a melhor alocação desses recursos. Como foi falado anteriormente, Penrose (1962) tem uma

visão muito parecida com a de North e, as duas teorias se caracterizam pelo entendimento que o desenvolvimento vem de dentro, que os próprios recursos têm a capacidade de alavancar a economia, de criar economias externas, de provocar o aparecimento de indústrias subsidiárias.

## **2 O DESENVOLVIMENTO MERCANTIL-INDUSTRIAL E SANTA CRUZ DO SUL: HISTÓRIA DE UMA TRANSIÇÃO INCONCLUSA**

O embasamento teórico principal é o autor Douglass North, principalmente no que se refere aos trabalhos desenvolvidos por esse autor correspondentes aos anos 1955 e 1959. O primeiro passo para a análise do crescimento econômico regional consiste na exploração dos determinantes do setor exportador da região. North se questiona por que uma área permanece presa a um único produto básico de exportação, enquanto outra diversifica sua produção e se torna uma região industrializada e urbanizada.

O crescimento econômico de uma região está intimamente vinculado ao sucesso de suas exportações. As atividades econômicas se classificam entre as que produzem para o mercado exportador e as que produzem para o mercado local. Santa Cruz do Sul representa o exemplo de uma região nova que percorreu um caminho deliberado e tomou determinadas decisões para especializar-se num determinado produto.

Assim, tendo em vista que a especialização e a divisão do trabalho constituem os fatores mais importantes da expansão inicial das regiões, no decorrer do capítulo dedicado a Santa Cruz do Sul, procedemos à análise dos três elementos que North aponta como diferenciais para alcançar uma expansão sustentada.

Os elementos analisados são os seguintes: a) a dotação dos recursos naturais da região, b) o caráter da indústria de exportação e c) as mudanças tecnológicas e os custos de transferências.

A dotação natural da região determina os bens iniciais de exportação da área. Portanto, analisamos, num primeiro momento, os recursos naturais com os quais os imigrantes se depararam, verificando qual representou uma vantagem comparativa em relação ao outro bem.

Em segundo lugar, estudamos as características do principal produto de exportação, a forma como era organizada a sua produção e a distribuição de renda. Faz parte do estudo, também, uma descrição da infraestrutura da região e do desenvolvimento dos transportes.



Uma vez determinados os principais elementos que devem ser estudados, para analisá-los à luz da teoria de Douglass North, e focalizado o principal produto de exportação do município, analisamos a industrialização. Para tal fim, apresentamos a origem da indústria, estudamos as principais empresas de fumo e verificamos se as mesmas possibilitaram o aparecimento de outras atividades conexas.

Finalmente consideramos a indústria desde uma ótica geral, através da periodização proposta por Cardoso de Mello (1982), que divide a história da indústria em período de crescimento industrial, industrialização restringida<sup>4</sup> e industrialização pesada.

## **2.1 A colonização e a opção pelo fumo**

A história de Santa Cruz do Sul está relacionada com a imigração alemã, que durante o século XIX, recebeu o Estado de Rio Grande do Sul. É necessário entender as especificidades desse processo. Para tal fim, é preciso conhecer a origem da fundação do município, as atividades desenvolvidas, o nascimento e a consolidação da indústria.

Em 1849, o governo provincial, através da política de imigração, promoveu a colonização de Santa Cruz do Sul. No ano seguinte, entraram as primeiras cinco famílias, totalizando dezenove pessoas. Posteriormente, no mesmo ano, chegaram mais 74 pessoas, e, em 1851, mais 145.

Dez anos depois da fundação sobre um total de 409 lotes medidos, a 140.000 braças quadradas cada um, existiam 2.409 moradores, e em 1889, 18.000. Embora viessem alguns contingentes das colônias antigas, Santa Cruz é aquela fundação que, durante o período de expansão, recebeu maior número de imigrantes diretos, vindos da Renânia, da Silésia e da Pomerânia. (RAMBO, 1956, p. 91)

Instalada em 1849, a colônia de Santa Cruz desenvolveu-se, sobretudo depois de 1854.

Destinava-se a servir de porta, numa estrada iniciada em 1847, entre Rio Pardo e Cruz Alta. Teve seus começos complicados porque se encontrava a mais de 40 quilômetros do rio. Mas seu solo era fértil, e a colônia prosperou graças à cultura do fumo. Emancipou-se em 1872. (ROCHE, 1969, p. 109)

---

<sup>4</sup> Industrialização restringida é um termo utilizado por Cardoso de Mello(1982) para dividir o processo de industrialização em Brasil.

Vale observar que Santa Cruz do Sul foi a segunda colônia alemã fundada no Rio Grande do Sul, dentre as 172 instaladas no período compreendido entre 1824 até 1922. A primeira foi instalada em São Leopoldo e foi com a chegada dos alemães que se implantou um processo de produção alternativo à produção pastoril<sup>5</sup>.

O processo de colonização ocupou um espaço que de certa forma, havia sido desprezado pelo setor pecuarista. As novas comunidades que se formavam não possuíam um intercâmbio muito intenso entre si. Havia um relativo isolamento geográfico entre elas devido, principalmente, à precariedade das vias de comunicações. (TAMBARA, 1983, p. 31)

Dessa forma, a imigração impulsionou uma atividade econômica alternativa à criação de gado, principal fonte de riqueza do Estado de Rio Grande do Sul. O subsistema era baseado em três características diferentes das encontradas na região da campanha gaúcha: utilização de mão de obra familiar, pequena propriedade e policultura. Este subsistema era inerente ao processo de colonização europeia principalmente a alemã, a italiana e a polonesa, as quais se instalaram em várias regiões do Estado. Esses imigrantes receberam, de modo geral, uma colônia de terras que correspondia a 25 hectares. Num princípio, a produção estava baseada na produção de gêneros alimentícios de consumo próprio (TAMBARA, 1983).

A maioria dos imigrantes alemães exercia duas profissões, que, no Rio Grande de então, faziam mais falta: pequenos agricultores e artesãos. Rambo (1956) indica três problemas com os quais se depararam os recém-chegados: o da distribuição das terras; o das plantas a serem cultivadas, e o que dizia respeito ao método da agricultura.

Roche (1969) assinala que “As colônias alemãs do Rio Grande do Sul geralmente praticavam a policultura. Mas, no decorrer dos anos, o abandono de uma planta e a nova preferência por outra transformaram-lhe a fisionomia agrícola” (1969, p. 268).

A colônia, fundada em 1849 pelo governo provincial, tem uma interessante história agrícola. O autor (1969) divide em quatro fases a sua produção agrícola. A primeira é uma

---

<sup>5</sup> A colonização no Rio Grande do Sul foi feita essencialmente por açorianos, alemães e italianos. Segundo o despacho do Conselho Ultramarino de Portugal, em 22 de junho de 1729, a colonização efetuou-se com colônias de origem açoriana. (HEREDIA, 2001). Já existia uma lavoura nas colônias açorianas, ainda que a mesma não tenha sido bem sucedida. Em Osório introduziram a lavoura canavieira e engenho de açúcar, em Rio Grande a vitivinicultura, em Canguçu, Gravataí, Porto Alegre, Rio Pardo, plantaram trigo, instalaram moinhos.

fase de economia de subsistência na qual existe pouco investimento ou comércio. A camada principal da população agrícola localiza-se de acordo apenas com a distribuição dos recursos naturais.

A segunda fase acontece na medida em que ocorrem melhorias nos transportes, a região passa a desenvolver algum comércio e especialização local. Nessa fase, surgem modestas indústrias. Uma terceira fase acontece quando a região tende a se deslocar através de uma sucessão de culturas agrícolas. Numa quarta fase, por causa do crescimento da população e dos rendimentos decrescentes da agricultura e das outras indústrias extrativas, a região é forçada a se industrializar.

Roche define a primeira fase como da agricultura de pura subsistência, e que, por sinal, durou menos de dez anos.

A partir de 1859, paralelamente às três produções “de subsistência” de base, o milho, o feijão e a batata inglesa, incrementaram-se outras culturas, ao mesmo tempo em que crescia a população: o trigo, o centeio, a cevada, o arroz e o fumo. Vinham a seguir as oleaginosas e as plantas têxteis (principalmente o linho) e os legumes verdes. (ROCHE, 1969, p. 274)

Segundo Cunha (1991), eram cultivados aqueles produtos consumidos na Europa. Dessa forma, o imigrante plantou tanto sementes fornecidas pelo governo provincial quanto espécies provenientes do lugar de origem.

De acordo com Roche (1969), essa época caracterizou-se por uma economia de subsistência similar à desenvolvida por uma família de camponeses da época medieval. A produção de cada unidade familiar representava uma economia autosuficiente, praticamente inexistindo o excedente na produção agrícola.

Durante o século XIX, aconteceu uma transformação no contexto colonial. Num primeiro momento, as colônias sobreviveram com base em uma economia de subsistência, mas, passada esta fase, a partir de 1860 até 1881, iniciou-se a mercantilização da agricultura. Nesse período, estruturou-se tanto o artesanato quanto o comércio e estabeleceu-se a vinculação de Santa Cruz ao mercado capitalista.

Em 1862, a área cultivada aumentara 175%, e o crescimento da produção fora mais que proporcional; a safra de batata-inglesa representava 163% da safra de 1859, a de milho,

200%, a de feijão, 250%, e a de fumo, 800% (97 toneladas). Esta segunda fase prolongou-se até 1881, ou seja, por, aproximadamente, vinte anos, durante os quais a população continuou a aumentar (18.000 habitantes a mais). Por outro lado, haviam surgido novas culturas, como as da cana-de-açúcar, do amendoim, da lentilha, do algodão, da vinha. Desenvolviam-se as atividades anexas: fabricação de aguardente e de farinha, criação de animais. À produção de banha e de manteiga juntaram-se as de aves, ovos, mel e cera. O principal produto de colheita extrativa era a erva-mate. No fim desse período, a agricultura de Santa Cruz já definira uma orientação nitidamente comercial.

A terceira fase, a da especialização, foi marcada pela preponderância da cultura do fumo. As culturas secundárias, como o algodão, o linho e a cana-de-açúcar, desapareceram mais ou menos depressa. Quanto à erva-mate, declinara regularmente. As culturas de “subsistência” - o feijão, a batata e o milho - representavam 87% do valor da produção agrícola em 1881, 79% em 1895, 70% em 1924, 71% em 1939. A produção de fumo dobrou de vinte em vinte anos. Passou de 1650 toneladas em 1881, para 6200 toneladas em 1924 e para 12368 toneladas em 1946, aumentando até o fim da segunda guerra mundial.

A quarta fase Roche (1969) denomina de regressão da produção. Salvo a produção de mandioca, que dobrou, e a do arroz irrigado, todas recuaram: o milho, o feijão e a batata. “Entre 1939 e 1950, as três principais culturas de subsistência recuaram e passaram a representar apenas 43% da produção global, em lugar de 70%, ao passo que o fumo se tornou proporcionalmente ainda mais importante que antes da guerra” (ROCHE, 1969, p. 276).

O produto foi cultivado pelos colonos desde a chegada desses e muito além de suas próprias necessidades.

A cultura do fumo é favorável à economia rural, primeiro porque permite uma rotação racional de culturas, mas, principalmente, porque fornece um produto compensador, mesmo nas regiões de difíceis meios de ligação: seu preço é, em média, de cinco a sete vezes mais alto que o dos outros produtos agrícolas. (ROCHE, 1969, p. 251)

Para completar a nossa análise, examinamos os determinantes que levaram os habitantes de Santa Cruz a se especializar no fumo.

### 2.1.1 O fumo: principal produto de exportação do município

Desde o início, começou a produção de fumo e foi o principal produto base de exportação. Como ressalta Vogt (1997, p. 79),

[...] o fato de cultivar exatamente os mesmos produtos que as demais colônias situadas nos arredores de Porto Alegre fazia com que aquela não pudesse competir comercialmente com essas. E isto era devido aos menores custos monetários por elas agregados ao valor das mercadorias no escoamento da produção para o grande centro consumidor então.. Santa Cruz, para superar a concorrência, especializou-se na obtenção de um produto cujo transporte era relativamente facilitado, pela forma em que era acondicionado, e cujo rendimento monetário, proporcionalmente ao volume, era superior, e cuja matéria-prima impôs-se no mercado exatamente pela sua qualidade.

A agricultura era ainda fortemente voltada para a subsistência, mas o fumo não era a única alternativa de produto comercializado. A banha era o segundo grande produto de exportação devido aos hábitos de consumo dos agricultores, que consumiam carne de porcos diariamente. As primeiras partidas de banha aconteceram em 1881, mas o grande impulso se deu a partir da segunda década do século XX. O milho também era mais produzido que o fumo, porém, caracterizava-se por ser produto de subsistência, praticamente sem exportação.

Na mesma época, o feijão também reagiu um pouco, mas como cultura de subsistência, não passando de 9% a sua fatia na balança de exportações (1910). E a erva-mate, que ganhara extraordinário impulso logo depois da autonomia municipal, chegando a vender novecentas toneladas em 1881, reduziu-se, em 1910 a pouco mais de um terço, com 3,4% no quadro de exportações. O crescimento da produção fumageira deu-se até o final da década de 1870, com a introdução de novas variedades. Mas, nas décadas de 80 e 90 do século XIX e na primeira década do século XX, observou-se um estancamento da produção. De acordo com Menezes citado por Vogt (1997, p. 85), isso se deveu à intenção dos colonos de se obter lucros imediatos, fato que os desinteressava de melhorar o cultivo e de procurar variedades que se adaptassem melhor ao clima e solo da região. Ainda, deve-se levar em consideração o baixo preço pago ao agricultor. A seguir, mostramos as principais exportações da colônia de Santa Cruz entre 1853 e 1921 para entender o porquê da escolha pelo fumo a despeito de outras opções para se especializar.

Quadro 1 - Exportações dos principais produtos do período desde 1853-1921

Anos	Fumo – kg	Feijão – kg	Banha – kg	Erva-mate – kg
1853	2.400	12.250	-	-
1861	52.890	-	-	-
1866	254.595	-	-	-
1871	747.909	-	-	-
1876	1.531.735	-	-	-
1881	1.593.000	1.500.000	240.000	900.000
1886	1.663.522	819.480	145.905	493.605
1891	1.327.500	960.000	375.000	375.000
1896	1.674.000	1.200.000	750.000	375.000
1901	2.277.052	363.100	503.175	419.580
1906	1.841.720	307.650	817.125	493.560
1911	2.551.305	388.600	1.176.885	427.425
1916	3.254.454	894.860	1.318.275	-
1921	4.398.754	580.938	1.571.437	-

Fontes: J. Bittencourt de Menezes (1914) e mensagem do intendente Gaspar Bartholomay ao Conselho Municipal (1922).

Pelo quadro 1 apresentado anteriormente, observamos que, a partir de 1881, o fumo lidera as exportações. O transporte ferroviário, implantado em 1905, foi de vital importância para a exportação, já que o transporte se realizava via fluvial ou pelas estradas de chão, em condições precárias. O quadro 2 apresenta a evolução da fumicultura santa-cruzense entre os anos de 1861 e 1921. Os números referem-se ao volume de tabaco exportado.

Quadro 2 - Tabaco exportado de Santa Cruz do Sul do período 1853 até 1921

Anos	Fumo em folha kg	Fumo em corda e/ou rama - kg	Fumo desfiado Kg	Fumo destilado kg
1853	2.400			
1861	52.980			
1866	254.595			

1871	747.909			
1876	1.531.735			
1881	1.575.000	18.000		
1886	1.662.525	997		
1891	1.275.000	37.500	15.000	
1896	1.650.000	22.500	1.500	
1901	2.200.035	71.475	5.542	
1906	1.803.045	1.910	36.765	
1911	2.376.338	19.702	155.265	
1916	3.004.694	25.451	224.309	
1921	4.210.882	23.861	164.011	16.185

Fonte: J. Bittencourt de Menezes (1914) e mensagem do intendente Gaspar Bartholomay ao Conselho Municipal (1922).

Pode-se reparar que o maior incremento da produção se deu a partir da segunda década do século XIX com diferentes tipos de fumo que eram exportados como foi descrito anteriormente. Mas deve-se salientar que sempre o tipo de fumo que mais se destacou foi o fumo em folha, liderando a produção e a exportação. A partir de 1881, já começou a entrar no mercado o fumo em corda.

No ano de 1891, aconteceu o início de um novo processo de produção, com o ingresso do fumo desfiado. Deve-se salientar que houve uma diminuição da participação do fumo nas exportações neste ano e a explicação, conforme Menezes (1890), citado por Vogt (1997), estaria dada pela busca do lucro imediato por parte dos colonos, e pela simplicidade dos métodos e práticas empregadas no cultivo do fumo. Segundo Vogt (1997), o intendente de Santa Cruz no período de 1900 até 1904 determinou a entrega de sementes provenientes de Bahia. A preocupação era melhorar a produção do fumo em larga escala, principalmente, para aumentar as exportações.

Com a instalação de indústrias de maior porte, pouco antes de 1920, foi introduzido o fumo Virgínia, curado em estufas (antes havia apenas fumo de galpão), e o mercado passou a ser abastecido também com fumo destalado. Ressaltamos que todo o processo do fumo precisa ser compreendido para entender a evolução da economia de Santa Cruz do Sul e os posteriores desdobramentos. A seguir observamos as exportações do município a partir de 1853 até 1921.

Para complementar a nossa exposição em relação ao fumo, apresentamos a evolução da produção e da área plantada no Rio Grande do Sul desde 1915 até 1965, ano que marcou o início da crise de Rodhesia e que provocou a abertura do mercado internacional para o fumo nacional.

Quadro 3 – Produção gaúcha de fumo 1915-1965

Ano	Área- há.	Produção Ton.
1915	30.000	14.700
1918	31.500	15.250
1920	32.000	16.000
1922	36.650	18.640
1924	35.000	16.800
1925	39.600	19.000
1926	41.200	23.100
1927	41.300	25.860
1928	49.190	30.195
1929	49.230	32.460
1930	49.360	30.340
1947	-	39.400
1951	-	46.400
1965	88.568	91.159

Fonte: Olgário Vogt – 1997

Antes da década de 20, a produção cigarreira do Brasil era insignificante, praticamente só se fabricavam charutos. Seu crescimento deveu-se à introdução dos fumos claros na Região Sul, alavancada principalmente, pela Cia. Brasileira de Fumo em Folha, que, em 1947 detinha 36% do mercado exportador de Santa Cruz. Conforme Vogt (1997, p. 83) “a fabricação de cigarro industrializado de papel teve seu lançamento no Brasil quando Albino Souza Cruz instalou a sua fábrica na então capital brasileira, Rio de Janeiro”.

Vogt (1997) também explica que por volta de 1930 a produção de cigarros dobrou a fabricação dos charutos. No caso específico de Santa Cruz, numa primeira fase, a partir de 1870, a produção de folhas em fumos destinava-se à fabricação de charutos, e não de cigarros.



Não existem dados que mostrem a incidência da guerra na economia de Santa Cruz do Sul. Pelos dados que possuímos, tanto para a Primeira como para a Segunda Guerra Mundial, a fumicultura sempre foi evoluindo e crescendo de forma contínua.

O ano de 1955 marcou o surgimento da Associação dos Fumicultores do Brasil, que representa uma entidade que defende os interesses dos pequenos agricultores frente às grandes empresas instaladas no município.

A década de 1960 foi uma época produtiva para o fumo no Brasil porque os conflitos políticos na Rodésia provocaram um embargo contra aquela nação, possibilitando a vinda de multinacionais para Santa Cruz do Sul.

Para medir a importância do fumo produzido, mostramos a sistematização da área plantada e do valor da produção a partir de 1978, dados proporcionados por Afubra.

Quadro 4 - Produção de fumo em Santa Cruz do Sul (1975-2005)

Safra	Produtores	Hectares	Produção/ toneladas	Valor
1978/1979	7.290	14.810	23.380	Cr\$ 514.360.000,00
1979/1980	7.200	14.960	23.370	Cr\$ 826.363.200,00
1980/1981	7.110	15.120	23.360	Cr\$ 1.973.219.200,00
1981/1982	6.890	14.490	23.390	Cr\$ 4.376.502.000,00
1982/1983	7.340	15.940	22.070	Cr\$ 7.491.220.100,00
1983/1984	7.190	15.050	25.160	Cr\$ 24.538.799.600,00
1984/1985	7.140	14.050	24.450	Cr\$ 95.990.700.000,00
1985/1986	7.080	13.640	24.480	Cz\$ 305.755.200,00
1986/1987	7.050	13.430	24.470	Cz\$ 489.155.300,00
1987/1988	7.010	13.230	24.460	Cz\$ 3.106.420.000,00
1988/1989	6.670	12.030	22.550	NCz\$ 27.511.000,00
1989/1990	6.620	12.590	21.580	Cr\$ 24.601.200,00
1990/1991	6.570	13.160	20.610	Cr\$ 6.556.865.400,00
1991/1992	6.960	13.130	25.210	Cr\$ 78.183.268.800,00
1992/1993	7.320	13.560	28.710	Cr\$988.116.089.400,00
1993/1994 (*)	3.290	6.270	11.990	CR\$13.357.579.400,00
1994/1995	3.490	5.030	9.170	R\$ 14.488.600,00

1995/1996	3.560	5.460	9.990	R\$	20.120.100,00
1996/1997	3.090	4.550	9.980	R\$	19.361.200,00
1997/1998	3.490	5.920	9.690	R\$	18.604.800,00
1998/1999	3.460	6.030	13.680	R\$	24.897.600,00
1999/2000	3.350	6.120	13.860	R\$	27.997.200,00
2000/2001	3.280	5.930	12.680	R\$	32.334.000,00
2001/2002	3.410	6.530	13.970	R\$	40.513.000,00
2002/2003	3.450	7.330	12.310	R\$	48.624.500,00
2003/2004	3.690	7.990	17.670	R\$	78.101.400,00
2004/2005	3.760	8.290	16.410	R\$	70.234.800,00
(*) Números reduzidos pela emancipação dos distritos de Sinimbu, Trombudo, Gramado Xavier e Herveiras (1993). Fonte: Afubra					

Fonte: Afubra

O quadro 4 indica o volume produzido e a quantidade de agricultores que se dedicam a essa atividade. Pode-se observar que, entre 1978 e 2005, os hectares, os produtores e a produção em toneladas em geral foram diminuindo, mas o período crítico foi o compreendido entre 1993 e 1994, quando houve uma queda importante pelo fato da emancipação dos distritos de Sinimbu, Trombudo (Vale do Sol), Gramado Xavier e Herveiras que influenciaram a produção de fumo no município de Santa Cruz do Sul.

Para mostrar a especialização do fumo, e a fim de proporcionar uma visão do encadeamento produtivo desse produto, é importante explicar as etapas do cultivo do fumo. Em primeiro lugar, procede-se à preparação do canteiro e cuidados com o viveiro de mudas, à preparação do solo onde serão replantadas as mudas, o replante, à colheita e secagem do fumo e à classificação. Em cada propriedade rural, existe uma estufa. O colono fornece a terra onde serão cultivadas as mudas de fumo, a estufa e, por outra parte, o proprietário rural possui um lugar para cultivar produtos para o próprio sustento e dos membros de cada casa. Ocorre um sistema integrado entre a empresa de fumo e os agricultores. As empresas de tabaco fornecem os insumos que são, posteriormente, descontados das vendas do fumo.

A concorrência das empresas de fumo produz-se no início do cultivo. Elas procuram disputar o maior número possível de produtores de fumo, que se comprometem a vender sua safra à indústria. As firmas provêm, por sua vez, fornecimento de crédito e assistência técnica. O preço de fumo é estabelecido ao final da safra pelas grandes fumageiras, cabendo salientar que antigamente o preço era estabelecido entre o Sindicato de Indústria do Fumo do

Rio Grande do Sul e a Associação Brasileira dos Fumicultores (AFUBRA). Desta forma, o fumo é comprado e classificado nas grandes empresas onde tem um setor especializado para desenvolver essa função.<sup>6</sup>

Uma das características do Município de Santa Cruz do Sul pela qual se justifica a sua escolha como exemplo da falta de desdobramento das indústrias a partir do produto-base de exportação, é o fato de reunir tanto a etapa de produção agrícola do fumo (desenvolvida por pequenos produtores agrícolas) como a de sua industrialização (desenvolvida no início por empresas de capital local e, posteriormente, por empresas de capital externo).

## **2.2 A monoespecialização e a indústria do fumo**

### **2.2.1 Origem da indústria de Santa Cruz do Sul**

Quando se fala do capital necessário para investir na indústria, observa-se que a grande maioria das empresas de Santa Cruz do Sul, originou-se do excedente produzido pelo comércio, lucrando com a compra e venda de tabaco.

Conforme Krause (1991), estudando os nomes que promoveram o processo de industrialização durante a época de República Velha, podemos afirmar que a maioria teve um

---

<sup>6</sup> Comprado em fardos de aproximadamente 50 Kg devidamente identificados, o volume diário de compra é armazenado, beneficiado e embalado em nossas Usinas de Processamento de Fumo. Depois de colhido e curado pelos agricultores, o fumo precisa ser processado antes de ser encaminhado às fábricas para a produção de cigarros ou ser exportado. Os objetivos principais da área de Processamento de Fumo são (1) separar a lâmina do talo, pois como apresentam características físicas e químicas diferentes, essa etapa propicia a possibilidade de agregar características diferentes ao cigarro e maximiza o rendimento de lâmina; (2) ajustar a umidade para garantir as condições ideais de armazenamento e o envelhecimento do fumo; e (3) garantir a uniformidade do blend (mistura de fumos) para atendimento às especificações dos clientes. Os principais processos para processamento do fumo são o processo mecânico, conhecido também por debulhado, e o processo manual ou destalado manual, pois em uma das etapas deste processo, a folha de fumo tem a lâmina separada do talo manualmente. O Extrator de Talos é um processo de adequação de características químicas do talo de fumo Burley, e encontra-se instalado na Usina de Santa Cruz do Sul. Em paralelo a todas as etapas de processamento, encontra-se o controle de qualidade, responsável pela realização de testes para direcionar o processo e assegurar o atendimento às especificações dos clientes. Vale ressaltar também a presença constante da filosofia do Fumo Limpo, onde todo e qualquer material diferente de tabaco deve ser retirado do produto, evitando que se prejudique a integridade do mesmo e dos produtos de tabaco. Após o processamento, aproximadamente 89% da folha de fumo é aproveitada. Uma vez atendidas as necessidades da Souza Cruz, da British American Tobacco e de outros clientes-chave, os volumes remanescentes são destinados à venda a clientes não pertencentes ao Grupo British American Tobacco, atividade esta desempenhada pela Área de Exportação de Fumo da Souza Cruz. (Site institucional de Souza Cruz, 2009).

passado vinculado à agricultura e que, com a intenção de prosperar, investiu seu capital no comércio. Posteriormente, concentrou investimentos no setor industrial. Foram registrados casos isolados de empresários que na Alemanha exerciam a mesma atividade: é o caso de artesãos que evoluíram para a indústria.

Em relação ao mercado existente, apresentavam-se duas situações. Em primeiro lugar, existia o comércio de exportação para outras regiões e, para outros estados e por outro lado, existia o comércio dentro do município, que, segundo Roche (1969), era bastante próspero. Os dados estatísticos apresentados por esse autor indicam que para 1900, havia 127 comerciantes e, em 1913, verifica-se um aumento de 73 comerciantes. Dessa forma, existia um mercado consumidor para os produtos industriais manufaturados em Santa Cruz do Sul.

Em relação à mão de obra, apesar do fato que a maioria da população do município estava na zona rural, conforme ao relatório municipal de essa época, para 1920, a cidade contava com 4000 habitantes. Assim, não parece que a disponibilidade de mão-de-obra se constituísse em um problema para a industrialização, muito menos uma “barreira intransponível”.

### **2.2.2 Histórico das empresas de Santa Cruz do Sul**

A empresa sempre ocupou e ocupa um lugar proeminente na análise econômica. Conforme Penrose (1962, p. 11), “En una economía industrial capitalista, la empresa es la unidad básica de la organización productiva”. Sendo assim, o estudo em particular, das empresas que fizeram de Santa Cruz do Sul um complexo agroindustrial de referência, merece uma ponderação específica.

Para exemplificar a origem da indústria de Santa Cruz do Sul, fizemos um estudo de caso das principais indústrias que datam do século XIX. Dessa forma, ao analisar a vida dos empresários de Santa Cruz do Sul, Krause (1991) indica que a procedência de donos de empresa é a agricultura, salvo algumas exceções. Para exemplificar as origens de indústria que não tem vinculação com a agricultura, mostramos o caso do fundador da fábrica Mercur. Este empresário estudou arquitetura e engenharia em São Paulo e não tem um passado vinculado aos produtos agrícolas, já que seu pai tinha sido pastor na Áustria. Outro caso

particular foi o dos sócios componentes de uma fábrica de balas na Alemanha. A inflação e a instabilidade econômica os trouxeram ao Brasil onde continuaram com o mesmo ramo da produção. A empresa metalúrgica *Schreiner* surgiu aplicando na sua fábrica local os conhecimentos adquiridos na Alemanha. No começo, seu fundador tinha a intenção de ser agricultor, mas sua vida seguiu outros rumos. Poupança dinheiro e investiu numa indústria.

Para fazer uma análise do histórico das indústrias de Santa Cruz do Sul, trazemos a informação recolhida por Krause (1991) da edição do 21 de maio de 1891 do jornal *Kolonie* a qual destaca a existência das seguintes indústrias:

- a) Fundições: três (Schreiner, Lau e filhos, Binz)
- b) Fábrica de formas para sapatos: uma (Kolberg)
- c) Engenhos e Serrarias: três (Kulheis, Meyer, Textor)
- d) Fabricas de Tacho de Cobre e latão: uma (Baumhardt)
- e) Fábrica de telhas e tijolos: três (Eick, Dahlem, Heinrich)
- f) Fábrica de cal: uma (Kolzer)
- g) Fábrica de fumo: duas (Krische, Jeske)

De acordo com um levantamento efetuado em 1916, num estudo referente à colonização alemã, realizado por Ludwig e citado pela mesma autora, temos notícias de doze empresas, dentre as quais se destacavam: a de João Kliemann, no ramo de beneficiamento de tabaco, a fábrica de tabacos de José Etges Filho & Cia, a fábrica de cerveja, bebidas sem álcool, e gelo, de propriedade de Iserhard & Hoeltz.

Fundamentalmente, as empresas de tabaco começavam a se destacar em importância no valor de produção e de arrecadação de impostos no município. No gênero do fumo, salientava-se a presença das indústrias de Teodoro Schilling, as pertencentes a Augusto Henning e a Adolfo Iserhard. Figurava, nesse relatório, a fábrica da família Schreiner, dedicada à fundição de ferro e bronze, bem como a da família Binz, especializada na fabricação de prensas para tijolos. No caso da fabricação de máquinas para agricultura, é citada a empresa de Oscar Gressler.

Roche (1969), no entanto, afirmava que, salvo as empresas de fumo e as de máquinas agrícolas, as demais consistiam em estabelecimentos artesanais. O autor toma, como referência, para estabelecer esse critério, número de pessoas empregadas e a tecnologia usada no processo de produção.

No período em que termina a Primeira Guerra Mundial, Santa Cruz testemunha a instalação de duas de suas indústrias de maior porte (Cia. Brasileira de Fumo em Folha, em 1917, e a Cia. de Fumos Santa Cruz, em 1919).

Na mesma época, surgia a empresa Hennig & Cia., que em 1948 se transformaria na Cia. de Cigarros Sinimbu, que também fabricava cigarros. Seguiram as empresas Kliemann (1921), Tabacos Tatsch (1937) e Sudan (1940), além de outras de menor porte, a maioria empreendimentos familiares, de capital local.

Conforme Krause (1991), a partir da mesma década de 20, foram surgindo, fora do setor fumageiro, algumas empresas que sobreviveriam e teriam um importante crescimento. É o caso da Cervejaria Polar (1921), da fábrica de caramelos e chocolates Sulina (1923), e da refinaria de banha A. Evers (1925).

Devemos destacar a empresa Hoelzel S.A., que, posteriormente, se transformaria na indústria Mercur. S.A., produzindo artigos escolares, materiais esportivos, artigos para livrarias e papelarias, artigos para drogarias. Fundada, em 1924, pelos irmãos Jorge Hoelzel e Carlos Gustavo Hoelzel, em 1930 iniciou o processo de modernização do seu parque fabril mediante a aquisição de máquinas, o que representou uma melhora da sua tecnologia.

No ano de 1939, foi criada a empresa *Berbau*, marca registrada de todos os produtos de fabricação de balas finas. A empresa de gênero alimentar caracterizou-se por um elevado índice de automatização e renovação das suas maquinarias importadas, de procedência europeia. A linha de produtos *Berbau* incluía caramelos e *toffees* elaborados à base de matérias-primas nobres. Produzia açúcar confeiteiro e chocolate em pó solúvel, largamente empregados nas confeitarias e em uso doméstico.

Em 1940, seria a vez do surgimento do Frigorífico Excelsior, ligado à suinocultura. O grupo Excelsior seria, também, responsável pelo primeiro supermercado da cidade, nos anos 60. Uma outra empresa, não ligada à área do fumo e de ampla importância para a economia do município, considerava-se à metalúrgica Mohr S.A., que surgiria em 1962, sob a denominação de Agro-Industrial Mohr Ltda. Fabricava churrasqueiras, semeadeiras manuais e polvilhadeiras. Em 1971, mudou a razão social, passando a denominar-se Metalúrgica Mohr S.A. No início, a área de comercialização dos produtos se circunscrevia ao território do Rio Grande do Sul. Atualmente, os produtos são exportados aos países do MERCOSUL, do Europa, e do Médio Oriente.

Até aqui foram apresentadas algumas das principais empresas que ocuparam, e muitas delas ainda ocupam, um lugar relevante na indústria do município. Mas devemos salientar que, apesar da existência de várias firmas, que não estavam ligadas ao fumo, nenhum gênero da indústria conseguiu suplantar ou, mesmo, se equiparar em participação relativa no PIB, e no emprego, à indústria-base de exportação. Segundo North (1955) não foram criadas as condições para o desdobramento da indústria base de exportação e o município ficou atrelado à indústria original. Devemos destacar que existiram empresários com espírito empreendedor, nos termos definidos por Penrose (1962) e Schumpeter, mas não se deram as condições internas e externas para criar as oportunidades de expansão necessárias para competir com o fumo na liderança das atividades produtivas do município.

### **2.2.3 Estudo de caso das principais empresas de fumo**

Um dos principais acontecimentos da indústria de Santa Cruz do Sul foi a formação de uma importante empresa. Estamos falando da Companhia de Fumos Santa Cruz, fundada o dia 28 de dezembro de 1918. Foram seis estabelecimentos que uniram as forças para formar esse empreendimento: “Irmãos Schutz, Lindolfo Grawunder, Schilling e Cia, J.N.Kliemann, José Etges Filho & Cia. e Adolfo Iserhard. Essa empresa foi criada para fazer frente às exigências fiscais e de mercado. Em 21 de janeiro de 1919, a Junta Comercial emitiu o registro da companhia, que logo iniciou as operações. A empresa foi se adaptando às exigências do mercado e produzia fumo e cigarros de qualidade vendidos no Estado e fora dele.

A união de várias empresas em uma só, mostra o que Penrose definiu na teoria quando explicou o conceito de fusão:

Cuando dos o más empresas se funden en condiciones de igualdad constituyendo así una nueva empresa, llega a su fin el proceso de expansión que se ha considerado como el crecimiento de una sola empresa; en efecto, ambas empresas dejan de existir y se crea una tercera que tiene una estructura administrativa, un personal, un conjunto de productos, mercados, instalaciones productivas y recursos financieros diferentes a los de sus progenitores.. (PENROSE, 1962, p. 188)

Penrose (1962) entende que as empresas têm maior valor quando atuam em conjunto. Essa nova empresa vai oferecer um produto diferente, vai ter diferentes categorias de consumidor e mercados, vai introduzir novos processos ou vai ter especialização relativa em diferentes fases produtivas dos mesmos artigos.

Pimentel (1940) menciona, na sua história sobre o desenvolvimento industrial dos municípios, a importância dessa fábrica. Tal foi o crescimento dessa empresa que, em 1921, instalou uma seção de litografia e de tipografia. Na edição da Gazeta de 28 de Dezembro de 2008, data na qual a firma estaria comemorando noventa anos de criação, salienta-se que a empresa instalou a gráfica para a confecção das embalagens dos seus produtos. Também afirma o jornal Gazeta (2008) que, pouco tempo depois, a gráfica passou a atender serviços externos, gerando uma nova indústria.

Em 1926, bem orientada e com novos conhecimentos da grande indústria do tabaco, aumentou seu capital. No mesmo ano, o diretor Helmuth Schütz viajou a Europa, de onde trouxe novidades para a empresa, entre elas uma moderna prensa hidráulica para o enfardamento de fumo. O empresário foi o responsável pela construção da Mansão das Azaleias, ou Castelinho, um dos prédios históricos da cidade. Vale dizer que essas construções representaram o apogeu da indústria fumageira.

Em 1932, tendo em vista a grande demanda do mercado de cigarros, a direção abriu uma seção mais para essa modalidade. Em meados de 1933, a companhia começou a produzir cigarrilhos, charutinhos e charutos, vendidos em vários estados brasileiros.

Vale destacar a importância de suas exportações de tabaco e cigarro sendo suas marcas principais: Tufuma, Califórnia, Ranira, Kiss-me, Tell, Tamandaré, Realeza de Luxo, Wilma,



Oriente, Califórnia Mentolados. Mais tarde foram incorporados o Regatas, Miramarm, Tupan, Porto Alegre, Rio Sul e outros. Entre os fumos desfiados, cabe destacar as marcas Douro, Vulcão, Platino e Gaúcho. Quanto às cigarilhas, despontavam Lili, Arauto e Olympia. Os líderes entre os charutos e charutinhos eram Sumatra, Flamingo, Lolita, Davos, Cirósm Guairá, Adágio e Maiores.

Em 1969, A Cia de Fumos Santa Cruz editou uma revista para marcar os cinquenta anos de suas atividades de tratamento de fumo e fabricação de cigarros. Um ano antes, a maior fabricante de cigarros da Alemanha, a *Reemtsama*, assumiu o controle acionário. Em 1975, a *Reemstma Cigarettenfabriken*, que já havia promovido a implantação de uma nova fábrica no Distrito Industrial, vendeu a Cia. de Fumos para a Philip Morris. Esta, dez anos depois, desativou parte da indústria de cigarros, transferindo-a para Curitiba.

Se falamos das principais empresas de fumo, não podemos deixar de salientar a presença da Souza Cruz no município. A vinda da empresa representou uma mudança no processo produtivo. A Souza Cruz esteve ligada aos produtores rurais, cobrindo a assistência a todas as etapas do ciclo agrícola através dos seus instrutores, inspetores e agrônomos. Essa assistência ocorreu desde a semeadura até a colheita, cura, armazenagem do fumo e conservação do solo com incentivos para reflorestamento. Também foram concedidos financiamentos para construções de estufas e galpões, além dos insumos necessários. Na atualidade, a Souza Cruz conta com laboratórios e experimentação de campo de fertilizantes e fungicidas e a firma realiza estudos para implantação de novas variedades de fumo.

Para exemplificar as fusões e incorporações que se sucederam a partir de 1965, vale indicar a firma Tabacos Brasileiros Ltda., que, na década de 70, figurava como uma das mais expressivas empresas na área da indústria de fumo. A firma teve origem em duas tradicionais firmas do ramo: Tabacos Tatsch Ltda., cuja sede era em Santa Cruz do Sul, com tradição no ramo desde 1934, e Tabacos Blumenau S.A., fundada em 1956, em Blumenau, Santa Catarina. A Tabacos Brasileiros Ltda trabalhava com um sistema integrado de produção, similar à Souza Cruz, proporcionando assistência efetiva ao produtor de fumo. Contava com uma equipe de agrônomos, técnicos agrícolas, inspetores e instrutores de capo, orientava aos produtores em todas as fases da produção, desde a semeadura até a secagem e classificação do produto.

Cabe destacar outra empresa fundada, em 1948, pela família Henning, Companhia de Cigarros Sinimbu, que, em 1970, vendeu parte de suas ações e, em 1972, vendeu as restantes ao mesmo grupo econômico, Brinkmann, de capital alemão. O grupo Brinkmann comprou a indústria Lopes S.A. no Rio de Janeiro, que, no momento, era propriedade do Grupo Tabaco Fino e, em Santa Cruz do Sul, comprou a Cia. de Cigarros Sinimbu e a Exportadora Henning. Posteriormente, a Brinkmann vendeu todo o complexo a Rupper Internacional, e esta por sua vez vendeu todo o complexo a R.J.Reynolds Tabaco do Brasil, de capital americano.

Pelo visto anteriormente, as empresas fumageiras dominavam a cena de Santa Cruz do Sul desde os primórdios da industrialização. Fazendo uma análise comparativa, elas não tinham ligação com outras empresas de outros gêneros da indústria. Dessa forma, não se manifestava o que North salientava que acontecia quando a base de exportação possibilitava o aparecimento de indústrias subsidiárias. Não existia uma empresa que fabricasse implementos agrícolas, fertilizantes, produtos químicos, a que trabalhasse de forma conjunta com a cadeia do fumo. Pelas empresas que existiam no município, comprovamos que não existia um encadeamento produtivo para trás ou para a frente, fruto da diversificação da base de exportação.

Para analisar, de forma detalhada, os gêneros da indústria, que formavam a base de exportação do município, na próxima seção, procederemos à divisão da indústria em períodos históricos, conforme à classificação de Cardoso de Mello (1982), salientando as especificidades e as particularidades do seu processo de industrialização.

## **2.3 Os limites da estrutura produtiva contemporânea**

### **2.3.1 Periodização da industrialização**

Nesta parte deste trabalho, analisamos a indústria de Santa Cruz, dividida em períodos históricos conforme a classificação de Mello (1982). Num primeiro momento, estudamos o período de crescimento industrial que abrange desde o início da industrialização em Santa Cruz do Sul até 1933. Num segundo momento, analisamos o período desde 1933 até 1955, período da industrialização definida por esse autor como de industrialização restringida. Num terceiro momento, consideramos o período que compreende desde 1955 até os dias de hoje, período que se conhece como de industrialização pesada. Para poder comparar as atividades

nos diferentes anos, procedemos à classificação dos gêneros de atividades conforme a apresentada pelo CNAE (Conselho Nacional de Atividades Econômicas). Como instrumento principal de apoio a nossa pesquisa, temos os dados do I.B.G.E. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e, em forma subsidiária, temos os dados de arrecadação de impostos de indústrias e profissões, com base nos registros da Prefeitura de Santa Cruz do Sul.

### 2.3.2 Período de crescimento industrial

A primeira etapa da industrialização é caracterizada pelo crescimento industrial (que é diferente do processo de industrialização em si), no qual a estrutura econômica foi marcada pelo domínio do capital mercantil, de modo a restringir os investimentos industriais ao setor produtor de meios de consumo popular (DRAIBE, 1985, p. 11-12). A seguir, comprovaremos que essa etapa, definida por Mello para os parâmetros de Brasil, se adapta ao caso de Santa Cruz do Sul.

Em primeiro lugar, com base nos registros de impostos de indústrias e profissões, citaremos os principais contribuintes cadastrados e as atividades desenvolvidas por eles no fim do século XIX.

Tabela 1 - Estabelecimentos para o ano de 1896 em Santa Cruz do Sul

CNAE	GÊNEROS	Tipo de estabelecimento	Números de estabelecimentos
10	Alimentícios	Moinho	5
		Padaria	1
		Engenho	1
		Total	7
11	Bebidas	Engenho de Cana	15
		Fábrica de Cerveja	1
12	Fumo	Fábrica de charutos	2
		Fábrica de Fumos	2
14	Vestuário e acessórios	Alfaiataria	5
15	Couro, artigos para viagem e calçados	Curtume	4
		Sapataria	4

16	Produtos de madeira	Serraria	14
20	Químicos	Fábrica de Sabão	2
23	Produtos de minerais não-metálicos	Fábrica de Tijolos	4
		Olaria	1
24	Metalurgia	Selaria	1
25	Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	Fundição e Ferraria	8
31	Móveis	Marcenaria	2
32	Produtos diversos	Reloajaria	1
33	Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	Oficina de consertos	1
Total da Indústria de Transformação			75
Comercio varejista		Armazéns, botequins.	29
Sem classificar		Diversos	2
_____	Serviços	Hotel	2
		Depósito de Ferro	1
Total			112

Fonte: Lançamento do Imposto de Indústrias e Profissões para o ano de 1896. Prefeitura de Santa Cruz do Sul.

Conforme a Tabela 1, percebemos que as atividades que contavam com mais estabelecimentos eram as serrarias e os engenhos de cana. Em relação à exploração de madeira, Menezes (2007) expressa que essa madeira era destinada como matéria-prima para construção e marcenaria, mas salienta que não era exportada.

Em relação às madeiras para construção, marcenarias e outras aplicações, em 1895 encontramos: serrarias 15, para desdobrar 262.500 metros quadrados de madeiras diversas, que, ao preço de 1\$800 por metro quadrado, produziram 472:000\$000. Desses estabelecimentos eram cinco no 2º distrito. As madeiras, porém não eram exportadas. (MENEZES, 2004, p. 287)

Nos registros de impostos de indústrias e profissões, a indústria do fumo não era um contribuinte significativo porque o fumo era produzido na área rural do município e, como consequência não era um produto sujeito a tributação. Montalli (1979) introduz a ideia do artesanato rural e o artesanato urbano, que são os antecessores da instalação da indústria em Santa Cruz do Sul.

O artesanato rural atinge seu auge de desenvolvimento entre 1880 e 1890 e a partir daí experimenta certo declínio. Nessa época, em contrapartida, se desenvolve o

artesanato urbano, que continua importante ainda hoje na cidade de Santa Cruz do Sul. Certos ramos e profissões que permaneceram artesanais, desenvolveram-se inclusive, em decorrência do aumento da população. Esses são fabricantes de tijolos, oficinas de ferreiros, carpinteiros, marceneiros, fabricantes de carros e arados, seleiros, alfaiates, sapateiros e outros. (MONTALLI, 1979, p. 46)

Por outra parte, devemos destacar, segundo Montalli (1979, p. 49) que, “as atividades industriais em Santa Cruz do Sul desenvolveram-se, basicamente, a partir do artesanato de beneficiamento de produtos agrícolas, sediado em sua maior parte na área urbana”. Portanto, a autora reconhece que existiu certo tipo de artesanato rural, mas o mais significativo para o processo de industrialização foi o artesanato urbano que trabalhava com produtos agrícolas.

No ano de 1901, os dados disponíveis são os dados da Receita de Oficinas e Fábricas da Prefeitura de Santa Cruz do Sul, apresentando a arrecadação, os números de estabelecimento e o percentual de participação de cada setor no total da arrecadação.

A utilização da força motriz possibilitou o ingresso de maquinaria no processo de produção, o que diferenciou a indústria do processo artesanal, a qual tinha como base o trabalho manual e a competência de cada trabalhador. Conforme Menezes (2004), as unidades que utilizavam força motriz hidráulica ou a vapor nesse período eram os engenhos de descascar arroz (vapor), de erva-mate (hidráulica), moinhos e serrarias (a vapor e hidráulica).

Tabela 2 - Receita de oficinas e fábricas da Prefeitura de Santa Cruz do Sul para o ano de 1901

<b>GÊNEROS</b>	Tipos de estabelecimentos	Número de estabelecimentos	Total	Arrecadação Valor - em conto de réis	% de cada setor no total da arrecadação
<b>Alimentícios</b>	Moinho Hidráulico	1	4	110000	<b>9,27</b>
	Fábrica de Café	1			
	Fábrica de Banha	2			
<b>Bebidas</b>	Fábrica de cana	2	18	384500	<b>32,41</b>
	Engenho de aguardente	9			
	Fábrica de Cerveja	6			
	Fábrica de Gasosa	1			
	Fábrica de Graspas	1			
<b>Fumo</b>	Fábrica de charutos	2	7	180000	<b>15,17</b>
	Oficina de fumo	1			

	Venda e beneficiamento de fumo	2			
	Depósito de Fumo	1			
	Fábrica de Fumo	1			
<b>Couro</b>	Oficina de sapataria	2	5	100000	<b>8,43</b>
	Curtume	3			
<b>Produtos de Madeira</b>	Serraria	3	3	55000	<b>4,64</b>
<b>Celulose, papel e produtos de papel</b>	Oficina de encadernação	1	1	10000	<b>0,84</b>
<b>Químicos</b>	Fábrica de Sabão	3	3	45000	<b>3,79</b>
<b>Mínerais não metálicos</b>	Fabrica de Tijolos	4	5	140000	<b>11,8</b>
	Olaria	1			
<b>Produtos de metal</b>	Funilaria	1	1	12500	<b>1,05</b>
<b>Veículos</b>	Oficinas	5	5	79500	<b>6,7</b>
<b>Móveis</b>	Marcenaria	1	2	40000	<b>3,37</b>
	Fabrica de Cadeiras	1			
<b>Total indústria de transformação</b>		54	54	1156500	<b>97,47</b>
<b>Sem classificar</b>		2	2	30000	<b>2,53</b>
<b>Total</b>		56	56	1186500	<b>100</b>

Fonte: Imposto de oficinas e fábricas de Santa Cruz do Sul para o ano de 1901. Prefeitura de Santa Cruz do Sul.

Em matéria de arrecadação, as atividades mais significativas eram: as bebidas, com 32,41%, fumo, com 15,17%, alimentos, com 9,27% couro com 8,43%, e minerais não metálicos, com 11,8%. Conforme aos dados recolhidos, a incipiente indústria do município estava ligada ao beneficiamento de produtos primários. Não existia uma indústria nos termos capitalistas. Nesse período o que predominava era o capital mercantil. A incipiente indústria de Santa Cruz do Sul tinha características de artesanato. Assim, observamos que a acumulação de capital tinha origem no comércio que promoveu a instalação de outros estabelecimentos e também possibilitou a melhoria na tecnologia.

O início da industrialização em Santa Cruz do Sul deve-se ao sucesso de sua agricultura, voltada para a exportação que por um lado, estimulou o desenvolvimento das indústrias de beneficiamento de produtos primários, e por outro, permitiu que se acumulasse capital nas mãos dos comerciantes exportadores locais, o que propiciou, pela disponibilidade de capital local, a instalação de novas unidades de produção, dotadas de tecnologia avançada. (MONTALLI, 1979, p. 38)

Num outro parágrafo, a autora reforça essa ideia afirmando que:

As atividades de exportação do fumo possibilitaram a acumulação de um excedente de capital nas mãos dos intermediários (comerciantes a qual propiciou a inversão ocorrida nas atividades industriais). (MONTALLI, 1979, p. 50)

North (1955) entende que o termo *produtos primários* refere-se aos principais artigos produzidos e exportados por uma região. Salienta que tem sido geralmente usado para designar produtos da agropecuária ou da indústria extrativa. Indica que seu conceito de produtos de exportação de uma região pode incluir produtos de setor secundário ou mesmo terciário. Ressalta que utiliza a expressão *produtos de exportação* para se referir aos itens individuais e a expressão *base de exportação* para designar os produtos de exportação de uma região. Expressa que, no caso de regiões novas, os produtos de exportação eram tipicamente baseados na indústria extrativa. A escolha de um produto de exportação derivava de uma vantagem comparativa nos custos relativos da produção, incluindo custos de transferência. Os custos de transferência de distribuição serviram para limitar a extensão do mercado exportador. A demanda pelo artigo de exportação era um fator exógeno, mas tanto o processamento como os custos de transferência não o eram. Também North assinala que as regiões novas procuram ajuda do governo para diminuir esses custos.

Os esforços incessantes das novas regiões para conseguir melhoramentos internos subsidiados pelo governo federal, a ajuda estadual para construção de canais, a ajuda federal e estadual para estradas de ferro e melhoramentos em rios e ancoradouros eram uma parte do esforço contínuo de cada região para reduzir os custos de transferência, com o objetivo de melhorar a posição competitiva de seus produtos de exportação. (NORTH, 1959, p. 299)

Na Tabela 3, dispomos dos dados do imposto de Indústrias e Profissões para o ano de 1910. Para o ano de 1910, conforme a Tabela 3, as indústrias que lideravam a arrecadação eram as bebidas, com 24,6%, o fumo, com 17,57% e produtos alimentícios, com 9,58%. Os minerais não metálicos tinham um percentual representativo no total da arrecadação devido ao fato de, que nesta época, se construía bastante no município, tanto construção de edifícios quanto construção de estufas e galpões. Menezes (2004) também destaca que, das indústrias extrativas, a principal era a exploração da pedra grés para construção e obras de cantaria. Assim, as fábricas de tijolos, junto com as indústrias extrativas, se complementavam e

incrementavam a arrecadação do município devido a um forte processo de ampliação da infraestrutura da área urbana.

Tabela 3 - Impostos de indústrias e profissões para o ano de 1910 (Santa Cruz do Sul)

<b>GÊNEROS</b>	<b>Tipos de estabelecimentos</b>	<b>Número de estabelecimentos</b>	<b>Total</b>	<b>Arrecadação Valor - em conto de réis</b>	<b>% de cada setor no total da arrecadação</b>
<b>Alimentícios</b>	Moinho hidráulico	2	<b>4</b>	75000	<b>9,58</b>
	Fábrica de café	2			
<b>Bebidas</b>	Engenho de aguardente	1	<b>11</b>	192500	<b>24,6</b>
	Fábrica de cerveja	5			
	Fábrica de gasosa	4			
	Fábrica de graspa	1			
<b>Fumo</b>	Fábrica de charutos	6	<b>7</b>	137500	<b>17,57</b>
	Fábrica de fumo	1			
<b>Químicos</b>	Fábrica de sabão	1	<b>1</b>	10000	<b>1,28</b>
<b>Produtos de minerais não metálicos</b>	Fábrica de tijolos	6	<b>6</b>	265000	<b>33,87</b>
<b>Produtos de metal exceto maquinas</b>	Funilaria	3	<b>3</b>	30000	<b>3,83</b>
<b>Máquinas e equipamentos</b>	Fábrica de máquina	1	<b>1</b>	50000	<b>6,39</b>
<b>Móveis</b>	Fábrica de cadeiras	1	<b>1</b>	7500	<b>0,96</b>
<b>Produtos diversos</b>	Fábrica de vassouras	2	<b>2</b>	15000	<b>1,92</b>
<b>Total</b>		<b>36</b>	<b>36</b>	<b>782500</b>	<b>100</b>



Fonte: Livro de Imposto de indústrias e profissões para 1910. Santa Cruz do Sul. Prefeitura de Santa Cruz do Sul.

A seguir, apresentamos os dados disponíveis para o ano de 1911, que se caracterizou como um período no qual surgiram novos estabelecimentos, mas sempre focados em atividades ligadas ao setor primário.

Tabela 4 - Impostos de indústrias e profissões de Santa Cruz do Sul para o ano de 1911

CNAE	Gênero	Classe de Estabelecimentos		Número de estabelecimentos	Valor - em contos de réis	%
10	Alimentício	Moinho hidráulico	7	12	272.500	21,39
		Moinho a vapor	1			
		Fábrica de banha	2			
		Fábrica de torrar café	1			
		Matadouro	1			
11	Bebidas	Engenho de aguardente	4	11	220000	17,28
		Engenho de cana	4			
		Fábrica de gasosas	2			
		Fábrica de cerveja	1			
12	Fumo	Fábrica de charutos	4	6	121000	9,5
		Fábrica de fumos	2			
14	Vestuário	Alfaiataria	4	4	40000	3,14
15	Couro	Tamancos	1	4	70000	5,5
		Sapataria	1			
		Curtume	2			
16	Produtos de madeira	Serraria a vapor	4	4	70000	5,5
20	Químicos	Abrasivo	1	1	10000	0,79
23	Produtos de minerais não-metálicos	Fábrica de tijolos	9	9	240000	18,84
25	Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos			4	40000	3,14

		Ferraria	4			
28	Máquinas e equipamentos	Fabrica de maquinas	1	1	50000	3,93
31	Moveis	Marcenaria	2	2	25000	1,96
	Total de Indústria de Transformação			59	1158500	90,97
	Com var			10	100000	7,85
	Sem classificar			1	15000	1,18
	Total			70	1273500	100

Fonte: Livro de Impostos de Indústrias e Profissões para o ano de 1911. Prefeitura de Santa Cruz do Sul

Conforme Menezes (2004), as indústrias fabris do município não correspondiam ao desenvolvimento de sua agricultura e riqueza econômica. Assim, quando esse autor se refere aos estabelecimentos instalados no período de 1910, salienta que o município perdia em importância quando comparado com outros. Desse modo, o autor cita Caxias do Sul, que ganhava em número de fábricas instaladas no ano em análise. As bebidas eram bem representativas junto com os alimentos porque não demandavam uma grande quantidade de mão de obra nem tecnologia sofisticada, eram produtos facilmente colocáveis no mercado da região e podiam ser vendidas para fora de município, gerando uma renda extra para a economia do lugar.

De acordo com a Tabela 5, a arrecadação do ano de 1921 mudou em relação aos períodos anteriores. O fumo passou a ser o principal representante da atividade econômica do município. No período em que terminou a Primeira Guerra Mundial, Santa Cruz assistiu à instalação de duas importantes empresas. (Cia. Brasileira de Fumo em Folha, em 1917, e a Cia. de Fumos Santa Cruz, em 1919). O fumo exportado de Santa Cruz do Sul até 1919, com exceção de pequena parcela, não era beneficiado<sup>7</sup>. A partir da instalação, em moldes capitalistas, das empresas de beneficiamento de fumo e de fabricação de cigarros, o produto exportado passou a conter um maior grau de elaboração.

Tabela 5 - Impostos de indústrias e profissões de Santa Cruz do Sul para o ano de 1921

Gênero	Descrição	Estabelecimentos.	Arrecadação	Perc.
Alimentícios	Fábrica de banhas	4	150000	15,68

<sup>7</sup> O termo beneficiado é utilizado comumente nas empresas de Santa Cruz do Sul para denominar o processo ao que é submetido o fumo, antes de ser exportado para centros urbanos, ou para o exterior, onde é separado, classificado e destalado..

Bebidas	Fábrica de cerveja	1	2	145000	15,16
	Engenho de cana	1			
Fumo	Fábrica.de Fumo	6	6	305000	31,89
Couro, artigos para viagem e calçados	Curtume		1	27500	2,88
Máquinas e equipamentos	Fábrica de Engenho a Vapor		1	60000	6,27
Móveis	Marcenaria		2	57000	5,96
Total indústrias Transf			16	744500	77,84
Com Var	Botequins		1	17500	1,83
Sem Clas			7	194500	20,33
TOTAL			24	956500	100

Fonte : Livros de Indústrias e Profissões do ano 1921 da Prefeitura de Santa Cruz do Sul.

Na mesma época, surgiu a empresa Hennig & Cia., que em 1948, se transformaria na Cia. de Cigarros Sinimbu, que também fabricava cigarros. Instalaram-se, também, as empresas Kliemann (1921), Tabacos Tatsch (1937) e Sudan (1940), além de outras de menor porte, a maioria empreendimentos familiares, de capital local.

A partir da mesma década de 20, foram surgindo, fora do setor fumageiro, algumas empresas que sobreviveriam e teriam um importante crescimento. É o caso da Cervejaria Polar (1921), da fábrica de caramelos e chocolates Sulina (1923), e da refinaria de banha A. Evers (1925).

Devemos salientar que o período de crescimento industrial caracterizou-se pela presença de empreendimentos com características artesanais que se assemelhavam ao que pode ser considerado nos dias atuais, como oficinas, mas o que pretendemos demonstrar, para esse período de fim de século XIX e início do século XIX, é que, apesar da precariedade dos dados disponíveis, desde o começo, o fumo representou o principal produto do município e o que se denominava como indústria do fumo era, na verdade o processamento e beneficiamento desse produto, já que não existia a produção de bens elaborados.

### 2.3.3 Industrialização restringida

Entre 1933 e 1955, começa o período denominado por Mello (1984) de industrialização restringida. “Mas essa estava restrita porque o processo de acumulação não tinha o “fôlego” suficiente para consolidar plenamente, de uma só vez, as bases técnicas e financeiras necessárias, ou seja, o núcleo da indústria de bens de produção – que era essencial

para viabilizar o crescimento industrial” (DRAIBE, 1985, p. 13). Com efeito, o núcleo fundamental do departamento de bens de produção foi implantado de modo lento, limitado e a reboque da demanda (MELLO, 1984, p. 111).

Nesse período, no Brasil, ampliou-se a produção de bens de consumo não duráveis, a partir do capital nacional privado e também surgiram as empresas de capital estatal, como a do Vale Doce. A produção crescia em função da demanda gerada. O país ainda não havia internalizado a produção de bens de capital e de bens de consumo duráveis. Tratava-se de um período de industrialização restringida como denominou João Manuel Cardoso de Mello.

Na Tabela 6, apresentamos o valor de produção industrial, o número de estabelecimentos e o número de operários conforme a Diretoria de Estatística de Rio Grande do Sul para o ano de 1937. Esse dado é realmente crucial para a nossa análise desse período da indústria devido à relevância da fonte.

Para determinar qual era a atividade mais representativa, devemos relacionar o número de estabelecimentos, o número de operários e o valor da produção. Considerando que o valor de produção é o parâmetro mais importante na nossa análise, podemos dizer que o gênero que alavancou a economia do município para esse período foi o alimentício, representando 38,02% do total do valor da produção, com 179 operários e 29 estabelecimentos.

Em segundo lugar, com uma participação no total do valor de produção de 21,18%, vinha o fumo, com 162 operários e sete estabelecimentos. O outro gênero que apresentava uma tímida participação era o de borracha e materiais plásticos, com 7,11%. Mas devemos indicar que muitos gêneros da atividade, apesar de apresentarem muitos operários e estabelecimentos, não eram representativos no percentual do valor de produção, como era o caso do vestuário e acessórios, couros e artigos para viagem, borracha e material plástico. Essas atividades tinham a vantagem de gerar emprego, mas não possuíam um peso significativo devido ao baixo valor de produção industrial.

Pelos dados fornecidos pela instituição citada, podemos tirar como conclusão que, no ano de 1937, os dois gêneros da indústria com peso significativo eram o alimentício e o do fumo e não podemos afirmar que existiam indústrias que surgiram a partir do encadeamento produtivo do fumo, como seria o caso de uma fábrica de máquinas agrícolas ou uma fábrica

de fertilizantes. São empresas que contribuíaam com a economia regional, mas trabalhavam em forma isolada, sem se inter-relacionar umas com outras e não criam novas cadeias produtivas nem formavam parte de cadeias produtivas existentes no município.

Tabela 6 - Situação industrial de Santa Cruz do Sul de 1937

Variáveis setores	CNAE	N. de Estabelecimentos	Capital Empregado	N. de Empregados	Valor da produção	N. de Estabelecimentos %	Capital Empregado %	N. de Empregados %	Valor da produção %
Alimentos	10	29	856.000	179	7.729.000	8,38%*	10,85%*	14,31%*	38,49%*
Bebidas	11	6	344.000	29	740.000	1,73%	4,36%	2,32%	3,68%
Fumo	12	7	2.168.000	162	4.304.000	2,02%*	27,48%*	12,95%*	21,43%*
Vestuário	14	39	285.500	75	536.000	11,27%	3,62%	6,00%	2,67%
Couro, Calçados e Afins	15	39	244.500	71	733.000	11,27%	3,10%	5,68%	3,65%
Produtos de Madeiras	16	37	564.000	98	758.000	10,69%	7,15%	7,83%	3,77%
Impressão	18	7	431.000	69	415.000	2,02%	5,46%	5,52%	2,07%
Combustíveis	19	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Químicos	20	4	160.000	15	234.000	1,16%	2,03%	1,20%	1,17%
Farmacêuticos	21	1	20.000	3	36.000	0,29%	0,25%	0,24%	0,18%
Borracha	22	2	605.000	122	1.445.000	0,58%	7,67%	9,75%	7,20%
Produtos minerais não metálicos	23	40	582.000	110	820.000	11,56%	7,38%	8,79%	4,08%
Metalurgia	24	11	553.000	48	701.000	3,18%	7,01%	3,84%	3,49%
Produtos de metal	25	68	487.000	133	836.000	19,65%	6,17%	10,63%	4,16%
Mobiliário	31	41	400.000	90	739.000	11,85%	5,07%	7,19%	3,68%
Produtos diversos	32	5	18.000	5	57.000	1,45%	0,23%	0,40%	0,28%
<b>Total Indústria de Transformação</b>		346	7.888.000	1.251	20.083.000	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Diretoria geral de Estatística. (Órgão Regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) Estado do Rio Grande do Sul. Estatística Industrial do Rio Grande do Sul. Ano de 1937. A Indústria Rio-grandense em função da economia nacional. Limeira Tejo (Diretoria Geral de Estatística.).

### 2.3.4 Industrialização pesada

A partir do Plano de Metas, o Brasil diversificou a sua estrutura produtiva, sendo capaz de produzir automóveis, produtos eletrônicos, máquinas de vários tipos, além de tratores e aviões. Dessa forma, as multinacionais alavancam os setores de bens de consumo duráveis, tendo, como fornecedoras, as empresas de capital nacional, cuidando o Estado da indústria de base – siderurgia, alumínio, minérios –, além do fornecimento de energia elétrica, petróleo e da infraestrutura de transportes.

Chegamos assim, ao terceiro período, o da industrialização pesada, em que os investimentos foram de tal monta que geraram parte da demanda futura. A expansão industrial não se dava mais para substituir produtos importados, mas para dar conta das necessidades de acumulação interna. Por sua vez, fez-se necessário elevar as exportações, para dar conta da crescente demanda de importações e dos lucros remetidos pelas multinacionais.

Esse período marcou o início do desenvolvimento da indústria de bens duráveis de produção em Santa Cruz do Sul. Na Tabela 7, apresentamos os dados referentes ao ano de 1955, correspondentes à Enciclopédia dos Municípios do IBGE, e que, portanto, constituem uma fonte importante para subsidiar a nossa análise.

Em relação ao valor de produção industrial, os gêneros mais representativos, quanto ao percentual de participação no total, eram, o fumo, com 58,92%, o alimentício, com 20,54%, e outros gêneros, que somados, representavam um 20%, aproximadamente.

Pelos dados apresentados na Tabela 7, os gêneros que apresentavam maior quantidade de estabelecimentos eram os produtos alimentícios, produtos de madeira, minerais não metálicos, metalúrgica, bebidas e fumo.

O gênero que apresentava maior média de operários era o fumo, com 1347, o alimentício, com 630, borracha e material plástico, com 234, produtos de minerais não metálicos, com 224, e produtos de madeira, com 143.

Tabela 7 - Produção Industrial de Santa Cruz do Sul para 1955

Classes Industriais	Estabelecimentos <sup>8*</sup>	Valor da produção - em Milhares de Cruzeiros	Percentual do valor da produção <sup>*9*</sup>	Media de operários	Operários por estabelecimento	Percentual Media de operários
10 Alimentícios	259	187407	20,54	630	2,43	19,33 %
11 Bebidas	30	9245	1,01	67	2,23	2,06 %
12 Fumo	16	537806	58,92	1347	84,18	41,32%
13 Têxteis	1	1420	0,16	11	11	0,34%
14 Vestuário e acessórios	0	5432	0,60	54	-----	1,66%
15 Couro,	7	4506	0,49	12	1,71	0,37%
16 Madeira	72	24034	2,63	143	1,98	4,39%
18 Impressão	8	21459	2,35	119	14,87	3,65%
20 Químicos	9	18225	2,00	27	3	0,83%
22 Borracha e de material plástico	2	29308	3,21	234	117	7,18%
23 Produtos de minerais não metálicos	62	13143	1,44	224	3,61	6,87%
24 Metalurgia	15	19781	2,17	111	7,4	3,41%
29 Veículos automotores, reboques e carrocerias	8	13845	1,52	139	17,37	4,26%
31 Móveis	8	3790	0,42	33	4,12	1,01% %
32 Produtos diversos	4	12800	1,40	29	7,25	0,89%
Total ind. Transf.	501	902201	98,86	3180	6,35	97,57%
Extração de prod.minerais	5	719	0,08	10	2	0,31%
Serv.	5	9661	1,06	69	13,8	2,12%
Total	511	912581	100,00	3259	6,38	100%

Fonte: I.B.G.E. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro: 1957-1964, p.139-171(1)

(1) A fonte da Enciclopédia dos Municípios do IBGE para Santa Cruz do Sul é a Agência Municipal de Estatística. Quer dizer que o gênero do vestuário aparece com valor 0 conforme as informações resgatadas a partir desta fonte.

Em relação à razão do número de operários por estabelecimentos, o que indica o tamanho e a magnitude da empresa, aparecia, em primeiro lugar, o fumo com 84,18, o que demonstrava que se tratava de estabelecimentos que operavam com a estrutura de uma grande empresa. Por outro lado, aparecia o gênero de produtos alimentícios, que apresentava 2,43 operários por estabelecimentos, o que significava que eram empresas que operavam com uma estrutura artesanal.

<sup>8</sup> O total foi recalculado por esta autora porque o total da Enciclopédia dos Municípios não estava bem somado

<sup>9</sup> O cálculo foi refeito por esta autora porque o valor apresentado na versão original da Enciclopédia dos Municípios não estava bem calculado.



Quanto ao percentual da média de operários, os principais setores eram o fumo, com 41,32% e os produtos alimentícios, com 19,33%, reafirmando, mais uma vez, que o fumo era tão especializado que dominava, de forma absoluta, o valor de produção e o pessoal ocupado.

Havia outros gêneros de atividades, tais como os veículos automotores e reboques, que apresentavam, em 1955, 17,37 operários por estabelecimento, e impressão e reprodução de gravações, que possuíam 14,87 operários por estabelecimento, mas que não participavam ativamente do processo de industrialização porque sua participação era escassa no valor total de produção.

O período de 1955, o qual correspondeu ao período da industrialização pesada, principalmente no centro e sudeste do país, não teve muita relação com o que acontecia no município. Santa Cruz mantinha suas próprias peculiaridades e especificidades. No município não se fabricavam bens de produção duráveis e sua indústria continuava ligada ao principal produto de exportação.

Devemos ressaltar que Santa Cruz mantém suas peculiaridades em relação aos períodos históricos marcados por Mello. O que caracteriza o município e a sua região é sua especialização. Devido às características próprias do produto-base de exportação, não houve expansão de outras indústrias. O tipo de indústria de Santa Cruz do Sul se encaixa no que North (1959) levantou como exemplo de indústrias que não promovem o aparecimento de outras indústrias subsidiárias. Assim North (1959, p. 338) explica que esse tipo de indústria corresponde a outro tipo, “a qual não promove a urbanização, a crescente especialização e o desenvolvimento de outras atividades locais relacionadas a maior demanda de bens e serviços”. Nesse sentido North (1959, p. 338) destaca que

No outro extremo está a indústria de exportação que “requer somente o desenvolvimento imediato de um poucos centros para a coleta e exportação dos bens e acarreta o desenvolvimento de uma pequena indústria subsidiária ou promove o desenvolvimento de tais indústrias subsidiárias e facilidades de mercado, mas elas são de natureza tal que geralmente seus produtos podemos ser mais eficientemente importados, do que produzidos internamente.

A década de 60 representou um período de grandes mudanças na economia de Santa Cruz do Sul. Os acontecimentos no Brasil tiveram seus reflexos na economia do local. Assim, assinala Montalli (1979, p. 65) que

A política anti-inflacionária adotada pelo governo federal de 1962 e 1967, embora com variações no período, teve como resultados a redução da capacidade de consumo privado de grandes parcelas da população. Através da política restritiva de crédito ao setor privado; redução, portanto do nível de atividade dos setores industrial e comercial, provocou o desaparecimento de grande número de pequenas e médias empresas, favorecendo a centralização do capital industrial e, ainda, a entrada e consolidação de empresas estrangeiras que gozavam de vantagens com relação ao crédito, frente às empresas nacionais em dificuldades naqueles anos. (MONTALLI, 1979, p. 65)

Isso quer dizer que a política de restrição ao crédito ao setor industrial dos bancos atingiu, diretamente, a indústria do fumo, que precisava de dinheiro para suas negociações. Este tipo de crédito era necessário para o financiamento do cultivo do fumo que as empresas proporcionavam aos agricultores. As indústrias de beneficiamento necessitavam de grande volume de capital nos períodos da colheita e da safra. A crise no setor creditício gerou uma grave crise no setor principal do município, e esta situação fez com que as empresas de capital nacional, sem terem capital de giro, vendessem os empreendimentos para empresas de capital multinacional.

Nos anos 1960, o tabaco brasileiro teve uma expansão na sua produção. Tumultos étnicos na Rhodésia (atual Zimbábue) afetaram a produção e levaram a um embargo comercial contra aquele país africano. Devido às vantagens que a política econômica nacional proporcionava em relação às empresas de capital estrangeiro, firmas multinacionais estabeleceram-se, e Santa Cruz do Sul beneficiou-se como o principal produtor e beneficiador de fumo do Brasil, além de contar com duas indústrias de cigarros de origem local, a Cia. de Fumos Santa Cruz e a Cia. de Cigarros Sinimbu. Outro fator que se constituiu um obstáculo para as empresas nacionais foi a depressão econômica do país, que impediu a venda de tabaco para outros mercados.

Vítimas da conjuntura nacional, as empresas fumageiras brasileiras, progressivamente, foram sendo vendidas às firmas internacionais. As empresas de capital estrangeiro aperfeiçoaram a atividade produtiva, investindo em capital constante, tendo como objetivo melhorar a qualidade do produto e aumentar a sua produtividade. Dessa forma, as firmas vindas de fora impunham condições de produção e de aperfeiçoamento da qualidade do produto, como o uso de fertilizantes e seleção de sementes para a plantação. A partir de 1945, havia sido introduzido o uso de estufas, mas é nesse período (1965 que se acentuou a

dependência do agricultor em relação à empresa, tanto no referente à assistência técnica quanto à comercialização do produto.

Uma característica da grande empresa é a superioridade tecnológica, a qual aumenta o volume de produção e a produtividade. Como consequência dessa vantagem competitiva, as empresas baixam os custos de produção e aumentam os lucros. As empresas de capital estrangeiro dispõem de técnicas de produção tal que resulta impossível competir com as de capital local.

A instalação das multinacionais não obedece simplesmente a um contexto positivo nos níveis nacional e regional, mas também à motivações mais profundas. Uma das causas da existência da empresa como unidade produtiva é a expansão. Tal como explica Penrose (1962), a maioria das empresas não cresce e, talvez, o fracasso seja mais frequente que o sucesso, mas o que interessa, nesse trabalho, são as empresas com capacidade de crescer. A autora salienta que, sem empresas com capacidade de crescer, não haveria necessidade de uma teoria do crescimento. O empresário deve calcular todas as possibilidades produtivas e sua oportunidade produtiva se vê reduzida quando os dirigentes não prevêm oportunidades de expansão:

Las actividades productivas de una empresa están gobernadas por lo que llamaremos su oportunidad productiva, la cual comprende todas aquellas posibilidades productivas que sus empresarios ven y aprovechan. La oportunidad productiva de una empresa será reducida en la medida en que su dirección no vea oportunidades de expansión, no desee aprovecharlas, o sea incapaz de responder ante ellas. (PENROSE, 1962, p. 37)

Mais adiante, essa autora indica que a empresa empreendedora de grande escala estará incumbida de empregar parte de seus recursos na investigação dos caminhos de expansão lucrativa. Apoiada pela experiência, a empresa entende que a expansão é necessária num mundo competitivo. As teorias expostas por essa autora servem para sustentar o que aconteceu em Santa Cruz do Sul a partir da década de 60.

Uma das características das empresas de Santa Cruz é a fusão e a absorção de empresas menores. Segundo Penrose (1962), a expansão e o declínio das empresas dentro de uma economia competitiva têm sido considerados como uma lei natural. A autora complementa que, quando a fortuna das empresas se identificava com a fortuna dos indivíduos das famílias que eram responsáveis pelas operações de suas empresas, tanto o

ritmo de crescimento como a dimensão das empresas tinham que ser reduzidos. A consequência mais importante do nascimento da sociedade por ações foi a facilidade da transferência legal da propriedade das empresas. Para as empresas constituídas sob a figura de sociedade por pessoas, resultava muito difícil a absorção, em grande escala, de outras empresas. As empresas constituídas como sociedades anônimas aumentaram e também aumentou a absorção, em grande escala, de outras empresas.

Penrose (1962), no seu trabalho desenvolvido sobre crescimento da empresa, empregou o termo  *fusão*  para designar qualquer método de combinar empresas existentes, seja a absorção de uma empresa por outra, seja a combinação de duas empresas em termos idênticos ou a reorganização de uma indústria inteira por meio de uma integração de todas as empresas. Seguindo o raciocínio da autora, existem dois métodos de expansão que uma empresa pode utilizar: construir novas instalações e criar novos mercados ou adquirir as instalações e mercados de outras empresas.

Si se considera que una determinada expansión es conveniente aun cuando no haya un cambio en la posición de otros productores o en el control de activos industriales, la empresa se extenderá por medio de la absorción solo en el caso en que esta resulte mas barata que la expansión interna.

Si por el contrario, se pretende un cambio en la posición de los otros productores (reducción de la competencia) o en el control de los activos industriales (por ejemplo, los derechos de patente o los suministros monopolizados de materia prima) la absorción puede ser la única forma de lograr estos objetivos. (PENROSE, 1962, p. 171-172)

Assim, pode-se dizer que a empresa tem interesse em comprar uma outra quando a absorção é mais barata que a expansão interna, ou quando a empresa pretende reduzir a competência ou planeja a aquisição de patentes industriais ou o monopólio de certa matéria-prima.

No caso da indústria fumageira de Santa Cruz do Sul, as multinacionais depararam-se com empresas de capitais locais que queriam vender suas instalações, principalmente pelo problema financeiro que acometia o país nessa época e, por outra parte, as firmas de capital externo precisavam do controle do fornecimento do insumo para as suas fábricas, ou seja, do monopólio da matéria-prima. Desse modo, Penrose (1962) salienta que uma pequena empresa não consegue fundos suficientes para financiar uma certa expansão devido à leis impositivas, pressões competitivas e ao limite dos mercados. Também ressalta que, com frequência, suas possibilidades de crédito são limitadas e dificilmente atrai novos acionistas.

Las restricciones en el monto de crédito que puede obtener una pequeña empresa tienen un efecto mucho más importante. Por muy brillantes que sean las perspectivas, su expansión puede ser limitada por su incapacidad total de obtener medios financieros, pudiendo, incluso, ocurrir que nunca tenga oportunidad de poner en práctica sus planes. (PENROSE, 1962, p. 237)

Se fizermos uma relação desse processo com o período inflacionário que assolou ao Brasil em 1964, vamos ver que coincide com o período de turbulência das pequenas empresas de Santa Cruz por conseguir crédito. Penrose (1962) explica que, se as autoridades monetárias elevam a taxa de juro para dificultar a obtenção de crédito a fim de evitar um pico inflacionário, a posição da pequena empresa fica mais prejudicada.

Si las autoridades monetarias elevan el tipo de interés y dificultan la obtención de créditos bancarios durante períodos con alto nivel de empleo, en los que el dinero fácil causaría una elevación inflacionista de precios, la posición de la pequeña empresa resulta más perjudicada por el racionamiento de créditos originado por la presión sobre las reservas bancarias que por la elevación de los tipos de interés. (PENROSE, 1962, p. 237)

Dessa forma, se a empresa não tem como obter crédito, não pode realizar investimentos. Assim, se a política econômica, vigente num momento dado, restringe o crédito e isto implica não só uma elevação da taxa de juros, senão também, um maior racionamento do crédito, sua situação piora necessariamente.

Si solo se elevan los tipos de interés, las pequeñas empresas pueden llegar a obtener el crédito necesario para realizar sus proyectos, pagando el precio exigido; si se les niega el crédito no podrán hacerlo y las empresas que cuentan con que sus oportunidades son claramente lucrativas a pesar del crecimiento de los costes o de los altos tipos de interés, no podrán realizar sus planes y no tienen oportunidad de aprovechar tales oportunidades. (PENROSE, 1962, p. 238)

Para o próximo período, vamos analisar os dados correspondentes ao ano de 1970 que são mostrados na Tabela 8. As informações da indústria, proporcionadas pelo IBGE, são uma fonte importante de análise, já que os dados apresentam o que sucedeu a partir de 1965, que é um marco importante na economia do município.

Em relação ao pessoal ocupado na indústria, o fumo ocupava o primeiro lugar, com 1141 operários, seguido pela indústria alimentícia, com 515. Havia várias atividades com uma quantidade superior a 100 funcionários, tais como metalurgia, com 158, produtos de minerais não metálicos com 161, vestuários e acessórios, com 126 e veículos, com 110.

Em relação à quantidade de estabelecimentos existentes no ano analisado, o setor que liderava essa variável era o de produtos alimentícios, com 89 estabelecimentos, seguido por produtos de madeiras, com 37, produtos de minerais não metálicos e metalurgia, com 23, móveis com vinte, veículos, automotores e reboques, com dez estabelecimentos. O gênero que puxava a indústria no município possuía quatro estabelecimentos resultantes do período de fusões e incorporações de empresas que houve a partir de 1965.

O único gênero que demonstrava a estrutura de grande empresa e que operava em larga escala era o fumo que possuía Cr\$ 17.322 de valor de produção por firma e Cr\$7.411 de valor de transformação industrial por firma. Os demais gêneros indicavam que a estrutura correspondia à de uma pequena e média empresa, como se exemplifica no caso do gênero alimentício, com Cr\$ 219 de valor de produção por firma e Cr\$ 101 de valor de transformação industrial por firma. No que se refere à produtividade dos gêneros da indústria, podemos mencionar que o fumo apresentava um valor de transformação industrial de Cr\$ 26 por trabalhador, no entanto o gênero alimentício apresentava um valor de transformação industrial de Cr\$ 17 por trabalhador, existindo uma diferença de 52,94 % entre as duas magnitudes, o que significava que a produtividade do principal gênero da indústria era realmente expressiva.

Nesse período, a indústria fumageira ia se posicionando na liderança, de forma definitiva, nas receitas do município, ostentando 58,66% do total do valor de produção e 54,45% do total do valor da transformação. Não mudava a configuração do setor secundário em relação ao período de 1955, já que a indústria alimentícia voltava a secundar a indústria do fumo com 16,53% do total do valor da produção e 16,44% do valor de transformação industrial. As outras atividades participavam dos 20% restantes, não indicando uma representação significativa no total da economia do município.

Em relação ao percentual da média de operários, o fumo e os produtos alimentícios apareciam nos primeiros lugares, com 36,15% e 16,32%, respectivamente, o que estava de acordo com os outros dados analisados. Os demais gêneros representavam menos de 10% individualmente, como o exemplo da metalurgia, com 5%, produtos minerais não metálicos, com 5,1%, vestuários e acessórios, com 3,99%, e produtos de madeiras, com 3,42%.

Tabela 8 - Indústria de Santa Cruz do Sul em 1970

CNAE	Gêneros	Est.	Pessoal	Salários	Despesas com as operações industriais**	Valor da produção	Valor da transformação industrial	Pessoal ocupado	Valor de produção por firma	Valor T.I Por firma	Valor De Produção por trabalhador	Valor de T.I. por trabalhador
10	Produtos alimentares	89	15	1.403	10.575	19.524	8.949	6	219	101	38	17
11	Bebidas	4	7	4	26	48	22	2	12	6	7	3
12	Fumo	4	1.141	5.846	39.645	69.289	29.644	285	17.322	7.411	61	26
13	Têxtil	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
14	Vestuário	6	126	274	833	1.940	1.107	21	323	185	15	9
15	Couros e	1	x	x	x	x	x	///	///	///	///	///
16	Madeiras	37	108	172	735	1.677	942	3	45	25	16	9
17	Celulose	1	x	x	x	x	x	///	///	///	///	///
18	Impressão	7	106	626	1.213	2.784	1.571	15	398	224	26	15
19	Combustíveis	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
20	Químicos	7	x	x	x	x	x	x	x	x	x	X
21	Farmacêutico	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
22	Borracha	4	x	x	x	x	x	x	x	x	x	X
23	Minerais não metálicos	23	161	308	323	1.230	907	7	53	39	8	6
24	Metalúrgica	23	158	444	1.655	3.454	1.799	7	150	78	22	11
25	Prod. Met.	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
26	Ótica, eletrônica	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
27	Máquinas , eletr..	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
28	Mecânica	7	85	232	425	1.151	726	12	164	104	14	9
29	Material de transporte	3	25	112	68	213	145	8	71	48	9	6
30	Outros equip.trans	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
31	Mobiliário	20	82	138	439	892	453	4	45	23	11	6
32	Diversas	4	106	297	668	1.947	1.279	27	487	320	18	12
	Total ind. transf.	240	3.139	11.171	63.670	118034	54.364	13	492	227	38	17
7	Extração de minerais	10	17	9	5	84	79	2	8	8	5	5
	total das indústrias	250	3.156	11.180	63.675	118.118	54.443	13	472	218	37	17

IBGE: Censo industrial Rio Grande do Sul. VII recenseamento geral- 1970 Série regional Volume IV Tomo XXI Rio de Janeiro: IBGE, 1974.

Tabela 9 - Percentual dos estabelecimentos, pessoal ocupado, salário e despesas da indústria de Santa Cruz do Sul em 1970

CNAE	Gêneros	%Est.	%Pessoal	%Salários	%Despesas	%Produção	% T.I
10	Produtos alimentares	35,60%	16,32%	12,55%	16,61%	16,53%	16,44%
11	Bebidas	1,60%	0,22%	0,04%	0,04%	0,04%	0,04%
12	Fumo	1,60%	36,15%	52,29%	62,26%	58,66%	54,45%
13	Têxtil	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
14	Vestuário, calçado e artefatos de tecidos	2,40%	3,99%	2,45%	1,31%	1,64%	2,03%
15	Couros e peles e produtos similares	0,40%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
16	Produtos de Madeiras	14,80%	3,42%	1,54%	1,15%	1,42%	1,73%
17	Celulose, Papel e Papelão	0,40%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
18	Impressão	2,80%	3,36%	5,60%	1,90%	2,36%	2,89%
19	Combustíveis	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
20	Químicos	2,80%	x	x	x	x	X
21	Farmacêuticos	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
22	Borracha	1,60%	x	x	x	x	X
23	Mínerais não metálicos	9,20%	5,10%	2,75%	0,51%	1,04%	1,67%
24	Metalúrgica	9,20%	5,01%	3,97%	2,60%	2,92%	3,30%
25	Produtos de metal	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
26	Ótica, Eletrônica e Informática	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
27	Máquinas aparelhos e materiais elétricos	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
28	Maquinas e equipamentos	2,80%	2,69%	2,08%	0,67%	0,97%	1,33%
29	Material de transporte	1,20%	0,79%	1,00%	0,11%	0,18%	0,27%
30	Outros equipamentos de transporte	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
31	Mobiliário	8,00%	2,60%	1,23%	0,69%	0,76%	0,83%
32	Diversas	1,60%	3,36%	2,66%	1,05%	1,65%	2,35%
	Total das indústrias de transformação	96,00%	99,46%	99,92%	99,99%	99,93%	99,85%
7	Extração de minerais	4,00%	0,54%	0,08%	0,01%	0,07%	0,15%
	total das indústrias de transformação	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte : IBGE. Censo Industrial (1970). Rio de Janeiro, 1974, p. 34-35. Percentuais calculados pela autora.<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Para o IBGE, o símbolo -- significa que o dado, de acordo com a declaração do informante não existe.

**0** significa que o fenômeno existe, mas não atinge a unidade adotada na tabela. ( Nas tabelas, para uniformizar e poder comparar um período com outro, foi colocado o valor 0 para mostrar que não existia esse gênero da indústria no município.)

**x** Resultado omitido a fim de evitar identificação do informante



Na Tabela 10 apresentamos os dados referentes à indústria de Santa Cruz do Sul no ano de 1980. Esse período representou a consolidação do fumo como líder absoluto no percentual do valor da produção, com 69,21%, e a diminuição da participação do setor alimentício no percentual do valor de produção, com 12,49%. Os outros setores baixaram a sua participação e todos se situaram na faixa abaixo de 10% do total de valor de produção industrial. Como exemplo, temos vestuário e acessórios, com 2,66% e metalurgia, com 3,27%.

No que se refere aos estabelecimentos, entraram novas empresas no setor do fumo, mudanças próprias das multinacionais, que se caracterizam pela recomposição das estruturas das empresas. Pelos dados apresentados, o fumo apresentava treze estabelecimentos no período, em contraposição aos quatro do período anterior. O setor de produtos alimentícios diminuiu o número de estabelecimentos de 89 para 54 e também a participação no valor de produção.

Em relação à participação de pessoas ocupadas, o fumo aumentou o número de pessoas ocupadas com relação a 1970, mas diminuiu sua participação em relação ao total de pessoas ocupadas. Aumentou a participação do setor de vestuários e acessórios devido à atuação de empresas que tiveram a ampliação de suas vendas no mercado nacional e subiu o número de estabelecimentos para dez.

Devemos ressaltar que a produtividade do fumo aumentou de forma significativa, desde o período anterior, principalmente pela incorporação de maquinarias no processo de beneficiamento do fumo e pela própria organização das empresas fumageiras que provocaram um aumento na arrecadação do valor de transformação industrial e um aumento na produtividade.

---

/// Símbolo para representar que não foi possível efetuar o cálculo que aparece no topo da coluna, seja porque não existe esse valor para determinado gênero da indústria, ou, porque foi omitida a informação para preservar a identidade do informante.

Tabela 10 - Santa Cruz 1980

		Estab ele- cimen- tos ano 1980	Pessoal ocupado em 31/12/19 80	Salários	Valor da produção ***	Valor da Transformaçã o Industrial	% Estabele- cimentos	% Pessoal ocupado.	% Salários	% Valor Prod. Ind.	% Valor Transf. Ind.	Valor de Pessoas Ocupad.po r Firma	Valor de Produção por firma	Valor de TI por firma	Valor de Produção por trabalha- dor	Valor de TI por trabalha- dor
10	Produtos alimentares	54	1.256	102.374	1.974.505	645.136	21,18 %	16,14 %	10,13 %	12,49 %	8,15%	23	36.565	11.947	1.572	514
11	Bebidas	0	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0	0	0	0	0
12	Fumo	13	2.551	538.859	10.945.112	5.475.932	5,10%	32,79 %	53,31 %	69,21 %	69,17 %	196	841.932	421.226	4.291	2.147
13	Têxtil	4	166	11.430	113.981	65.404	1,57%	2,13%	1,13%	0,72%	0,83%	42	28.495	16.351	687	394
14	Vestuário, calçado e artefatos de tecidos	10	696	56.033	421.150	276.063	3,92%	8,95%	5,54%	2,66%	3,49%	70	42.115	27.606	605	397
15	Couros e peles e prod.simil..	2	x	x	x	x	0,78%	x	x	x	x	X	x	x	x	x
16	Madeira	48	197	9.806	58.811	42.145	18,82 %	2,53%	0,97%	0,37%	0,53%	4	1.225	878	299	214
17	Papel e papelão	1	x	x	x	x	0,39%	x	x	x	x	X	x	x	x	x
18	Editorial e gráfica	9	201	24.818	140.946	82.565	3,53%	2,58%	2,46%	0,89%	1,04%	22	15.661	9.174	701	411
19	Combust.	0	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0	0	0	0	0
20	Química	0	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0	0	0	0	0
21	Produtos farmacêutic os e veterinários	0	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0	0	0	0	0
22	Borracha e materiais plásticos	6	x	x	x	x	2,35%	x	x	x	x	X	x	x	x	x
23	Transforma	28	220	14.237	77.259	46.704	10,98	2,83%	1,41%	0,49%	0,59%	8	2.759	1.668	351	212

	ção de produtos minerais não metálicos						%									
24	Metalúrgica	27	604	60.291	516.921	312.013	10,59%	7,76%	5,97%	3,27%	3,94%	22	19.145	11.556	856	517
25	Produtos de metal	0	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0	0	0	0	0
26	Ótica, Eletrônica e Informática	0	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0	0	0	0	0
27	Material elétrico e de comunicações	0	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0	0	0	0	0
28	Maquinas e equipamentos	6	181	34.593	84.152	64.343	2,35%	2,33%	3,42%	0,53%	0,81%	30	14.025	10.724	465	355
29	Material de transporte	2	x	x	x	x	0,78%	x	x	x	x	X	x	x	x	x
30	Outros equipamentos de transporte	0	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0	0	0	0	0
31	Mobiliário	17	226	16.284	113.660	57.681	6,67%	2,90%	1,61%	0,72%	0,73%	13	6.686	3.393	503	255
32	Diversas	10	556	42.627	390.976	238.517	3,92%	7,15%	4,22%	2,47%	3,01%	56	39.098	23.852	703	429
	Total	///	///	///	///	///	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	///	///	///	///	///
7	Extração de minerais	16	38	932	7.858	7.670	6,27%	0,49%	0,09%	0,05%	0,10%	2	491	479	207	202
	Unidades de serviços de natureza industrial	2	x	x	x	x	0,78%	x	x	x	x	X	x	x	x	x
	Total	255	7.780	1.010.722	15.814.178	7.916.865	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	31	62.016	31.047	2.033	1.018

Fonte: IBGE. Censo industrial: dados gerais, Brasil. Rio de Janeiro: IBGE. 1984. Os percentuais e os calculado feitos em base ao censo apresentado pelo IBGE, foram feito pela autora desta tese

Na Tabela 11, apresentamos os dados referentes á indústria de 1990, conforme o anuário estatístico de Rio Grande do Sul editado pela F.E.E, mas não dispomos do valor da produção industrial. Em relação aos estabelecimentos, o gênero que liderava era o de produtos alimentícios, com 56, seguido pelo metalúrgica, com 68, do vestuário e acessórios, com 45, de minerais não metálicos, com 32, e o do fumo com 16. Isto significa que o fumo, pela própria dinâmica da sua organização produtiva, não precisava de muitos estabelecimentos para representar o produto mais saliente da economia do município. Isto se devia, basicamente à centralização e à concentração do setor de fumo que mobilizava grandes volumes de capital nas mãos de poucos.

Em relação aos empregados, o setor que liderava o total de pessoas ocupadas era o do fumo com 3770, seguido pelos setores de vestuário, com 1730, e alimentos, com 1398. O maior percentual de empregados era o de fumo, com 33,81%, o do vestuário, com 21,77% e o de produtos alimentícios, com 12,54%.

O período de 1990 representou uma época de bonança para o setor de empregos de Santa Cruz do Sul, visto que suas unidades de produção empregavam muitas pessoas que vinham de outros lugares e inclusive se instalavam em Santa Cruz do Sul, atraídas pelos excelentes índices de desempenhos da sua indústria. Mas devemos notar que, apesar da importância do setor fumageiro na economia de Santa Cruz do Sul, os outros setores eram mais dinâmicos quanto à sua capacidade empregatícia. Como podemos observar, o vestuário representava 21,77% do total do emprego, produtos alimentícios, 12,54%, borracha, 6,78% e metalurgia, 7,16%, que, somados representavam 48% do total de empregos. A explicação mais convincente para esse fato era a utilização de uma tecnologia poupadora de mão de obra por parte do oligopolizado setor fumageiro, o que diminuiu a demanda de emprego, enquanto as indústrias marcadas por graus de concentração e oligopolização menor operavam com tecnologias relativamente poupadoras de capital e intensivas em mão de obra.

Tabela 11 - Dados da indústria de Santa Cruz do Sul referentes ao ano de 1990

CNAE	Gêneros	Santa Cruz do Sul Entregadores	Percentual dos Empregados de Sta Cruz do Sul	Estabelecimentos	Percentual dos estabelecimentos
10	Produtos alimentares	1.398	12,54%	56	15,18%
11	Bebidas	40	0,36%	1	0,27%
12	Fumo	3.770	33,81%	16	4,34%
13	Têxtil	22	0,20%	4	1,08%
14	Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	2.427	21,77%	59	15,99%
15	Couro, peles e similares	3	0,03%	3	0,81%
16	Madeira	147	1,32%	47	12,74%
17	Papel e papelão	78	0,70%	2	0,54%
18	Editorial e gráfica	22	0,20%	4	1,08%
19	Combustíveis	0	0,00%	0	0,00%
20	Química	336	3,01%	3	0,81%
21	Produtos farmacêuticos e veterinários	-	0,00%	-	///
22	Borracha e produtos de materiais plásticas	756	6,78%	5	1,36%
23	Minerais não-metálicos	148	1,33%	32	8,67%
24	Metalurgia	798	7,16%	68	18,43%
25	Produtos de metal	0	0,00%	0	0,00%
26	Ótica, eletrônica e informática	0	0,00%	0	0,00%
27	Material elétrico e de comunicações	1	0,01%	2	0,54%
28	Mecânica	60	0,54%	14	3,79%
29	Material de transporte	192	1,72%	6	1,63%
30	Outros equipamentos de transporte	0	0,00%	0	0,00%
31	Mobiliário	326	2,92%	33	8,94%
32	Diversos	626	5,61%	13	3,52%
	Energia elétrica	-	0,00%	1	0,27%
	Total	11.150	100,00%	369	100,00%

Fonte: Anuário Estatístico de Rio Grande do Sul / FEE (1992). Percentuais calculados pela autora.

Outro período da indústria que mostra a excessiva dependência do município em relação ao fumo é mostrado nos dados do IBGE referentes ao ano de 1996, mostrado na Tabela 12. Em primeiro lugar, analisamos os estabelecimentos e, posteriormente, a importância do pessoal ocupado.

Tabela 12 – Dados da Indústria de Santa Cruz do Sul referentes ao ano de 1996

DIVISÃO CNAE	Descrição	Número de unidades locais	Percentual de número de unidades locais	Pessoal ocupado total	Percentual de pessoal ocupado
10	Extração de carvão mineral	0	0,00%	0	0,00%
11	Extração de petróleo e serviços relacionados	0	0,00%	0	0,00%
13	Extração de minerais metálicos	0	0,00%	0	0,00%
14	Extração de minerais não metálicos	0	0,00%	0	0,00%
15	Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	10	21,86%	1.398	15,97%
16	Fabricação de produtos do fumo	6	12,91%	2.969	33,91%
17	Fabricação de produtos têxteis	0	0,00%	0	0,00%
18	Confeção de artigos do vestuário e acessórios	3	7,37%	563	6,43%
19	Preparação de couros	1	2,21%	48	0,55%
20	Fabricação de produtos de madeira	1	2,22%	83	0,95%
21	Fabricação de celulose, papel	1	2,15%	176	2,01%
22	Edição, impressão e reprodução	3	6,78%	281	3,21%
23	Fabricação de coque	0	0,00%	0	0,00%
24	Fabricação de produtos químicos	1	2,30%	32	0,37%
25	Fabricação de artigos de borracha e plástico	3	6,57%	817	9,33%
26	Fabricação de produtos de minerais não metálicos	2	4,54%	65	0,74%
27	Metalurgia básica	0	0,00%	0	0,00%
28	Fabricação de produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos	2	4,39%	716	8,18%
29	Fabricação de máquinas e equipamentos	4	9,09%	176	2,01%
30	Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática	0	0,00%	0	0,00%
31	Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	0	0,00%	0	0,00%
32	Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações	0	0,00%	0	0,00%
33	Fabricação de equipamentos de instrumentação médico-hospitalares, instrumentos de precisão e ópticos, equipamentos para automação industrial, cronômetros e relógios	1	2,15%	73	0,83%
34	Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias	1	2,15%	94	1,07%
35	Fabricação de outros equipamentos de transporte	0	0,00%	0	0,00%
36	Fabricação de móveis e indústrias diversas	6	13,30%	1.265	14,45%
37	Reciclagem	0	0,00%	0	0,00%
	Outros	0	0,00%	0	0,00%
Total		46	100,00%	8.757	100,00%

Fonte: IBGE; RAIS; PIA, 1996. Os cálculos foram feitos pela autora.

A classificação dos gêneros da indústria correspondem a uma versão do C.N.A.E diferente da utilizada até 1990. A RAIS e a P.I.A utilizam essa versão.

Comprovamos, na Tabela 12, que o percentual de estabelecimentos com maior representação no município era em 1996, o dos alimentos, com 21,86%, o do fumo, com 12,91%, e o dos móveis, com 13,30%. Da mesma forma, os setores mais representativos em relação ao pessoal ocupado eram o setor alimentício, com 15,97%, o fumo, com 33,91%, e fabricação de móveis, com 14,45%. O único setor que apresentou, pois, maior participação no pessoal ocupado e no número de estabelecimentos foi o setor de móveis, que representava uma nova fonte de renda para o município.

Para poder fazer uma evolução no tempo da importância de cada gênero no processo de industrialização, introduzimos as Tabelas 13 e 14, que demonstram a arrecadação e as empresas mais salientes nesse sentido.

Tabela 13 - As 10 principais empresas que arrecadam o ICMS. de Santa Cruz do Sul para os anos de 2003 e 2002

CNAE	Empresa	Ano-base 2003 – R\$	% apresentado	Ano-base 2002 - R\$	% apresentado
12	Philip Morris Brasil Ind. e Com.	679.468.436,20	34,29%	575.963.068,00	31,04%
12	Universal Leaf Tabacos Ltda.	347.945.911,68	17,56%	384.588.696,00	20,73%
12	Alliance One Exp. /Meridional Tab.Ltda	178.447.253,60	9,00%	153.309.446,50	8,26%
12	Souza Cruz S/A	104.299.119,25	5,26%	71.502.887,30	3,85%
12	ATC Associated Tabacco Com Br Ltda	48.306.116,41	2,44%	23.187.549,79	1,25%
22	Mercur S/A	30.315.155,56	1,53%	26.057.369,56	1,40%
24	Metalúrgica Mor S/A	19.345.254,95	0,98%	17.486.139,20	0,94%
22	Xalingo S/A Ind. e Com	17.937.468,52	0,91%	15.888.252,46	0,86%
10	Excelsior Alimentos S/A	15.080.962,16	0,76%	9.648.071,12	0,52%
12	Kannenberg & Cia. Ltda.	1.876.057,13	0,09%	65.026.348,18	3,50%
	<b>Soma das 10 mais</b>	<b>1.443.021.735,46</b>	<b>72,82%</b>	<b>1.342.657.828,11</b>	<b>72,36%</b>
	Outros	538.670.575,00	27,18%	512.944.559,05	27,64%
	<b>Total</b>	<b>1.981.692.310,46</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.855.602.387,16</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Secretaria de Fazenda de Santa Cruz do Sul, 2007.

As Tabelas 13 e 14 apresentam a composição do imposto que taxa a circulação de mercadorias e serviços, sendo as principais componentes as indústrias de fumo. Entre elas, podemos mencionar a empresa Philips Morris, que figura em primeiro lugar em arrecadação, que fabrica cigarros, além das outras empresas que beneficiam fumo: *Alliance One*, *Universal*

*Leaf*, *Kannenberg*, *Souza Cruz* e *ATC Associated*. Fora as firmas fumageiras, aparecem, em ordem de importância, a empresa *Mercur S.A.*, dedicada ao ramo de borrachas, *Metalúrgica Mor*, fabricante de cadeira de praias e de outros produtos, *Xalingo*, fábrica de brinquedos e *Excelsior Alimentos S.A.*, frigorífico de carnes.

Pode-se observar que, na Tabela 14, existe um leve declínio na arrecadação entre 2004 e 2005, provavelmente, pela baixa cotação do dólar na época, que prejudicava as exportações, e pelas oscilações do mercado mundial, principal destino do tabaco. Outro elemento que chama a atenção é a diferença entre o que arrecadam as principais empresas fumageiras e as outras empresas. As primeiras representavam 61% do total da arrecadação desse tributo para o município e as outras representam 39% restante do total da arrecadação. Assim, apesar da alta competitividade de empresas como *Mercur* e *Metalúrgica Mor*, que exportam seus produtos para outros países e são reconhecidas nacionalmente, essas representam casos isolados de empresas bem-sucedidas diante da magnitude das empresas de beneficiamento de tabaco e produtoras de cigarro, que alavancam a economia da prefeitura, com uma arrecadação totalmente expressiva.

Tabela 14 - As 10 Principais empresas que arrecadam ICMS de Santa Cruz do Sul para os anos de 2005 e 2004

CNAE	Empresa	Ano-base 2005 – R\$	% apresentado	Ano-base 2004 – R\$	% apresentado
12	Philip Morris Brasil Ind. e Com.	764.966.735,95	40,43%	784.674.792,76	40,94%
12	Alliance One Exp. /Meridional Tab.Ltda	269.882.228,00	14,26%	199.891.668,83	10,43%
12	Universal Leaf Tabacos Ltda.	245.859.299,25	12,99%	64.608.645,79	3,37%
12	Kannenberg & Cia. Ltda.	78.964.342,58	4,17%	26.510.757,39	1,38%
22	Mercur S/A	39.709.847,19	2,10%	34.278.684,62	1,79%
24	Metalúrgica Mor S/A	38.583.318,29	2,04%	17.406.479,90	0,91%
12	Souza Cruz S/A	29.601.731,63	1,56%	103.900.422,75	5,42%
12	ATC Associated Tabacco Com Br Ltda	23.903.321,38	1,26%	7.257.100,54	0,38%
22	Xalingo S/A Ind. e Com	16.630.849,29	0,88%	18.173.568,82	0,95%
10	Excelsior Alimentos S/A	15.271.128,59	0,81%	16.381.114,06	0,85%
	<b>Soma das 10 mais</b>	<b>1.523.372.802,15</b>	<b>80,51%</b>	<b>1.273.083.235,46</b>	<b>66,43%</b>
	Outros	368.698.972,34	19,49%	643.355.505,51	33,57%
		<b>1.892.071.774,49</b>	<b>100,00%</b>	<b>1.916.438.740,97</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Secretaria de Fazenda de Santa Cruz do Sul, 2007.



Segundo a Tabela 15, referente ao ano de 2007, apareceram novos gêneros com importante participação no pessoal ocupado e nos estabelecimentos da indústria. O fumo representava 32,87 % do emprego e 17,89% do número de unidades locais. Os gêneros que começaram a ser representativos no emprego do município foram, para esse período, o setor de borrachas e plásticos, com 10,92% e produtos de metal, com 11,89%. O setor de produtos alimentícios continuava com sua representatividade de 9,43% e o setor de móveis aumentava cada vez mais sua participação no emprego do município, com um percentual de 23%, mostrando que estava transformando se num novo nicho de mercado, mas não com a força suficiente para tirar a excessiva especialização da economia no fumo.

Tabela 15 - Percentuais de participação de emprego e estabelecimentos de Santa Cruz do Sul referentes ao ano de 2007

DIVISÃO	Descrição	Número de unidades locais	Pessoal ocupado Total	Percentual de unidades locais	Percentual de pessoal ocupado
15	Produtos alimentícios e bebidas	6	879	15,40%	9,43%
16	Fumo	7	3.063	17,89%	32,87%
18	Artigos de vestuário e acessórios	4	326	10,29%	3,49%
19	Preparação de couros	4	249	10,40%	2,67%
22	Edição, impressão e mat.gráfico	2	163	5,19%	1,75%
25	Borracha e plástico	2	1.018	5,11%	10,92%
26	Minerais não metálicos	2	83	4,97%	0,89%
28	Produtos de metal	2	1.108	5,11%	11,89%
29	Fabricação de máquinas e equipamentos	4	153	10,31%	1,64%
34	Fabricação e montagem de veículos automotores	1	78	2,56%	0,84%
36	Fabricação de móveis	5	2.200	12,77%	23,61%
Total	Total	39	9.319	100,00%	100,00%

Fonte: IBGE; Rais; Pia, 2007.

North (1959) expressa que o desenvolvimento de uma indústria de exportação agrícola bem-sucedida resultará em um aumento da renda da região e, sob condições favoráveis, conduzirá à especialização e divisão do trabalho, com ampliação do mercado regional. Entende que a especialização num produto determinado levará, posteriormente, ao aparecimento de indústrias subsidiárias para produzir e comercializar, eficientemente, o produto de exportação. Dessa forma, o desenvolvimento de indústrias locais amplia a base de exportação e o desenvolvimento de economias externas associadas com a indústria de exportação. Uma outra consequência é o crescimento das áreas e serviços urbanos e um investimento crescente na educação e na pesquisa para ampliar o potencial da região.

Nessa circunstâncias, uma boa parte do desenvolvimento industrial ocorrerá naturalmente, como uma consequência, das condições descritas acima. Na verdade, à medida que o mercado aumenta em tamanho, mais e mais firmas manufatureiras julgarão viável estabelecer filiais ali. (NORTH, 1959, p. 341)

No caso de Santa Cruz do Sul, a excessiva especialização provocou um aumento da renda, mas não provocou o aparecimento de indústrias subsidiárias. Não se observou a ampliação da base de exportação. A afirmação de North de que boa parte do desenvolvimento industrial ocorrerá naturalmente em virtude das condições expostas, não se concretizou. Pelos dados apresentados, não houve a instalação de mais e mais firmas manufatureiras. Durante toda a análise da indústria ao longo do século XX, ficou claro que a principal indústria foi a do fumo, seguida pela indústria de alimentos, indústria de borrachas e metalúrgica. Mas entende-se que não houve a expansão da base de exportação. Os efeitos positivos de uma especialização bem-sucedida não foram sentidos neste exemplo que estamos mostrando. A especialização levou ao crescimento da economia do município, mas não possibilitou o crescimento de outros setores. Por outra parte, North (1959, p. 343) esclarece que:

Não se trata de uma questão de agricultura versus industrialização, mas sim da capacidade de uma região de se integrar nos grandes mercados mundiais, através das exportações e da resultante estrutura da economia regional, que influenciará sua capacidade para alcançar o crescimento sustentado e um padrão diversificado de atividade econômica.

Portanto, não se trata de defender a agricultura ou a indústria: trata-se de analisar a maneira como a região se insere em outros mercados, a forma como se aproveitam outras oportunidades e possibilidades de ampliar essa base de exportação. O principal entrave se encontra nas próprias características do produto-base de exportação, que não permite o aparecimento de outras indústrias. A integração nos grandes mercados mundiais se observa através das vendas ao exterior e ao resto do país. A região fumicultora do Vale do Rio Pardo é a maior beneficiadora de fumo em folha, mas a estrutura da economia permanece atrelada ao único produto, principalmente, pelo fato de ser tão bem-sucedido e pelo fato de que a própria prefeitura se beneficia com a arrecadação de impostos provenientes do fumo e não estimula outras políticas para a instalação de outras empresas ou para a diversificação das atividades econômicas.

### **3 O DESENVOLVIMENTO MERCANTIL-INDUSTRIAL DE CAXIAS DO SUL: A TRANSIÇÃO BEM- SUCEDIDA**

#### **3.1 Caxias do Sul: uma nova experiência imigratória no Rio Grande do Sul**

Desde 1870, o governo imperial incentivou a vinda de colonos italianos para o Rio Grande do Sul. Pequenos agricultores, procedentes, em sua maioria, do Tirol, do Vêneto e da Lombardia, estabeleceram uma série de colônias, das quais a de Caxias foi a mais importante.

A colônia Caxias, fundada em 1875, sob o nome de Fundos de Nova Palmira, estava situada entre os Campos de Cima da Serra, ao Norte, e as colônias de Nova Petrópolis, Nova Palmira, Picada Feliz, ao Sul. Compreendia um território de 17 léguas quadradas. (MANFROI, 1975, p. 71)

No dia 20 de junho de 1890, Caxias foi elevada à categoria de município. Sua população e seu progresso não pararam de crescer. Uma questão que se deve ressaltar é o constante aumento da população nas colônias italianas. Manfroi (1975) destaca que a crescente população se deve à chegada de novos imigrantes e ao crescimento da taxa de natalidade das famílias já instaladas. O autor nos oferece uma ideia do número de habitantes no fim do século XIX e início do século XX:

Em novembro de 1879, a população da colônia de Caxias era calculada em 6.398 habitantes dos quais 5.238 eram italianos. No dia 12 de abril de 1884, Caxias foi emancipada do regime colonial, tornando-se o 5º distrito da Paz do município de São Sebastião de Caí. A população foi estimada em 10.591 habitantes. A 31 de dezembro de 1885, Caxias tinha 13.818 habitantes. (MANFROI, 1975, p.73)

Os principais problemas enfrentados pelos colonos italianos para desenvolver a sua economia eram o transporte, a distância dos centros consumidores, o desconhecimento do clima e das lavouras, assim como a concorrência com as outras colônias.

A colonização italiana iria, assim, lutar, de início, com um sem número de condições desfavoráveis. Entre eles os das terras menos aptas, da distância e da falta de vias de comunicação, do desconhecimento do clima e das lavouras tradicionais no meio, e principalmente, com a impossibilidade de situar-se razoavelmente em face dos concorrentes das baixadas, ocupantes de terras às portas do principal mercado consumidor e exportador da Província. (PELLANDA, 1956, p. 143)

A inauguração, em 1910, da linha férrea que ligava Caxias a Porto Alegre marcou o fim de sua dependência econômica com São Sebastião do Caí e foi o ponto de partida de seu expressivo crescimento comercial e industrial (MANFROI, 1975, p. 74).

Quando North (1959) afirma que o crescimento de uma região depende do sucesso de sua base de exportação, salienta que, entre as razões do crescimento de novas exportações, está o desenvolvimento dos transportes. Ressalta o papel dos transportes no crescimento da região porque a diminuição dos custos de transferência e de processamento provocará um aumento no rendimento e na competitividade dos seus bens de exportação, podendo competir com outras regiões. Por esse motivo, devemos destacar que o problema dos transportes, até a instalação da linha férrea, foi um gargalo para expandir a sua base de exportação.

Num primeiro momento, a economia, conforme Pellanda (1956), era de subsistência, constituída de produtos agrícolas, como milho, feijão, batatas, aveia. Devemos ressaltar que o principal produto da colônia italiana era o milho, já que a base da alimentação dos italianos era a polenta. A lavoura do milho representava 40% da produção total do Estado (PELLANDA, 1956, p. 143).

Devemos destacar que North não acreditava que todas as regiões deviam cumprir todos os estágios citados pela teoria da Localização e pela teoria do crescimento regional para atingir seu desenvolvimento. Mas citamos os estudos de outros autores que analisaram as origens da colônia italiana e falavam de estágios, para mostrar o início da agricultura em Caxias do Sul.

No começo, o município da Serra produzia os mesmos produtos que a região de colonização alemã do Estado, mas, as condições do solo e a concorrência com as outras colônias levaram Caxias do Sul à especialização na produção e comercialização do vinho.

Nasceu daí a prosperidade industrial que faria de Caxias, em poucos decênios, um dos maiores centros fabris do Rio Grande do Sul, não obstante a situação, distante, ao mesmo tempo, dos mercados de matérias-primas (exceto quanto ao vinho) e dos mercados consumidores. (PELLANDA, 1956, p. 145)

Dessa forma, conforme Pellanda (1956), as condições adversas da terra na qual foram instalados, a concorrência com as colônias alemãs, as habilidades dos agricultores em praticar

determinadas culturas representaram as causas iniciais da especialização no principal produto primário do município. Por tal motivo, mostramos o caminho que levou a determinada escolha, ou seja, à produção e processamento do vinho, a qual provocou determinados desdobramentos no processo produtivo de Caxias do Sul.

### **3.2 Caxias do Sul e o caminho do principal produto de exportação**

O desenvolvimento da vitivinicultura nacional estava ligado à imigração italiana da segunda metade do século XIX. Porém, os primeiros cultivadores do Estado de Rio Grande do Sul não eram italianos, mas, sim, franceses e açorianos, ambos estabelecidos nas atuais cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre.

Conforme Rodrigues (1972), a colônia de Sacramento era considerada um fator importante para a conquista e povoamento do território do Rio Grande do Sul, em meados de 1717, por esse motivo, colonos foram enviados pelos portugueses e começaram a cultura regular do trigo, de outros cereais e da vinha.

Dessa forma, os colonos portugueses introduziram o cultivo da videira na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Até o princípio do século passado, os parreirais cultivados no Rio Grande do Sul eram da espécie mediterrânea, vitivinífera trazida por portugueses da Ilha dos Açores. Segundo Gobatto (1950), as castas americanas, sobressaindo a Isabel, chegaram pouco antes da Guerra dos Farrapos. A uva Isabel era originária da Carolina do Sul. Pellanda (1950) atribuiu ao italiano Batista Orsi a fundação da vitivinicultura colonial em 1825, nos limites dos atuais municípios de São Leopoldo e São Sebastião do Caí. Porém, corresponde ao ano de 1870 o início da vitivinicultura com caráter industrial no Rio Grande do Sul.

Em 1875, com a chegada dos imigrantes italianos, começou o novo deslocamento para a zona de colonização italiana. Estudar o caminho do vinho representa um passo fundamental neste trabalho porque significa acompanhar o desenvolvimento da principal base de exportação de Caxias do Sul no primeiro século da colonização italiana.

Conforme os estudos realizados por Rodrigues (1972) e Gobatto (1950), a vitivinicultura como indústria rural foi exercida, em terras sulinas, pelas imigrações francesa,

no município de Pelotas, suíça e alemã, em São Lourenço do Sul, São Sebastião do Caí, Santa Cruz do Sul, Estrela e na região de colonização italiana: em Caxias do Sul, Garibaldi e Bento Gonçalves.

A vitivinicultura sempre esteve ligada ao sucesso da economia da colônia italiana de Caxias. Assim, Cavagnoli (1989) indica que, em 1881, na Exposição Agro-Industrial da Colônia de Caxias, eram expostas garrafas contendo vinho tinto, branco e graspa (aguardente do vinho) ao lado de ferramentas agrárias, utensílios domésticos e indústrias de produção local.

Para entender as especificidades da vitivinicultura, devemos analisar a relação entre duas figuras importantes na produção e comercialização do vinho, principalmente, no início do século XX.

### **3.3 Relações de produção na industrialização do vinho e os principais tipos de estabelecimentos**

A primeira figura era o colono, e a segunda personagem saliente era o comerciante. Os colonos produziam vinhos de forma artesanal nas cantinas domésticas, a uva era manipulada sem auxílios técnicos e a produção era realizada num processo rudimentar. O vinho era vendido ao comerciante, que, em algumas oportunidades, intervinha no processo, beneficiando o produto. Posteriormente, era comercializado em carretas até São Sebastião do Caí e, após, enviado até Porto Alegre. Os comerciantes vendiam-no na zona urbana de Caxias, em estabelecimentos denominados casas de negócios, onde se comercializavam diversos produtos, incluídos o produto-base de exportação. Como eram vendidos produtos dos mais variados tipos, como queijo, salame e, em geral, todo tipo de produto colonial, o comerciante não estava isento do imposto de indústrias e profissões vigente na época e também pagava uma taxa adicional porque funcionava como casa comercial.

Conforme Cavagnoli (1989), o comerciante no ramo vinícola, tornava-se vinicultor porque a sua função era recolher e embarrilar a produção elaborada pelos colonos viticultores. O comerciante beneficiava o vinho ao combinar diversos tipos e qualidade do produto em função da cor e dos teores de acidez, obtendo um produto homogêneo. Dessa forma, apesar de

contribuir para o beneficiamento do vinho, o comerciante se definia mais pela intermediação que pela produção.

Celeste Gobatto (1942) descreve o processo do vinho dizendo que, uma vez que o comerciante combinava as condições de comercialização do vinho com o colono e que era estabelecido seu preço, o vinho permanecia na cantina até a expedição. Às vezes, o vinho ia diretamente à estrada de ferro para o embarque. Em outras ocasiões, era reunido no depósito do negociante e misturado com outros e preparado para a expedição. O autor enfatiza que as (assim denominadas) “cantinas” dos comerciantes não faziam jus, rigorosamente, ao título, pois eram, essencialmente, depósitos de vinho para armazenamento.

Em *Manual do VitiVinicultor Brasileiro* Gobatto (1942, p. 74) explica que a cantina colonial geralmente destinada à produção de vinho que é vendido no mesmo ano em que a uva é vinificada, é geralmente composta de um único ambiente onde se encontram as tinas-pipas utilizadas para a fermentação do mosto e para a conservação do vinho, a prensa para a espremedura do bagaço, a bomba e os demais utensílios.

O autor descreve o que é um estabelecimento enológico. Conforme a sua descrição, quando a produção do vinho adquire determinado volume, então ela assume o caráter de verdadeiro estabelecimento enológico.

Nos tributos municipais, a cantina do negociante será encontrada como depósito de vinho e, como tal, sujeita aos impostos sobre indústrias e profissões pagos à intendência municipal de Caxias, a partir de 1913.

Também devemos diferenciar os alambiques dos depósitos de vinho. Os alambiques eram locais que serviam para a fabricação de graspa ou aguardente de vinho e que também contribuía com os impostos municipais.

Conforme Cavagnolli (1989), existia uma complementaridade entre os colonos produtores de vinho e os comerciantes, proprietários dos estabelecimentos onde eram realizados o armazenamento e a exportação do produto. Os colonos viticultores respondem a esse nome porque, com o passar dos anos, o comerciante toma mais espaço nas relações produtivas, e o colono é relegado à função de mero plantador e fornecedor de matéria prima.

Apesar da complementaridade das relações estabelecidas entre colonos e comerciantes, um fato estremeceu o vínculo entre os dois: a adulteração do vinho. Em 1911, os produtores de Caxias (colonos que armazenavam e fabricavam o vinho na zona rural) enviaram um relatório denunciando a adulteração do vinho e as suspeitas recaíram sobre o comerciante.

A ideia dos produtores de vinho para se resguardar dessa situação foi a de construir uma cantina onde seriam produzidos vinho, graspa e cremor tártaro. Também contaria com uma adega para a unificação dos vinhos.<sup>11</sup> A cooperativa tinha como função fabricar vinhos brancos e tintos e produzir, também, champanhe, conhaque e vermute. Porém, o cooperativismo não vigorou por muito tempo. Ele era visto como uma solução para enfrentar a desigualdade na relação entre os comerciantes e os produtores de vinho.

Entre 1913 e 1914, o cooperativismo desapareceu devido à má situação financeira e à má administração dos gestores da cooperativa, e, também ao conflito de interesses de produtores e negociantes. A cooperativa entrou em declínio em razão das dificuldades econômicas e pela ação dos comerciantes que se opunham à existência da cooperativa.

Outro acontecimento importante na história do vinho foi a criação do laboratório de análise, conhecido como laboratório de enologia. Assim, os vinhos eram analisados dias antes de seu embarque.

No período compreendido entre 1916 e 1918, verificamos um aumento de depósitos de vinho e tanoarias (local para a confecção de barris para acondicionamento do vinho) no município. Em 1916, eram 6 depósitos e 5 tanoarias; no ano seguinte, encontravam-se 22 tanoarias e 11 depósitos de vinhos e, em 1918, 25 tanoarias e 21 depósitos de vinho (conforme o livro de imposto 1903-1929 de indústrias e profissões da Prefeitura de Caxias do Sul).

Verificamos um crescimento das exportações (através da leitura da arrecadação de impostos), baseado num melhor aproveitamento dos produtos existentes e na expansão dos locais destinados ao beneficiamento do produto, significando o crescimento do setor na

---

<sup>11</sup> O Cooperativismo. O Brasil. *Jornal de Caxias*, n. 173, 23 mar. 1912, p. 1.



economia. Conforme Cavagnolli (1989), a exportação de vinho foi crescendo a partir de 1915, período da Primeira Guerra Mundial.

Porém, a exportação do vinho da Serra esteve marcada por altos e baixos devido à situações apresentadas no decorrer das primeiras décadas do século XX. Na história da Câmara da Indústria de Caxias (2001, p. 21) elaborada por Vânia Heredia e Maria Abel Machado, afirmava-se que um das questões que mais preocupou a Associação dos Comerciantes foi a questão da qualidade do produto, porque se tratava de um bem que ocupava os primeiros lugares na pauta das vendas do município e que começou a sofrer críticas por parte da imprensa gaúcha, que o tachava de vinho falsificado.

Em 1918, volta o problema da adulteração e, dessa vez, os acusados eram os comerciantes dos mercados de São Paulo e de Rio de Janeiro. A Associação dos Comerciantes, por sua parte, acusava os falsificadores de vinho do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde funcionavam fábricas de falsificação do vinho gaúcho. Essa situação provocou a queda das exportações de vinho do município.

Segundo Eberle (1985), a década de vinte do século XX caracterizou-se por profundas transformações ocorridas na vitivinicultura da região, a qual foi estimulada e alcançou o apogeu na época subsequente. Nesse período, a Estação experimental importou da França amostras de uvas, fato significativo para a produção de melhores safras de vinhos.

A partir de 1919, observou-se uma ligeira recuperação da produção até 1928, para depois cair em 1929. Conforme Giron (1977), a crise exportadora vinícola não esteve vinculada à Grande Depressão e, sim, ao monopólio exercido pelos produtores urbanos na demarcação dos preços do vinho.

### **3.4 Origens da indústria de Caxias do Sul**

Através da análise do documento a seguir, podemos desvendar o caminho do vinho, verificando se as indústrias do município derivam, de certa forma das indústrias vinícolas ou não. Tentamos verificar se o vinho originou desdobramentos que desencadearam outro tipo de

indústrias. Desse documento, pode se inferir, claramente, a relação entre o produto principal do município e o posterior desenvolvimento da metalurgia.

### **OCORRÊNCIA 3. Registros do museu e arquivo histórico municipal de Caxias do Sul. Abril de 1897**

Na origem da indústria metalúrgica encontramos os artesãos das pequenas oficinas de ferreiros e funileiros. As funilarias, empregando especialmente as folhas de flandres deram início à produção de baldes, panelas, jarras canecas, coadores de massa, “a medida para o vinho” e outros objetos de uso doméstico e uso agrícola.

Atendendo às necessidades dos colonos, foi desenvolvida também a produção de máquinas de sulfatar, parreirais, alambiques para produzir graspa, trilhadeiras para o trigo, carroças, serras entre outros artigos.

O cobre passou a ter aplicação por excelência no campo doméstico. As particularidades deste material principalmente a sua maleabilidade permitiram técnicas de moldagem semelhantes.

O cobre foi utilizado em funções menores. Por homens rudes que não tinham a dignidade de sentaram-se à mesa e servirem-se em recipientes fabricados com metais nobres.

Acompanhou milhares de bagagens quando seus donos deixavam seus locais em busca de melhores condições de vida.

#### De pai para filho

Foi exatamente assim que os primeiros baldes, panelas, jarras, canecas, chegaram a esta região. Como esses homens eram acostumados a fazer suas próprias coisas acumulando múltiplas funções - arar a terra, confeccionar cestos, sapatos, fabricar móveis.

O surgimento das oficinas ocorreu espontaneamente, quase ao ritmo do povoamento. As funilarias foram se multiplicando e nelas os artesãos reproduziram seu universo cultural através de experiências secularmente aprendidas.

#### Cobre, uva e vinho.

Mas é na vitivinicultura que a sua aplicação encontrará características peculiares na região nordeste de colonização italiana. Em torno desta atividade foram criadas: máquinas de sulfatar, parreirais, a medida (unidade padrão equivalente a 3,75 litros) pela qual se baseava sua produção vinícola, alambiques, sendo compostos de papelão, chapéu e serpentina de onde saía a graspa. O rápido desenvolvimento das cantinas multiplicou o trabalho dos funileiros.

#### Novos mercados

A população não adquiria o grosso da produção das funilarias. O destino era os campos de Vacaria, São Francisco de Paula. Como na vitivinicultura, o cobre era utilizado nos artigos sacros.

Adquirindo a funilaria de seu pai em 1896, Abramo Eberle fornece a primeira funilaria referente à produção de artigos de cobre.

As lamparinas, lampiões, canecas, funis e as medidas para vinho, feitas aí, vinham atender às necessidades dos colonos. Evoluindo para metalúrgica e produção em séries, o espaço deixado por Eberle foi sendo preenchido por funilarias que praticariam a atividade de forma semiartesanal. Entre elas se destacam a de Augusto Hubner que atuou de 1903 a 1927.

Essa importante fonte primária de dados explica a conexão direta entre o vinho e a metalurgia. Segundo o que foi transcrito anteriormente, a metalurgia começou com pequenas oficinas que fabricavam pequenos objetos para uso doméstico, para uso agrícola, e,

especialmente, utensílios que serviam para a produção do vinho. Num momento posterior, fazia-se referência à relação entre cobre, uva e vinho. Aqui fica explícito que as funilarias se originaram a partir das necessidades do vinho. As máquinas de sulfatar, os alambiques, as medidas do vinho eram elaborados a partir das demandas dos produtores vitivinícolas.

Num primeiro momento as funilarias eram oficinas artesanais que produziam para o mercado interno, para a região, mas, logo depois, o produto era exportado para os Campos de Vacaria e São Francisco de Paula. Ressaltamos que Abramo Eberle foi um pioneiro na metalurgia, um precursor nesse setor e foi abrindo caminhos para outras oficinas que, posteriormente, produziram em série.

Nas memórias do Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul, descreve-se que os primeiros artesãos eram os primeiros instrutores profissionais. Várias crianças, filhos de agricultores, eram enviadas às oficinas e, como aprendizes, iam ingressando no mercado de trabalho que cresceu e se formou pelas necessidades originadas da produção agrícola e dos próprios hábitos trazidos da Itália. Assim, em fins do século XIX, já se produziam máquinas de sulfatar, alambiques, máquinas agrícolas, móveis, selaria, chapéus, vestuário, cerveja, tigelas, inseticidas, lampiões e lamparinas, além dos vinhos, da farinha de trigo e milho, dos salames e queijos. Conforme o relato encontrado no arquivo municipal, uma das causas do crescimento e expansão dos artesanatos e manufaturas foram as pequenas oficinas que cresciam, e o dinheiro, obtido no trabalho nas pequenas funilarias, transformou-se em capital para investimentos de maior amplitude.

Devemos ressaltar que não existe uma única explicação para o surgimento da indústria em Caxias. Para poder descobrir quais foram as motivações e as origens, devemos estudar e analisar as particularidades. Para exemplificar as nossas afirmações gostaríamos de resgatar a história de Pieruccini e a de Eberle. O primeiro caso refere-se ao dono de cantinas de vinho e, no segundo caso, fala-se de Eberle, que se transformou no proprietário da conhecida metalúrgica Eberle Ltda. Entendemos que dois aspectos importantes contribuíram para a expansão comercial e para a industrialização. Em primeiro lugar, a diversificação de investimentos e, em segundo lugar, a associação com outros empresários. No caso de Eberle, o dono da metalúrgica atuou em diversas atividades e ligado a vários sócios. Em 1905, constituiu a firma Eberle, Triches & Cia., que atuava no comércio de ferro em geral. No mesmo período, criou a firma Eberle, Bochengbert & Cia., voltada para o setor de joalheria.

Em 1920 instituiu a firma Eberle, Mosele & Cia., especializada na produção de ferramentas. Em 1923, passou a atuar na especulação imobiliária. Assim, percebemos que vários empresários locais juntaram seus escassos recursos e criaram novas firmas em atividades, por vezes inexploradas ainda, o que ampliou as possibilidades de obter lucros de diferentes atividades.

Antonio Pierruccini, por sua vez, além de agricultor e vitivicultor, dedicou-se à transformação de produtos suínos, tais como salame tipo italiano, mortadela, presunto e outros, com uma produção de cem mil quilos em 1925. Conforme Eberle (1985), Antonio Pieruccini levou uma partida de vinho até São Simão, pequena cidade paulista, transportando-a através do norte do Rio Grande, Santa Catarina, Paraná. Pieruccini foi o primeiro que abriu novas possibilidades ao conquistar mercados para o vinho de Caxias, fora do Estado.

Outro exemplo de firma que se originou do artesanato e que se expandiu utilizando a estratégia de diversificar a produção e de diferenciar produtos foi a de Evaristo de Antoni. Em 1894, seu pai fundou a primeira fábrica de molhadeiros do Estado. Este aprendeu com o pai a profissão e deu continuidade ao seu trabalho, após a sua morte. Além de a fábrica produzir quatro tipos de trilhadeiras, tinha uma seção de fundição, outra de máquinas para serrarias, serras circulares e uma terceira dedicada à parte de carpintaria e fabricação de carroças.

Para poder ter uma ideia da magnitude do desenvolvimento das principais indústrias de Caxias, seria bom fazer um relatório das principais firmas instaladas no município desvendar a origem das mais importantes empresas industriais em Caxias do Sul.

### **3.4.1 Estudo de casos: principais empresas de Caxias do Sul que propiciaram o desenvolvimento da indústria.**

Para poder analisar se, efetivamente, as indústrias do município surgem a partir da indústria vinícola, faz-se necessário estudar determinadas particularidades de empresas que foram bem-sucedidas nas suas atividades, para tentar conseguir uma resposta. Desta forma, nesta parte deste trabalho, reunimos as principais empresas para entender a dinâmica e o processo da industrialização no conjunto.

Em 1896, teve início a Metalúrgica Abramo Eberle S.A., que, na década de 1950, representava uma das maiores conquistas da indústria brasileira e exportava para o exterior, principalmente, para a América do Sul e Europa. (Álbum Comemorativo da cidade de Caxias do Sul, 1957).

No ano de 1957, a quantidade de operários era de 1800, ocupava um quarteirão inteiro, de 16.724,85 metros quadrados. Entre seus principais itens de fabricação, destacavam-se os seguintes: artefatos de metal e ferro para montaria, artigos para fábricas de artefatos de couros, artigos para ourivesaria, ferragens para moveis, ferragens para camas e fogões, ferragens militares, artigos religiosos, motores elétricos Eberle (que era uma marca registrada), talheres e cutelaria fina e artigos de metal e ferro para variados fins.

As empresas metalúrgicas têm se originado em virtude do vinho e formam parte dos encadeamentos produtivos. A fabricação de trilhadeiras, de máquinas agrícolas, de sulfatar são exemplos de máquinas locais que são destinadas a trabalhar na produção vitivinícola. Muitas dessas empresas são centenárias. O sucesso da metalurgia deve-se, conforme, os próprios donos, num primeiro momento à fabricação de produtos bem-acabados, utilizando matéria-prima de qualidade superior e, num segundo momento, limitando o mais possível as margens de lucro.

Outra causa da expansão das empresas metalúrgicas foi o emprego de tecnologias que aumentassem a produção. As tecnologias caracterizavam-se por utilizar os próprios recursos aplicando de forma diferente ou trabalhando numa forma diferente. No caso da Metalúrgica Eberle possuía uma verdadeira central-elétrica que proporcionava à fábrica absoluta autonomia no que diz respeito à força motriz.

Conforme o jornal Pioneiro (2001), a Eberle era a única empresa, entre as centenárias de Caxias do Sul, que não estava nas mãos da família original. Em 1985, foi adquirida pelo grupo Zivi-Hercules, depois de uma crise que quase a condenou à extinção. Depois da fusão, a fábrica da Eberle mundial em Caxias ficou responsável pela produção de motores de alto rendimento e de componentes de fixação (botões, ilhoses, rebites, enfeites metálicos e estampados de precisão. Os motores são exportados para os Estados Unidos e para países da Europa e da África

Das informações apresentadas anteriormente, podemos entender que a funilaria que o pai de Abramo Eberle fundou, originou-se a partir das necessidades do vinho. A produção dos alambiques e as máquinas de sulfatar respondiam ao processo de produção vitivinícola. O sucesso dos negócios levou Abramo Eberle a ampliar seus investimentos e a diversificar sua produção, fazendo da metalúrgica uma firma próspera a partir de uma simples funilaria. Este caso é bem significativo na relação do vinho e outras indústrias, porque Eberle era um produtor e comerciante de vinho e, ao mesmo tempo, tinha uma funilaria que foi possível graças aos ganhos no vinho. Também soube aproveitar as oportunidades do lugar porque existia todo um mercado religioso apto para comprar seus produtos, então decidiu produzir peças de arte. Constantemente abriu novas janelas e diversificou dentro do mesmo setor. O tipo de produto permitiu o desenvolvimento de outras atividades industriais, já que o lucro proveniente das atividades vinícolas possibilitou a abertura de novos investimentos em outras atividades. Num momento posterior de sua história, a empresa se ajustou às novas diretrizes da economia nacional e mundial expandindo ainda mais sua produção.

Penrose (1962) entendia que a empresa empreendedora empregava parte de seus recursos para investigar os possíveis caminhos de expansão lucrativa. A história da Metalúrgica Eberle se resumia a essa situação porque, desde o início, buscava novas oportunidades produtivas para se expandir. Essa capacidade empreendedora redundava na indústria de Caxias do Sul

No que se refere às empresas alimentícias, selecionamos a empresa Moinhos Germani como uma empresa que foi um representante importante do setor. Seu fundador, Aristides Germani tinha trabalhado no Moinho Tonzini ainda na Itália, onde adquiriu conhecimentos relativos ao cultivo e industrialização do trigo.

Os Moinhos Germani foram os precursores da instalação de um sistema de moagem a cilindros, montando, também um dínamo com o qual inauguraram a iluminação elétrica na Colônia (Álbum Comemorativo, 1957, p. 193).

Na década de 40, foi instalado um moinho na capital do Estado. Em 1949, foram construídos, junto ao Moinho em Porto Alegre, os primeiros silos em concreto armado. Em 1953, o Moinho Germani instalado em Caxias do Sul equipou-se com grandes silos que colaboraram com a preservação das safras de trigo no município.

Conforme o site institucional da empresa, em 1998, foi incorporada ao Conglomerado Industrial Francisco Stedile e passou a chamar-se Germani Alimentos Ltda. O grupo Francisco Stedile é conhecido nacionalmente por sua atuação na área metal- mecânica através da Agrale, que produz maquinarias agrícolas.

Devemos lembrar que a especialização inicial no trigo também era uma característica do município. Faz parte das atividades originais dos imigrantes italianos, e a instalação dos moinhos e, posteriormente, a fabricação de produtos alimentícios faziam parte da cultura local. O vinho e o trigo sempre se complementavam. Assim como o processamento e industrialização do vinho, o beneficiamento do trigo foi uma das primeiras indústrias existentes no município. Devemos destacar que a indústria alimentícia era o caso da bem-sucedida cadeia alimentícia que se situou no local, existindo todos os encadeamentos da cadeia, desde a matéria- prima até a distribuição do produto final em outros mercados.

Para representar a tradicional indústria de Caxias do Sul, escolhemos a Sociedade Vinícola Caxiense, que em 1950, era considerada a maior organização vinícola de Brasil. Foi fundada em 1929, por uma necessidade da época e de seus associados. A Sociedade Vinícola Rio Grandense Ltda. mantinha indústrias subsidiárias, produzindo o que era necessário para a produção e engarrafamento de vinhos.

As indústrias madeireiras, tais como a Indústria Madeireira Limitada e a Gerthal S.A., eram um exemplo de indústrias que estiveram, desde no início, nas atividades econômicas do município. O beneficiamento de matéria-prima, a fabricação de materiais de construção e de móveis foram uma constante no processo de industrialização do município.

A partir do desmatamento, para a construção das primeiras casas na colônia, essa atividade surgiu como uma necessidade da própria subsistência dos primeiros imigrantes e logo depois, se transformou numa das principais atividades artesanais e depois, industriais de Caxias. Apesar de ser uma atividade independente, a madeira foi utilizada na fabricação de tonéis para o depósito e conservação do vinho. Assim, era uma atividade vinculada à produção do principal produto primário nesse local.

A partir de 1955, houve mudanças na indústria de Caxias do Sul. Verificaram-se fusões, absorções e incorporações de empresas. Nesse período, surgiam as empresas, que posteriormente, iriam produzir autopeças, ônibus e carrocerias que iriam formar a cadeia metal-mecânica e cujos produtos já traspassaram as fronteiras locais e competem em nível mundial.

Para entender como foi a mudança do perfil da indústria a partir da industrialização pesada, mostramos a trajetória de Marcopolo, que indica como foi o início e o desenvolvimento dessa importante empresa. A origem da empresa remonta à fundação da firma Nicola & Cia.Ltda. em Caxias do Sul, no ano de 1949. *Nicola* era o sobrenome da maioria dos sócios.

Conforme o informe do jornal Zero Hora (2008), a empresa surgiu a partir de uma ideia de um grupo de amigos que decidiu converter uma oficina de pintura de caminhão em fábrica de ônibus e demorou três meses para completar a primeira unidade. Segundo o depoimento do pioneiro da empresa, Paulo Bellini, o início foi precário porque não havia chassis para ônibus, só para caminhão. Penrose (1962) entende que, de acordo com a teoria de crescimento da firma, a direção da empresa é uma peça fundamental. É justamente esse fator que faz a diferença nos objetivos de se expandir, ou não, de crescer, ou não.

Em outro depoimento, o atual presidente do conselho de administração afirma que foi preciso muito jogo de cintura para se adaptar às circunstâncias, já que, no início, onde estava instalado o pavilhão onde se construíam os ônibus, não havia energia elétrica. Era preciso um gerador com motor a diesel para garantir a solda das peças. Conforme as suas palavras, o que impulsionou o crescimento da empresa foi o lançamento da indústria automobilística. “A opção pelas rodovias deu grande impulso, mas sobravam obstáculos”. Nesse caso, a expansão foi dada pelas condições externas, e pelo aproveitamento dos recursos internos da empresas.

Uma outra causa que provocou a expansão de Marcopolo foi a criação de instrumentos de créditos na passagem do Ministro de Planejamento, Roberto Campos, durante o período 1964-1967. Em 1971, o nome da empresa foi alterado para Marcopolo S.A. Carrocerias e Ônibus. A partir da década de 70, ocorreram importantes fatos que levaram a empresa ao crescimento paulatino durante esses anos. Em 1978, a empresa começou a cotizar em bolsa as



ações na BOVESPA e, em 1981 ocorreu a inauguração da unidade Ana Rech, em Caxias do Sul, pelo presidente João Figueiredo.

Na década de 80 e início de 90, foram inauguradas filiais da empresa em Coimbra, em São Paulo e na Argentina. Para o ano de 2007, a empresa possuía quatro plantas no Brasil - duas em Caxias do Sul, uma no Rio de Janeiro, outra em São José dos Pinhais e cinco no exterior: África do Sul, Colômbia, México, Portugal e Argentina (onde a unidade está temporariamente desativada).

Conforme a revista Exame, a Marcopolo é líder mundial na produção de carrocerias de ônibus. Com faturamento de 2,13 bilhões de dólares, conforme o jornal Zero Hora (2008), a empresa acaba de firmar duas parcerias com o objetivo de atender melhor a dois dos mercados mais promissores, o russo e o indiano. "Com o real valorizado, perdemos competitividade internacional. A solução foi instalar novas unidades lá fora", diz Paulo Bellini, presidente do conselho de administração da empresa. Na Rússia, a Marcopolo firmou parceria com a Ruspromauto, a maior montadora local de veículos. A Marcopolo entra com a montagem das carrocerias, e a parceira, com os chassis e as instalações industriais. Na Índia, a associação foi com a Tata Motors, a maior montadora indiana, fato acontecido em 2006, que fornecerá tecnologia e cuidará das vendas - a Marcopolo será responsável pelos processos de produção e desenvolvimento de novos modelos.

Uma outra empresa que representava as transformações da indústria de Caxias do Sul é a Randon. Esta empresa surgiu como uma modesta oficina mecânica de ferramentas agrícolas. Em dezembro de 1952, os irmãos Randon (Raul e Hercílio) associaram-se ao mecânico de automóveis, Primo Fontebasso, e constituíram a Mecânica Randon Ltda., com capital de Cr\$150.000,00, dividido em partes iguais entre eles. O objeto social era "Oficina mecânica, fabricação e comércio de peças e consertos em geral e tudo o que mais convier". Era, pois, o início do segmento de autopeças. Em 1954, Fontebasso, por motivos de saúde, deixou a sociedade que continuou com a direção dos dois irmãos Randon. A Mecânica Randon evoluiu, nas décadas de 1950 e 1960, no mercado interno, com tecnologia própria, desenvolvida para atender à crescente demanda oriunda do desenvolvimento brasileiro e da conseqüente necessidade de transporte rodoviário de cargas. Havia carência de peças de reposição para a crescente frota de caminhões importados. As oficinas mecânicas e ferrarias, pequenas e rudimentares, passaram a fabricar peças vitais para os motores, tais como pistões,

anéis, comandos de válvulas. O trabalho era artesanal e dependia das habilidades e da criatividade pessoal. Foi nesse contexto que a Mecânica Randon deu seus primeiros frutos. Em 1960, com a crescente demanda de caminhões pesados, iniciou-se a fabricação de semirreboques de um e dois eixos, para cargas secas e líquidas. Conforme Penrose (1962), a diversificação pode ser na área na qual estava especializada ou em outras novas. Cada tipo de atividades que emprega- maquinarias, processos, conhecimentos e matérias-primas- que sejam complementárias e se relacionem ao processo de produção, formam um conjunto que se denomina base de produção. A autora (1962) esclarece que a diversificação se produz de todas as formas, tanto dentro como fora das áreas de especialização. São poucas as empresas que não se diversificaram em absoluto.

Num primeiro momento, do início do século XX até a década de cinquenta, a indústria estava voltada, basicamente às indústrias de bens de consumo, especialmente, a indústria vitivinícola, alimentícia, madeireira, têxtil. Vale destacar que a indústria metalúrgica, também uma das precursoras do processo de industrialização, foi crescendo paulatinamente, lado a lado desses gêneros da indústria, ocupando sempre um lugar de destaque. A partir da década de cinquenta e início da década de sessenta, mudou o perfil, e, iniciou-se a expansão do setor de bens duráveis. Portanto, devem ser considerados dois momentos na industrialização do município. Num primeiro momento, o sucesso da indústria deve-se ao vinho como produto-base de exportação que induziu ao desenvolvimento de outras atividades.

Como foi destacado anteriormente, até a década de cinquenta, muitas indústrias fabricavam produtos que eram utilizados na produção e fabricação do vinho, e outras indústrias indiretamente se beneficiavam da cadeia produtiva do vinho. Devemos ressaltar que muitas das principais indústrias que apareciam no Álbum Comemorativo da Cidade em 1957, não existem mais nos dias atuais. Muitas fecharam as suas portas e outras foram compradas por grandes grupos e mudaram a sua composição societária, sua razão social e muitas fabricam novos produtos em conformidade com os tempos atuais.

Num segundo momento, o sucesso da indústria deve-se mais à expansão da indústria automobilística, à produção de peças de material de transporte e ao crescimento da indústria metal-mecânica. Conforme foi observado no decorrer da análise efetuada, o último período da história da indústria em Caxias do Sul, caracteriza-se pela presença de grandes grupos econômicos, que são, principalmente, os líderes em exportação de produtos e arrecadação de

impostos no município, e também pela existência paralela de pequenas e médias empresas, que também usufruem dos arranjos produtivos existentes no local.

Com o objetivo de ilustrar as fusões e incorporações acontecidas para o período de 1995-1996, mostramos as principais empresas que lideravam a indústria em Caxias do Sul.

Desde o início da industrialização pesada, muitas das empresas que iniciaram com um pequeno capital investido transformaram-se em grandes empresas de capital aberto, com reconhecimento tecnológico mundial e mercado continental. Outra característica é que muitas dessas empresas são controladoras de outras empresas ou são firmas controladas por grandes grupos localizados no país e no exterior.

Quadro 5 - Incorporações e alterações no controle acionário das firmas líderes em exportação

Firma	Características
Marcopolo	Assumiu o controle acionário das concorrentes. Elizário S.A. de Porto Alegre, em 1970 e Nímbus de Caxias do Sul em 1977
Randon	Assumiu o controle acionário total da concorrente local ,Rodoviária S.A., em 1977 e em 1996 assume o controle de Fras
Eberle	Incorporou a concorrente, em cutelaria,: Metalúrgica Bellini de Caxias do Sul em 1979. Em 1984, a Metalúrgica Abramo Eberle foi vendida ao grupo Invesplan. Em 1986,o controle acionário de Eberle foi adquirido pelo grupo Zive constituído pelas empresas Hercules Mundial de Porto Alegre concorrente em cutelaria.
Francisco Stedile	Comprou o controle acionário de Agrisa em 1965, a qual que deu origem à Agrale S.A. -Fras-Le S.A. adquiriu o controle acionário dos concorrentes,;Lonaflex ,de São Paulo, em 1980; - Frenblock de Bs.As em 1990, e Agrale S.A., em 1995 (empresas do grupo)
Enxuta	Transfere parte de suas ações para Citibank e outros Bancos no início da década de 90.

Fonte: Frizzo ( 1997, p. 171.) Informação obtida através de entrevistas e questionários feitos poraquele autor entre 1994 e 1995.

Analisando as fusões, absorções e incorporações, Penrose (1962) sugere que a análise econômica considera as fusões como um meio de reduzir ou de estabelecer uma situação monopolística. O termo *fusão* se refere a qualquer método de combinar empresas existentes: a) a absorção de uma empresa por outra; b) a combinação de duas empresas em termos idênticos; c) a reorganização de uma indústria inteira por intermédio de uma integração de todas suas empresas. A fusão, como método de expansão de uma empresa individual, pertence só à primeira classe que foi citada anteriormente. As outras duas formas de fusão representam algo mais que uma simples expansão, e a autora as denomina de combinação e consolidação.

Quando se fala do segundo caso de fusão, ou seja, a combinação de duas ou mais empresas para formar uma nova empresa, chega ao fim o processo de expansão considerado como o crescimento de uma empresa só. Os casos da indústria de Caxias do Sul não se enquadram nesse caso porque a maioria assume o controle acionário de outras firmas.

A razão pela qual decide-se vender uma empresa é diferente quando se refere a uma empresa pequena, ou, a uma empresa de grandes dimensões. Quando se trata de uma pequena empresa, são mais importantes a posição pessoal dos proprietários, as razões fiscais, a liquidez das fortunas pessoais, as desvantagens financeiras e outras considerações similares. No caso da grande empresa a razão principal é a oportunidade produtiva. “Porque, en general, tal venta depende de que existan mejores empleos alternativos para los servicios productivos de los que dispone la empresa” (PENROSE, 1962, p. 192).

Além de considerar o emprego dos recursos, Penrose (1962) coloca o mercado como uma influência considerável sobre o processo de crescimento das empresas. O mercado facilita a diversificação, porém evita que a empresa cresça de uma forma excessiva. Para determinada empresa, talvez seja a melhor opção vender antes do que diversificar, depende da análise da opção mais lucrativa para cada proprietário. “Siempre han existido empresas cuyos planes grandiosos les han llevado a situaciones difíciles” (PENROSE, 1962, p. 196).

O que nós notamos que foi realizado pelas principais empresas de Caxias do Sul foi a absorção de empresas, ou seja, o primeiro caso enunciado por Penrose (1962). Conforme essa autora, esse tipo de operações entre empresas é uma forma mais eficaz de crescer e de conseguir resultados notáveis em um tempo relativamente curto.

Segundo a autora, para o estabelecimento ou expansão de uma empresa por meio da absorção, precisamos de algo mais do que serviços puramente financeiros e empresariais. Uma vez iniciada a empresa, tem que ser realizada a tarefa de organizar. O sucesso ou o fracasso das fusões industriais depende de vários critérios. Desde o ponto da autora, a fusão tem sucesso se consegue criar uma organização industrial maior, que sobreviva e proporcione a base para um crescimento futuro. Se a empresa adquirente é maior que a empresa adquirida, menores serão as dificuldades diretas da integração.

Conforme Penrose (1962), no caso das empresas pequenas, são mais vulneráveis e devem conformar-se com as oportunidades que se apresentam e que oferecem poucas perspectivas de expansão continuada. As empresas grandes e antigas têm muitas vantagens competitivas sobre as empresas menores e novas, qualquer que seja a capacidade da direção destas últimas. Sua clientela é mais extensa, sua posição no mercado do capital é mais forte, e seus fundos próprios, mais amplos. As grandes empresas têm maiores vantagens sobre as pequenas nas indústrias nas quais a produção em grande escala é mais eficiente. Essa vantagem conduz as pequenas empresas a se especializar em determinada classe de atividade.

### **3.5 Períodos da indústria de Caxias do Sul**

Num primeiro momento, analisaremos o período que se estende, desde o início da industrialização em Caxias, até 1933, aproximadamente, conforme os dados recolhidos. Posteriormente, estudaremos o período desde 1933 até 1955 e, num terceiro momento, o início da industrialização pesada até os nossos dias.

Para poder contextualizar a história da indústria do município, utilizaremos a periodização que fez Cardoso de Mello (1988) na sua obra *O Capitalismo Tardio*. Num primeiro momento, o período de 1888 a 1933 marca o nascimento e a consolidação do capital industrial. Esse período é caracterizado pela emergência e crescimento de um segmento industrial subsidiário às atividades de exportação e dependentes das mesmas. A partir dos primeiros anos da década de 30, inicia-se o processo de industrialização propriamente dito, marcado pela instalação e crescimento acelerado do Departamento produtor de Meios de Produção. A industrialização brasileira até meados dos anos 50 será caracterizada pela incompletude desse Departamento e pelas restrições à importação de maquinaria em função

das circunscrições na disponibilidade de divisas. Por isso mesmo, esse período foi denominado por Cardoso de Mello como “industrialização restringida”.

Uma nova fase inicia a partir de 1956, caracterizada pelo ingresso e rápida expansão de empresas estrangeiras no Departamento produtor dos Meios de Produção, com a concomitante especialização dos investimentos públicos na produção e oferta de insumos básicos (siderurgia, combustíveis e Serviços Industriais de Utilidade Pública) o que vai acelerar a industrialização pesada. Ao longo desse processo, o Brasil consolida a internalização do referido Departamento, de forma que a dinâmica da economia nacional passa a ser essencialmente determinada pela dinâmica interna de acumulação de capital.

### 3.5.1 Emergência e crescimento industrial

Dando sequência à periodização da indústria, conforme foi desenvolvida por Mello (1982), estudaremos o primeiro momento da indústria de Caxias do Sul através da análise dos contribuintes do Imposto de Indústria e Profissões, correspondente ao fim de século XIX. No Quadro 6, podemos observar quais eram as principais atividades desenvolvidas pelos colonos italianos.

Quadro 6 – Número de Contribuintes do Imposto de indústrias e profissões para o período 1893-1894

Gênero	1893	1894
Negócio	3	6
Açougue	2	2
Funilaria	1	2
Carretas	3	3
Botequim	3	3
Selaria	1	1
Alambique	5	5
Serraria	6	6
Padaria	3	3
Curtume	2	1
Moinho	7	6
Sapataria	3	3
Depósito de Vinho	1	1
Depósito de Madeira	1	1
Fábrica de Massas	1	1
Marcenaria	1	1
Sapataria	1	1
Livraria	1	1
Ferraria	3	4
Engenho de Cana	1	1
Venda de Vinhos	1	1

Cervejaria	--	3
Chapéus de Pano	--	1
Olaria	---	1
Hotel	--	1
Café	--	1
Alfaiataria	--	1
Fábrica de Chapéus	--	1
Fábrica de licor	---	1
Fábrica de sabão	---	1

Fonte: Livro de impostos de indústrias e profissões, 1892-1893; 1893-1894.

Em primeiro lugar, devemos ressaltar que os dados foram extraídos dos registros efetuados pela prefeitura de Caxias do Sul. Nesses registros, não apareciam os valores arrecadados. Só figurava o número dos contribuintes e das atividades exercidas. Devemos salientar também que para esse período, a classificação das atividades era muito precária, mas dava uma ideia da economia do município no fim de século XIX. No caso dos denominados “negócios” e “depósitos de vinho”, do Quadro 6, devemos presumir que nesses lugares eram realizadas certas transformações que beneficiavam o vinho, razão pela qual consideramos que tributavam o imposto correspondente à indústria.

O principal dado que possuímos, conforme a história da base de exportação do município, era que os depósitos de vinho e os alambiques representavam os estabelecimentos que, posteriormente, iriam dar origem à importante indústria de bebidas do município. De Boni e Costa (1984) salientavam a importância da figura do comerciante no início da colonização e sua participação no crescimento industrial da região. Referindo-se à expressão *casa de negócio*, explicavam-na desta maneira:

Sua “casa de negócio” diferia muito de uma firma comercial moderna, assemelhando-se mais a um misto de supermercado, banca transportadora e manufatura de produtos agropecuários. Na casa de negócio, o colono encontrava tudo o que necessitava [...]. Nos livros de contabilidade do comerciante, havia uma página para cada freguês, anotando-se nela, como crédito do cliente, a safra que foi entregue, e como débito, as compras que iam sendo feitas durante o ano. Muitas vezes, o colono entregava até suas economias em dinheiro ao comerciante, e este, de sua parte, fazia pagamentos a terceiros em nome do colono. (BONI; COSTA, 1984, p. 213)

As denominadas “casas de negócios de secos e molhados”, responsáveis pela comercialização de gêneros coloniais<sup>12</sup>, vão nos indicar, de certa forma a importância do vinho na arrecadação, mas devemos esclarecer que, como esse produto era isento de impostos, seu valor na participação total era subestimado<sup>13</sup>.

No mesmo sentido, Giron (1977) examinou os dados do livro de impostos referentes ao ano de 1899, o qual, pelo fato de ser uma fonte direta muito bem conservada no arquivo de Caxias do Sul, serviram de base para outros estudos. Nessa análise, a autora concluiu que a economia regional estava baseada nas indústrias de bens de consumo para trabalhadores, destacando-se, principalmente, a indústria vinícola, a tritícola e a madeireira. Devemos indicar que a produção do vinho nas colônias italianas era artesanal.

Em sua pequena propriedade rural, o agricultor desenvolvia a policultura e cuidava de seu parreiral, transformando a uva em vinho num pequeno espaço de sua moradia, que ainda não poderia ser chamada de cantina. (NOR; BALDISEROTTO, 1997, p. 62)

As próximas informações que possuímos são referentes ao exercício de 1910 e incluem os nomes dos proprietários e o importe arrecadado do imposto. Devemos ressaltar que muitos gêneros da indústria não eram gravados com esse tributo, mas as atividades que tributavam impostos nos proporcionam indícios do crescimento industrial em Caxias do Sul no início do século XX. A análise dos livros de impostos e leis orçamentárias municipais permite observar o aumento dos investimentos e de concentração de capital em certos gêneros das indústrias de Caxias do Sul.

Conforme Adami (1971), no ano de 1910, destacavam-se os estabelecimentos vitivinícolas das firmas Bisol & Cia, Antonio Pieruccini e Domingos Tronca, a fábrica de tecidos de lã, de Ercules Galo, um moinho a vapor, da firma Lermen, e outro hidráulico, iluminado à luz elétrica, de propriedade de Aristides Germani.

Coincidindo com as palavras de Adami, pela pesquisa nas fontes primárias realizada neste trabalho, dos dados obtidos através da leitura dos livros de impostos de 1910, podemos

---

<sup>12</sup> Livros de Impostos de Indústria e Profissões. Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelos intendentes do município. Caxias do Sul, (1903-1929). Livros de Orçamento Municipal Caxias do Sul (1911-1936).

<sup>13</sup> Deve-se salientar que ficaram isentas de impostos por dez anos as terras ocupadas por vinhedos, sendo isentas do imposto de indústria e profissões, do imposto de exportação de lenha para combustível e do imposto territorial.



inferir que os principais estabelecimentos localizados na colônia de Caxias do Sul eram os depósitos de vinhos, os alambiques, os moinhos e as funilarias. “Com o incremento da vitivinicultura, abriram-se perspectivas para uma indústria de sustentação, fornecedora de instrumentos e máquinas para o cultivo e elaboração deste produto” (FRIORI; MIORANZA, 1975, p. 76). Na opinião desses autores, ficava expressa a ideia de que com o vinho se deram as condições para o aparecimento de outros tipos de indústrias que, ou forneciam insumos, ou vendiam mercadorias para o mercado consumidor articulado a partir do produto principal da economia da colônia de Caxias.

A fim de avaliar a consistência dessa hipótese central, trabalharemos com a indústria em seus diversos períodos e analisaremos as suas características. A seguir, apresentaremos as principais indústrias do município em 1910, segundo o Quadro 7, tentando identificar as origens sociais dos proprietários desses estabelecimentos conforme os registros contábeis do município.

Quadro 7 - Lançamento dos contribuintes do imposto de indústria e profissões da intendência municipal de Caxias no exercício de 1910

Gêneros do imposto de indústrias e profissões	Total de imposto arrecadado por setor	Percentual de imposto arrecadado por setor
Alambique	242.000	18%
Alfaiataria	30.000	2,25%
Carpintaria	15.000	1,12 %
Carretas	101.000	7,59 %
Curtume	70.000	5,26 %
Fábrica de barro	12.000	0,90 %
Fábrica de gasosa	30.000	2,25 %
Fábrica de cadeiras	20.000	1,50 %
Fábrica de cerveja	60.000	4,51 %
Fábrica de moer e torrar café	25.000	1,88 %
Fábrica de salames	25.000	1,88 %
Ferraria	145.000	10,90 %
Fundição	170.000	12,78 %
Funilaria	75.000	5,63 %
Moinho	150.000	11,28 %
Ourivesaria	60.000	4,51 %
Ourivesaria c/ artigos estrangeiros	45.000	3,38 %
Selaria	30.000	2,25 %
Serraria	25.000	1,88 %
	1.330.000	100%

Fonte: Livro de Contribuintes do Imposto de Indústrias e Profissões no exercício de 1910.

Pelo visto anteriormente, os gêneros que mais arrecadavam eram os produzidos nas metalurgias, nos moinhos e, principalmente, nos alambiques, que eram os estabelecimentos onde se destilava a uva para a produção de graspa e aguardente do vinho. Começavam a surgir nomes como Eberle e Rossi, que marcaram a história da indústria de Caxias. O vinho continuava sendo o propulsor das outras atividades e, apesar da pequena quantia arrecadada no imposto das indústrias e profissões, representava o setor mais dinâmico no período de crescimento industrial nesse momento. Quando se falava em fábrica de salame, fábrica de cadeiras e fábrica de moer café, pela quantidade arrecadada do imposto, percebia-se que não se tratava de grandes empreendimentos, senão de pequenas manufaturas<sup>14</sup>. Pelas informações de exportações do município, referentes a esse período, o produto saliente continuava sendo o vinho, que alavancava as demais atividades.<sup>15</sup>

Sendo o vinho o principal produto comercializado, devemos destacar que um problema para sua comercialização era a intermediação dos comerciantes alemães, que encarecia, de forma notável, o produto. Abramo Eberle e Antonio Pieruccini foram dois exemplos de comerciantes que levaram o vinho e a graspa produzidos em Caxias do Sul para o mercado de São Paulo, numa tentativa de eliminar aqueles intermediários e de expandir o mercado. Conforme Pellanda (1950), o primeiro a buscar o mercado paulista foi Pieruccini, em 1898, seguido de Abramo Eberle, em 1900. Este era dono de uma metalurgia, mas, quando saiu de Caxias com a intenção de se expandir, levou o vinho produzido na vinícola de seu pai para vender. São Paulo representou, nesse momento, um mercado em potencial porque os imigrantes italianos que trabalhavam nas fazendas de café eram prováveis consumidores do vinho de Caxias.

No início dos anos 20, já se observava uma maior diversificação dos contribuintes, com destaque para os depósitos de vinho, as metalúrgicas, as fábricas de bebida e a indústria alimentícia. Da mesma forma, devemos salientar que a cantina do comerciante, onde se unificava e beneficiava o vinho, será encontrada sob a denominação de depósito de vinho nos lançamentos de impostos da Prefeitura de Caxias do Sul. Sendo assim, estava sujeita aos

---

<sup>14</sup> A percepção da baixa arrecadação dos impostos do vinho e de outros produtos surge através da análise da série de tributos estaduais arrecadados entre 1893 e 2000 que vai ser apresentada no último capítulo desta tese, na última seção. Estudando o período entre fim de século XIX e início do século XX e comparando com a arrecadação de Porto Alegre e do total do Estado, entendemos que para esta época, as atividades desenvolvidas no município eram artesanais..

<sup>15</sup> No Anexo E, apresentamos as principais exportações de Rio Grande do Sul e nessa informação podemos observar a importância do vinho dentro do total das exportações do Estado.

impostos sobre indústrias e profissões pagos à Intendência Municipal de Caxias do Sul, a partir de 1913.

Quadro 8 - Livro de contribuintes de indústria e profissões para o ano de 1920

CNAE	CNAE - Gêneros	Número de estabelecimentos	Importe a recolher em contos de réis	%
10	Alimentos	6	375.000	19,63
11	Bebidas	8	540.000	28,28
24	Metalurgia	6	540.000	28,28
28	Máquinas e equipamentos	1	120.000	6,28
30	Outros equipamentos de transporte	1	70.000	3,66
31	Móveis	3	265.000	13,87
Total		25	1.910.00	100,00

Fonte: Livro de contribuintes de indústrias e profissões para 1920.

Conforme o percentual de impostos, segundo o Quadro 8, as metalurgias e as bebidas lideravam a arrecadação, com 28,28%. Também devemos mencionar as fábricas de produtos alimentícios e as fábricas de móveis, com um percentual significativo de 19,63%, e 13,87%, respectivamente.

Em geral, podemos afirmar que o primeiro período da indústria de Caxias do Sul, conforme a classificação de Cardoso de Mello (1982), denominado crescimento industrial, estava voltado para a industrialização de produtos primários, sendo o vinho a alavanca que mobilizava todos os outros setores. Entendemos que não constituíam indústrias propriamente ditas pelo tamanho e pelo tipo de produto produzido, mas, de certa forma, iam se formando as bases para um posterior momento da industrialização conforme as etapas da indústria do autor, mencionadas anteriormente.

### 3.5.2 Período de industrialização restringida

Esse período da indústria começava a partir de 1933 e, pelos dados mostrados na Tabela 16, podemos observar que os principais setores eram os de bebidas, metalúrgicas, fábricas têxteis e alimentos. Em relação ao período de crescimento industrial, anteriormente estudado, não se verificavam grandes mudanças nas indústrias principais.

Na Tabela 16, os dados da Direção Estadual de Estatística do Rio Grande do Sul confirmavam, mais uma vez, que os setores com maior grau de participação eram aqueles tradicionais do município, como o setor de bebidas, têxteis, alimentos e metalurgia. O setor onde se concentrava o maior grau de estabelecimentos era o de produtos de metal, com 16%, seguido pelo do couro, com 15%, bebidas, com 13%, vestuário e mobiliário, com 10%. Todos esses setores tinham, como característica, a livre entrada, ou seja, qualquer empreendedor com um certo capital, sem um alto nível de investimento, podia explorar um determinado negócio. Muitos deles, na verdade, eram manufaturas ou artesanatos que processavam um determinado produto primário. Nesse sentido, devemos lembrar qual era o conceito de industrialização para North.

Um conceito de industrialização mais útil para os nossos propósitos é o de uma região, cuja base de exportação consiste, principalmente de bens de consumo finais e/ou bens manufaturados intermediários. (NORTH, 1955, p. 308)

O autor entende, também, que uma região não precisa industrializar-se para crescer, mas salienta que:

Uma grande quantidade de indústria secundária e terciária se desenvolverá automaticamente, seja por causa das vantagens locacionais da indústria orientada para as matérias primas, seja como um reflexo passivo do crescimento da renda da região, resultante do sucesso de seus produtos de exportação. (NORTH, 1955, p. 308)

Quer dizer que os setores que mencionamos anteriormente constituiriam indústrias, conforme o conceito de North, porque, na maioria dos casos citados, eram bens de consumo finais, salvo os produtos de metal que constituíam bens intermediários, mas, pelo tipo de processo realizado no interior de cada estabelecimento, pelo grau de divisão do trabalho e pelo grau de mecanização, muitos deles não configuravam indústrias, senão artesanatos organizados em forma familiar.

Verificamos que os setores com maior percentual de capital empregado eram o de bebidas, com 23,96%, o têxtil, com 26%, e o de metalurgia, com 19%, o que indicava que o vinho, nesse período, contava com alto grau de empreendedores que aplicavam seu excedente nesse tipo de empreendimentos. Da mesma forma, os setores mais empregatícios eram o das bebidas, com 17%, o da metalurgia, com 19%, e o têxtil com 37%, setor que demandava maior quantidade de mão de obra.

No que se refere ao valor de produção, os alimentos participavam com 10%, no entanto a metalurgia participava com 19,42%, mantendo uma participação constante nas variáveis estudadas (estabelecimentos, capital empregado e número de empregados), a qual girava em torno de 19%. Por sua parte, as bebidas participavam com 20% do valor de produção, e o setor têxtil contava com uma participação de 21,32%. Portanto, no que diz respeito ao ano de 1937, os dados mostram que o município ia crescendo e que a sua indústria ia se expandindo, o que quer dizer que ia se provando, na prática, o que North propunha na sua teoria, através do crescimento da demanda de seus bens de exportação existentes.

Uma região pode se expandir como resultado do crescimento da demanda de seus bens de exportação existentes, seja devido a um aumento da renda, na área de mercado, ou a uma mudança de gostos. (NORTH, 1955, p. 309)

Conforme a Tabela 18, no que se refere aos dados referentes a 1941, constatamos que a participação dos alimentos no número de estabelecimentos aumentou para 16,08%, que as bebidas diminuíram para 7% e que os produtos de metal diminuíram para 11,54%. Os gêneros que apresentavam um percentual maior de capital empregado eram os alimentos, com 14,12%, o das bebidas, com 24,21%, e o setor têxtil, com 20%. Analisando o percentual de empregados, identificamos que os setores com maior mão de obra empregada eram o das bebidas, com 18,17%, o de produtos têxteis, com 26,16% e o de metalurgia, com 15,25%. O valor de produção com maior grau de participação era o setor de bebidas, com 21,08%, seguido pelo de alimentos, com 18%, o de produtos têxteis, com 17% e o da metalurgia, com 14%. Isto significava que apesar da diversificação existente no município, o vinho era o produto principal da base de exportação.

Comparando os dois períodos analisados, percebemos que não houve uma variação significativa entre 1937 e 1941, mas os dados da indústria confirmam que, na etapa de industrialização restringida, o município estava voltado para produção e industrialização de produtos primários, e o único setor que fabricava bens de consumo intermediários era o da metalurgia, com uma tradição industrial desde o início de século XX. O vinho provocou o aparecimento de indústrias subsidiárias, e o município não dependia, exclusivamente, do produto de exportação, e, pelo visto anteriormente, existia uma diversificação do capital empregado porque os empreendimentos iam direcionados a diferentes gêneros da indústria.

Nas tabelas 16 e 18, verificamos que o capital era aplicado em bebidas, setor no qual estava incluído o vinho, mas também era investido no setor têxtil, no de calçados, no de alimentos e na metalurgia. Os dados mostram que o município apresentava um certo grau de diversificação e, apesar da especialização do vinho, havia outros setores relevantes na indústria de Caxias do Sul.

Tabela 16 – Indústria de Caxias do Sul 1937

<b>VARIÁVEIS</b>		<b>N. de Estabelecimentos</b>	<b>Capital Empregado (Cr\$)</b>	<b>N. de Empregados</b>	<b>Valor da produção (Cr\$)</b>	<b>% N. de Estabelecimentos</b>	<b>% Capital Empregado</b>	<b>% N. de Empregados</b>	<b>% Valor da produção</b>
Alimentos	10	13	2.991.500	91	5.480.291	8,13%	9,56%	3,77%	10,92%
Bebidas	11	22	7.501.500	421	10.098.502	13,75%	23,96%	17,45%	20,12%
Fumo	12	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Têxteis Vestuário	13	8	8.261.000	757	10.698.500	5,00%	26,39%	31,37%	21,32%
	14	17	197.000	61	1.186.600	10,63%	0,63%	2,53%	2,36%
Couro, calçados e afins	15	24	3.244.700	169	3.537.600	15,00%	10,37%	7,00%	7,05%
Produtos de madeiras	16	7	331.000	87	1.878.050	4,38%	1,06%	3,61%	3,74%
Celulose, papel e papelão	17	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Impressão	18	4	103.000	18	214.000	2,50%	0,33%	0,75%	0,43%
Combustíveis	19	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Químicos	20	3	620.000	41	1.289.527	1,88%	1,98%	1,70%	2,57%
Farmacêuticos	21	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Borracha	22	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Produtos minerais não metálicos	23	11	124.500	51	812.800	6,88%	0,40%	2,11%	1,62%
Metalurgia	24	3	6.025.000	465	9.747.500	1,88%	19,25%	19,27%	19,42%
Produtos de metal	25	27	530.000	50	1.001.900	16,88%	1,69%	2,07%	2,00%
Ótica, eletrônica e informática	26	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Máquinas aparelhos e materiais elétricos	27	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Máquinas e equipamentos.	28	2	65.000	10	190.000	1,25%	0,21%	0,41%	0,38%
Veículos e carrocerias	29	2	66.000	8	189.000	1,25%	0,21%	0,33%	0,38%
Outros equip.transp.	30	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Mobiliário	31	16	1.204.000	180	3.735.850	10,00%	3,85%	7,46%	7,44%
Produtos diversos	32	1	40.000	4	125.000	0,63%	0,13%	0,17%	0,25%
<b>Total Indústria Transformaç.</b>		<b>160</b>	<b>31.304.200</b>	<b>2.413</b>	<b>50.185.120</b>	<b>100,00%</b>	<b>100,00%</b>	<b>100,00%</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Diretoria geral de Estatística. (Órgão Regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) Estado do Rio Grande do Sul. Estatística Industrial do Rio Grande do Sul. Ano de 1937. A Indústria Rio-grandense em função da economia nacional. Limeiro Tejo (Diretoria Geral de Estatística.).

Tabela 17 – Número de firmas, operários, capital empregado e valor da produção em Caxias do Sul, em 1941

Setores	Firmas	Operários	Capital empregado (Cr\$)	Valor da produção (Cr\$)
Alimentos	46	198	6.528.423	14.906.477
Bebidas	20	548	11.191.910	17.123.844
Fumo	1	5	15.000	5.040
Têxteis	12	789	9.659.791	13.845.351
Vestuário	26	167	1.500.312	2.777.678
Couro, calçados e afins	32	216	3.132.852	3.332.750
Produtos de madeiras	33	81	1.585.023	1.401.124
Impressão	4	24	211.000	202.500
Químicos	6	62	3.317.150	5.477.091
Borracha	2	6	35.000	67.800
Produtos minerais não metálicos	23	78	814.093	628.821
Metalurgia	5	460	2.499.845	11.992.483
Produtos de metal	33	127	1.700.372	2.367.357
Máquinas e equipamentos	1	3	37.000	80.000
Veículos e carrocerias	4	0	77.800	45.720
Mobiliário	27	221	3.616.351	6.316.186
Produtos diversos	11	31	305.519	673.687
Total da indústria de transformação	286	3016	46.227.441	81.243.909
Mineração	2	2	18.000	41.400
Construção civil	9	142	345.117	1.871.318
Serv. Ind. de utilidade pública	5	4	354.500	288.830
Serv. Ind. privados (of. mecânicas)	10	18	267.221	73.581
Total demais indústrias	26	166	984.838	2.275.129

Fonte: Estatística Industrial. Porto Alegre: DEE, 1941, p. 20-65. Departamento Estadual e Estatística Órgão Regional do I.B.G.E.Rio Grande do Sul.

Tabela 18 – Percentual de participação dos setores nos estabelecimentos, capital empregado, valor de produção e empregados, em Caxias do Sul, no ano de 1941

Setores	Estabelecimentos	Capital empregado	Empregados	Valor da produção	Estabelecimentos	Capital empregado	Empregados	Valor da produção
	na ind. de transformação ou nas demais indústrias				total da indústria			
Alimentos	16,08	14,12	6,56	18,35	14,74	13,83	6,22	17,85
Bebidas	6,99	24,21	18,17	21,08	6,41	23,71	17,22	20,50
Fumo	0,35	0,03	0,17	0,01	0,32	0,03	0,16	0,01
Têxteis	4,20	20,90	26,16	17,04	3,85	20,46	24,80	16,58
Vestuário	9,09	3,25	5,54	3,42	8,33	3,18	5,25	3,33
Couro, calçados e afins	11,19	6,78	7,16	4,10	10,26	6,64	6,79	3,99
Produtos de madeiras	11,54	3,43	2,69	1,72	10,58	3,36	2,55	1,68
Impressão	1,40	0,46	0,80	0,25	1,28	0,45	0,75	0,24
Químicos	2,10	7,18	2,06	6,74	1,92	7,03	1,95	6,56
Borracha	0,70	0,08	0,20	0,08	0,64	0,07	0,19	0,08
Produtos minerais não metálicos	8,04	1,76	2,59	0,77	7,37	1,72	2,45	0,75



Metalurgia	1,75	5,41	15,25	14,76	1,60	5,29	14,46	14,36
Produtos de metal	11,54	3,68	4,21	2,91	10,58	3,60	3,99	2,83
Máquinas e equipamentos	0,35	0,08	0,10	0,10	0,32	0,08	0,09	0,10
Veículos e carrocerias	1,40	0,17	0,00	0,06	1,28	0,16	0,00	0,05
Mobiliário	9,44	7,82	7,33	7,77	8,65	7,66	6,95	7,56
Produtos diversos	3,85	0,66	1,03	0,83	3,53	0,65	0,97	0,81
Total da indústria de transformação	100	100	100	100	91,67	97,91	94,78	97,28
Mineração	7,69	1,83	1,20	1,82	0,64	0,04	0,06	0,05
Construção civil	34,62	35,04	85,54	82,25	2,88	0,73	4,46	2,24
Serv. Ind. de utilidade pública	19,23	36,00	2,41	12,70	1,60	0,75	0,13	0,35
Serv. Ind. privados (of. Mecânicas)	38,46	27,13	10,84	3,23	3,21	0,57	0,57	0,09
Total demais indústrias	100	100	100	100	8,33	2,09	5,22	2,72

Fonte: Tabela criada pela autora.

### 3.5.3 Industrialização pesada

Devemos salientar que, nos períodos analisados da história da industrialização de Caxias do Sul, existia uma linha divisória. Num primeiro momento, na etapa de crescimento industrial e, posteriormente, na etapa de industrialização restringida, o vinho era o principal incentivador de outras atividades. Na etapa da industrialização pesada, aconteceu uma transformação no processo de industrialização, e a indústria de material de transporte começou a se afirmar como líder do processo de industrialização e nesse período, deu-se o que North enunciava na teoria: a base de exportação se ampliou, provocando o crescimento do município.

Coincidindo com o período de expansão da indústria de bens duráveis, através da leitura dos valores de produção industrial e do número de estabelecimentos e de empregados, podemos entender as mudanças surgidas a partir de 1955.

Em primeiro lugar, observamos que, a partir de 1955, empresas, como a Marcopolo e a Randon, que já trabalhavam como pequenas oficinas mecânicas no município, aproveitaram a conjuntura econômica para crescer e se expandir. É o que Penrose (1962) denominou aproveitamento da oportunidade produtiva.

Apresentaremos, agora, os dados correspondentes a 1955, que representavam os principais gêneros da indústria nesse período. Como podemos observar na Tabela 19, a produção industrial de Caxias do Sul mostrava-se variada, merecendo destaque a indústria vinícola, que empregava cerca de 10,36 % do total dos operários do município, a indústria

metalúrgica, que participava com 21,74%, a indústria têxtil, que participava com 18,56%, e a indústria madeireira com 10,38%.

Observando os percentuais do valor da produção, verificamos que a indústria de bebidas, correspondia a 22,79% do valor total da produção industrial do município. Mais especificamente, os dados revelam que a indústria vinícola liderava a agregação de valor e, por ser a indústria exportadora por excelência, puxava as demais. Constatamos, também, que as outras indústrias que contribuía, em maior medida, com o total da produção eram, principalmente, a indústria alimentícia, que contribuía com 18,45 %, a metalúrgica, que participava com 13,37%, a têxtil, com 12,26%, e a madeireira, com 9,67%. Isto quer dizer que os dados empíricos fornecem sustento à nossa hipótese de que o vinho provocou o aparecimento de outras indústrias subsidiárias no município. Vale dizer que os dados de 1955 ainda não apontavam a ampliação da base exportadora, mas reafirmavam o que vinha acontecendo até esse momento da indústria de Caxias do Sul.

Tabela 19 - Produção industrial de Caxias do Sul em 1955

Classes Industriais e número na CNAE.	Estabelecimentos	Média mensal de operários	Operários por estabelecimento	Percentual da média de operários	Valor da produção em milhares de cruzeiros	Percentual do valor da produção.
<b>Prod. Alimentícios 10</b>	74	470	6,35	5,86 %	330.636	<b>18,45</b>
<b>Bebidas 11</b>	26	826	31,76	10,36 %	408.306	<b>22,79</b>
<b>Têxtil 13</b>	33	1.488	45,09	18,56 %	219.935	<b>12,26</b>
<b>Vestuário., calçados. e art. de tecidos 14</b>	15	633	42,2	7,89 %	124.321	<b>6,94</b>
<b>Couros 15</b>	10	151	15,1	1,88 %	27.212	<b>1,24</b>
<b>Madeira 16</b>	54	832	15,40	10,38 %	173.280	<b>9,67</b>
<b>Papel e papelão 17</b>	1	10	10	0,12 %	1.631	<b>0,09</b>
<b>Editorial e gráfica 18</b>	10	135	13,5	1,68 %	13.212	<b>0,74</b>
<b>Química 20</b>	13	97	7,46	1,21 %	28.199	<b>1,57</b>
<b>Borracha 22</b>	4	16	4	0,19 %	3.169	<b>0,17</b>
<b>Transformação. de minerais não metálicos 23</b>	43	274	6,37	3,41 %	18.220	<b>1,01</b>
<b>Metalúrgica 24</b>	18	1743	96,83	21,74	239.611	<b>13,37</b>

<b>Material elétrico.e mat. de comunic. 27</b>	1	8	8	0,09	9668	<b>0,53</b>
<b>Mecânica 28</b>	9	130	14,44	1,62	29735	<b>1,65</b>
<b>Mat. transporte 29</b>	5	77	15,41	0,97	13652	<b>0,76</b>
<b>Mobiliário 31</b>	21	308	14,66	3,84	26556	<b>1,48</b>
<b>Diversas 32</b>	21	632	30,09	7,88	111181	<b>6,20</b>
<b>Serv.ind.util.pública</b>	9	173	19,22	2,15	13024	<b>0,72</b>
<b>Total</b>	<b>367</b>	<b>8014</b>	<b>21,83</b>	<b>100</b>	<b>1791648</b>	<b>100,00</b>

Fonte: IBGE: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro:1957-1964, p. 139.

Os anos sessenta representaram a internacionalização do capital, o que provocou a expansão dos investimentos e a acumulação do capital. No caso de Caxias do Sul, as grandes firmas, que atualmente formam parte de grandes grupos, tanto nacionais quanto internacionais, originaram-se a partir de empresas de donos do lugar e organizadas nos moldes da pequena e de média empresa.

Os acontecimentos da metade da década de 50 e da década de 60 vão ser mostrados na Tabela 20, que apresenta as principais mudanças a partir da implementação do Plano de Metas. O principal setor de emprego de Caxias do Sul era o setor de material de transportes, com uma participação de 18%, seguido por têxteis, com 13%, e madeiras, com 11%. Vemos que o perfil da indústria mudava e que o setor de bebidas e o de metalurgia já não lideravam a indústria para essa época. Idêntica situação acontecia para o valor de transformação industrial, que apresentava o mesmo setor de material de transportes como o que mais arrecadava no município, com 21% do total dessa variável da indústria.

Conforme Eberle (1985, p. 37), a indústria vinícola, desde o momento em que houve um aumento de investimento nas unidades produtivas, sofreu modificações, tanto em termos de instalações quanto na exigência da qualidade da matéria-prima recebida, determinando, conseqüentemente, a produção de vinho de melhor qualidade. A partir de 1970, teve início a chegada das multinacionais no setor vinícola, repercutindo no processo de produção e criando um mercado mais competitivo. Dessa forma, a indústria regional já instalada foi obrigada a absorver as inovações. Segundo a Fecovinho, as multinacionais representavam na década de 1980, 15% da produção de vinhos, restando a produção entre cooperativas e indústrias nacionais.

Mas, na realidade, observamos que o vinho deixou de ser o principal produto de exportação e, que a base de exportação da qual North falava, foi se ampliando e diversificando sua produção, porém, a partir desse momento, o vinho já não puxava os outros setores.

Tabela 20 - Percentual dos estabelecimentos, pessoal ocupado, salário e despesas da indústria de Caxias do Sul em 1970

CNAE	Gêneros	%Est.	%Pessoal	%Salário	%Desp e	%Val Produção	% Valor T.I.
10	Produtos alimentares	12,09%	6,36%	5,56%	16,28%	11,82%	6,63%
11	Bebidas	7,55%	5,46%	6,30%	13,08%	11,36%	9,36%
12	Fumo	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
13	Têxtil	9,48%	11,91%	9,63%	6,70%	7,60%	8,64%
14	Vestuário, calçado e artefatos de tecidos	6,04%	9,49%	7,36%	5,83%	6,07%	6,34%
15	Couros e peles e produtos similares	0,82%	0,62%	0,63%	0,61%	0,58%	0,54%
16	Produtos de madeiras	14,01%	13,73%	13,28%	14,11%	15,22%	16,51%
17	Celulose, papel e papelão	0,55%	0,49%	0,58%	0,20%	0,30%	0,42%
18	Impressão	2,88%	1,49%	1,55%	0,75%	1,00%	1,29%
19	Combustíveis	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
20	Químicos	1,65%	X	x	x	x	X
21	Farmacêuticos	0,14%	X	x	x	x	X
22	Borracha	1,65%	1,09%	1,00%	0,67%	0,89%	1,16%
23	Minerais não metálicos	5,91%	2,37%	1,54%	0,61%	0,91%	1,27%
24	Metalurgia	7,69%	7,42%	8,03%	3,78%	5,00%	6,42%
25	Produtos de metal	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
26	Ótica, eletrônica e informática	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
27	Máquinas aparelhos e materiais elétricos	2,20%	3,89%	3,93%	2,91%	2,87%	2,84%
28	Máquinas e equipamentos	7,55%	7,20%	8,63%	6,06%	7,43%	9,02%
29	Material de transporte	4,26%	18,83%	23,18%	23,36%	22,60%	21,72%
30	Outros equipamentos de transporte	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
31	Mobiliário	7,28%	3,24%	2,71%	1,76%	2,09%	2,47%
32	Diversas	4,95%	5,13%	4,69%	2,42%	3,09%	3,86%
	Total das indústrias de transformação	96,70%	99,57%	99,85%	99,97%	99,91%	99,85%
7	Extração de minerais	3,30%	0,43%	0,15%	0,03%	0,09%	0,15%
	Total das indústrias de transformação	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: IBGE 1970 . Censo Industrial , e os percentuais calculados pela autora.

De acordo com os dados de 1980, apresentados na Tabela 21, os quais refletem o que aconteceu durante a década de 70, percebemos que não houve muita variação em relação aos dados constantes na Tabela 20. Os únicos gêneros que aumentaram a sua participação nesse período do milagre brasileiro foram os gêneros de metalurgia e fabricação de máquinas e equipamentos, mostrando que o polo metal- mecânico ia se consolidando cada vez mais.

Tabela 21 - Percentuais de estabelecimentos, pessoal ocupado, salários e valor de produção e transformação industrial. Caxias do Sul em 1980

CNAE	Gêneros	% EST.	%Pessoal ocupado	%Salários	% Valor Produção	% V.T..I
10	Produtos alimentares	7,96%	5,95%	4,50%	10,98%	5,70%
11	Bebidas	4,21%	1,78%	1,99%	3,95%	4,08%
12	Fumo	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
13	Têxtil	9,79%	9,28%	6,11%	5,59%	7,41%
14	Vestuário,	7,23%	6,91%	4,96%	3,49%	4,14%
15	Couros	0,55%	0,45%	0,43%	0,30%	0,27%
16	Madeira	8,78%	8,89%	9,37%	8,34%	7,73%
17	Papel e papelão	0,55%	0,62%	0,50%	0,33%	0,35%
18	Editorial e gráfica	3,20%	1,58%	1,29%	0,97%	1,27%
19	Combustíveis	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
20	Química	0,91%	0,44%	0,54%	0,59%	0,67%
21	Produtos farmacêuticos	0,18%	X	x	x	X
22	Borracha e materiais plásticos	1,83%	1,51%	1,54%	2,18%	2,36%
23	Transformação de produtos minerais não metálicos	5,67%	1,44%	1,04%	0,84%	1,15%
24	Metalúrgica	17,47%	12,56%	11,61%	9,85%	11,52%
25	Produtos de metal	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
26	Ótica, eletrônica e informática	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
27	Material elétrico e de comunicações	2,56%	6,58%	5,87%	5,54%	5,26%
28	Maquinas e equipamentos	12,99%	13,91%	19,33%	16,76%	19,35%
29	Material de transporte	3,66%	14,00%	25,34%	24,75%	22,01%
30	Outros equipamentos de transporte	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
31	Mobiliário	7,69%	4,27%	2,98%	3,16%	3,87%
32	Diversos	2,84%	1,66%	1,32%	1,67%	1,79%
	Total	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
7	Extração de minerais	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
	Unidades auxiliares de apoio (utilizadores) e de serviços de natureza industrial	1,92%	X	x	x	X
	Total	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: IBGE: Censo industrial: dados gerais, Brasil. Rio de Janeiro: IBGE. 1984.

Na Tabela 22 observamos os principais estabelecimentos com maior participação percentual no ano de 1990 e constatamos que o setor de vestuário liderava o número de unidades no município, com 28%, seguido pela metalurgia, com 17%. Isto se devia ao grande número de oficinas no setor de vestuário que trabalhavam nos moldes da pequena e microempresa. No que diz respeito ao número de empregados, o gênero que tinha um maior percentual era o de material de transporte, com 21%, seguido pela mecânica, com 14%,

metalurgia, com 11%, e vestuário com 10%. Dessa forma, demonstramos que o setor de material de transporte representava o principal produto de exportação, com maior participação percentual no número de empregados, o qual evidenciava a especialização do município nesse gênero da indústria.

Tabela 22 – Estabelecimentos, empregados e percentual de participação de Caxias do Sul em 1990

CNAE	Gêneros	Estabelecimentos	% Est. Caxias	Empregados	%Caxias
10	Produtos alimentares	119	4,51%	2.714	4,80%
11	Bebidas	96	3,64%	800	1,42%
13	Têxtil	26	0,99%	1.301	2,30%
14	Vestuário, calçados e artefatos de tecido	744	28,21%	6.191	10,96%
15	Couro, peles e similares	50	1,90%	322	0,57%
16	Madeira	149	5,65%	2.448	4,33%
17	Papel e papelão	27	1,02%	660	1,17%
18	Editorial e gráfica	38	1,44%	535	0,95%
20	Química	33	1,25%	281	0,50%
21	Prod.farm. e veterinários	3	0,11%	161	0,28%
22	Borracha e materiais plásticos	50	1,90%	1.012	1,79%
23	Minerais não-metálicos	69	2,62%	2.002	3,54%
24	Metalurgia	460	17,44%	6.702	11,86%
27	Material elétrico e de comunicações	89	3,38%	4.622	8,18%
28	Mecânica	214	8,12%	8.179	14,48%
29	Material de transporte	130	4,93%	11.910	21,08%
31	Mobiliário	199	7,55%	4.137	7,32%
32	Diversos	140	5,31%	2.523	4,47%
	Energia elétrica	1	0,04%	-	0,00%
	Total	2.637	100,00%	56.500	100,00%

Fonte: Secretaria de Fazenda, F.E.E 1992.

Na Tabela 23, mostramos os dados de 1996, os quais nos levam a concluir que os setores que mais empregavam no município eram o de material de transporte, com um percentual de 27%, seguido por fabricação de máquinas e equipamentos, com 15%, e pelo de fabricação de máquinas e aparelhos elétricos, com 10%. Tabela 23 mostra também que a metalurgia tinha diminuído sua participação, alcançando um percentual de 2% do total de empregados.

Tabela 23 - Pessoas ocupadas, estabelecimentos e percentuais de Caxias do Sul em 1996

DIVISÃO	Descrição	Número de unidades locais	Percentual de números de unidades locais	Pessoal Ocupado Total	Percentual de pessoal ocupado
15	Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	24	8,54%	2.164	6,65%
17	Fabricação de produtos têxteis	7	2,42%	1.182	3,63%
18	Confeção de artigos do vestuário e acessórios	20	6,96%	1.139	3,50%
19	Preparação de couros	4	1,45%	235	0,72%
20	Fabricação de produtos de madeira	10	3,55%	713	2,19%
21	Fabricação de celulose, papel	3	1,14%	115	0,35%
22	Edição, impressão e reprodução	9	3,32%	629	1,93%
24	Fabricação de produtos químicos	6	2,12%	235	0,72%
25	Fabricação de artigos de borracha e plástico	28	9,83%	1.929	5,93%
26	Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	5	1,66%	2.005	6,16%
27	Metalurgia básica	6	2,19%	773	2,37%
28	Fabricação de produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos	38	13,27%	2.606	8,00%
29	Fabricação de máquinas e equipamentos	41	14,36%	4.909	15,08%
31	Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	22	7,83%	2.992	9,19%
32	Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações	3	1,05%	125	0,38%
33	Fabricação de equipamentos de instrumentação médico-hospitalares, instrumentos de precisão e ópticos, equipamentos para automação industrial, cronômetros e relógios	1	0,35%	66	0,20%
34	Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias	31	10,90%	9.006	27,66%
36	Fabricação de móveis e indústrias diversas	26	9,07%	1.733	5,32%
Total		285	100,00%	32.559	100,00%

Fonte: PIA; RAIS, 1996.

Para concluir, apresentamos a Tabela 24, na qual constam os dados mais atuais que possuímos, os referentes a 2007, indicando que o município tinha, nesse ano, no que diz respeito ao emprego, nos seguintes setores: montagem de carrocerias de ônibus, 35%, fabricação de máquinas e equipamentos, 10%, borracha e matérias plásticas, 7% e móveis, com uma participação de 5%. Assim, verificamos que o setor que mobilizava os outros, criando uma cadeia produtiva, era o setor de material de transportes, mostrando que, no

último período de industrialização, o principal produto da base de exportação era aquele que tinha surgido em pequenas oficinas mecânicas.

Tabela 24 - Empregados e estabelecimentos e percentuais de Caxias do Sul em 2007

DIVISÃO	Descrição	Número de unidades locais	Pessoal ocupado Total	Percentual de unidades locais	Percentual de Pessoal ocupado
15	Produtos alimentícios e bebidas	22	4.569	6,07%	7,62%
17	Produtos têxteis	13	1.899	3,62%	3,17%
18	Artigos de vestuário e acessórios	14	1.327	3,88%	2,21%
19	Preparação de couros	3	184	0,83%	0,31%
20	Produtos de madeira	10	430	2,75%	0,72%
21	Celulose e papel	7	372	1,93%	0,62%
22	Edição, impressão e material gráfico	10	908	2,77%	1,51%
24	Produtos químicos.	17	694	4,69%	1,16%
25	Borracha e plástico	40	4.790	11,02%	7,99%
26	Minerais não metálicos	6	2.958	1,66%	4,93%
27	Metalurgia básica	11	2.309	3,03%	3,85%
28	Produtos de metal	56	3.509	15,40%	5,85%
29	Fabricação de máquinas e equipamentos	53	6.140	14,49%	10,24%
31	Fabricação de máquinas e aparelhos elétricos	20	3.715	5,51%	6,20%
32	Fabricação de material eletrônico	5	246	1,38%	0,41%
33	Fabricação de equipamentos de instrumentação médica	2	1.319	0,55%	2,20%
34	Fabricação e montagem de veículos automotores	48	21.264	13,19%	35,46%
36	Fabricação de móveis	26	3.322	7,24%	5,54%
Total	Total	363	59.956	100,00%	100,00%

Fonte: PIA; RAIS, 2007.

Dessa forma, podemos afirmar que o município diversificou a sua produção e que a base de exportação em 2007 se constituía de bens de consumo finais, bens manufaturados intermediários e bens de capital. North (1955, p. 308) entendia que “o declínio de um produto de exportação deve ser acompanhado pelo crescimento de outros, ou, então, a região ficará enclausurada”. Em Caxias do Sul, confirmando a sua teoria, observamos que o vinho, que, num primeiro momento, era o principal produto de exportação, declinou sua participação no total da indústria, mas outros gêneros da indústria surgiram e se expandiram.

Historicamente, North ressaltou que, em uma região jovem -como a de Caxias do Sul-, a criação de um novo produto de exportação, como foi o caso de material de transportes,



induzia investimentos em muitas outras indústrias. Tal como foi analisado anteriormente, a indústria de material de transportes criou um encadeamento produtivo que provocou o reinvestimento do capital em outros setores que trabalhavam como fornecedores de matérias-primas do setor de material de transporte ou na parte de distribuição e comercialização dos produtos da cadeia automotiva.

Dessa forma, o município cresceu porque a diversificação da base de exportação provocou um aumento da renda da população e também da população, que, conforme será analisado oportunamente, no capítulo específico de demografia, apresentou uma crescente expansão a partir de 1970 como fruto da crescente industrialização do município.

### 3.5.4 Perfil da indústria nos dias de hoje

A fim de poder entender o perfil das indústrias nos dias atuais, vamos recorrer à arrecadação tributária, para verificar quais eram os gêneros mais relevantes no ano de 2003. O ICMS é um imposto que foi estabelecido a partir do ano de 1965 e veio a substituir o antigo imposto das indústrias e profissões. Constitui uma referência em relação às empresas que mais vendem no município. Sendo assim, significa uma importante ferramenta para compreender quais são os principais ramos da indústria para o ano de 2003. Conforme o Quadro 9, existe uma mudança na dinâmica da economia do lugar. Para mostrarmos esse processo, apresentamos uma descrição das atividades realizadas por cada empresa, detalhando se pertencem a capitais nacionais ou estrangeiros e se formam parte de algum grupo nacional ou multinacional.

Quadro 9 - 20 Maiores indústrias do município por valor adicionado, ano 2003

Empresas principais na arrecadação do imposto.	Atividade Principal.
1- Marcopolo S.A.	Líder em produção de carrocerias de ônibus. Empresa de capital nacional.
2- Randon S.A. Implemento e Sistemas Automotivos.	As empresas Randon atuam nas áreas de implementos rodoviários, ferroviários, veículos especiais, autopeças, sistemas automotivos e serviços, isto é, contam com a mais completa linha de produtos para o transporte de cargas terrestres.
3- FRAS-LE	Fras-le detém uma participação de 100% em lonas pesadas e

	lonas leves e, é líder no mercado de montadoras, reposição e exportação controlada por Randon.
4- Mundial S.A.	Fábrica de componentes de fixação produzindo botões, ilhoses, rebites, fivelas, entre outros. Forma parte do Grupo Eberle, que, ao longo dos anos sofreu transformações e finalmente permaneceu como Grupo Mundial S.A.
5-Frangosul S.A. Agroavícola Industrial	Forma parte de uma multinacional francesa: o grupo Doux. A empresa, com sede em Montenegro, foi comprada pelo grupo Doux em 1998. Em Caxias do Sul se encontra uma unidade de produção da empresa: a fábrica de rações.
6- Agrale S.A.	É a única empresa brasileira de capital nacional que produz veículos, tratores e motores a diesel controlada pela Fras-le, que, por sua vez é controlada por Randon.
7-Suspensys Sistemas Automotivos Ltda.	Suspensys passa a ser constituída, a partir de uma joint-venture, entre as empresas, Arvin Meritor Inc., dos Estados Unidos, e a Randon S/A, com o objetivo de ser um líder global, assim como as sócias, no desenvolvimento e produção de eixos e suspensões para veículos comerciais.
8- A Guerra S.A. Implementos Rodoviários	Uma das primeiras fábricas de implementos rodoviários do Brasil, No início dedicou-se à fabricação de carroções de tração animal, (meio de transporte regional da época).
9- Invensys S.A. Controle Ltda	Empresa multinacional que integra um dos maiores grupos de fabricantes de controles de eletrodomésticos do mundo, o grupo SIEBE, cuja sede é em Londres, e o grupo BTR.
10- Pettenati S.A. Indústria Têxtil.	A empresa iniciou suas atividades em 04 de maio de 1964, sob a denominação de Malharia Pettenati Ltda. Produtora de artigos de malharia e confecções em tecidos de malha e algodão.
11- Penasul Alimentos Ltda.	A Penasul Alimentos Ltda., foi adquirida em janeiro de 2002 pelo grupo norte-americano OSI, uma organização presente em 35 países. É uma empresa avícola totalmente integrada, atuando em várias cidades da Serra Gaúcha.
12- Máster Sistemas Automotivos Ltda.	Desde que foi fundada – em 1986, a partir de uma joint-venture entre Randon S/A e a empresa americana Rockwell International, hoje ArvinMeritor –, a Master produz freios.
13- Dinaco Ind. e Com. de ferro e aço Ltda.	Fabricação de tubos de aço para a construção civil; conjuntos e peças especiais para a indústria de transporte (ônibus e caminhões) e também para a indústria de máquinas agrícolas (tratores, silos e armazéns) e outros. Em 8 de março de 2001, a Marcopolo S/A vendeu a empresa para o grupo

	americano Tyco, que passou a deter o controle societário de forma indireta, através de sua subsidiária (Tyco Flow Control do Brasil Ltda) no Brasil.
14- Ingram Micro Brasil Ltda.	Fornecimento de equipamento para informática. Filial em Caxias, com sede em Santa Ana, Califórnia
15- San Marino Ônibus e Implementos. Ltda.	É uma empresa brasileira que desenvolve moderna linha de carroçaria para o transporte de passageiros e que tem como Neobus a marca de seus produtos.
16- Meicol Distribuidora de Aços Ltda.	A Meicol Distribuidora de Aço, com 62 anos de mercado, é fabricante de tubos e perfis de aço, fornecedora da cadeia automotiva e metal-mecânica. Atualmente pertence ao Grupo Voestalpine ,com sede em Linz na Áustria
17-Pigozzi S.A. Engrenagens e transmissões.	A unidade de Caxias do Sul é a mais recente aquisição da Corporação Eaton, que a adquiriu em fevereiro de 2005. A planta fabrica componentes de transmissão para equipamentos agrícolas tais como tratores, colheitadeiras e pulverizadores
18- Lupatech S.A.	Planta de fabricação de válvulas industriais, principalmente para a indústria de petróleo e gás, química, farmacêutica, papel, celulose e construção civil.Também atua na produção de peças, partes complexas para cadeia automotiva.
19-International Caminhões do Brasil Ltda.	Cessou a sua operação de comercialização de caminhões no mercado brasileiro,. A empresa mantém seu contrato com a Agrale S.A., para atender a seus negócios na área de exportação
20- Cia. Brasileira de Alumínio.	A filial da CBA em Caxias do Sul, iniciou suas atividades em 1982. Não tem fábrica nessa filial, só armazenagem e escritório de vendas.

Fonte: Secretaria Municipal da Fazenda, ICMS, 2003 e o site de cada empresa para definir o objeto social..

As informações do ICMS servem como base para compreender certos perfis e tendências da indústria de Caxias do Sul. Em primeiro lugar, conforme a classificação da Receita Federal, pelo número de funcionários empregados, as empresas apresentadas anteriormente correspondem a grandes empresas. Em segundo lugar, muitas dessas empresas formam parte de grupos, com sede em outros países, e são resultados de aquisições e fusões realizadas por esses aglomerados nas últimas décadas. Em terceiro lugar, a maioria das empresas apresentadas está inserida na cadeia automotiva ou na cadeia metal-mecânica, sendo a exceção, dentro da lista apresentada no Quadro 9, duas empresas, uma pertencente, à cadeia

avícola, e outra, a uma firma do ramo têxtil. Dentre as particularidades encontradas, salienta-se que a firma Randon controla a empresa Fras-le, que, por sua vez, controla a Agrale. Também, a Randon forma parte de uma *joint-venture* que controla Suspensys Sistemas automotivos. A antiga metalúrgica Eberle, que foi um pilar na história da indústria do município, depois de várias mudanças na sua composição societária, forma parte do grupo Mundial S.A.

Muitas vezes, fala-se da indústria de Caxias do Sul como um expoente do crescimento e do sucesso nas mãos de grupos nacionais, mas, pelo apresentado no Quadro 9, muitas das empresas que lideram a arrecadação do imposto ICMS são controladas por capitais estrangeiros, tais como a distribuidora de Aços Meicol, a fabricante de embreagens Pigozzi, a Invensys, fabricante de eletrodomésticos, e a Dinaco, fabricante de tubos de aço. Também cabe salientar que a empresa Frangosul faz parte de uma empresa com sede na França e a Penasul corresponde a um grupo americano que opera em vários países. As empresas que atuam com capital nacional com destaque em outros mercados, figura a São Marino, com uma marca reconhecida mundialmente, a Neobus. Deve-se destacar, ainda, a presença da Pettenati, que oferece um design e uma tecnologia sofisticada no ramo têxtil, sendo seus produtos comercializados em todo Brasil.

#### 4 COMPARANDO DUAS TRAJETÓRIAS EM BUSCA DE SEUS DETERMINANTES

Neste capítulo, analisamos o desenvolvimento econômico de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul por meio da teoria de North. Para entender os determinantes que diferenciam a dinâmica dos dois lugares, trabalhamos com os dados que ofereceram embasamento a hipótese<sup>16</sup>. O foco foi estudar o produto que integra a base de exportação de cada lugar, verificando se esse produto promoveu a sua especialização e dependência, ou se estimulou a diversificação produtiva, trazendo desdobramentos para uma base produtiva mais complexa .

Por causa das vantagens locacionais, algumas regiões desenvolveram uma base de exportação de produtos manufaturados, mas outras regiões desenvolveram uma base de exportação cujas indústrias beneficiaram produtos primários conforme foi enunciado por North oportunamente. Mas, antes de acompanhar a trajetória divergente da base de exportação de ambos os municípios, destacamos as características comuns que fizeram possível um estudo comparativo analisando a distribuição da renda, a cultura e o capital social.

Para estudarmos o papel das exportações na formação do padrão de urbanização e centros nodais, ingressamos no campo da demografia e analisamos o crescimento da população e as mudanças na sua área para determinar se a base de exportação atraiu ou expulsou a população do município.

Através do material empírico, comparamos as duas estruturas produtivas dos dois lugares, analisando num primeiro momento, os dados específicos da indústria, tais como valor de produção, número de estabelecimentos, capital investido e trabalhadores empregados. Devemos salientar que o processo de industrialização foi analisado conforme a periodização utilizada por Cardoso de Mello (1982), que dividiu a indústria em três períodos: crescimento industrial, industrialização restringida, industrialização pesada. A análise comparativa, em particular, vai se desenvolver a partir do ano de 1937, isto é, em plena época de industrialização restringida, pela falta de informação para os períodos anteriores.

---

<sup>16</sup> A tese foi, pois, que as características técnicas da produção da mercadoria de exportação e suas exigências de insumos e processamentos devem explicar essa divergência.

Portanto, em relação às primeiras décadas do século XX, trabalhamos com os dados das estatísticas comerciais e com outros dados que nos aproximam dos determinantes do setor exportador.

No que se refere à indústria, para levantar os determinantes diferenciais dos dois municípios, trabalhamos com as categorias propostas por Marx, de concentração, centralização e acumulação do capital, para estabelecer uma comparação do processo de industrialização de ambos os municípios conforme as categorias marxistas.

#### **4.1 As determinações comuns: distribuição e cultura**

Se assumirmos que, para realizarmos um estudo comparativo, temos que partir de um conjunto de características comuns, essa semelhança estaria dada pelo mesmo passado econômico dos dois municípios, regiões objetos de nossa pesquisa, e pela origem europeia de grande parte da população, imigrantes italianos, na região da Serra, e alemães, na região do Vale do Rio Pardo, bem como pela política de colonização realizada sob padrões similares na segunda metade do século XIX.

Devemos salientar que a imigração deveu-se às transformações econômicas acontecidas em nível mundial. A imigração alemã ocorreu quando a Alemanha se mantinha essencialmente rural. Conforme Lando e Barros (1992, p. 13), “a revolução agrícola e demográfica, que ocorre neste século, serviu de fator propulsor ao desenvolvimento do processo de industrialização. O fato principal desta revolução agrícola foi a abolição da estrutura feudal”. Com as reformas da propriedade fundiária e das leis de herança que atingiram os filhos dos camponeses na Alemanha, muitos deles tiveram que emigrar para outros países. Dessa forma, a revolução agrícola serviu como fator de expulsão dessa grande massa humana.

Assim, a imigração alemã impulsionou uma atividade econômica alternativa à criação de gado, principal fonte de riqueza do Estado de Rio Grande do Sul. O subsistema econômico formado pelos imigrantes estava baseado em três características diferentes às encontradas na região da campanha gaúcha: utilização de mão de obra familiar, pequena propriedade e

policultura. Este subsistema era inerente ao processo de colonização europeia, principalmente, alemã, italiana e polonesa, que se instalou em várias regiões do Estado.

O interesse do governo brasileiro em trazer imigrantes no fim do século XIX estava ligado ao processo de substituição da mão de obra escrava e à política de imigração e colonização do governo imperial. Conforme Furtado (1972, p. 123) a imigração foi, por conseguinte, a forma encontrada para solucionar o impasse gerado pela extinção do tráfico.

Isso significa que as causas que levaram à emigração alemã e à italiana respondem a problemas econômicos da época. Apesar da distância no tempo e das características particulares de ambas as nações, a característica comum que permite a comparação é a expulsão do excedente populacional por problemas de concentração fundiária, atraso no desenvolvimento econômico e incipiente industrialização em ambos os lugares. Quanto à chegada dos imigrantes, ou seja, quanto ao porquê de o Brasil desejar a chegada de um novo contingente populacional, temos que considerar dois momentos: o mais antigo, da primeira metade do século XIX, refere-se a um intento de uma nova organização produtiva no Sul do país, nos moldes da pequena propriedade e da diversificação da agricultura. No segundo momento, refere-se a uma forma de substituir a mão de obra escrava para aumentar a produtividade agrícola e à nova mudança da concentração fundiária, fato que se comprova na nova divisão da propriedade partir da Lei de Terras, de 1850.

O território do atual município de Santa Cruz do Sul pertenceu, originalmente, ao município de Rio Pardo. Foi colonizado no fim do ano de 1849. A povoação foi elevada à categoria de freguesia em 8 de janeiro de 1859. A instalação do município ocorreu em 28 de setembro de 1878.

Já a colônia de Caxias, fundada em 1875, sob o nome de Fundos de Nova Palmira, estava situada entre os Campos de Cima da Serra, ao norte, e as colônias de Nova Petrópolis, Nova Palmira e Picada Feliz, ao sul. No dia 12 de abril de 1884, Caxias foi emancipada do regime colonial, tornando-se o 5º distrito de Paz do município de São Sebastião do Caí. Em 20 de junho de 1890, foi criado o município de Caxias.

Devemos salientar que uma outra semelhança na imigração se encontra no fato de que o processo imigratório continuou até, aproximadamente, 1913, época em que estourou a Primeira Guerra Mundial (ROCHE, 1969).

A similaridade pode ser vista na organização produtiva nos moldes das pequenas propriedades. No caso de Santa Cruz do Sul, os primeiros lotes coloniais foram distribuídos gratuitamente pela administração provincial e possuíam 160.000 braças quadradas que equivaliam a 77 hectares para cada família<sup>17</sup>. Posteriormente foram reduzidos os lotes coloniais a 100.000 braças quadradas, o que equivalia a 48,4 hectares atuais. A partir da promulgação da Lei de Terras de 1850, os lotes não poderiam ser mais doados e sim vendidos aos colonos<sup>18</sup>. A Lei 304, de 30 de Novembro de 1854, restringia a área de exploração e estabelecia as bases de uma agricultura livre, fundada na exploração da produção familiar.

Uma característica comum nas atividades econômicas dos dois municípios foi que, a partir da produção agrícola, acumulou-se capital, característica que não foi exclusiva de Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul, porque foi assim também em outras regiões de colonização e imigração. Os colonos das duas regiões destinaram seus excedentes para o comércio e participaram em empreendimentos na zona urbana, ou constituíram pequenas fábricas que atendiam a sua zona de produção.

A característica comum que permite comparar os dois municípios é a especialização num produto agrícola num primeiro momento: o vinho, no caso de Caxias do Sul, e o fumo, no caso de Santa Cruz do Sul. Este ponto é fundamental porque North desenvolve sua teoria analisando as regiões novas que se especializam na agricultura e, depois, ou diversificam a sua produção ou continuam atrelados a esse produto original, não permitindo o desdobramento produtivo.

---

<sup>17</sup> Pela Lei 229 de 4 de dezembro de 1851 o governo provincial dispunha no art.7º " Cada colono que, com guia do agente, se apresentar ao Presidente da Província, receberá 100 mil braças quadradas de terras na Colônia de Santa Cruz, ou em outras que de novo forem estabelecidas, e nos títulos que lhes serão logo dados se inscreverá o valor das terras, e não só as obrigações a que são sujeitos os colonos, como os favores a que os mesmos têm direito.

<sup>18</sup> A Lei de Terras de 1850 regulamentou a respeito das terras devolutas e das condições em que deveriam ser entregues as terras aos imigrantes. A Lei Provincial 304, de 30 de novembro de 1854, estabelecia que a colonização das terras será feita sobre a base de venda de terras. A Província podia adiantar a passagem que depois devia ser reembolsada. Não podiam ter escravos nas suas lavouras.



Em 1853, dos imigrantes alemães que foram mandados para Santa Cruz do Sul, havia 25 artesãos e 46 agricultores, todos, entretanto, receberam um lote de terra e não podiam viver senão do cultivo deles. A função essencialmente agrícola das colônias alemãs entre 1846 e 1873 é mostrada nas descrições dos viajantes estrangeiros (ROCHE, 1969).

A Colônia de Santa Cruz do Sul teve seus começos com muita dificuldade porque estava situada há mais de 40 quilômetros do rio Jacuí. Mas seu solo era fértil e ela prosperou graças à cultura do fumo. A atividade de todas as colônias e de todos os seus habitantes, pelo menos no começo, era a cultura de subsistência, sobretudo de milho, feijão-preto e da batata e, posteriormente, dedicaram-se ao fumo que era o carro-chefe da sua economia. Uma característica que identificava a colônia de Santa Cruz do Sul é que, na verdade, o beneficiamento de fumo não seria um tipo de indústria conforme aos parâmetros de North:

Um conceito de industrialização mais útil para os nossos propósitos é o de uma região cuja base de exportação consiste, principalmente, de bens de consumo finais e/ou bens manufaturados intermediários. (NORTH, 1955, p. 308)

Por outro lado, as colônias italianas, que se instalaram a partir de 1874, foram estabelecidas na encosta superior do Planalto, acima das velhas colônias alemãs. Seu relevo era mais acidentado, seu clima, mais fresco e úmido, seu solo, exposto a uma erosão mais intensa. Uma característica similar era a técnica de rotação para trabalhar a terra em ambas as regiões. Existia, porém, na produção, uma diferença na base de exportação: nas colônias italianas, os produtos principais eram o trigo e o vinho, no entanto, em Santa Cruz do Sul, era o feijão, a batata e o fumo. No caso do vinho, aproximava-se mais do conceito de industrialização proposto por North porque, como foi analisado no capítulo dedicado a Caxias do Sul, o produto era processado, depositado e engarrafado, tornando-se próprio para o consumo final nos depósitos de vinho e, principalmente, nas cantinas, onde recebia um processamento mais apurado que o fumo.

Se assumirmos que, para comparar duas regiões, devem existir características semelhantes, podemos dizer que as duas regiões apresentam uma população similar até determinado momento. Conforme os dados do censo do IBGE referente ao ano de 1920, Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul tinham uma população de, respectivamente, 33.773 e 41.136 habitantes.

Por fim, vale destacar, ainda, que os dois municípios têm uma distância similar em relação à capital do Estado. Assim, Caxias dista 120 km de Porto Alegre, e Santa Cruz do Sul, 150 km. Este último município conta com via de acesso fluvial à capital, enquanto aquele, no alto da Serra, só veio a contar com um sistema de transportes relativamente barato (a ferrovia) a partir de 1910. Esta situação contribuiu para a determinação dos diferentes tipos de produção, já que os custos, frequência e tempo de transporte são fatores fundamentais para a escolha dos produtos de especialização e exportação no momento de ocupação das regiões novas. Assim, malgrado sua maior proximidade linear de Porto Alegre, as dificuldades de acesso de Caxias, maiores que as de Santa Cruz, ao nosso principal centro urbano devem ter estimulado o desenvolvimento das atividades manufatureiras para o atendimento das necessidades mais prementes da população. Não obstante, as diferenças de acessibilidade não são suficientemente expressivas, a ponto de tornar tão heterogêneas as histórias de ocupação e desenvolvimento dos dois municípios e de chegar a inviabilizar o processo comparativo e a busca por outras determinações de seus diferentes padrões de desenvolvimento<sup>19</sup>.

Para determinar as particularidades, principalmente, no que se refere à demografia e à relação entre indústria e crescimento populacional que fazem parte da justificativa, apresentamos as mudanças populacionais e de área nos municípios estudados.

#### **4.2 Estudo da demografia: mudanças na população e na área dos territórios analisados em função dos determinantes econômicos**

North (1955) afirma que, a partir das mudanças experimentadas, através do desenvolvimento urbano e da força de trabalho, torna-se mais fácil o desenvolvimento de novas exportações. Dessa forma, a produção começa a ser mais variada, ou seja, a região se diversifica.

A base de exportação também influencia o tipo de indústrias subsidiárias, a distribuição da população, o padrão de urbanização, o tipo de força de trabalho, as políticas e medidas sociais da região.

---

<sup>19</sup> O município de Caxias do Sul vai se caracterizar pela urbanização acelerada e pela diversificação da sua economia, ao invés de Santa Cruz do Sul que vai se especializar no fumo e não vai atrair grandes contingentes populacionais para seu núcleo urbano.

À medida que cresce a renda da região, as poupanças locais tenderão a ser investidas em novos tipos de atividades. Algumas dessas atividades se tornarão indústrias de exportação.

A análise da evolução demográfica serve para demonstrar a relação entre a base de exportação do município e a evolução urbana. Através do estudo de número de habitantes, mostramos como foi a distribuição da população durante o período analisado e qual foi o padrão de urbanização em ambos os municípios, já que, para a teoria da base de exportação a urbanização é um índice claro do crescimento econômico da região.

Para completar a nossa análise, estudamos as mudanças de áreas ocorridas nos territórios ocupados para determinar se o crescimento da população aconteceu por um aumento real na taxa de crescimento populacional ou se correspondeu a um aumento de população vinda de territórios anexados. A primeira análise corresponde ao estudo da evolução da população como um todo nos municípios analisados, e ao comportamento da taxa de crescimento realizada de dez em dez anos. Em primeiro lugar, a tabela 25 mostra a evolução da população total dos dois municípios de 1890 até 2007.

Tabela 25 – População total e taxas de crescimento geométrico das populações de Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul, Porto Alegre e Rio Grande do Sul entre 1890 e 2007

Ano	População total				Tx. geom. de crescimento média anual relativa ao período anterior (%)				Tx. geom. de crescimento média anual em relação a 1890 (%)			
	Caxias do Sul	Santa Cruz	Porto Alegre	RGS	Caxias do Sul	Santa Cruz	Porto Alegre	RGS	Caxias do Sul	Santa Cruz	Porto Alegre	RGS
1890	18.506	15.536	52.421	897.455	-	-	-	-	-	-	-	-
1900	24.997	23.158	73.674	1.149.070	3,05	4,07	3,46	2,50	3,05	4,07	3,46	2,50
1920	33.773	41.136	179.293	2.182.713	1,52	2,91	4,55	3,26	2,03	3,30	4,18	3,01
1940	39.677	55.041	272.232	3.320.689	0,81	1,47	2,11	2,12	1,54	2,56	3,35	2,65
1950	58.594	69.605	394.151	4.164.821	3,98	2,38	3,77	2,29	1,94	2,53	3,42	2,59
1960	101.852	75.931	635.125	5.388.659	5,68	0,87	4,89	2,61	2,47	2,29	3,63	2,59
1970	144.871	86.787	885.545	6.664.841	3,59	1,35	3,38	2,15	2,61	2,17	3,60	2,54
1980	220.553	99.645	1.125.478	7.773.849	4,29	1,39	2,43	1,55	2,79	2,09	3,47	2,43
1991	290.925	117.773	1.263.403	9.138.459	2,55	1,53	1,06	1,48	2,77	2,03	3,20	2,32
2000	360.419	107.632	1.360.590	10.187.834	2,17	-0,90	0,74	1,09	2,74	1,78	3,00	2,23
2007	399.038	115.857	1.420.667	10.582.840	1,46	1,06	0,62	0,54	2,66	1,73	2,86	2,13

Fonte: Para 1890, 1920-1960:F.E.E.. De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul: censos do RS : 1803-1950. Porto Alegre: FEE, 1981. 330 p. para 1900: República dos Estados Unidos do Brasil. Registro Civil de 1900. Boletim N° 1 (publicado em Setembro de 1907). Repartição do Arquivo Publico, estatística e *bibliotheca* do Estado do Rio Grande do Sul. Serviço de Estatística (2ª Secção) para 1970-2000: RS em mapas e dados (CD-ROM).

Em relação às taxas de crescimento da população total entre 1890-1900, podemos dizer que Caxias do Sul apresentava um crescimento de 3,05%, que se manifestava superior à taxa de crescimento do Estado, que apresentava um percentual de 2,50%, mas, ao mesmo tempo, representava um valor inferior ao de Santa Cruz do Sul e Porto Alegre, ambos com uma taxa de crescimento de 4,07 % e 3,46%, respectivamente. Nos anos posteriores, Caxias vai apresentar uma taxa de crescimento decrescente para os períodos de 1900 e 1920, e vai começar a experimentar um aumento a partir da década de 1940. É também nessa década que a taxa de crescimento populacional de Caxias do Sul irá superar, pela primeira vez, a taxa de crescimento de Santa Cruz, Porto Alegre e do Estado, mantendo-se, desde então, em patamares superiores às demais taxas. A taxa de crescimento mais significativa é a taxa de 1950, que reflete as mudanças produzidas a partir do Plano de Metas de 1955, que teve um reflexo na economia de Caxias do Sul e no seu crescimento populacional.

Nos períodos posteriores a 1960, podemos observar que existiu uma taxa de crescimento constante, havendo uma diminuição no período de 2000, que apresentou uma taxa de crescimento de 1,46%. Devemos ressaltar que a taxa de crescimento da população de Caxias do Sul era superior em todas as épocas.

Por outra parte, Santa Cruz cresceu de uma forma expressiva na última década do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Posteriormente, houve uma diminuição da taxa de crescimento, de 1900 e de 1920, períodos que apresentavam uma taxa de crescimento de 2,91% e 1,47%. Santa Cruz do Sul mostrava a mesma evolução que Caxias do Sul para esses períodos. Em 1940, também ocorria uma taxa de crescimento de 2,38%. Mas, ao invés do comportamento observado em Caxias do Sul, em 1950, Santa Cruz do Sul tinha uma taxa de crescimento de 0,87%. Tal situação demonstrava, numa primeira tentativa de responder ao porquê dessa dinâmica, que Santa Cruz não aproveitara as externalidades do Plano de Metas.

Uma outra explicação pertinente para essa questão seria a desanexação de Vera Cruz, então importante distrito de Santa Cruz, o que provocaria mudanças na economia do lugar e também nos índices populacionais. Santa Cruz indicava uma taxa de crescimento negativo em 2000, que seria o reflexo do desmembramento de vários distritos, o que influiria na taxa de crescimento populacional.

Estudando a taxa de crescimento da população e comparando o comportamento da mesma desde o primeiro ano da série com cada período apresentado, podemos levantar as seguintes questões, conforme se observam nas últimas colunas da Tabela 25. Em primeiro lugar, Caxias do Sul apresentava uma diminuição da taxa de crescimento nos anos de 1900 e 1920 e, posteriormente, observava-se uma taxa de crescimento contínua, na casa dos 2%. Santa Cruz apresentava uma desaceleração do crescimento no período de 1900 e depois tinha uma taxa contínua de crescimento também na faixa de 2%, a qual foi decrescendo para 1,78% a partir da década de 1991.

Comparando as taxas de crescimento de Caxias e de Santa Cruz do Sul, podemos identificar que as médias das taxas de crescimento de Caxias do Sul desde 1950 (Ver Tabela 25, taxa geométrica desde 1890) eram superiores às de Santa Cruz do Sul. Ao mesmo tempo, podemos visualizar que as taxas de crescimento de Caxias do Sul e do Estado, conforme essa última forma de cálculo, eram bastante homogêneas e apresentavam a mesma média de crescimento nos diferentes períodos.

Logo depois de ter analisado as taxas de crescimento da população desde 1890 até 2007, o passo seguinte foi estudar a distribuição da população e as características da urbanização que constituíam uma das bases da industrialização e da teoria de Douglas North para o estudo da base de exportação e suas implicações. Num primeiro momento, estudamos o período de 1920 através de outras variáveis para ter uma visão do que acontecia num período que foi definido por Cardoso de Mello como de crescimento industrial. Dado que temos que relacionar demografia com indústria, a década de 20 vai significar a primeira aproximação da nossa análise.

#### **4.2.1 Considerações sobre informações da década de 20: estudo da infraestrutura, transporte e atividades comerciais no início do século XX**

Para solucionar a dificuldade de não ter outras informações em relação às populações rural e urbana no ano de 1920, trabalhamos com outros dados proporcionados por diversas fontes, que vão dar uma análise mais apurada desse período em relação ao grau de urbanização dos municípios analisados.

Na Tabela 26, aparece a população total de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul, apresentando uma relação de 0,82, mostrando uma superioridade desse último município. O quociente entre o valor da população de ambos os municípios serve para comparar quantas vezes um município supera ao outro em termos de demografia. Esta superioridade já vai nos indicar um dado que surge em termos de valores absolutos e que constitui o fato de Santa Cruz ser maior em termos de população.

Tabela 26 - Informações gerais e população ocupada na agropecuária em 1920

Variáveis	Caxias do Sul	Santa Cruz do Sul	Relação entre Caxias/Santa Cruz
População total	33.773	41.136	0,821
Área do município em km <sup>2</sup>	1.530	2.526	0,606
Densidade demográfica municipal	22,07	16,28	1,355
PO total agropecuária	5.831	8.646	0,674
PO total da agropec. em rel. à área municipal	3,811	3,423	1,113
PO total da agropec. em rel. à população total	0,173	0,210	0,821

Fonte: Recenseamento do Brasil, 1920. *População*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio / *Directoria Geral de Estatística*, 1922, v. 4, p. 5.

A densidade demográfica (população total sobre a área de município) de Caxias do Sul era mais alta que a de Santa Cruz do Sul, apesar de Caxias do Sul possuir 33.773 habitantes, e Santa Cruz do Sul ter 41.136 habitantes. Como a área de Caxias do Sul era menor, então a densidade era maior. Dessa forma, Caxias do Sul possuía, na década de 20, uma densidade demográfica municipal de 22,07 habitantes por km<sup>2</sup>, e Santa Cruz, 16,29 habitantes por km<sup>2</sup>. Uma explicação pode derivar do fato de existir uma distribuição de terras mais equânime, com uma maior quantidade de propriedades menores, no caso de Caxias do Sul. Uma outra possibilidade seria o fato de morarem menos trabalhadores na zona rural, , então, a possibilidade de Caxias do Sul ter um centro urbano maior, o que seria a explicação mais plausível devido ao grau de crescimento da população total.

Devido ao fato de não termos a população rural determinada, trabalhamos com a população ocupada na agropecuária. Quando analisarmos o total da população ocupada na agropecuária e dividimos esse total pela área do município, Caxias representava 3,81 pessoas ocupadas na agropecuária por km<sup>2</sup> e Santa Cruz do Sul, 3,42. Isto significa que a densidade demográfica rural era similar em Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul. Portanto, a diferença estava no centro urbano. Neste caso, a população agropecuária estaria composta pelo

proprietário rural, sua família e os funcionários que trabalhavam em relação de dependência. Desta forma, os dois municípios teriam a mesma estrutura rural. Se formos olhar a última coluna da Tabela 26, na linha que diz população total da agropecuária em relação à área municipal, confirmaríamos que Caxias do Sul superava em 1,11 o valor de Santa Cruz do Sul, apresentando uma leve superioridade na densidade demográfica rural, explicada pela organização do trabalho na zona rural, como foi exposto anteriormente.

Comparando a população agropecuária em relação ao total da população total, há mais população agropecuária em Santa Cruz do Sul do que em Caxias do Sul, representando a primeira 21,02%, e a segunda, 17,27% do total da população. Mais um indicador que indicava a prevalência de pessoas trabalhando e morando na zona rural de Santa Cruz do Sul.

A análise das pessoas ocupadas na indústria tende a confirmar que o município de Caxias do Sul era mais diversificado e mais urbanizado que Santa Cruz do Sul. Na Tabela 27, vamos comparar as pessoas ocupadas em cada gênero da indústria por mil habitantes para cada município.<sup>20</sup>

Tabela 27 - Indústria 1920

População ocupada na indústria (setores e total)	PO em Caxias do Sul	PO em Santa Cruz do Sul	PO na ind. em Caxias do Sul (por mil hab) *	PO na ind. em Santa Cruz do Sul (por mil hab) *	Relação entre PO de Caxias e Santa Cruz(Coluna1/Coluna2)	Densidade relativa da PO industrial de Caxias e Santa Cruz**
Têxteis	94	21	2,78	0,51	4,47	5,45
Couros	22	24	0,65	0,58	0,91	1,11
Madeiras	134	16	3,96	0,38	8,37	10,20
Metalurgia	324	167	9,59	4,06	1,94	2,36
Cerâmica	20	46	0,59	1,11	0,43	0,53
Prod. químicos e análogos	9	5	0,26	0,12	1,80	2,19
Alimentação	66	27	1,95	0,65	2,44	2,97
Vestuário e toucador	298	309	8,82	7,51	0,96	1,17
Mobiliário	54	134	1,59	3,25	0,40	0,49
Edificação	301	207	8,91	5,03	1,45	1,77
Aparelhos de transporte	42	48	1,24	1,16	0,87	1,06
Prod. e trans. de força físicas (sic)	23	10	0,68	0,24	2,30	2,80

<sup>20</sup> Se formos comparar a população ocupada do setor têxtil em relação ao total, por mil habitantes, seria equivalente ao fato de calcular o quociente locacional, comparando a estrutura das duas cidades em vez de comparar a estrutura do emprego de cada cidade com o Estado. Calcula-se por mil habitantes pelo fato de muitos gêneros apresentarem uma ínfima quantidade de pessoas, o que levaria a percentuais muito pequenos e carentes de qualquer relevância na análise do pessoal ocupado na Indústria.

Sciencias, letras, artes e indústrias de luxo	83	24	2,45	0,58	3,45	4,21
Outras	130	42	3,84	1,02	3,09	3,77
Total	1.600	1.080	47,37	26,25	1,48	1,80

Fonte: Recenseamento do Brasil, 1920. *População*. Rio de Janeiro: Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio / Directoria Geral de Estatistica, 1922, v. 4, p. 5.

\* População na indústria em Caxias do Sul (por mil habitantes) é o valor de cada setor dividido o total da população que aparece na Tabela 26 e multiplicado por 1000. Idem para Santa Cruz do Sul.

\*\*Densidade Relativa da População Industrial é a relação entre a população Industrial de Caxias do Sul cada 1000 habitantes sobre a população industrial de Santa Cruz do Sul cada 1000 habitantes.

Visualiza-se que o número de pessoas ocupadas na produção no setor têxtil em Caxias do Sul era 2,78 por mil habitantes, no entanto, em Santa Cruz do Sul, era de 0,52. Comparada a densidade relativa da população industrial de Caxias e Santa Cruz do Sul, verificamos que a dedicação era cinco vezes maior. Outro ponto interessante era a relação da densidade relativa da população industrial de madeiras, na qual Caxias do Sul superava em 10 vezes a dedicação de Santa Cruz do Sul. O setor de metalurgia de Caxias do Sul superava em duas vezes a densidade relativa de Santa Cruz do Sul, do mesmo modo que a área alimentar e a química. O único campo no qual Santa Cruz representava uma relação de superioridade se manifestava na cerâmica e no mobiliário. Eram duas atividades abertas ao artesanato. No total de indústrias, a densidade relativa da população Industrial de Caxias do Sul superava em 1,80 a densidade relativa de Santa Cruz do Sul. Isto quer dizer que existia uma maior dedicação das pessoas trabalhando na indústria de Caxias do Sul do que em Santa Cruz do Sul.

Se considerarmos os valores absolutos, o setor do couro tinha 24 pessoas trabalhando em Santa Cruz do Sul e o de Caxias tinha 22 pessoas. Provavelmente, esta era, em termos de North, uma indústria que produzia estritamente para o consumo local nos dois municípios, de forma que seu tamanho era aproximadamente proporcional à população dos dois municípios. Extraída a influência do tamanho da cidade, os números indicavam uma superioridade ainda maior de Caxias do Sul vis-à-vis Santa Cruz. Dessa forma, chegamos à conclusão de que, já no início dos anos 20, Caxias tinha uma tendência maior a se dedicar à atividade industrial. Desde o ponto de vista de crescimento populacional, o município apresentava uma população inferior à de Santa Cruz do Sul, mas já tinha constituído uma estrutura urbana industrial mais rica e diversificada.

Se formos comparar a renda, a estrutura de Santa Cruz do Sul não apresentava índices menos favoráveis. Conforme a Tabela 28, observamos que Santa Cruz do Sul tinha maior quantidade de população ocupada na administração pública municipal que Caxias do Sul e



apresentava uma densidade relativa de 0,94 de vantagem em relação a Caxias do Sul. Isto significava uma maior capacidade de dispêndio para contratar pessoal por parte de Santa Cruz do Sul. A administração privada também era maior, o qual indicava que existia uma renda que movimentava a economia do lugar.

Analisando o número de médicos, desconsiderando qualquer ponderação, concluímos que Santa Cruz do Sul levava vantagem. Com uma quantidade de sessenta médicos, apesar da superioridade populacional, o município levava vantagem em relação a Caxias do Sul. Isto quer dizer que Santa Cruz tinha demanda para serviços de saúde. E, como estes serviços, na época, eram majoritariamente privados, temos aí uma indicação de que a renda monetária do município de Santa Cruz não era inferior à de Caxias do Sul

A mesma situação acontecia com o magistério. Santa Cruz do Sul possuía 137 professores, enquanto Caxias do Sul apresentava 118 docentes. Apesar de a relação da densidade relativa entre os dois municípios ser superior para Caxias do Sul, com um valor de 1,04, a quantidade de professores contratados no município indicava a capacidade do município de ampliar seus serviços educativos.

Por outra parte, na mesma Tabela 28, a densidade relativa<sup>21</sup> de câmbios, bancos e seguros era de 1,5 e o mesmo acontecia com o comércio, que era de 1,33. Na relação entre os dois municípios, os correios se manifestavam duas vezes maiores em Caxias, com um valor de 2,83. A relação da administração pública federal e da estadual indicava, respectivamente, 2,36 e 2,46, porém a administração municipal representava um valor de 0,94 em vantagem para Santa Cruz do Sul, o qual foi explicado anteriormente. Pelo que foi estudado, existia riqueza em Santa Cruz do Sul na década de 20, mas não se transformava, não transbordava para a diversificação produtiva, não transbordava para uma indústria, para uma rede de transporte, comercial, bancária mais sofisticada.

---

<sup>21</sup> Densidade Relativa da População de Serviços é a relação que existe entre a População de Serviços por 1000 habitantes de Caxias do Sul sobre a População de Serviços por 1000 habitantes de Santa Cruz do Sul.

Tabela 28 - População ocupada em comércio, transportes, administração pública e privada, profissões liberais e total em 1920

Serviços	Caxias do Sul	Santa Cruz do Sul	PO por 1000 habitantes de Caxias	PO por 1000 habitantes de Santa Cruz	Relação entre PO de Caxias e Sta Cruz	Densidade relativa da PO de Serviços de Caxias e Santa Cruz
Bancos, câmbio, seguros	13	10	0,38	0,24	1,30	1,58
Comércio	523	474	15,48	11,52	1,10	1,34
Transportes	214	92	6,33	2,23	2,32	2,83
Correios	14	8	0,41	0,19	1,75	2,13
Adm. Pública Federal	31	16	0,91	0,38	1,93	2,36
Adm. Pública Estadual	32	16	0,94	0,38	2,00	2,43
Adm. Pública Municipal	21	27	0,62	0,65	0,77	0,94
Adm. Privada	17	35	0,50	0,85	0,48	0,59
Religiosas	16	18	0,47	0,43	0,88	1,08
Judiciárias	17	17	0,50	0,41	1,00	1,21
Médicas	42	60	1,24	1,45	0,70	0,85
Magistério	118	137	3,49	3,33	0,86	1,04
Ciências	46	33	1,36	0,80	1,39	1,69
Total	1104	943	32,68	22,92	1,17	1,42

Fonte: Recenseamento de 1920 (4º censo geral da população e 1º da agricultura e das indústrias), Volume IV (5ª parte). População. População do Brasil por Estados e municípios, segundo o sexo, a nacionalidade, a idade e as profissões. Tomo II. Rio De Janeiro.

Na Tabela 29, podemos observar as Estatísticas Comerciais para 1927, que indicavam uma superioridade de Santa Cruz em comércio de: armarinhos, ferragens e louças e secos e molhados. De outro lado, Caxias apresentava uma superioridade em comércio de chapéus, calçados, livrarias, farmácias, hotelaria e restaurantes e no total dos estabelecimentos comerciais, bem como no número de empregados e no capital empregado. Existiam segmentos do comércio em que Santa Cruz não tinha nenhum estabelecimento, como era o caso das agências de automóveis. Do nosso ponto de vista, essas diferenças revelam que a movimentação comercial em Santa Cruz era importante e bastante similar à movimentação de Caxias no que dizia respeito aos produtos básicos, que atendiam às demandas da população camponesa e de assalariados. Aliás, a expressiva superioridade de Santa Cruz no setor de secos e molhados já parecia ser um indicativo da maior especialização relativa da agricultura desse município, onde a produção de tabaco era mais lucrativa do que a produção para o autoconsumo. De outro lado, a maior diversificação comercial de Caxias, em especial no que dizia respeito aos sistemas de hotelaria e gastronomia, mostrava uma cidade que recebia mais forasteiros, mais aberta às trocas com o exterior.

Tabela 29 - Número de estabelecimentos comerciais em 1927

Segmentos do comércio	Caxias do Sul	Porto Alegre	Santa Cruz do Sul	Relação entre PO de Caxias e Sta Cruz
Faz., miudezas e armarinho	5	242	15	0,33
Ferragens e louças	7	46	8	0,87
Secos e molhados	8	1000	49	0,16
Fazendas, ferragens, secos e molhados	146	-	110	1,32
Chapéus e calçados	36	122	3	12,00
Joalheria	5	12	0	-
Depósito de móveis	0	41	0	-
Produtos coloniais	5	18	0	-
Fructos do paiz (sic)	3	-	0	-
Depósitos de madeira e mat. para construção	8	41	0	-
Livraria	3	17	2	1,50
Pharmácia e drog. (sic)	9	88	3	3,00
Agência de autos (sic)	2	15	0	-
Commercio, representação e consig. e c/ pr. (sic)	9	100	3	3,00
Hotel e pensão	16	76	10	1,60
Bar, botequim e restaurante	26	273	0	-
Diversos	7	807	2	3,50
Total de estabelecimentos	295	2898	205	1,43
N. de empregados	764	10367	337	2,26
Capital	9120	232104	4563	1,99

Fonte: Anuário Estatístico do Estado do Rio Grande do Sul 1925/1926/1927. (1928). Porto Alegre: Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Exterior (Repartição de Estatística), p. 820-821.

A Tabela 30 apresenta a extensão das linhas telefônicas dos três municípios considerados em 1927, e também os sistemas de correios, as firmas de representação comercial e os sistemas de hotelaria e gastronomia. Este era um indicador de urbanidade, do grau de desenvolvimento e da complexidade das relações dos municípios com o exterior. Afinal, telefonia era um bem de consumo de luxo no início do século, e a expressiva superioridade de Caxias parecia indicar que os benefícios associados pelo acesso a meios rápidos (mas custosos) de comunicação eram mais valorizados no município da Serra do que no município da Depressão Central.

Tabela 30 - Telefonia em 1927

Infraestrutura em telefonia	Caxias do Sul	Porto Alegre	Santa Cruz do Sul	Relação entre Caxias e Santa Cruz
Extensão da linha telefônica (em Km)	228	3200	55	4,14
Número de aparelhos em empresas	32	103	8	4,00
Número de aparelhos domiciliares	300	2983	155	1,93

Fonte: Anuário Estatístico Do Estado Do Rio Grande Do Sul 1925/1926/1927. (1928). Porto Alegre: Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Exterior (Repartição de Estatística), 1928-1929.

A hipótese de que o sistema de comunicação mais desenvolvido em Caxias se devia a uma avaliação superior de custo/benefício parecia ser corroborada pela situação do sistema de transporte de cargas. Caso as diferenças na extensão e número de linhas resultassem do maior poder aquisitivo da população caxiense, essa situação também deveria se expressar na propriedade de um outro bem de consumo de luxo do período: os automóveis. Mas, como podemos observar na Tabela 31, abaixo, não era esse o caso. Pelo contrário, Santa Cruz do Sul tinha uma frota maior de veículos que Caxias do Sul. Os transportes também medem o grau de urbanização e a acumulação de riqueza de um município.

Tabela 31 - Veículos em 1927

<b>Veículos</b>	<b>Caxias do Sul</b>	<b>Porto Alegre</b>	<b>Santa Cruz do Sul</b>	<b>Relação entre Caxias e Santa Cruz</b>
Automóveis comuns (para passageiros)	250	2148	404	0,61
"Auto-ônibus"	4	252	35	0,11
Automóveis de carga (caminhões)	105	743	69	1,52
Carretas, carretões, charretes e diligências	1023	4231	4405	0,23
Total de veículos	1382	7374	4913	0,28

Fonte: Anuario Estatístico do Estado do Rio Grande do Sul 1925/1926/1927. (1928). Porto Alegre: Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Exterior (Repartição de Estatística), p. 908-911.

Esse fato demonstrava que Santa Cruz do Sul não tinha renda menor que Caxias do Sul, por sinal, tinha uma renda bastante elevada, manifestava um padrão de consumo elevado e apropriava-se de bens de consumo de luxo. Não era um problema de pobreza, em termos de equilíbrio de crescimento, como já se viu na análise da demografia. Na demografia, Santa Cruz do Sul apresentava uma vantagem no crescimento populacional, Caxias do Sul se diferenciava de Santa Cruz do Sul por apresentar um padrão de organização diferente que levava à diversificação. Uma característica que deve ser destacada era a existência de um número menor de caminhões em Santa Cruz do Sul. Aparentemente, isso se devia à maior dependência da Serra do modal rodoviário, pois, ao contrário de Santa Cruz – próxima ao Porto de Rio Pardo - , esse município não podia ser atendido por modal hidroviário.

#### 4.2.2 Evolução da urbanização na época do início da indústria em Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul

A década de 30 marcou o início da industrialização no Brasil (MELLO, 1982). Para analisar uma das principais expressões da indústria, estudamos a evolução da urbanização através da taxa de crescimento das populações urbana e suburbana dos municípios escolhidos a partir de 1940.

Tabela 32 – População urbana e suburbana, taxas geométricas de crescimento médias anuais em relação ao período anterior e ao início da série para Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul, Porto Alegre e Rio Grande do Sul, entre 1940 e 2007.

Ano	População urbana e suburbana				Tx. geom. de crescimento média anual relativa ao período anterior (%)				Tx. geom. de crescimento média anual em relação a 1940 (%)			
	Caxias do Sul	Santa Cruz do Sul	Porto Alegre	RS	Caxias do Sul	Santa Cruz do Sul	Porto Alegre	RS	Caxias do Sul	Santa Cruz do Sul	Porto Alegre	RS
1940	20.123	11.444	263.012	1.034.486	-	-	-	-	-	-	-	-
1950	35.803	15.712	379.901	1.421.980	5,93%	3,22%	3,75%	3,23%	5,93	3,22	3,75	3,23
1961	61.340	19.070	629.990	2.195.000	5,02%	1,78%	4,71%	4,03%	5,45	2,46	4,25	3,65
1970	114.015	32.967	869.730	3.554.239	7,13%	6,27%	3,65%	5,50%	5,95	3,59	4,07	4,20
1980	200.314	55.152	1.114.851	5.250.024	5,80%	5,28%	2,51%	3,98%	5,91	4,01	3,68	4,14
1991	264.775	78.998	1.247.529	6.996.455	2,57%	3,32%	1,03%	2,65%	5,18	3,86	3,10	3,82
2000	333.391	93.786	1.320.739	8.318.667	2,59%	1,92%	0,64%	1,94%	4,79	3,57	2,73	3,54
2007	376.351	101.844	1.389.498	8.860.928	1,75%	1,18%	0,73%	0,91%	4,47	3,32	2,52	3,26

Fonte: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. De província de São Pedro a estado do Rio Grande do Sul: censos do RS : 1803-1950. Porto Alegre: FEE. Para o período, 1970-2000: RS em mapas e dados (CD-ROM).

O primeiro elemento que temos que observar na Tabela 32 é o fato de que população urbana ser quase o dobro, já em 1940, quando a população total era significativamente menor<sup>22</sup>. Em relação à taxa de crescimento da população urbana, podemos observar que Caxias, em valores absolutos, experimentava um aumento permanente. Para medir esse aumento, recorreremos às taxas de crescimento a partir de 1940. Para todos esses anos, os percentuais apresentavam uma evolução superior à média do Estado. O ano que experimentava maior crescimento foi o de 1961, com 7,13%, período nos quais a demanda

<sup>22</sup> Em Caxias do Sul a população era de 39.676 e a população total de Santa Cruz do Sul era de 55.041. Ver tabela 25.

sobre a metalurgia, material de transporte e fabricação de máquinas e equipamentos cresceu à taxas significativamente elevadas no Brasil.

No ano de 1959, Santa Cruz do Sul perdeu Vera Cruz e isso se refletiu na diminuição da taxa de crescimento que decaiu de 3,22% para 1,78% no período de 1950 até 1960. Por outra parte, Santa Cruz também experimentou um crescimento da população durante o período compreendido entre 1961 e 1970, com uma taxa de 6,27%. As informações para 1970 refletiram os acontecimentos produzidos na década de 60, que se caracterizou pela venda das empresas familiares para grandes empresas. Foram épocas de fusões e absorções de empresas que imprimiram uma dinâmica própria na urbanização do município.

Em 1970, tanto Caxias como Santa Cruz apresentaram uma taxa de crescimento significativo de 5,80% e 5,28% respectivamente, começando a diminuir no período seguinte. Para a década de 70, ambos os municípios apresentavam uma taxa superior a Porto Alegre e ao Estado. Devemos ressaltar que esse era o período do milagre brasileiro que teve seus reflexos na demografia de cada município.

Analisando as taxas de crescimento, tomando como base de cálculo o primeiro ano da série e comparando-o com os períodos posteriores, concluímos que as taxas eram relativamente estáveis e giravam em torno de cinco e quatro por cento para Caxias do Sul e em torno de três e dois por cento para Santa Cruz do Sul. Mais uma vez, Caxias do Sul superava a média do Estado e a do Porto Alegre. Para podermos analisar o grau de urbanização, apresentamos a Tabela 32 B com as taxas correspondentes à Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul, Porto Alegre e Rio Grande do Sul.

Tabela 32 B – Taxa de urbanização de Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul, Porto Alegre e Rio Grande do Sul e relação entre as taxas de urbanização de Caxias e Santa Cruz entre 1940 e 2007

Ano	Taxa de urbanização (%) (população urbana / população total)				Relação entre as taxas de urbanização (A/B)
	Caxias do Sul (A)	Santa Cruz do Sul (B)	Porto Alegre	Rio Grande Do Sul	
1940	50,72%	20,79%	96,61%	31,15%	2,43
1950	61,10%	22,57%	96,38%	34,14%	2,70
1961	60,22%	25,11%	99,19%	40,73%	2,39
1970	78,70%	37,99%	98,21%	53,33%	2,07
1980	90,82%	55,35%	99,06%	67,53%	1,64

1991	91,01%	67,08%	98,74%	76,56%	1,35
2000	92,50%	87,14%	97,07%	81,65%	1,06
2007	94,31%	87,90%	97,81%	83,73%	1,07

Fonte: Criada pela autora em base aos dados do IBGE e a F.E.E.

Em relação à taxa de urbanização, Caxias do Sul já possuía, na década de 1940, uma taxa de 50,72% de urbanização, ao contrário de Santa Cruz do Sul que tinha uma taxa de urbanização de 20,79%. A taxa de urbanização do Estado era de 31,15%. Caxias do Sul começava a apresentar taxas de urbanização de 61,10 % e 60,22% nos períodos de 1950 e 1961, respectivamente, subindo para 78,10% no ano de 1970, que, por sua vez, apresentava uma taxa de crescimento de 7,13% (ver tabela 32) em relação a 1961, destacando que foi o salto mais importante na urbanização do município. O crescimento da indústria pode ser considerado o fator mais importante para esse impulso. A partir de 1980, apresentou uma taxa de urbanização de 90,82%, chegando a 2007 a uma taxa de urbanização de 94,31%.

No entanto Santa Cruz do Sul apresentava taxas de urbanização menores que as observadas em Caxias do Sul. No primeiro ano da série, ou seja, em 1940, verificou-se uma taxa de 20,79%, crescendo para 22,57% em 1950 e para 25,11% em 1961. Coincidentemente com o que aconteceu com Caxias do Sul, o salto mais significativo ocorreu em 1970, quando se verificou uma taxa de urbanização de 37,99%. Como foi analisado anteriormente, verificamos uma taxa de crescimento de 6,27% (Ver Tabela 32) para 1961. Esse salto podia ser explicado pela instalação das multinacionais no município durante a década de 60, fato que atraiu muitos habitantes da zona rural, os quais procuraram o centro urbano para se empregar nas indústrias radicadas na cidade. Em 1980, podemos afirmar que Santa Cruz constituía um município urbano porque mais da metade da sua população correspondia aos habitantes que moravam na zona urbana. Em 2007, o município contava com uma taxa de urbanização de 87,90 %, não conseguindo alcançar o patamar de Caxias do Sul.

Pelas informações enunciadas anteriormente, podemos afirmar que Caxias do Sul tinha uma taxa de urbanização maior que Santa Cruz do Sul desde 1940. Devemos destacar que Caxias do Sul sempre superou as taxas de urbanização do Estado, onde, em 1940, 31,15% era o percentual que representava a população urbana. O Estado chega a um índice expressivo de urbanização em 1970, quando a metade da população total morava nas cidades. Para 1980, a taxa de urbanização do Rio Grande do Sul era de 67,53% e, em 2007, chegou a alcançar uma taxa de 83,73%. Resulta uma redundância dizer que a taxa de urbanização de Porto Alegre

chegou quase aos 100 % desde o início do período estudado. Esse dado mostra que a capital sempre abrigou atividades econômicas tipicamente urbanas.

A relação entre a taxa de urbanização entre Caxias e Santa Cruz sempre foi superior a um. Em 1940, já representava 2,439 e, em 1950, chegava a uma valor de 2,707, ou seja, Caxias do Sul quase triplicava a urbanização de Santa Cruz do Sul. Com o passar dos anos, vai diminuindo essa relação, e, em 1980, esse quociente representava 1,641 chegando a 1,073 em 2007, ou seja, uma relação quase igualitária por ter crescido amplamente a população urbana de Santa Cruz do Sul.

#### 4.2.3 Mudanças na área de Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul

Nas tabelas seguintes, buscamos interpretar o que aconteceu com as mudanças no território de Caxias e de Santa Cruz do Sul. Em primeiro lugar, vamos analisar a densidade demográfica rural e explicar as transformações ocorridas por desmembramentos e anexações no seu território.

Tabela 33 – População rural, área do território e densidade demográfica de Caxias do Sul, Santa Cruz e Rio Grande do Sul entre 1940 e 2007

Ano	População rural			Área do território (Km <sup>2</sup> )			Dens. demográfica rural		
	Caxias do Sul	Santa Cruz	RS	Caxias do Sul	Santa Cruz	RS	Caxias do Sul	Santa Cruz	RS
1940	19.554	43.597	2.286.203	668	2.379	268.887	29,27	18,33	8,50
1950	22.791	53.893	2.742.841	1.072	2.034	268.887	21,26	26,50	10,20
1961	42.090	58.430	3.305.770	1.729	1.618	268.887	24,34	36,11	12,29
1970	30.856	53.820	3.110.602	1.530	1.906	268.887	20,17	28,24	11,57
1980	20.239	44.493	2.523.825	1.530	1.906	268.887	13,23	23,34	9,39
1991	26.150	38.775	2.142.005	1.603	1.700	268.887	16,32	22,81	7,97
2000	27.028	13.846	1.869.166	1.586	616	268.887	17,04	22,47	6,95
2007	22.687	14.013	1.721.912	1.644	734	268.887	13,80	19,10	6,40
Média	-	-	-	1.420	1.612	-	-	-	-

Fonte: IBGE. F.E.E. IPEA.

Ao analisarmos a densidade demográfica rural<sup>23</sup>, podemos observar, na Tabela 33, que, a partir de 1960, a quantidade de pessoas que moravam no campo foi diminuindo. Existiu um súbito aumento em 1991, no caso de Caxias do Sul, mas isto parece se explicar pelo aumento

<sup>23</sup> Densidade demográfica rural é o quociente entre a população rural dividida a área do território.



de área ao longo do período.<sup>24</sup> Pela Tabela 33, visualizamos que a densidade demográfica rural de Caxias do Sul só superou a densidade demográfica de Santa Cruz do Sul no primeiro ano da série (1940).

Pelo contrário, no caso de Santa Cruz observamos um aumento da densidade demográfica rural entre 1940 e 1961. Esta variável começou a diminuir seu valor a partir de 1970. Todos os distritos que foram desanexados eram eminentemente rurais, salvo o distrito de Vera Cruz, por isso sempre a população rural de Santa Cruz era maior que a de Caxias do Sul.<sup>25</sup>

Na Tabela 34, podemos calcular a população rural hipotética e a população total hipotética. Este artifício é usado em demografia para poder comparar as mudanças sofridas na população num período de tempo determinado, sem levar em conta as mudanças de áreas acontecidas no território. Para podermos comparar cada município, fazemos uma média da área de Caxias e de Santa Cruz do Sul, respectivamente (que aparece na última linha da Tabela 33), e multiplicamos pela densidade demográfica rural de cada município. Desta forma, calculamos novamente a população rural de cada lugar. Esse valor passa a se chamar de população rural hipotética. A população total surge como a expressão da soma da população urbana (que não é recalculada) mais a população rural hipotética.

---

<sup>24</sup> Em 1940, Caxias do Sul apresentava uma densidade demográfica rural de 29,27 e uma área territorial de 668 km<sup>2</sup>. No ano de 1950, houve uma anexação de território e a densidade demográfica diminuiu para 21,26 porque Caxias do Sul anexou parte do território de São Francisco de Paula, que, posteriormente constituiu o município de São Marcos. Em 1961, a área de Caxias aumentou para 1729 km<sup>2</sup>, e a densidade aumentou para 24,34 porque incorporou mais território rural. Em 1970, a área do território diminuiu para 1530 km<sup>2</sup>, com a perda do município de São Marcos e anexação de área de São Francisco de Paula, sendo que a densidade demográfica rural diminuiu para 20,17 km<sup>2</sup>. De 1970 para 1980, perdeu população rural sem que Caxias mude de área. Quer dizer que a maior parte do território de Caxias do Sul era eminentemente urbano. As mudanças a partir de 1991 não têm explicação pelos registros da Assembléia, até pode ser um erro de cálculo, mas, conforme aos dados oferecidos pelo IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) e fazendo o cálculo da densidade demográfica rural, podemos deduzir que, num primeiro momento, a densidade demográfica aumentou e depois diminuiu. O ano de 2007, que se situa a um valor próximo ao de 1980, teria tamanho da área adequado.

<sup>25</sup> No caso de Santa Cruz se visualizou uma perda de território ao longo dos períodos analisados, havendo uma única expansão do território nos anos 60, cuja origem não conseguimos averiguar junto à Assembleia Legislativa. Os acontecimentos principais foram a perda de Vera Cruz em 1959, a perda de Boqueirão de Leão em 1987, e a perda de Sinimbu, Vale do Sol e Gramado Xavier em 1992. Vale dizer que todos esses distritos que anteriormente eram de Santa Cruz do Sul eram principalmente rurais, salvo Vera Cruz, que possuía um grau de urbanização mais significativo, por esse motivo, salvo em 1940, a densidade demográfica rural superou aos valores apresentados para Caxias do Sul. Em 1961, representava 36,11 e, em 2007, 19,10, um valor que superava o de Caxias do Sul, ou seja, Santa Cruz do Sul tinha mais pessoas morando na área rural que Caxias.

Tabela 34 – População urbana e suburbana, rural hipotética e total hipotética para Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul e Rio Grande do Sul, entre 1940 e 2007

Ano	População urbana e suburbana			População rural hipotética ‡			População total hipotética ‡‡		
	Caxias do Sul	Santa Cruz do Sul	RGS	Caxias do Sul	Santa Cruz	RGS	Caxias do Sul	Santa Cruz	RGS
1940	20.123	11.444	1.034.486	41.574	29.533	2.286.203	61.697	40.977	3.320.689
1950	35.803	15.712	1.421.980	30.195	42.700	2.742.841	65.998	58.412	4.164.821
1961	61.340	19.070	2.195.000	34.574	58.198	3.305.770	95.914	77.268	5.500.770
1970	114.015	32.967	3.554.239	28.643	45.506	3.110.602	142.658	78.473	6.664.841
1980	200.314	55.152	5.250.024	18.787	37.620	2.523.825	219.101	92.772	7.773.849
1991	264.775	78.998	6.996.455	23.172	36.762	2.142.005	287.947	115.760	9.138.460
2000	333.391	93.786	8.318.667	24.199	36.206	1.869.166	357.590	129.992	10.187.834
2007	376.351	101.844	8.860.928	19.600	30.788	1.721.912	395.951	132.632	10.582.840

‡ Tomando a área média do território dos municípios ao longo do tempo e supondo que a população rural se distribui homogeneamente no território rural em todos os períodos.

‡‡ Recalculada.

Fonte: IPEA, F.E.E, IBGE e criada pela autora.

Na Tabela 35, apresentamos as taxas de urbanização hipotéticas calculadas com base nos dados apresentados na Tabela 34, e, as taxas de crescimento da população total hipotética, também calculadas com base nos dados da Tabela 34.

Considerando a urbanização referente ao ano de 1940, existia uma convergência entre Caxias do Sul e o Rio Grande do Sul, apresentando ambas uma taxa de 32,62% e 31,15%, respectivamente. Para o período seguinte, Caxias do Sul já apresentava uma taxa de urbanização de 54,25%, que aumentava constantemente todos os anos, até chegar a 2007 com uma taxa de 95,05%. Ao contrário, Santa Cruz do Sul apresentava uma taxa de urbanização em 1940 de 27,93%, diminuindo para 26,90% em 1950 e para 24,68% em 1961. Já em 1980, 59,45% dos habitantes moravam na área urbana e, em 2007, Santa Cruz não tinha alcançado o grau de urbanização do Estado, já que este último possuía uma taxa de 83,73%, e Santa Cruz tinha uma taxa de 76,79%.

Tabela 35 – Relação entre as taxas de urbanização hipotéticas de Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul e taxa de crescimento da população total para Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul e Rio Grande do Sul entre 1940 e 2007

Ano	Grau de Urbanização Hipotética (%) ‡			Relação entre as taxas de urbanização hipotéticas de Caxias e Santa Cruz	Taxas geométricas de crescimento da população total ‡‡			Taxas geométricas de crescimento média anual em relação a 1940		
	Caxias do Sul	Santa Cruz	RGS		Caxias do Sul	Santa Cruz	RGS	Caxias do Sul	Santa Cruz	RGS
1940	32,62	27,93	31,15	1,17	-	-	-	-	-	-
1950	54,25	26,90	34,14	2,02	0,68	3,61	2,29	0,68	3,61	2,29
1961	63,95	24,68	39,90	2,59	3,46	2,58	2,56	2,12	3,07	2,43
1970	79,92	42,01	53,33	1,90	4,51	0,17	2,16	2,83	2,19	2,35
1980	91,43	59,45	67,53	1,54	4,38	1,69	1,55	3,22	2,06	2,15
1991	91,95	68,24	76,56	1,35	2,52	2,03	1,48	3,07	2,06	2,00
2000	93,23	72,15	81,65	1,29	2,44	1,30	1,22	2,97	1,94	1,89
2007	95,05	76,79	83,73	1,24	1,47	0,29	0,54	2,81	1,77	1,74

‡ Recalculada.

‡‡ Média anual vis-à-vis o período imediatamente anterior para o qual se dispõe de informações.

Considerando a taxa de crescimento geométrico *vis-à-vis* o período anterior, Caxias do Sul apresentava um crescimento de 0,68% para 1940, chegando a registrar um crescimento de 4,51% na década de 60, e atingindo uma taxa de crescimento de 1,47% em 2000. No entanto, Santa Cruz do Sul começava com um percentual de crescimento de 3,61% em 1940, e foi diminuindo paulatinamente para 0,17% em 1961, cresceu para 2,03% em 1980, chegando a um patamar de crescimento de 0,29% em 2000. Da mesma forma que Santa Cruz do Sul, o Estado foi decrescendo em todos os períodos, começando com uma taxa de crescimento de 2,29% em 1940, aumentando para 2,56% em 1950, diminuindo em 1960 para 2,16% e chegando a 2000 com uma taxa de crescimento de 0,54%. Portanto, o Estado e Santa Cruz convergiam na taxa de crescimento da população total.

Assim, do estudo da demografia, podemos considerar que a taxa de urbanização sempre foi maior em Caxias do Sul. O ponto interessante é que Caxias sempre superou a Santa Cruz do Sul. Considerando Porto Alegre e o Estado de Rio Grande do Sul, podemos voltar para a Tabela 32, onde se apresentavam as taxas de urbanização da capital e do Estado e confirmamos que Porto Alegre já apresentava uma taxa de urbanização de 96,61% em 1940

e chegava a uma taxa de 97,81% em 2007. No entanto, o Estado apresentava uma taxa de urbanização de 31,15% em 1940 e, já em 2007, apresentava uma taxa de urbanização de 83,73%, bem inferior à de Caxias do Sul e à de Porto Alegre.

Das duas formas calculadas, considerando as mudanças de áreas e sem avaliar as anexações e desmembramentos, Caxias do Sul sempre se apresentou mais urbanizado, o que representou um claro sinal de que também já era mais industrializado desde o início, confirmando a teoria de North no sentido da abertura da base de exportação. O autor entendia que, quando existiam desdobramentos do produto original da base de exportação, essa situação provocava o aumento da população e o aumento da urbanização.

#### **4.3 Uma comparação do desenvolvimento mercantil-industrial de Caxias e Santa Cruz. Dois municípios inseridos no contexto regional, nacional e mundial do início do século XX**

O capitalismo no Rio Grande do Sul tem características específicas. Quando se estuda a indústria regional, deve-se destacar que cada região se insere de uma forma particular nas relações de produção capitalistas. A análise da economia gaúcha parte de duas considerações básicas: o enfoque regional que traz características próprias de análise e os antecedentes históricos que esclarecem o comportamento atual da sua economia.

A fim de verificarmos as mudanças acontecidas no processo de industrialização de Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul, utilizamos a periodização de Mello (1982), iniciando a nossa análise com o período de industrialização propriamente dito, o que aconteceu na década de 30.<sup>26</sup> Analisaremos as principais atividades desenvolvidas em ambos os municípios e faremos uma comparação do acontecido no Rio Grande do Sul como um todo.

---

<sup>26</sup> Lembramos que Cardoso de Mello divide o processo de industrialização brasileira em três etapas: período de crescimento industrial, industrialização restringida e, posteriormente, industrialização pesada. Os dados da indústria que possuímos são de 1937 proporcionados pelo Departamento Estadual de Estatística, através de uma publicação, que oferecem uma ampla abertura dos gêneros da indústria. Para podermos classificar, sistematizar e comparar os períodos subseqüentes, inclusive com dados do IBGE, classificamos as informações conforme a CNAE na sua versão mais moderna. O Departamento Estadual de Estatística classificava as atividades conforme as normas da época. Vamos oferecer um exemplo: o fumo estava classificado na área dos alimentos. Para poder - mos medir o grau de representatividade de tal atividade na economia do município e para poder entender o que aconteceu nos diversos anos estudados, classificamos conforme a CNAE e, dessa forma, foi possível obter uma informação homogênea e comparável.

Para analisarmos a indústria correspondente ao ano de 1937, faremos um breve comentário sobre o texto de Limeira Tejo<sup>27</sup> (1939), que falava sobre a indústria desse período e que introduzia as bases para a compreensão da dinâmica industrial do Estado de Rio Grande do Sul e de cada município, a partir da época do início da industrialização restringida.

Limeira Tejo (1939) estuda a indústria rio-grandense e enumera as suas características no fim do século XIX e início do século XX. Num primeiro momento, o autor define o contexto mundial que caracterizava a economia do século XX. Esse contexto era marcado pela existência de duas políticas que definiam a economia do planeta. Uma corrente visava à garantia do fornecimento de matéria-prima para suas indústrias. Por outra parte, a outra corrente se preocupava em colocar seus produtos manufaturados em outros mercados e acontecia uma disputa por esses mercados.

Pela concorrência com países como Canadá e Argentina, que eram países que forneciam o mesmo tipo de produtos que o Rio Grande do Sul, não existia oportunidade para uma circulação internacional dos produtos alimentícios do Estado.

Ao falar das condições para a industrialização no Estado, pode-se dizer que, no início de século XIX, ainda era cedo para falar de indústrias propriamente ditas. Nesse sentido, Limeira Tejo vai ao encontro da periodização de Cardoso de Mello (1982), que entende que, antes de 1930, existia um período de crescimento industrial. Quando Limeira Tejo se refere ao período que antecede a Primeira Guerra Mundial, ressaltando que, na época, se observava uma concorrência acirrada no nível internacional, com grandes grupos multinacionais que fechavam as portas para as incipientes indústrias nacionais. Primeiro existia a formação econômica denominada *trust* que impedia a livre comercialização de mercadorias. Depois era o estabelecimento de barreiras alfandegárias que impediam os países de intercambiar seus produtos. “Desse momento em diante, todas as economias nacionais que se prezassem de estar a serviço de uma civilização nacional, teriam de ser realizadas em função imediata das circunstâncias internacionais. E, dentro do sistema econômico nacional, os movimentos de produção das regiões”. Limeira Tejo afirma que as regiões deviam estar articuladas ao cenário

---

<sup>27</sup> Os comentários de Limeira Tejo (1937) estão inseridos na introdução às informações publicadas pela D.E.E, que faz um levantamento do número de estabelecimentos, pessoal empregado, valor de produção e capital empregado de todos os municípios do Rio Grande do Sul. As apreciações deste autor são relevantes porque definem as principais características da indústria, nessa época, marcada, principalmente, pelos regionalismos do Estado.

nacional e internacional. Mas o autor destaca que o mais importante nessa conjuntura era o significado da indústria

Grande parte dessa atividade representava um trabalho de simples oficina, quando não era mera operação de arremate à produção agrícola. A indústria independente, essa estava apenas em esboço cuja expressão mais adiantada, iremos encontrar na tecelagem.

Esse ponto, que o autor levanta, é fundamental para a análise das informações estatísticas existentes a partir do início de século XX. De acordo com Limeira Tejo, é preciso ressaltar que os estabelecimentos existentes no Estado eram, na verdade, estabelecimentos artesanais, que beneficiavam a produção agrícola. Portanto, eram duas as características presentes na atividade manufatureira rio-grandense da época: a precariedade das oficinas e o grau de atrelamento à atividade agrícola. A única indústria mais adiantada era a de fabricação de tecidos.

Por outra parte, o autor entende que a indústria alimentícia era uma das indústrias que possuía mais estabelecimentos em todos os municípios do Rio Grande do Sul. As serrarias, as fábricas de móveis e calçados, as cervejarias e as indústrias de construção se representaram amplamente na Exposição Industrial de 1901 do Rio Grande do Sul<sup>28</sup>.

Segundo Limeira Tejo (1939), as indústrias do Rio Grande do Sul experimentaram um crescimento no período da Primeira Guerra Mundial e, quando cessou o conflito, houve um decréscimo da produção industrial, já que as antigas fábricas, no exterior, que interromperam sua produção durante o conflito, retomaram as suas atividades nos anos posteriores a 1918.

A partir de 1929, a moeda se desvalorizou, e isso provocou a redução do poder aquisitivo para os produtos estrangeiros. Muitas empresas multinacionais se instalaram e uma série de leis nacionais evitou a exportação dos lucros dessas empresas. Houve outras medidas, como o controle do mercado de câmbio, centralização do mercado do ouro e suspensão do pagamento da dívida externa. Dessa maneira, Tejo entende que, com essas armas, foi possível enfrentar a crise de 29. E, quando as grandes economias nacionais sofreram os efeitos

---

<sup>28</sup> Relatório apresentado ao Presidente do Estado do Rio Grande do Sul pelo Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, em 15 de agosto de 1901.

devastadores da crise, Brasil aproveitou a oportunidade para iniciar seu processo de industrialização.

Analisando o número de estabelecimentos e comparando com o capital empregado nas fábricas do Brasil durante o período entre 1912 e 1920, Limeira Tejo aponta que, nesse período houve uma diminuição de estabelecimentos, mas, que o capital aplicado aumentou em dobro. A causa dessa dicotomia seria que a oficina artesanal não predominava no cenário nacional. A diferença fundamental era que essas oficinas foram substituídas pelas grandes fábricas e, por esse motivo, o capital duplicou e o número de estabelecimentos diminuiu, já que as oficinas demandavam de mais espaço e as fábricas se caracterizavam pela concentração industrial. Devemos salientar que Limeira Tejo fala de concentração industrial no sentido que é utilizado na economia ortodoxa. O embasamento teórico utilizado para analisar a concentração industrial apóia-se nos parâmetros de Marx. Terminada a Primeira Guerra Mundial, a economia nacional iria passar por provas difíceis. A indústria, que fora beneficiada pelas situações criadas pelo conflito europeu, foi a mais prejudicada. O mercado interno do país possibilitou a incipiente aparição de uma indústria sem uma técnica apurada e sem organização comercial e como afirma Tejo (1939, p. 47): “sem a assistência de poderosos capitais”. Da mesma forma, o autor considera que,

Pouca gente conhece a luta cruel, sem tréguas e sem piedade, que foi elevada a efeitos contra as nossas realizações industriais, comandada de fora e custeada por “*trusts*” que não vacilavam ante os prejuízos tremendos que lhes ocasionava o preço de combate. E que, uma vez sufocada a fábrica nacional, seria fácilimo a essas organizações internacionais - como dominadoras únicas do nosso mercado - ditar as condições que ressarcissem aqueles prejuízos. (TEJO, 1939, p. 47)

Esse período é considerado um dos momentos mais difíceis da transição da economia industrial brasileira.

O receio de perder terreno nos mercados internacionais provocou o surgimento de oportunidades produtivas. Após a grande Guerra, Brasil começou a valorizar seu mercado interno. O comércio intensificou-se entre as regiões do país. A indústria nacional tinha atingido o grau de progresso necessário para satisfazer as necessidades nacionais de manufatura. (TEJO, 1939, p. 49)

A partir de 1930, o processo de industrialização brasileira encontrou seu sentido histórico. Até esse momento, as medidas reduziam-se a simples políticas protecionistas. A partir da década de 30, começou a se desenvolver um projeto nacional, e a indústria perdeu seu caráter de intermediário entre os centros internacionais de capital financeiro e os centros de consumo nacional, para adquirir seu caráter histórico. “O de força propulsora da economia

nacional de ocupação da imensa base física da comunhão política brasileira” (TEJO, 1939, p. 53).

Então, que papel coube à indústria rio-grandense? O processo de evolução da indústria gaúcha diferia do resto do país pelo tamanho e pela estrutura. “As organizações industriais gaúchas não possuem esse grau de grandiosidade de algumas outras do país” (TEJO, 1939, p. 54).

Quando Tejo fala do censo de 1920 comparado com o de 1937, indica que existia um aumento na concentração industrial. Essa concentração, por sua vez, indicava progresso técnico e ampliação da capacidade produtiva das fábricas.<sup>29</sup>

Mas quiçá uma das observações mais relevantes no trabalho deste autor é a coexistência de grandes fábricas ao lado de oficinas artesanais. Portanto, não existia um padrão uniforme de organização produtiva.

A oficina do artesão está ao lado de instalações poderosas, muitas vezes com atividade idêntica, desmentindo o tirânico “*struggle for life*” da interpretação darwinista. Essa revelação estatística, no entanto, longe de representar uma questão nova no nosso trabalho, vem justamente em auxílio da nossa maneira de tratar o assunto, pois achamos como os modernos biólogos que o essencial no animal não é sua forma e sim a transformação, não é a estrutura, mas o processo vital. (TEJO, 1939, p. 55)

Contrariando as opiniões de muitos economistas que entendiam que não podia haver essa coexistência, essa ideia contraria a interpretação darwinista que entendia, que a grande empresa destruía a pequena empresa.

A explicação das ideias de Limeira Tejo proporciona as bases para entender o momento histórico e as principais atividades econômicas desenvolvidas no Rio Grande do Sul. Da mesma forma, possibilita desvendar as características do processo de industrialização de Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul. Agora, para poder analisar as principais variáveis da indústria, temos que recorrer ao embasamento teórico de Marx, para aplicação de conceitos

---

<sup>29</sup> Limeira Tejo fala de concentração industrial no sentido ortodoxo da economia, que equivale à centralização do capital para Marx: poucas empresas controlam um mercado oligopolístico. No sentido especificamente marxiano, concentração é ampliação do estoque de capital por empresa, é o desdobramento necessário da acumulação interna dos lucros.



tais como concentração e centralização enquanto indicadores do grau de desenvolvimento capitalista.

#### **4.3.1 Mais-valia, produtividade e acumulação de capital**

O conceito de mais-valia é nuclear para a determinação de relações capitalistas em Marx (1996). Segundo autor, o trabalhador deve trabalhar uma determinada quantidade de tempo para conseguir comprar os bens necessários para seu sustento. O restante do trabalho não lhe pertence, pertence ao capitalista. Vamos supor que o trabalhador, por contrato, deva trabalhar por oito horas, mas, com quatro horas de trabalho, ele consegue os bens necessários para seu sustento, as restantes quatro horas são trabalho excedente, ou trabalho não pago que vai para o capitalista. Desta forma, Marx define a mais-valia como a quantidade de trabalho não pago, que o capitalista se apropria dos trabalhadores e que, sob a forma de mercadoria convertida em dinheiro, toma a forma do lucro bruto (lucro líquido, juros, rendas e aluguéis e impostos). Mais-valia é aquele valor que o trabalhador cria para além do valor de sua força de trabalho. Quer dizer que o trabalhador trabalha parte do tempo para si e a maior parte desse tempo para produzir mercadorias para o empresário. A diferença entre o salário que ganha e a mercadoria que produz se denomina mais-valia<sup>30</sup>. Conforme Marx (1996, p.138), “A produção capitalista não é apenas produção de mercadorias, é essencialmente produção de mais-valia. O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta, portanto, que produza em geral. Ele tem que produzir mais-valia. Apenas é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista ou serve à autovalorização do capital”.

É importante destacar a distinção entre mais-valia absoluta e mais-valia relativa. O capitalista poderá conseguir um excedente através de duas formas: prolongando a jornada de trabalho ou diminuindo o tempo necessário à reprodução do trabalhador. Mais-valia absoluta é aquela conseguida com o aumento de horas trabalhadas. Marx destaca que a mais-valia absoluta tem um limite porque o trabalhador não pode ser explorado até a exaustão. Esse limite está determinado pela legislação e pela luta sindical. A mais-valia relativa é a mais-valia que se obtém mediante a diminuição do tempo de trabalho necessário. Marx entende que a mais-valia absoluta constitui o ponto de partida para a produção da mais-valia relativa.

---

<sup>30</sup> Para calcular a mais-valia, aplica-se a fórmula valor de transformação industrial menos salário total. Para 1950, vai se aplicar esta fórmula para o total da indústria conforme aos dados do IBGE.

Com esta, a jornada de trabalho está desde o princípio dividida em duas partes: trabalho necessário e mais trabalho. Para prolongar o mais trabalho, reduz-se o trabalho necessário por meio de métodos pelos quais o equivalente do salário é produzido em menos tempo. A produção da mais-valia absoluta gira apenas em torno da duração da jornada de trabalho: a produção da mais-valia relativa revoluciona de alto a baixo os processos técnicos do trabalho e os agrupamentos sociais. (MARX, 1996, p. 138)

Marx afirma que a diferença entre mais-valia absoluta e mais-valia relativa não pode ser absolutizada, pois as duas categorias se complementam:

De certo ponto de vista, toda diferença entre mais-valia absoluta e mais-valia relativa parece ilusória. A mais-valia relativa é absoluta, pois condiciona um prolongamento absoluto da jornada de trabalho além do tempo de trabalho necessário à existência do próprio trabalhador. A mais-valia absoluta é relativa, pois condiciona um desenvolvimento da produtividade do trabalho, o qual permite limitar o tempo de trabalho necessário a parte da jornada de trabalho. (1996, p. 138)

A diminuição da jornada de trabalho pode se obter através do aumento da produtividade do trabalho. Quando aumenta a produtividade<sup>31</sup> do trabalho em todos os setores industriais, torna-se possível diminuir o custo dos bens que compõem a cesta básica do trabalhador. Por exemplo, a melhoria da produtividade no setor vestuário pode diminuir o preço das roupas que entram na composição da cesta do trabalhador. Mas todos os ramos que produzem os bens que consome o trabalhador têm que diminuir. Dessa forma, os capitalistas podem conseguir o aumento da produtividade recorrendo à mudanças na organização do trabalho e à inovação tecnológica. O empregador procura diminuir o tempo de trabalho necessário para produzir um bem, sem diminuir a jornada de trabalho. Desse modo, consegue aumentar o trabalho excedente. O progresso técnico aumenta a mais-valia relativa ao aumentar a produtividade.

Para Marx, um dos conceitos fundamentais é a apropriação da mais-valia pelo capital. Os lucros, juros e alugueis (os rendimentos da propriedade) são a expressão da mais-valia. Marx entende que o capitalista é o primeiro apropriador, mas não é o último proprietário dessa mais-valia, a que se divide em diferentes partes. “Suas frações cabem a categorias diferentes de pessoas e recebem formas diferentes, independentes umas das outras, tais como lucro, juro, ganho comercial, renda da terra”. (MARX, 1996, p. 197). Dessa forma, a mais

---

<sup>31</sup> A melhoria da produtividade é a forma de aumentar a mais-valia relativa. Para entender esse processo estudamos a produtividade mediante o emprego da fórmula valor de transformação industrial sobre pessoas ocupadas.. Os conceitos de mais-valia e produtividade está intimamente ligados. Por tal motivo, estudam-se na mesma tabela em forma conjunta, por exemplo, na Tabela 42 para o ano de 1950 .

valia vai ser apropriada em forma de impostos, lucro do capitalista, juros pagos aos bancos e depreciação de maquinarias. O excedente não fica só nas mãos do capitalista. Marx afirma que a reconversão da mais-valia em capital é o que se denomina acumulação de capital.

Também Marx explica que a exploração sempre se perpetua:

O processo de produção capitalista reproduz, portanto, mediante seu próprio procedimento, a separação entre força de trabalho e condições do trabalho. Ele reproduz e perpetua, com isso, as condições de exploração do trabalhador. Obriga constantemente o trabalhador a vender sua força de trabalho para viver e capacita constantemente o capitalista a comprá-la para se enriquecer. (MARX, 1996, p. 210)

É obvio que o próprio processo capitalista sempre reproduz a própria relação capital-  
assalariado.

O processo de produção capitalista, considerado como um todo articulado ou como processo de reprodução, produz, por conseguinte, não apenas a mercadoria, não apenas a mais-valia, mas produz e reproduz a própria relação capital, de um lado o capitalista, do outro o trabalhador assalariado. (MARX, 1996, p. 211)

Marx (1996) também estuda a relação entre mais-valia e acumulação. A mais-valia vai se transformando em capital e isso vai provocar a ampliação da escala de produção.

Com a acumulação do capital desenvolve-se o modo de produção capitalista e com modo de produção capitalista, a acumulação de capital. Esses dois fatores econômicos criam de acordo com a relação conjugada dos impulsos que eles se dão mutuamente, a mudança na composição técnica do capital pela qual a componente variável se torna cada vez menor comparada à constante. (MARX, 1996, p. 256)

Assim, na relação capitalista, sempre vai existir a exploração ao trabalhador, e é nesse sentido que a reprodução do capital, a acumulação e a apropriação dos lucros merecem uma atenção em especial<sup>32</sup>. Sendo a mais-valia e a acumulação, duas categorias fundamentais na teoria de Marx, também se aprofunda a relação desses dois conceitos com a concentração e a centralização do capital.<sup>33</sup>

<sup>32</sup> Para calcular a taxa de exploração, aplica-se a fórmula mais-valia sobre salários totais. Isto significa o quanto o trabalhador é explorado. Ver Tabela 42 com os dados correspondentes ao cálculo da taxa de exploração e a mais valia referente ao ano de 1950, correspondentes aos municípios de Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul, Porto Alegre e ao Estado de Rio Grande do Sul.

<sup>33</sup> Toda a teoria de Marx serve para interpretar nossos dados empíricos que indicam se cada município percorreu ou não o caminho do desenvolvimento econômico conforme aos parâmetros capitalistas de produção. Nas tabelas de indústria foram analisadas as categorias centralização e concentração através do número de estabelecimentos, valor de transformação industrial e capital empregado para entender as particularidades do desenvolvimento capitalista de Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul.

### **4.3.2 Concentração e centralização do capital: duas categorias representadas no processo comparativo da Indústria**

A concentração de capital tem dois sentidos em economia. No sentido de Marx, significa a capacidade de alguns agentes de comandarem volumes expressivos de riquezas. Num sentido ortodoxo, de economia não marxista, significa poucas empresas operando no mercado como concorrentes. A esse processo Marx denomina centralização do capital. São duas dimensões da concorrência e da acumulação, que, sem serem rigorosamente iguais, se articulam e se reforçam reciprocamente. Marx diz, na verdade, que uma economia demonstra um grau maior de desenvolvimento capitalista quanto maiores forem a concentração e a centralização do capital. Concentração é muito dinheiro em cada empresa. Centralização significa poucas empresas. Quanto maior o volume de capital de cada empresa, e quanto menor o número de empresas existentes no mercado, mais capitalista a sociedade é. Para entendermos esses conceitos, bem como sua aplicação neste trabalho, recorreremos aos conceitos de Marx, a fim de obtermos o suporte necessário ao nosso embasamento teórico. Ele explica que a base do capitalismo é a acumulação de capitais, e esse capital concentra-se nas mãos de poucos empresários. Essa concentração possibilitou a produção em larga escala.

Para ilustrarmos o que significa concentração, enunciamos o que Marx expressou :

Todo capital individual é uma concentração, maior ou menor de meios de produção com comando correspondente sobre um exército maior ou menor de trabalhadores. Toda acumulação torna-se meio de nova acumulação. Ela amplia, com a massa multiplicada da riqueza que funciona como capital, sua concentração nas mãos de capitalistas individuais e, portanto, a base da produção em larga escala e dos métodos de produção especificamente capitalistas. (MARX, 1996, p. 256)

Pela própria dinâmica do capitalismo, o capital se reproduz, fruto da acumulação, e cada vez mais vai crescendo nas mãos dos capitalistas. Este é o sentido da concentração: a geração de grandes capitais.

Quando o capital vai crescendo através da acumulação, cresce também o número de capitalistas em forma proporcional. Duas características são próprias da concentração, que,

conforme Marx, é idêntica à acumulação. A primeira é a concentração dos meios de produção nas mãos de capitalistas individuais. A segunda é a distribuição do capital em todas as atividades de produção. A lógica do capital indica que, à medida que vai se acumulando o capital, vai se concentrando através da fragmentação de capitais antigos e pela constituição de novos capitais. Nesse sentido, acumulação, concentração e centralização são faces da mesma moeda.

Assim se a acumulação se apresenta por um lado como concentração crescente dos meios de produção e do comando sobre o trabalho, por outro lado ela aparece como repulsão recíproca entre muitos capitais individuais. (MARX, 1996, p. 257)

À medida que vão se desenvolvendo as atividades de produção, a concorrência se torna mais acirrada entre os diversos capitais, Os mais fortes derrotam os mais fracos. A concorrência depende da produtividade do trabalho da escala de produção e da diminuição do custo das mercadorias. Com o desenvolvimento do modo de produção capitalista, aumenta o tamanho mínimo necessário do capital individual empregado para gerenciar um empreendimento. Dessa forma, o mercado será constituído por empresas com grande volume de capital e as empresas menores disputarão os espaços nos quais a grande indústria deixou um nicho de mercado para elas operarem. Assim,

os capitais menores disputam, por isso, esferas da produção das quais a grande indústria se apoderou apenas de modo esporádico ou incompleto. A concorrência se desencadeia aí com fúria diretamente proporcional ao número e em proporção inversa à grandeza dos capitais rivais. Termina sempre com a ruína de muitos capitalistas menores, cujos capitais em parte se transferem para a mão do vencedor, em parte soçobram. (MARX, 1996, p. 258)

A luta pela sobrevivência das empresas deixará muitos capitalistas menores no caminho, e surgirá outro fenômeno: a centralização. O processo de produção será comandado por menos empresas, com grandes volumes de capital. As pequenas empresas irão desaparecendo e deixando o caminho para grandes empreendedores.

Marx explica o conceito de centralização desta forma:

O capital se expande aqui numa mão até atingir grandes massas, porque acolá ele é perdido por muitas mãos. É a centralização propriamente dita, distinguindo-se da acumulação e da concentração. (MARX, 1996, p. 257)

Sendo assim, a lógica do capitalismo é concentrar nas mãos de poucos. No fim, o capital fragmentado em capitais menores se transforma em capitais maiores. Marx entende que a centralização é diferente da concentração e da acumulação. A centralização é a concentração do capital nas mãos de poucas pessoas. A concentração é caracterizada pela existência de um volume expressivo de capital nas empresas.

Essa dispersão do capital global da sociedade em muitos capitais individuais ou a repulsão recíproca entre suas frações é oposta por sua atração. Esta já não é concentração simples, idêntica à acumulação de meios de produção e de comando sobre o trabalho. É concentração de capitais já constituídos, supressão de sua autonomia individual, expropriação de capitalistas por capitalistas, transformação de muitos capitais menores em poucos capitais maiores. (MARX, 1996, p. 257)

Por outra parte, Marx explica que a centralização favorece a multiplicação do capital, e as empresas centralizadas favorecem a acumulação do capital. Quando se fala em acumulação, necessariamente se fala em centralização.

As massas de capital soldadas entre si da noite para o dia pela centralização se reproduzem e multiplicam como as outras, só que mais rapidamente e, com isso, tornam-se novas e poderosas alavancas da acumulação social. Ao falar, portanto, do progresso da acumulação social- hoje- os efeitos da centralização estão implícitos. (MARX, 1996, p. 258)

Conforme Marx (1996), a centralização complementa a obra da acumulação porque permite aos capitalistas expandir suas operações. Segundo as considerações do autor, o mundo não haveria alcançado nenhum progresso caso se esperasse que os capitais individuais pudessem construir grandes empreendimentos na área de transporte e energia. Sendo assim, para o desenvolvimento do capitalismo, foi necessária a centralização do capital. Com efeito, o capital em poucas mãos levou á realização de grandes obras que não teriam sido possíveis com a direção de capitais individuais. A organização das empresas em sociedades anônimas levou à modernização das fábricas por emprego de novas tecnologias, situação que gerou menor demanda de mão de obra no processo produtivo.

O mundo ainda estaria sem estradas de ferro, caso ficasse esperando até que a acumulação de alguns capitais individuais alcançasse o tamanho requerido para a construção de uma estrada de ferro. No entanto, a centralização mediante as sociedades por ações chegou num piscar de olhos. E enquanto a centralização assim reforça e acelera os efeitos da acumulação, amplia e acelera simultaneamente as revoluções na composição técnica do capital que aumentam sua parte constante a custa de sua parte variável e, com isso, diminuem a demanda relativa de trabalho. (MARX, 1996, p. 259)

Dessa forma, para compreendermos a evolução do capitalismo nos municípios estudados, acreditamos que deve ser feita uma análise da concentração e da centralização de capitais, para verificarmos se cada local alcançou o grau de desenvolvimento necessário no processo produtivo conforme a teoria de Marx.

#### **4.3.3 Industrialização restringida: análise das variáveis da indústria de Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul durante o período de 1937-1955**

Tomando por referência essa breve exposição da situação nacional e estadual da indústria através da ótica de Limeira Tejo, e também da análise do embasamento teórico através do qual vamos explicar o desenvolvimento de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul, vamos nos focar no que acontecia na indústria de ambos os municípios. Vai se analisar o período que coincide com o início da industrialização brasileira conforme ao proposto por Mello (1982).

Vamos analisar o processo de industrialização através do número de estabelecimentos, o capital empregado, o número de empregados e o valor da produção. Para podermos efetuar uma comparação entre os dois municípios, calculamos um quociente entre os valores apresentados para os dois municípios no que se refere às variáveis selecionadas. O quociente estabelece a relação que existe entre Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul e demonstra a superioridade ou a inferioridade da indústria nas variáveis selecionadas. A relação estabelecida entre Caxias e Santa Cruz do Sul através da leitura dos quocientes proporciona subsídios suficientes para entender a lógica do capital, a centralização e a concentração industriais. A seguir apresentamos a Tabela 36 com os valores absolutos da indústria de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul e os quocientes determinados entre ambos os municípios.

Tabela 36 – Estatística da Indústria de 1937

Gêneros da Indústria	Caxias do Sul				Santa Cruz do Sul				Caxias do Sul sobre Santa Cruz do Sul			
	N. de Estabelecimentos	Capital Empregado	N. de Empregados	Valor da produção	N. de Estabelecimentos	Capital Empregado	N. de Empregados	Valor da produção	N. de Estabelecimentos	Capital Empregado	N. de Empregados	Valor da produção
Alimentos	13	2.991.500	91	5.480.291	29	856.000	179	7.729.000	0,448	3,495	0,508	0,709
Bebidas	22	7.501.500	421	10.098.502	6	344.000	29	740.000	3,667	21,807	14,517	13,647
Fumo	0	0	0	0	7	2.168.000	162	4.304.000	0,000	0,000	0,000	0,000
Têxteis	8	8.261.000	757	10.698.500	0	0	0	0	////	////	////	////
Vestuário	17	197.000	61	1.186.600	39	285.500	75	536.000	0,436	0,690	0,813	2,214
Couro, calçados e Afins	24	3.244.700	169	3.537.600	39	244.500	71	733.000	0,615	13,271	2,380	4,826
Produtos de Madeiras	7	331.000	87	1.878.050	37	564.000	98	758.000	0,189	0,587	0,888	2,478
Celulose, papel e papelão	0	0	0	0	0	0	0	0	////	////	////	////
Impressão	4	103.000	18	214.000	7	431.000	69	415.000	0,571	0,239	0,261	0,516
Combustíveis	0	0	0	0	0	0	0	0	////	////	////	////
Químicos	3	620.000	41	1.289.527	4	160.000	15	234.000	0,750	3,875	2,733	5,511
Farmacêuticos	0	0	0	0	1	20.000	3	36.000	0,000	0,000	0,000	0,000
Borracha	0	0	0	0	2	605.000	122	1.445.000	0,000	0,000	0,000	0,000
Produtos minerais não metálicos	11	124.500	51	812.800	40	582.000	110	820.000	0,275	0,214	0,464	0,991
Metalurgia	3	6.025.000	465	9.747.500	11	553.000	48	701.000	0,273	10,895	9,688	13,905



<b>Produtos de metal</b>	27	530.000	50	1.001.900	68	487.000	133	836.000	0,397	1,088	0,376	1,198
<b>Ótica, eletrônica e informática</b>	0	0	0	0	0	0	0	0	////	////	////	////
<b>Máquinas aparelhos e materiais elétricos</b>	0	0	0	0	0	0	0	0	////	////	////	////
<b>Máquinas e equipamentos</b>	2	65.000	10	190.000	0	0	0	0	////	////	////	////
<b>Veículos e carrocerias</b>	2	66.000	8	189.000	0	0	0	0	////	////	////	////
<b>Outros equipamentos de transporte</b>	0	0	0	0	0	0	0	0	////	////	////	////
<b>Mobiliário</b>	16	1.204.000	180	3.735.850	41	400.000	90	739.000	0,390	3,010	2,000	5,055
<b>Produtos diversos</b>	1	40.000	4	125.000	5	18.000	5	57.000	0,200	2,222	0,800	2,193
<b>Total</b>	160	31.304.200	2.413	50.185.120	346	7.888.000	1.251	20.083.000	<b>0,462</b>	<b>3,969</b>	<b>1,929</b>	<b>2,499</b>

Fonte: Departamento Estadual de Estatística, 1939.

O primeiro gênero que chama a nossa atenção é o de alimentos. Apesar de existir uma relação superior desde o ponto de vista do capital empregado, de 3,495 vezes de investimentos de Caxias sobre Santa Cruz do Sul: o número de empregados, o número de estabelecimentos e o valor de produção indicavam que Santa Cruz do Sul possuía uma superioridade nessas três variáveis. A superioridade do número de estabelecimentos de Santa Cruz do Sul, em contraste com o menor valor do capital total, revela que Caxias do Sul já apresentava, no período, um grau de concentração e centralização superiores nesse segmento. Pelo contrário, em Santa Cruz, a maior quantidade de estabelecimentos demonstrava a existência de oficinas artesanais junto a empresas de grande porte, o qual era característico do período analisado na indústria rio-grandense, como afirmava Limeira Tejo. A indústria de alimentos era uma das principais atividades de Rio Grande do Sul, e nos dois municípios, existia uma indústria pujante e relevante nesse ramo.

Nas bebidas, gênero no qual estava incluído o vinho, Caxias superava amplamente a Santa Cruz do Sul em 21,80 vezes o capital investido nas indústrias, em 14,51 vezes o número de empregados e em 13,64 o valor da produção. Essa superioridade justificava-se principalmente pelo fato de o vinho ser o carro-chefe da economia do lugar. Esse produto era a base exportadora da região de Caxias do Sul.

Naquela época, Caxias do Sul não possuía nenhum estabelecimento que beneficiasse fumo ou vendesse cigarros, portanto não se pôde determinar uma relação entre as variáveis estudadas entre os dois municípios. Desde o ponto de vista de números de estabelecimentos na indústria, Santa Cruz do Sul possuía sete estabelecimentos, o que indicava um alto grau de centralização industrial no beneficiamento do fumo. Este se organizava de uma forma diferente em relação aos outros gêneros da indústria devido à suas próprias particularidades e dinamismo.

Comparando o fumo e as bebidas, os dois municípios tinham como denominador comum uma base de exportação agrícola. Segundo North (1955, p. 299), “o desenvolvimento de um artigo de exportação refletia uma vantagem comparativa nos custos relativos de produção, incluindo custos de transferência”. Neste caso, a vantagem absoluta se apresentava no vinho, no caso de Caxias do Sul, e no fumo, no caso de Santa Cruz do Sul..

A diferença para North está no conceito de indústria porque, para o autor, o fumo não seria bem uma indústria porque não representava a industrialização de bens de consumo finais ou de capital. Já o vinho constituiria uma indústria porque tinha uma transformação, uma elaboração e chegava ao consumidor de uma forma diferente daquele como era produzido.

Os gêneros nos quais Caxias do Sul superava a Santa Cruz do Sul, analisando o capital empregado, o número de empregados e o valor da produção, eram, couros, produtos químicos, metalurgia, mobiliário e produtos diversos.

A metalurgia merece um comentário especial porque, junto com a indústria têxtil e a indústria de bebidas, representava as três atividades que mobilizavam a indústria de Caxias do Sul. Num começo, a metalurgia constituía um exemplo do que North denominava como: “os desdobramentos da produção original e as indústrias subsidiárias que surgiram posteriormente.” A metalurgia surge como um desdobramento do vinho, mas, logo depois, começa a se destacar pelos valores de produção expressivos e pela quantidade de empregados trabalhando para essa indústria.

Em relação ao emprego, a maior força de trabalho estava concentrada na indústria têxtil, com 757 empregados, que pelo próprio processo de produção e pela tecnologia pouco sofisticada na época exigia uma maior quantidade de operários. Em segundo lugar, a metalurgia apresentava uma quantidade de 465 empregados e, a bebida, item que incluía principalmente o vinho, detinha uma força de 421 empregados. Também, o couro e o mobiliário impulsionavam a indústria de Caxias do Sul no que se refere à geração de empregos.

Em relação ao valor de produção e ao capital empregado, as três atividades que puxavam os índices de desempenho industrial de Caxias do Sul eram as mesmas que detinham a maior força laboral no município: a bebida, a indústria têxtil e a metalurgia. Assim, lembrando da apresentação de Limeira Tejo, podemos dizer que isso coincide com o que esse autor comentava que acontecia no Rio Grande do Sul. Eram indústrias que beneficiavam produtos agropecuários e, existiam muitos estabelecimentos artesanais junto às grandes fábricas. Portanto não existia um padrão uniforme de organização produtiva.

Vale salientar que Santa Cruz do Sul se destacava pelo fumo, pela alimentação e pela indústria da borracha. Analisando os dados desse período, podemos constatar a pouca diversificação e a falta de desdobramento da base de exportação, que North indicava como elemento fundamental para o crescimento das regiões. Apesar de ter traços característicos comuns a Caxias do Sul em relação aos seus principais produtos, que eram indústrias baseadas na transformação de bens situados próximos às fontes de matéria prima, tinha outras características que representavam um perfil diferenciado.

Analisando a indústria como um todo, podemos corroborar que o total do valor da produção de todos os gêneros que compunham a indústria de transformação de Caxias do Sul superava em duas vezes e meia, o valor da produção das indústrias de Santa Cruz do Sul. O valor dos empregados de Caxias do Sul era quase duas vezes o valor do número de empregados de Santa Cruz do Sul e quase quatro vezes o capital empregado. A ampla superioridade era um forte indicativo da ampliação da base de exportação de Caxias do Sul, da diversificação das atividades e da abertura da indústria ao mercado externo.

Deve-se salientar que, nesse período, o número de estabelecimentos industriais era superior em Santa Cruz do Sul, mas essa superioridade se deve principalmente à grande quantidade de firmas organizadas de forma artesanal. O empreendedorismo sempre esteve presente na indústria e no comércio de Santa Cruz do Sul.

Para completar a nossa análise e para mostrar a evolução da composição industrial, apresentamos a Tabela 37, com os dados correspondentes ao período de 1941. Em primeiro lugar, ao estudarmos o gênero alimentício, percebemos que a relação entre Caxias e Santa Cruz do Sul se manteve, em linhas gerais, semelhante à de 1937. O valor de produção que, no período de 1937, representava um valor 0,79 vez menor que o de Santa Cruz do Sul, passou a ser 1,77 maior que o de Santa Cruz do Sul. Observa-se uma redução da relação do capital empregado entre ambos os municípios. Santa Cruz passou de 3,49 vezes (em 1937) para 1,69 vezes (em 1941). O número de empregados de Caxias do Sul, no setor de alimentação, passou de 0,50 para 0,78 vezes menor que o de Santa Cruz do Sul. A organização industrial da época caracterizava-se pela coexistência de diversos estabelecimentos que beneficiavam produtos agrícolas da região e que praticamente atendiam ao mercado interno.

No gênero de bebidas, os dados revelam que foi mantida a superioridade de Caxias do Sul em relação à indústria de Santa Cruz do Sul. Verificamos que o valor de produção da bebida de Caxias do Sul representava 25 vezes o valor de produção de Santa Cruz do Sul, que o capital empregado correspondia a 21 vezes mais, que o número de empregados superava em dezoito vezes, e que o número de estabelecimentos representava 25 vezes mais o valor de Santa Cruz do Sul. Apesar da presença de empreendedores em Santa Cruz do Sul, os quais investiam na fabricação de bebidas, Caxias apresentava uma clara dominação nesse gênero, principalmente, porque o vinho era sua tradicional atividade industrial.

No setor têxtil, Caxias do Sul superava em seis vezes o número de empresas instaladas em Santa Cruz do Sul, o capital empregado era 1609 vezes maior, e o valor da produção era de 975 vezes superior<sup>34</sup>.

No vestuário, o capital empregado de Caxias do Sul superava três vezes o capital investido, o número de empregados superava 5,2 vezes e o valor da produção superava 3,50 o valor da produção do vestuário de Santa Cruz do Sul. O vestuário é um setor interessante para fazer análise porque era um setor de livre entrada. Podemos traçar um paralelo com o setor de alimentos, que também era um setor de livre entrada, e, essa facilidade, que permite montar um empreendimento com bastante facilidade, leva a conclusões equivocadas porque, muitas vezes, são confundidos grandes empreendimentos com estabelecimentos artesanais.

No que se refere ao fumo, Santa Cruz do Sul dominava em forma absoluta porque, sem querer ser redundante, representava a atividade mais expressiva da economia do lugar. Se bem que Caxias apresentasse um estabelecimento, resulta inviável comparar as duas dinâmicas diante dos expressivos valores de Santa Cruz do Sul.

Outro setor interessante de analisar é o de madeiras, também de livre entrada. O valor de produção dos produtos de madeira de Santa Cruz do Sul apresentava uma relação de superioridade. Ou seja, em relação a esse setor, Caxias do Sul era 0,977 vez menor que Santa Cruz do Sul. Pela própria dinâmica da produção e manufatura da madeira, era um gênero onde

---

<sup>34</sup> No gênero têxtil encontrava-se a industrialização de tecidos de lã, sedas e algodão, ou seja, a manufatura de matérias-primas, que diferenciava da classificação do vestuário, que produzia vestidos, saias, calças, ou seja, peças prontas.

se concentravam estabelecimentos de cunhos artesanais, por isso apresentavam maior valor de produção e essa relação favorável se apresentava no número de empregados e no número de estabelecimentos, com 0,81 vezes menos empregados e 0,41 vezes menos estabelecimentos em Caxias, em comparação com Santa Cruz do Sul.

Tabela 37 – Relação entre a indústria de Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul, de 1941

Setores	Estab ele- Cime ntos	Capital empreg ado	Emp re- gado s	Valor da produ ção	Capit	Oper	Valor	Capi	valor
					al		da		da
					empre	ários	produ	tal	prod
					gado		ção		ução
					valor médio por firma			por trabalhador	
Alimentos	0,46	1,70	0,78	1,78	3,73	1,71	3,90	2,18	2,28
Bebidas	1,25	21,66	18,90	25,27	17,32	15,12	20,21	1,15	1,34
Fumo	0,06	0,00	0,01	0,00	0,05	0,13	0,01	0,39	0,05
Têxteis	6,00	1.609,97	-	975,02	268,33	-	162,50	-	-
Vestuário	0,81	3,12	5,22	3,50	3,83	6,42	4,31	0,60	0,67
Couro, calçados e afins	0,56	8,12	4,24	4,45	14,47	7,54	7,92	1,92	1,05
Produtos de									
Madeiras	0,42	1,46	0,81	0,98	3,50	1,94	2,34	1,81	1,21
Impressão	1,33	0,51	0,65	0,32	0,38	0,49	0,24	0,78	0,50
Químicos	1,50	6,10	8,86	9,32	4,07	5,90	6,21	0,69	1,05
Borracha	1,00	0,03	0,06	0,02	0,03	0,06	0,02	0,54	0,27
Prod. minerais não metálicos	0,82	1,44	1,63	1,19	1,75	1,98	1,45	0,88	0,73
Metalurgia	5,00	21,85	21,90	48,65	4,37	4,38	9,73	1,00	2,22
Produtos de metal	0,48	1,53	1,30	1,64	3,19	2,71	3,44	1,18	1,27
Veículos e carrocerias	2,00	1,56	0,00	0,83	0,78	0,00	0,41	-	-
Mobiliário	0,75	12,50	3,51	14,78	16,67	4,68	19,71	3,56	4,21
Produtos diversos	11,00	-	-	356,45	-	-	-	-	-
Total ind. de transformação	0,64	3,04	2,07	2,54	4,77	3,25	3,98	1,47	1,23
Serv. ind. de utilidade pública	5,00	2,13	-	-	0,43	-	-	-	-
Serv. ind. privados (of. mecânicas)	1,67	5,94	9,00	0,93	3,56	5,40	0,56	-	-
Totais demais indústrias	3,71	4,65	83,00	28,75	1,25	22,35	7,74	-	-
Total geral	0,68	3,06	2,18	2,60	4,47	3,19	3,80	1,40	1,19

Fonte: Direção Estadual de Estatística de Rio Grande do Sul, 1941.

Em relação ao total de estabelecimentos existentes na indústria, Santa Cruz superava a Caxias do Sul nos seguintes gêneros: alimentos, fumo, vestuário, couro, produtos de madeira, produtos minerais não metálicos, produtos de metal e mobiliário. Pela particularidade da

indústria de Santa Cruz do Sul, já salientado para 1937, existia uma vasta quantidade de estabelecimentos artesanais. Se observarmos os gêneros, onde existia uma predominância em relação a Caxias, concluiremos que correspondiam a um tipo de atividade que não exigia uma tecnologia avançada nem um processo de produção mais sofisticado.

Se analisarmos a variável capital empregado, verificaremos que a industrialização da borracha era a única atividade onde o capital investido em Caxias do Sul era 0,033 vezes menor que o capital investido em Santa Cruz do Sul.

O capital empregado numa indústria inicial reflete a lógica do empreendedor. Este empreendedor decide investir num determinado empreendimento porque tem a certeza do retorno do investimento, o que pode ser feito num lugar onde exista mercado consumidor para seus produtos, onde exista uma população crescente com uma determinada renda, onde haja instituições que ofereçam segurança ao capital investido. Dessa forma, as atividades produtivas de uma empresa estão governadas pelo que Penrose (1962) denomina “sua oportunidade produtiva”. Ela define o espírito empreendedor como uma predisposição psicológica que leva os indivíduos a se arriscar com a esperança de obter um lucro e, em particular, direcionar seu esforço e seus recursos a atividades especulativas. Mas a pergunta seria por que um empreendedor decide se radicar em determinado município e outros empreendedores tomar o mesmo rumo e formar uma aglomeração, em definitivo, a o que leva um lugar a se especializar.

Para podermos responder a essa questão, vamos nos apoiar na teoria de nosso principal autor. Nesse sentido, North (1959) salienta que uma indústria de exportação com base agrícola pode estimular o crescimento da renda de uma região e, sob determinadas condições, que foram destacadas anteriormente, essa base agrícola levará à especialização e à divisão do trabalho com ampliação do mercado regional. Por sua vez, observar-se-á o crescimento das indústrias subsidiárias. A base de exportação será ampliada porque crescerão as indústrias locais que irão ter maiores mercados. North (1959) salienta que o processo de industrialização vai ter um desenvolvimento maior devido às mudanças resultantes dos fatores enumerados anteriormente. Devido ao aumento do mercado, mais empresas serão atraídas para se instalar na região.

Para estudar a especialização numa determinada indústria, North coloca o emprego como a variável essencial de análise. No caso particular que estamos analisando, comparamos o emprego de determinado gênero industrial de Caxias em relação ao emprego do mesmo gênero escolhido de Santa Cruz do Sul.

A quantidade de empregados era maior em Caxias do Sul nas bebidas, no setor têxtil, vestuário, couro, produtos químicos, produtos minerais não metálicos, metalurgia e mobiliário. Queremos salientar que, desses gêneros, os que mais ocupavam pessoal no município eram as bebidas, o setor têxtil e a metalurgia.

O vinho representava a base de exportação do município, e a metalurgia constituía um desdobramento da base produtiva. No caso do setor têxtil, constituía uma indústria local, conforme a terminologia de North, que praticamente atendia à demanda da população e não exportava para fora da região. A metalurgia constituía um desdobramento da base produtiva. Nasceu para atender às necessidades dos consumidores locais e para atender às demandas da indústria do vinho. Posteriormente, transformou-se numa das principais fontes de riqueza, como ficou demonstrado para esse período, e começou a diversificar sua produção e a atender a demanda de outro tipo de mercado.

Em Santa Cruz do Sul, o único gênero que indicava um grau de concentração e centralização maior era o fumo, com poucos estabelecimentos e uma grande quantidade empregados. Não se verificava nesse período um desdobramento da base produtiva. Imperavam indústrias locais que atendiam, exclusivamente à demanda da população do lugar.

Estudando o valor de produção industrial de Caxias em 1941, constatamos que essa variável era inferior nos produtos de madeira (0,977) borracha (0,017) e veículos e carrocerias (0,828). Obviamente, no que diz respeito ao principal produto de exportação de Santa Cruz do Sul, o fumo, o valor de produção era superior ao de Caxias do Sul. A superioridade do valor de produção em poucos gêneros denota a pouca diversificação de Santa Cruz do Sul e a falta de encadeamento da indústria na cadeia produtiva do fumo. O único gênero que poderia se distinguir seria a borracha, pela presença de uma empresa que conseguiu traspasar as fronteiras e vender a sua produção para o mercado externo e que pode ser classificada, nos termos de North (1955), como uma indústria sem raízes, que se instalou na região sem



nenhuma relação com a indústria de base e sem nenhum propósito determinado. Simplesmente, foi bem-sucedida e alcançou projeção fora das fronteiras.

North (1959) explica o terceiro aspecto que envolve o produto de exportação. Se o produto precisa de investimento em transporte, armazenagem, portos e outros tipos de gastos sociais, criam-se as economias externas que propiciam o aparecimento de outras explorações, e a indústria de exportação induz o crescimento de indústrias subsidiárias.

Quando os produtos que integram a base exportadora são produtos primários e a região é altamente dependente em relação a esses produtos, ela tende a reforçar essa dependência e não promove câmbios na base exportadora. North afirma que essa dependência costuma agravar-se com os investimentos externos. Quando a região recebe capitais externos, geralmente vão ser direcionados para a base de exportação, deixando de lado investimentos em novos empreendimentos.

Para poder apresentar uma análise mais apurada da indústria, vamos recorrer ao estudo do quociente locacional<sup>35</sup> de cada setor da indústria de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul. O quociente locacional mede o grau de especialização de determinado setor da indústria, nesse caso, em relação à participação desse mesmo setor no Rio Grande do Sul. Da mesma forma, esse valor vai nos proporcionar as bases para entender se, nesse determinado período histórico, cada município tinha desdobrado a sua base de exportação. Vai provar a teoria de North, ou seja, se o produto primário foi capaz de gerar outras indústrias subsidiárias ou se o local ficou atrelado a um mesmo produto. Também é uma forma de determinar se as firmas individualmente cresceram e se expandiram nas condições levantadas por Penrose.

Para calcular o quociente locacional, tradicionalmente se calcula a especialização pelo número de empregos, mas, também pode ser calculada pelo número de estabelecimentos, pelo capital empregado, pelo valor de produção. Foi o que fizemos para ter os dados suficientes para comparar e verificar os gêneros que eram mais relevantes nas variáveis escolhidas.

---

<sup>35</sup> O quociente locacional mede a participação percentual dos empregados do setor A (p.ex., madeira) sobre o total da indústria em geral do município analisado. Essa quantidade se divide pela participação percentual de empregados do setor A (por exemplo, madeiras) no Rio Grande do Sul sobre o total da indústria em Rio Grande do Sul. Quando o quociente locacional é maior que um, diz-se que a região está especializada em determinado setor.

Também calculamos uma média dos quocientes locacionais para termos certeza da confiabilidade dos dados.

Em relação ao observado na Tabela 38, o primeiro critério que adotamos foi o quociente locacional, considerando os empregos, que é o critério universal. Os gêneros que possuíam um quociente locacional maior que um eram bebidas, têxteis, vestuário, químicos, metalurgia e móveis. O setor alimentício era altamente empregatício, assim como vestuário e móveis. A indústria de base de exportação tinha um quociente locacional de 4,21, mas a que mais se destacava era a metalurgia, com 7,76.

Muitas vezes, o fato de o quociente locacional ser maior que um não significava que a região fosse especializada. Para evitarmos conclusões precipitadas, fizemos uma média dos diferentes quocientes locacionais e comparamos com o momento histórico que estávamos vivendo. Assim, no ano de 1941, por exemplo, o Estado Rio Grande do Sul não tinha um Departamento de Bens de Capital constituído. Em Caxias do Sul, em Porto Alegre, em Santa Cruz do Sul, nem em Rio Grande, nem em Pelotas havia um setor que produzisse bens de capital. Havia, um número de pequenas firmas. Para esse setor, o número de firmas era um indicador do que viria. Cabe ressaltar que, apesar de ter estrutura de artesanatos, na verdade, o setor de máquinas e equipamentos oferecerá assistência técnica. Mas é importante destacar que quem sabe arrumar uma máquina vai ter condições de produzir-la. A média dá um panorama. Temos que fazer uma ressalva, não é um bom indicador. Fizemos uma média porque não havia concentração em certos setores no Brasil inteiro. Todos os setores são passíveis de discussão, todos esses setores que parecem especializados são passíveis de ser contestados. Nesse período, em Caxias do Sul, existiam oficinas artesanais que, posteriormente, viriam a se transformar em empresas especializadas na fabricação de máquinas e equipamentos.

Há setores que em determinado momentos alavancaram a economia de Caxias do Sul tal, como o setor de madeira, mas, nessa época, nem o quociente locacional de empregos nem a média de quocientes locacionais avaliavam a possibilidade de a região ser especializada neste tipo de produtos. Nesse momento, em outras regiões de Rio Grande do Sul, existia especialização na madeira, principalmente na região de Ijuí, Santa Rosa, onde se estava desmatando para produzir madeira e depois exportá-la para os países do Prata.

Os quocientes locacionais que demonstravam a especialização de Santa Cruz do Sul em 1941, conforme Tabela 39, eram o fumo, a borracha, produtos de metal e móveis. Desde o início, não podemos negar que em Santa Cruz não faltava empreendedorismo, mas também não podemos afirmar que existia especialização em todos os setores que apresentavam um quociente locacional maior que um porque eram estabelecimentos que possuíam uma estrutura artesanal ou se tratava de setores que possuíam uma empresa só, como era o caso de borrachas.

Tabela 38 - Especialização de Caxias do Sul dos gêneros industriais, no ano de 1941

Setores da Indústria	CNA E	QLs Caxias				
		N. de Firma s	Capital Emprega do	N de Operári os	Valor da Produ ção	Média dos QLs
Alimentos	10	0,54	0,36	0,20	0,35	0,360
Bebidas	11	0,74	3,22	4,21	5,58	3,439
Fumo	12	0,61	0,02	0,07	0,00	0,175
Têxteis	13	3,56	1,87	2,59	3,48	2,873
Vestuário	14	1,74	1,37	1,50	0,87	1,371
Couro	15	0,97	1,10	0,59	0,43	0,774
Produtos de madeiras	16	0,77	0,37	0,24	0,33	0,428
Impressão	18	1,29	0,21	0,30	0,14	0,485
Químicos	20	1,19	3,92	1,48	2,96	2,389
Borracha	22	2,32	0,17	0,47	0,20	0,791
Produtos minerais não metálicos	23	1,24	0,56	0,46	0,43	0,673
Metalurgia	24	2,99	3,97	7,76	10,09	6,203
Produtos de metal	25	1,06	0,96	0,96	0,65	0,906
Máquinas e equipamentos	28	7,17	0,37	0,82	2,63	2,748
Veículos	29	1,61	0,55	0,00	0,24	0,601
Móveis	31	1,55	3,33	2,24	3,39	2,627
Produtos diversos	32	2,85	2,10	1,07	1,35	1,843
<b>Total Indústria de Transformação</b>		0,98	1,07	1,02	1,03	1,023
Mineração		1,19	0,09	0,08	0,18	0,386
Construção civil		2,53	1,20	1,31	0,77	1,452
Serviços Ind de Utilidade Pública		0,98	0,14	0,14	0,30	0,391
Serviços Industriais Privados (Oficinas Mecânicas)		1,05	0,31	0,31	0,10	0,439
<b>Total Demais Indústrias</b>		1,31	0,25	0,76	0,52	0,708
<b>TOTAL GERAL</b>		1,00	1,00	1,00	1,00	1,000

Fonte: Direção Estadual de Estatística de Rio Grande do Sul, 1941 e criada pela autora em base a essa fonte.

Tabela 39 - Especialização de Santa Cruz do Sul, no ano de 1941

Setores da Indústria	CNA E	QLs Sta Cruz				
		N. de Firmas	Capital Empregado	N de Operários	Valor da Produção	Média dos QLs
Alimentos	10	0,81	0,64	0,55	0,51	0,629
Bebidas	11	0,41	0,46	0,49	0,57	0,481
Fumo	12	6,63	20,07	18,79	22,99	17,120
Têxteis	13	0,41	0,00	0,00	0,01	0,105
Vestuário	14	1,47	1,34	0,63	0,65	1,022
Couro	15	1,18	0,41	0,31	0,25	0,538
Produtos de madeiras	16	1,26	0,77	0,66	0,88	0,892
Impressão	18	0,66	1,26	1,00	1,15	1,018
Químicos	20	0,54	1,97	0,36	0,83	0,926
Borracha	22	1,59	15,60	16,28	31,54	16,255
Produtos minerais não metálicos	23	1,03	1,19	0,62	0,94	0,945
Metalurgia	24	0,41	0,56	0,77	0,54	0,569
Produtos de metal	25	1,51	1,92	1,62	1,03	1,519
Máquinas e equipamentos	28	0,00	0,00	0,00	0,00	0,000
Veículos	29	0,55	1,09	0,50	0,77	0,726
Móveis	31	1,41	0,82	1,39	0,60	1,055
Produtos diversos	32	0,18	0,00	0,00	0,01	0,047
<b>Total Indústria de Transformação</b>		1,05	1,08	1,07	1,05	1,063
Mineração		0,00	0,00	0,00	0,00	0,000
Construção Civil		0,00	0,00	0,00	0,00	0,000
Serviços Ind de Utilidade Pública		0,13	0,20	0,00	0,00	0,083
Serviços Industriais Privados (Oficinas Mecânicas)		0,43	0,16	0,07	0,27	0,232
<b>Total Demais Indústrias</b>		0,24	0,16	0,02	0,05	0,118
<b>TOTAL GERAL</b>		1,00	1,00	1,00	1,00	1,000

Fonte: Direção Estadual de Estatística de 1941 e calculada pela autora em base aos dados dessa fonte.

Para medirmos o tamanho das empresas de Caxias, Santa Cruz do Sul e Porto Alegre, vamos utilizar a média da população ocupada por estabelecimentos e a média em relação ao Rio Grande do Sul.

A média da população ocupada total por estabelecimento é um indicador para mostrar se uma empresa se qualifica como pequena, média ou grande. As comparações ao longo do

tempo são difíceis. A melhor comparação é por número de empregados<sup>36</sup>. Pelo que podemos observar na Tabela 40, Caxias tinha 525 estabelecimentos, em 1950, numero menor que o de Porto Alegre, mas superior ao de Santa Cruz do Sul, que contava com 392 estabelecimentos. Na época, Caxias tinha 13,74 empregados por estabelecimento. Os estabelecimentos maiores estavam em Porto Alegre, que contava com 31 empregados por empresa. Caxias tinha um nível de tamanho médio, 1,49 vez maior que o do Rio Grande do Sul e 2,30 vezes maior que Santa Cruz do Sul. O nível de concentração, no sentido de Marx, é maior. Poderíamos afirmar que Santa Cruz do Sul era mais artesanal. Não constituíam empresas médias. Eram microempresas. O único setor que elevava a média era o fumo. Se nós tirássemos esse produto, Santa Cruz teria predominância de microempresas.

O próximo passo é analisar o valor de produção total e o valor de transformação industrial referentes ao ano de 1950, para os municípios escolhidos e sua relação com o Rio Grande do Sul.

Pelo que se observamos na Tabela 41, Caxias do Sul representava 4,30% do valor de produção em relação ao Rio Grande do Sul, ficando acima de Santa Cruz do Sul, que representava módicos 2,87% do Estado. Pelos valores observados, verifica-se que Porto Alegre contribuía com 22,07% do valor da produção industrial. Em relação à média por estabelecimento, com relação ao Rio Grande do Sul, Caxias tinha uma leve superioridade de 1,12, e Santa Cruz apresentava uma relação de um a um. Porto Alegre era o município que mais superava o valor do Estado: em 3,63 vezes.

Em relação ao valor de transformação industrial que representa o valor de produção menos as despesas industriais, o município que se destacava era Porto Alegre, que apresentava uma média por estabelecimento de Cr\$ 1269,38. A média por estabelecimento em relação ao Rio Grande do Sul era quatro vezes o valor deste último, sendo que Caxias representava 1,23 mais que o Estado e Santa Cruz do Sul e levemente inferior, com um valor de 0,78.

---

<sup>36</sup> Conforme o IBGE: Microempresa. Até 10 empregados. 10-50 Pequena. 20-100 Média. Depois de 100 é considerada grande.

O valor de transformação industrial (dado que se apresenta na Tabela 41) junto com o total de pessoas ocupadas e os salários pagos (dados que aparecem na Tabela 40) proporcionam as bases para calcular a produtividade do trabalho e a mais- valia.

Tabela 40 - Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul, pessoal ocupado e salários pagos, 1950

	Estabelecimentos	% do RS	Pessoal ocupado				Salários e vencimentos pagos				Despesas industriais			
			Total	% do RS	Média PO total por estabelecimento	Média em relação ao RS	Total (Cr\$1000)	% do RS	Média por estabelecimento	Média em relação ao RS	Total	% do RS	Média por estabelecimento	Média em relação ao RS
Caxias do Sul	525	3,85%	7.214	5,73%	13,74	1,49	64.611	5,44%	123,07	1,41	234.168	3,97%	446,03	1,03
Porto Alegre	831	6,09%	25.987	20,65%	31,27	3,39	346.656	29,18%	417,16	4,79	1.192.758	20,20%	1.435,33	3,32
Santa Cruz	392	2,87%	2.341	1,86%	5,97	0,65	24.669	2,08%	62,93	0,72	198.909	3,37%	507,42	1,17
Rio Grande do Sul	13.652	100,0%	125.863	100,0%	9,22	1,00	1.188.101	100,00%	87,03	1,00	5.905.276	100,00%	432,56	1,00
Caxias do Sul/Santa Cruz	1,339	1,339	3,082	3,082	2,301	2,301	2,619	2,619	1,956	1,956				

Fonte: IBGE. Censo econômico de 1950 e cálculos feito pela autora.

Tabela 41 - Valor de produção industrial do Rio Grande do Sul, de Caxias do Sul, de Santa Cruz do Sul e de Porto Alegre, 1950

<b>Município / Estado / Relação</b>	<b>Valor Produção Total</b>	<b>% do RS</b>	<b>Média por estabelecimento</b>	<b>Média em relação ao RS</b>	<b>Valor Transformação. Ind. Total</b>	<b>% do RS</b>	<b>Média por estabelecimento</b>	<b>Média em relação ao RS</b>
<b>Caxias do Sul</b>	437.853	4,30%	834,01	1,12	203.685	4,76%	387,97	1,237
<b>Porto Alegre</b>	2.247.611	22,07%	2.704,71	3,63	1.054.853	24,64%	1.269,38	4,049
<b>Santa Cruz</b>	292.082	2,87%	745,11	1,00	93.173	2,18%	237,69	0,758
<b>Rio Grande do Sul</b>	10.185.701	100,00%	746,10	1,00	4.280.425	100,00%	313,54	1,000
<b>Caxias do Sul/Santa Cruz</b>	1,499	1,499	1,119	1,119	2,186	2,186	1,632	1,632

Fonte: IBGE - Censo Econômico de 1950 e cálculos feito pela autora.



Tabela 42 - Produtividade do trabalho e excedente e taxa de exploração do ano de 1950

Município / Estado / Relação	Produtividade do Trabalho		Excedente e Taxa de Exploração.		
	VTI / PO total (31 dez)	Produtividade da população total em relação ao RS	VTI - Sal Totais = Mais- Valia	Mais- Valia / salários totais	Taxa de MV em relação ao RS
<b>Caxias do Sul</b>	28,23	0,83	139.074	2,152	0,827
<b>Porto Alegre</b>	40,59	1,19	708.197	2,043	0,785
<b>Santa Cruz</b>	39,80	1,17	68.504	2,777	1,067
<b>Rio Grande do Sul</b>	34,01	1,00	3.092.324	2,603	1,000
<b>Caxias do Sul/Santa Cruz</b>	0,709	0,709		0,775	0,775

Fonte: Criada pela autora

Pelo que observamos na Tabela 42, os municípios que apresentam maior produtividade eram Santa Cruz do Sul e Porto Alegre. Caxias do Sul apresentava uma produtividade menor e, em relação a Rio Grande do Sul, era inferior em 0,83 vez. A produtividade do trabalho representa o valor de transformação industrial sobre a população ocupada. Em teoria, quanto maior essa relação, ou seja quanto maior a produtividade, o setor industrial é mais capitalizado, mais concentrado. Não necessariamente. Para exemplificar o que estamos expondo, as indústrias da Bahia são as empresas que possuem maior produtividade no território brasileiro. Na verdade, trata-se sim de indústrias altamente capitalizadas, mas não empregam ninguém. No caso de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, temos as empresas que possuem menor produtividade. No caso de Santa Cruz do Sul, a empresa do fumo não é altamente empregadora. É uma indústria altamente capitalizada, altamente concentrada, porém, emprega pouca gente.

Essa relação fica reforçada ao analisarmos a taxa de mais-valia (valor de transformação industrial menos os salários totais) em Santa Cruz do Sul. Este município era o que pior pagava entre os três municípios estudados. Se observarmos a Tabela 40, verificamos que Santa Cruz do Sul tinha o menor percentual em relação ao Rio Grande do Sul, com um valor de 2,08%., enquanto Caxias e Porto Alegre representavam 5,44% e 29%, respectivamente do total do Estado. Era uma indústria que pagava mal. Não gerava uma renda para o setor assalariado. Os trabalhadores gastavam mais em Caxias do Sul do que em Santa Cruz do Sul. A empresa fumageira gera bons lucros, mas emprega pouca gente. Quanto mais democrática uma indústria, maiores as possibilidades de gerar emprego. Há setores que empregam muita gente, tal é o caso de mobiliário e vestuário. O setor fumageiro gera mais lucro que emprego. O fumo se caracteriza por concentrar renda. A análise da taxa de mais-valia serve para constatar a exploração do trabalhador na indústria de Santa Cruz do Sul e a excessiva apropriação do excedente por parte do capitalista. A apropriação por parte do capitalista serve para acumular cada vez mais o capital, mas isso não se vê refletido na movimentação da economia do município.

Agora, quanto representa o excedente em relação ao salário? O excedente é 2,77 vezes. O valor agregado da indústria se destina parte para o Estado na forma de impostos porque o fumo é um setor altamente impenível e também vai para as mãos do capitalista, na forma de renda, de lucros. Do valor de transformação industrial se deduz o imposto, o lucro, a depreciação, os juros do capital financeiro. A parte que mais mobiliza a economia da cidade é

o salário. O trabalhador gasta na sua cidade. O problema é que o lucro fica concentrado na parte alta da renda. Existe uma contradição porque a indústria como um todo é pouco concentrada, pouco centralizada, em definitiva pouco capitalista, mas mesmo assim gera uma concentração de renda brutal.

#### **4.3.4 Industrialização pesada: características da década de 1955 até os nossos dias**

Este período foi definido por Cardoso de Mello (1982) como a etapa de industrialização pesada, cuja característica principal era fabricação de bens de capital. A partir de 1950, começou uma nova etapa da industrialização, que, segundo a classificação do autor dura até os dias de hoje. A principal característica desse período era a ampliação do mercado consumidor e a implementação do plano de metas do governo de Juscelino Kubitschek.

O período de industrialização restringida se caracterizava pela existência de bens de consumos perecíveis e semiduráveis. O Brasil não tinha ainda um capital suficiente para levar a cabo uma implantação da indústria de bens de capital.

Quando Juscelino Kubitschek subiu ao poder, em 1956, marcou o início do processo de industrialização inteiramente ajustado aos interesses do capital internacional. A execução do seu Plano de Metas foi, nesse sentido, a grande responsável pela definitiva configuração do modelo de desenvolvimento industrial que o Brasil, finalmente, adotaria. O capital estrangeiro ocupou de forma maciça os ramos da indústria pesada, ou seja, a indústria automobilística e de caminhões, de material elétrico e eletrônico, de eletrodomésticos, de produtos químicos e farmacêuticos, de matéria plástica. As multinacionais se organizaram como monopólios e influenciaram a vida econômica do Brasil. Da mesma forma, mediante o Plano de Metas, foi decidido que o capital estatal viria ser aplicado na construção de rodovias e na instalação de energia elétrica. Conforme Fausto (2000):

A expressão nacional-desenvolvimentismo, em vez de nacionalismo, sintetiza, pois, uma política econômica que tratava de combinar o Estado, a empresa privada nacional e o capital estrangeiro para promover o desenvolvimento, com ênfase na industrialização. Sob esse aspecto, o governo JK prenunciou os rumos da política econômica realizada, em outro contexto, pelos governos militares após 1964. (FAUSTO, 2000, p. 427)

Da mesma forma, Fausto (2000, p. 427) afirma que

Os resultados do Programa de Metas foram impressionantes, sobretudo no setor industrial. Entre 1955 e 1961, o valor de produção industrial, descontada a inflação, cresceu em 80 % com altas percentagens nas indústrias do aço (100%) mecânicas (125 %), de eletricidade e comunicações (380%) e de material de transporte (600%).

Devemos ressaltar que pela análise que vai ser feita referente às décadas de 50 e 60 para o município de Caxias do Sul, comprovamos que as indústrias mecânica e de material de transportes cresceram de uma forma significativa após a implementação do Plano de Metas.

O movimento que derrubou João Goulart foi um sucessor das medidas criadas durante o governo de Juscelino Kubitschek. A presença das multinacionais foi fundamental para a implementação das medidas dos militares. O governo de Juscelino Kubitschek tentou se dirigir as forças das multinacionais para o mercado interno. Já no governo militar decidiu-se que a força das multinacionais devia ser dirigida para o mercado externo. Para Paul Singer, o movimento militar de 1964 "coincide com uma re-divisão internacional do trabalho, que as multinacionais estão levando a cabo em todo mundo capitalista, e que consiste precisamente em transferir a países semi-industrializados, como o Brasil, determinadas linhas de produção industrial".

Um problema da implementação das medidas de Juscelino Kubitschek foi a política fiscal para a criação de indústrias com capital do Estado e outra medida foi a emissão de moeda que levou ao aumento da inflação e a perda do poder aquisitivo da população. Como consequência o trabalhador deixou de consumir diversos produtos pela desvalorização do seu salário. Desta forma, a industrialização sofreu a consequência da diminuição das compras do trabalhador dos seus produtos industrializados.

Uma outra característica foi a consolidação das empresas multinacionais. Desde o Plano de Metas, a instalação de multinacionais foi importante. Os setores mais relevantes da indústria foram passando ao controle estrangeiro. No caso de Santa Cruz do Sul, verificamos que a entrada de multinacionais no município foi maciça através da compra de estabelecimentos dedicados ao setor fumageiro no período a partir de 1964, e essa foi uma consequência direta do Plano de Metas e das medidas econômicas implementadas na época pelo governo militar e pela inflação e desvalorização da moeda.

Depois de termos analisado as particularidades históricas dos períodos analisados, fizemos uma análise de como as principais reformas do plano de metas e das medidas do governo militar afetaram o processo de industrialização dos municípios de Caxias do Sul e Santa Cruz Sul. Em primeiro lugar, estudamos a quantidade de firmas instaladas em cada município e, posteriormente, o número de pessoas ocupadas em cada indústria. Também comparamos a relação de cada município e o que significaria essa superioridade e inferioridade em termos de centralização, concentração e acumulação, conforme a Marx.

Ao observarmos a Tabela 43, constatamos que, em 1960, o número de estabelecimentos de Santa Cruz do Sul superava o de Caxias do Sul e que a relação entre ambos os municípios era de 0,74 vez.<sup>37</sup> Ou seja, existiam 0,74 vezes menos estabelecimentos em Caxias do que em Santa Cruz do Sul. Se olharmos o percentual de participação dos estabelecimentos no total do Rio Grande do Sul, Caxias do Sul representava 2,86%, Santa Cruz participava com 3,02% e Porto Alegre tinha o maior percentual, com 8,72% do total do Estado.

Em princípio, a menor quantidade de estabelecimentos em Caxias do Sul significaria uma maior centralização industrial, nos termos que define Marx, mas, para podermos fazer uma análise mais apurada estaria faltando a variável capital empregado, para dar maior sustentação à nossa afirmação e comparar com a categoria concentração definida por Marx.

No que se refere ao pessoal ocupado, podemos afirmar que a relação de emprego era 3,232 vezes maior em Caxias do Sul do que em Santa Cruz do Sul, o que significava dizer que a indústria de Caxias era altamente empregatícia, basicamente pelo tipo de atividades que eram desenvolvidas no município, as quais permitiam a entrada de um maior contingente de trabalhadores na sua indústria.

Por sua vez, uma outra variável que devemos destacar é a média de pessoal ocupado por estabelecimento. Na década de 1950, Caxias do Sul apresentava uma média de 25,96 pessoas por estabelecimento, Porto Alegre, 31,47 e, Santa Cruz do Sul, de seis pessoas por

---

<sup>37</sup> Devemos salientar que, para a década de 40, apresentada nos dados do IBGE para 1950 conforme a Tabela 40, os estabelecimentos de Caxias do Sul superavam os de Santa Cruz do Sul, e, neste caso, se inverte a relação. Não soubemos identificar o motivo da queda de estabelecimentos de Caxias do Sul e o aumento de Santa Cruz do Sul. A hipótese é que se trata de uma reorganização das firmas em Caxias, centralizando sua indústria e uma maior entrada de estabelecimentos nos setores de livre entrada em Santa Cruz do Sul.

estabelecimento. Se formos olhar a classificação das empresas por seu tamanho, conforme ao IBGE, tanto Caxias do Sul quanto Porto Alegre caracterizavam-se pela presença de médias empresas, ao contrário de Santa Cruz do Sul, que apresentava empresas classificadas pelo IBGE como pequenas empresas. Vale destacar que nesse universo empresarial, conviviam as empresas fumageiras, muitas delas organizadas como grandes empresas, com firmas de características artesanais, tais como produtos alimentares e fabricação de móveis que pertenciam a empresas familiares e eram de pequeno porte.

Tabela 43 - Pessoal ocupado de Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul, Porto Alegre e Rio Grande do Sul para 1960

Município / Estado / Relação	em 31/12/1959					
	Estabelecimentos	% do RS	Pessoal ocupado			
			Total	% do RS	Média PO total por estabelecimento	Média em relação ao RS
Caxias do Sul	286	2,26%	7.425	5,52%	25,96	2,44
Porto Alegre	1.101	8,72%	34.645	25,73%	31,47	2,95
Santa Cruz	382	3,02%	2.297	1,71%	6,01	0,56
Rio Grande do Sul	12.629	100,00%	134.630	100,00%	10,66	1,00
Caxias do Sul/Santa Cruz	0,749	0,749	3,232	3,232	4,318	4,318

Fonte: IBGE - Censo Industrial de 1960.

Num próximo passo analisamos o percentual de participação de cada município no que se refere ao valor de produção industrial e ao valor de transformação industrial<sup>38</sup>. Se formos olhar a Tabela 21, verificamos que Caxias participava com 4,50%, do total do valor de produção de Rio Grande do Sul, assim como Porto Alegre participava com 24,08%, e Santa Cruz do Sul, com 2,03%. A variável valor de produção mostra que, comparando Caxias do Sul com Porto Alegre, o município da Serra apresentava uma clara desvantagem nesse ponto específico, mas, se formos comparar Caxias do Sul com Santa Cruz do Sul, já com referência à década de 50, dados que são trazidos pelo IBGE para 1960 que é o período que estamos analisando, verificamos uma superioridade de quase três vezes o valor de produção. Já a média por estabelecimento em relação ao Rio Grande do Sul apresentava uma relação de

<sup>38</sup> Valor de transformação Industrial se obtém mediante o cálculo do valor de produção Industrial menos as despesas industriais.

similitude entre Caxias do Sul e Porto Alegre, com valores de 1,99 e 2,75, respectivamente. Da mesma forma, olhando o valor de transformação industrial, percebemos que Porto Alegre se posicionava em primeiro lugar com 26,30% do total do Rio Grande do Sul, seguido por Caxias do Sul, com 4,70 % e Santa Cruz do Sul, com 1,82%. Se tomarmos em conta a média do valor de transformação industrial por estabelecimento de Caxias em relação a Santa Cruz do Sul, podemos indicar que a mesma superava em 3,440 vezes o valor deste último município. O valor de transformação industrial é um indicador muito importante porque mostra a relevância da atividade industrial de uma determinada região.

No caso da década de 50, não podemos avaliar o grau de diversificação da indústria nem os impactos do Plano de Metas na economia de cada município porque nem o Departamento Estadual de Estatística nem o IBGE apresentavam dados abertos para cada gênero da indústria. Dos dados apresentados, concluímos que os valores de produção e os valores de transformação industrial de Caxias do Sul apresentavam uma superioridade em relação a Santa Cruz do Sul, o que nos leva a acreditar que o desenvolvimento capitalista continuava sendo maior que o do período analisado.

Da mesma forma, percebemos que o grau de concentração e de centralização era maior em Caxias do Sul, mas, nesse período, realmente o município que tinha uma participação maior em relação aos dois municípios objetos da nossa análise era a capital do Estado. Para podermos ampliar mais ainda o grau de análise desse período, estudamos a produtividade do trabalho e a taxa exploração para esta década de 50, conforme os dados de 1960.

Conforme a Tabela 44, a produtividade do trabalho era maior em Santa Cruz do Sul do que em Caxias do Sul sendo esse valor de Cr\$ 242,2 por trabalhador para o município da Serra e de Cr\$ 304,07 por trabalhador para o município do Vale do Rio Pardo. No caso de Porto Alegre apresentava uma produtividade de Cr\$ 290,08 sendo um valor intermediário entre os dois municípios.

Comparando a produtividade do trabalho em relação á Rio Grande do Sul, Caxias do Sul participava com 0,85, Santa Cruz do Sul, com 1,07 e Porto Alegre, com 1,02, mostrando que não existia diferença substancial entre os três municípios. Temos que salientar que a produtividade de trabalho expressaria, em princípio, uma demonstração de um maior desenvolvimento capitalista; para a economia ortodoxa, quanto maior a produtividade do

trabalhador, melhor o desempenho da empresa, mas, por outra parte uma produtividade do trabalho baixa não seria necessariamente um índice negativo, já que significa que existem mais pessoas trabalhando na indústria. Quando Marx fala de mais-valia, o autor entende que a mesma pode ser em dois sentidos : absoluta e relativa, ou seja, o capitalista ganha mais lucros através da exploração do trabalhador ou através do uso intensivo de maquinaria. No caso de Santa Cruz do Sul, a produtividade do trabalho era superior à de Caxias do Sul pelo próprio processo de produção do fumo, que não era muito sofisticado, então a produtividade vai ser sempre maior porque não precisa de um processamento com várias etapas que demandem uma grande quantidade de trabalhadores e esse processo está bastante automatizado.

Analisando a Tabela 44, podemos visualizar que a mais-valia<sup>39</sup>, correspondia a Cr\$1.224.250 para Caxias do Sul e a Cr\$510.350 para Santa Cruz do Sul, sendo que o primeiro superava a este último em 2,40 vezes seu valor. A relação entre a mais-valia e os salários totais era de 2,130 para Caxias do Sul, 2,32 para Porto Alegre e 2,70 para Santa Cruz do Sul , o qual significava que a taxa de exploração de Santa Cruz do Sul era maior. Temos que salientar que o lucro não tem como destino principal o pagamento de salários, senão também serve para pagar juros financeiros, impostos, aluguéis, depreciação. Isto quer dizer que a mais-valia é um valor estimado para calcular a quantia que permanece no município. Na medida em que a parcela do lucro transformada em salários permanece no município, gera-se uma movimentação da economia maior do que seria a aplicação nos outros pagamentos citados anteriormente, devido ao fato de o trabalhador efetuar mais gastos no lugar onde mora. Pelo contrário, o lucro que permanece em mãos do capitalista provavelmente vai ter outro destino, como a compra de bens luxuosos, na maioria, importados, em outros mercados, e não vai incentivar o aumento da demanda de bens e serviços locais.

Comparando a taxa de exploração, conforme Tabela 45, em relação a Rio Grande do Sul, Caxias do Sul representava 0,70, Porto Alegre indicava 0,773, e Santa Cruz do Sul participava com 0,90 do valor total da mais-valia do Estado. Deve-se salientar que o cálculo do excedente e da taxa de exploração é uma *proxy* porque, na análise da mais-valia, intervêm outras questões, tais como grau de organização da empresa, monopólios, oligopólios, capacidade das empresas de estabelecer os preços, etc. O que de fato tentamos demonstrar até este momento é que, apesar de Caxias do Sul apresentar indicadores mais favoráveis no que

---

<sup>39</sup> Calculando o valor de transformação industrial menos os salários totais.



se refere ao processo de industrialização, tais como maior número de estabelecimentos, maior número de pessoas ocupadas no setor industrial, maior valor de produção e de transformação industrial, no que se refere à mais-valia e à taxa de exploração, Santa Cruz do Sul apresenta uma relação superior á de Caxias do Sul.

Tabela 44 - Valor de produção e valor de transformação industrial de Caxias e de Santa Cruz do Sul referentes ao ano de 1960

Município Estado	Valor de Produção Cr\$(1.000)				Valor de Transformação Industrial Cr\$(1000)			
	Total	% do RS	Média por estabelecim ento	Média em relação ao RS	VTI - Total	% do RS	Média por estabelecim ento	Média em relação ao RS
Caxias do Sul	3.832.130	4,50%	13.399,06	1,99	1.798.918	4,70%	6.289,92	2, 073
Porto Alegre	20.525.873	24,08%	18.642,94	2,76	10.077.609	26,30%	9.153,14	3, 017
Santa Cruz do Sul	1.730.515	2,03%	4.530,14	0,67	698.458	1,82%	1.828,42	0, 603
RS	85.244.641	100,00%	6.749,91	1,00	38.310.990	100,00%	3.033,57	1, 000
Caxias / Santa Cruz do Sul	2, 214	2, 214	2, 958	2, 958	2, 576	2,576	3,440	3,440

Fonte: IBGE - Censo Industrial de 1960 (Aspectos gerais da atividade industrial, segundo as zonas fisiográficas e os municípios). Cálculos feitos pela autora

Tabela 45 - Produtividade do trabalho e excedente e taxa de exploração referente ao ano de 1960

Município Estado	Produtividade do Trabalho		Excedente e Taxa de Exploração		
	VTI / PO total (31 dez)	Prod PO tot em relação ao RS	VTI - Sal Totais = Mais-Valia Cr\$(1000)	Mais Valia / salários totais	Taxa de MV em relação ao RS
Caxias do Sul	242,28	0,85	1.224.250	2,130	0,707
Porto Alegre	290,88	1,02	7.049.271	2,328	0,773
Santa Cruz do Sul	304,07	1,07	510.350	2,713	0,901
RS	284,57	1,00	28.760.024	3,011	1,000
Caxias / Santa Cruz do Sul	0,797	0,797	2,399	0,785	0,785

Fonte: IBGE - Censo Industrial de 1960 (Aspectos gerais da atividade industrial, segundo as zonas fisiográficas e os municípios)

Analisamos, agora, os acontecimentos sucedidos na década de 60 a partir dos dados fornecidos pelo IBGE para 1970. A década de 60 representa um período de suma importância para a história econômica porque vão ser constatados os efeitos da implementação do Plano de Metas e também das medidas econômicas implementadas durante o governo militar, nos dois municípios objetos da nossa análise. Devido ao grau de abertura dos dados fornecidos pelo IBGE conseguimos avaliar a diversificação ou a especialização dos municípios estudados, assim como a participação das indústrias no Rio Grande do Sul. Essa década marca o início das mudanças quantitativas e qualitativas no processo de industrialização de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul.

Segundo os dados da Tabela 46, observa-se um aumento no número de estabelecimentos, pessoas ocupadas, valor de produção industrial e valor de transformação Industrial no que se refere aos dados da indústria de Caxias do Sul.

Em relação a Santa Cruz do Sul, conforme a Tabela 47, comparando com a Tabela 40, verificamos que existia uma diminuição dos estabelecimentos e um pequeno aumento do pessoal ocupado. O valor da produção industrial e o valor de transformação também experimentaram um incremento em relação ao período anterior. A diminuição dos estabelecimentos respondia aos processos de reorganização da indústria do fumo a partir de

1964, e o aumento do pessoal ocupado era provocado pela demanda da indústria fumageira e dos outros setores da indústria. Em valores absolutos, conforme tabela 46, constatamos que o gênero que tinha maior grau de participação na indústria de Caxias do Sul era o de material de transporte, que apresentava maior quantidade de trabalhadores alocados nesse setor, maior valor de produção e transformação industrial.

Para podermos fazer um comparativo entre os dois setores mais relevantes de ambos os municípios, escolhemos as seguintes variáveis para entender a dinâmica da indústria em ambos os lugares. Observando o gênero de material de transportes, na Tabela 46, visualizamos que o pessoal ocupado por firma correspondia a noventa pessoas por estabelecimento, o valor de produção por firma era de Cr\$ 3542, o valor de transformação industrial por firma era de Cr\$ 1574.

Esses dados explicam que o setor de material de transporte tinha uma alta concentração de capital motivado pela crescente acumulação e expansão desse gênero da indústria. Além disso, o valor de transformação industrial por trabalhador, que indicava a produtividade do trabalho era de Cr\$ 18 para material de transporte. Como foi explicado anteriormente, em princípio, a produtividade do trabalho mostra a força do desenvolvimento capitalista num determinado lugar, mas não representa um indicador que permita tirar conclusões definitivas em relação à indústria de um lugar.

Diferentemente, constatando os dados da Tabela 47, verificamos que Santa Cruz do Sul tinha o fumo como o carro-chefe do município e que os valores eram os seguintes: o pessoal ocupado por firma era de 285 pessoas, o valor de produção por firma era de Cr\$17.322, o valor de transformação industrial por firma era de Cr\$ 7.411, o valor de produção por trabalhador era de Cr\$61, e o valor de transformação por trabalhador era de Cr\$26.

Comparando o fumo e o setor de material de transporte, podemos verificar que, pelo fato de a indústria do fumo estar centralizada em poucos estabelecimentos, mais precisamente, em quatro empresas, leva nos a concluir que era mais centralizada que o setor de material de transportes de Caxias.

Para definir a diversificação de cada município, analisamos a participação de cada setor no total da indústria no total de estabelecimentos do Rio Grande do Sul. Conforme a Tabela

48, os estabelecimentos de Caxias do Sul com maior grau de participação eram os que correspondiam a produtos alimentícios, com 12,09%, e produtos de madeiras, com 14,01% que são indústrias com livre entrada, ou seja, que não precisam de um capital inicial muito elevado nem de um tipo de maquinarias com alto grau de sofisticação. Devemos salientar que o gênero de material de transportes contribuía com 4,26% dos estabelecimentos, sendo que esse setor era o que imprimia mais dinamismo na indústria do município. A pouca quantidade de estabelecimentos desse setor constatava a alta centralização e concentração do material de transportes.

No que se refere ao pessoal ocupado, os gêneros da indústria com maior grau de participação eram o setor têxtil, com 11,91%, madeiras, com 13,73%, e material de transporte, com 18,83%. Os outros gêneros participavam com menos de 10% no total dos trabalhadores. Em relação ao salário, os gêneros que mais participavam eram madeira, com 13,28%, e material de transporte, com 23,18%. Já os gêneros com maior quantidade de despesas industriais eram produtos alimentícios, com 16,28%, produtos de madeira, com 14,11% e material de transporte com 23,36%.

Segundo as informações do IBGE, os gêneros que mais contribuía com o valor de produção eram produtos alimentícios, com 11,82%, bebidas, com 10,36%, madeira, com 15,22%, e material de transporte, com 23,36%. O maior percentual de valor de transformação industrial se encontrava na madeira, com 16,51%, e material de transporte, com 21,72%, mas, devemos destacar que, nesse período havia outros gêneros que também participavam com percentuais menores que os dos gêneros de maior contribuição no valor de transformação industrial. Podemos salientar que esses setores eram representantes da diversificação industrial existente em Caxias do Sul, e para exemplificar o que foi exposto anteriormente, podemos mencionar os gêneros, tais como, bebidas, que contribuía com 9,36%, têxtil, que participava com 8,64%, metalurgia, que tinha um percentual de 6,42%, e fabricação de máquinas e equipamentos, que contribuía com um percentual de 9,62%.

No caso de Santa Cruz do Sul, os estabelecimentos industriais que tinham um percentual relevante no total de unidades no município eram os seguintes: produtos alimentícios, com 35,60%, madeira, com 14,80%, e metalurgia, com 9,60%. No caso da industrialização de alimentos, muitos estabelecimentos com caráter artesanal eram classificados como indústria, assim como madeiras e metalurgia, mas, na verdade, não eram

estabelecimentos industriais, porém simples oficinas. Vale destacar que o fumo participava com 1,60% do total dos estabelecimentos, que significava que a indústria fumageira tinha um alto poder de centralização e concentração

Mas, se, por um lado, a indústria do fumo aparecia com dados econômicos que demonstravam o caráter capitalista da sua indústria, por outro lado, devemos deixar claro que, nos termos de North, o processamento do fumo não seria propriamente uma indústria, já que o autor define como indústria aquela que produz bens de consumo finais ou bens de capital, e a indústria de fumo de Santa Cruz do Sul não se enquadraria nessa definição. Nos termos de Cardoso de Mello, também não se definiria o fumo como uma indústria, porque para esse autor, indústria corresponderia à fabricação de bens de capital.

Se compararmos Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul, segundo a Tabela 49, no que se refere ao número de estabelecimentos, verificamos que Caxias do Sul tinha uma superioridade de treze vezes no setor de bebidas, no vestuário, de sete vezes, nos couros, de seis vezes, e assim por diante, em todos os setores. O único setor que não apresentava essa relação positiva era o setor de fumos porque, em Caxias do Sul, não havia esse gênero industrial. No setor de bens de capital, como material de transporte, Caxias do Sul superava amplamente a Santa Cruz do Sul em estabelecimentos em 10,33 vezes, em pessoal ocupado, em 111,52, em salários em 118,59, em valor de produção, em 515,15 vezes e em valor de transformação industrial, em 336 vezes. Isso significa que a razão entre as diferentes variáveis confirmavam a superioridade e a ampla diversificação de Caxias do Sul.

A ampla superioridade dos distintos setores da indústria pesada confirma que Santa Cruz do Sul não fez a transição de industrialização restringida para a industrialização pesada. O Plano de Metas não trouxe as consequências esperadas para a indústria de bens de capital para o município do Vale do Rio Pardo. Nesse período a indústria fumageira apresentava um processo de reorganização mediante a compra de empresas familiares por grandes grupos internacionais. Eram fusões e aquisições feitas pelas próprias empresas, que aproveitaram o contexto da época para crescer e se expandir. Muitos pequenos proprietários de empresas de fumo venderam seus ativos para dar lugar à chegada do grande capital.

Tabela 46 - Caxias do Sul: estabelecimentos, pessoal ocupado e valor de produção industrial e valor de transformação industrial em 1970

	<b>Gênero</b>	<b>Est.</b>	<b>Pessoal</b>	<b>Salário (Cr\$ 1000)</b>	<b>Despes (Cr\$ 1000)</b>	<b>V.Prod. (Cr\$ 1000)</b>	<b>V T. I (Cr\$ 1000)</b>	<b>Pessoal ocupado por firma</b>	<b>Valor de Produçã o por firma Cr\$ 1000</b>	<b>Valor de TI por firma Cr\$ 1000</b>	<b>Valor de Produçã o por trabalhad or Cr\$ 1000</b>	<b>Valor de T.I. por trabalhad or Cr\$1000</b>
10	Produtos alimentares	88	942	3.196	42.495	57.396	14.901	11	652	169	61	16
11	Bebidas	55	808	3.621	34.139	55.164	21.025	15	1.003	382	68	26
12	Fumo	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
13	Têxtil	69	1.763	5.529	17.493	36.904	19.411	26	535	281	21	11
14	Vestuário, calçado e artefatos de tecidos	44	1.405	4.225	15.221	29.464	14.243	32	670	324	21	10
15	Couros e peles e produtos similares	6	92	361	1.595	2.806	1.211	15	468	202	31	13
16	Produtos de Madeiras	102	2.033	7.628	36.831	73.936	37.105	20	725	364	36	18
17	Celulose, Papel e Papelão	4	72	331	528	1.461	933	18	365	233	20	13
18	Impressão	21	220	891	1.959	4.847	2.888	10	231	138	22	13
19	Combustíveis	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
20	Químicos	12	x	x	x	x	x	x	x	x	x	X
21	Farmacêuticos	1	x	x	x	x	x	x	x	x	x	X
22	Borracha	12	162	577	1.744	4.340	2.596	14	362	216	27	16
23	Minerais	43	351	885	1.582	4.431	2.849	8	103	66	13	8

	não metálicos											
24	Metalúrgica	56	1.099	4.610	9.858	24.273	14.415	20	433	257	22	13
25	Produtos de metal	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
26	Ótica, Eletrônica e Informática	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
27	Máquinas aparelhos e materiais elétricos	16	576	2.260	7.588	13.964	6.376	36	873	399	24	11
28	Mecânica	55	1.066	4.957	15.821	36.099	20.278	19	656	369	34	19
29	Material de transporte	31	2.788	13.316	60.982	109.791	48.809	90	3.542	1.574	39	18
30	Outros equipamentos de transporte	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
31	Mobiliário	53	480	1.558	4.588	10.138	5.550	9	191	105	21	12
32	Diversas	36	759	2.694	6.315	14.990	8.675	21	416	241	20	11
	Total das indústrias de transformação	704	14.740	57.355	260.975	485.331	224.356	21	689	319	33	15
7	Extração de minerais	24	63	84	75	421	346	3	18	14	7	5
	Total das indústrias de transformação	728	14.803	57.439	261.050	485.752	224.702	20	667	309	33	15

Fonte: IBGE - Censo Industrial de 1970. e cálculos feitos pela autora.



Tabela 47 - Indústria de Santa Cruz do Sul em 1970

CNAE	Gêneros	Estabelecimentos.	Pessoal	Salários (Cr\$1000)	Despesas com as operações industriais (Cr\$1000) **	Valor da produção (Cr\$1000)	Valor da transformação industrial (Cr\$1000)	Pessoal ocupado	Valor de produção por firma (Cr\$1000)	Valor T.I Por firma (Cr\$1000)	Valor De Produ por trabalhador (Cr\$1000)	Valor de T.I. por trabalhador (Cr\$1000)
10	Produtos alimentares	89	515	1.403	10.575	19.524	8.949	6	219	101	38	17
11	Bebidas	4	7	4	26	48	22	2	12	6	7	3
12	Fumo	4	1.141	5.846	39.645	69.289	29.644	285	17.322	7.411	61	26
13	Têxtil	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
14	Vestuário,	6	126	274	833	1.940	1.107	21	323	185	15	9
15	Couros e	1	x	x	x	x	x	///	///	///	///	///
16	Madeiras	37	108	172	735	1.677	942	3	45	25	16	9
17	Celulose,	1	x	x	x	x	x	///	///	///	///	///
18	Impressão	7	106	626	1.213	2.784	1.571	15	398	224	26	15
19	Combust.	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
20	Químicos	7	x	x	x	x	x	x	x	x	x	X
21	Farmacêuticos	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
22	Borracha	4	x	x	x	x	x	x	X	x	x	X
23	Minerais não metálicos	23	161	308	323	1.230	907	7	53	39	8	6
24	Metalúrgica	23	158	444	1.655	3.454	1.799	7	150	78	22	11
25	Prod. Met.	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
26	Ótica, a	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
27	Máq. Ap. elétrico	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
28	Mecânica	7	85	232	425	1.151	726	12	164	104	14	9
29	Material de transporte	3	25	112	68	213	145	8	71	48	9	6

30	Outros equipa. trans	0	0	0	0	0	0	///	///	///	///	///
31	Mobiliário	20	82	138	439	892	453	4	45	23	11	6
32	Diversas	4	106	297	668	1.947	1.279	27	487	320	18	12
	Total da ind. Transformação.	240	3.139	11.171	63.670	118034	54.364	13	492	227	38	17
7	Extração de minerais	10	17	9	5	84	79	2	8	8	5	5
	Total das indústrias	250	3.156	11.180	63.675	118.118	54.443	13	472	218	37	17

Fonte: IBGE - Censo Industrial 1970.e cálculos feitos pela autora.

Tabela 48 - Percentual dos estabelecimentos, pessoal ocupado, salário e despesas da indústria de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul

1970

CNAE	Gêneros	CAXIAS DO SUL						SANTA CRUZ DO SUL					
		%Est.	%Pessoal	%Salário	%Despe	% Valor produção.	% Valor T.I.	%Est.	%Pessoal	%Salários	%Despes	%Pro	% T.I.
10	Produtos alimentares	12,09%	6,36%	5,56%	16,28%	11,82%	6,63%	35,60%	16,32%	12,55%	16,61%	16,53%	16,44%
11	Bebidas	7,55%	5,46%	6,30%	13,08%	11,36%	9,36%	1,60%	0,22%	0,04%	0,04%	0,04%	0,04%
12	Fumo	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,60%	36,15%	52,29%	62,26%	58,66%	54,45%
13	Têxtil	9,48%	11,91%	9,63%	6,70%	7,60%	8,64%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
14	Vestuário, calçado e artefatos de tecidos	6,04%	9,49%	7,36%	5,83%	6,07%	6,34%	2,40%	3,99%	2,45%	1,31%	1,64%	2,03%
15	Couros e peles e produtos similares	0,82%	0,62%	0,63%	0,61%	0,58%	0,54%	0,40%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
16	Produtos de Madeiras	14,01%	13,73%	13,28%	14,11%	15,22%	16,51%	14,80%	3,42%	1,54%	1,15%	1,42%	1,73%
17	Celulose, Papel e Papelão	0,55%	0,49%	0,58%	0,20%	0,30%	0,42%	0,40%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
18	Impressão	2,88%	1,49%	1,55%	0,75%	1,00%	1,29%	2,80%	3,36%	5,60%	1,90%	2,36%	2,89%
19	Combustíveis	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
20	Químicos	1,65%	x	x	x	x	x	2,80%	x	x	x	X	X
21	Farmacêuticos	0,14%	x	x	x	x	x	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
22	Borracha	1,65%	1,09%	1,00%	0,67%	0,89%	1,16%	1,60%	x	x	x	X	X
23	Minerais não metálicos	5,91%	2,37%	1,54%	0,61%	0,91%	1,27%	9,20%	5,10%	2,75%	0,51%	1,04%	1,67%
24	Metalúrgica	7,69%	7,42%	8,03%	3,78%	5,00%	6,42%	9,20%	5,01%	3,97%	2,60%	2,92%	3,30%

25	Produtos de metal	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
26	Ótica, Eletrônica e Informática	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
27	Máquinas aparelhos e materiais elétricos	2,20%	3,89%	3,93%	2,91%	2,87%	2,84%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
28	Maquinas e equipamentos	7,55%	7,20%	8,63%	6,06%	7,43%	9,02%	2,80%	2,69%	2,08%	0,67%	0,97%	1,33%
29	Material de transporte	4,26%	18,83%	23,18%	23,36%	22,60%	21,72%	1,20%	0,79%	1,00%	0,11%	0,18%	0,27%
30	Outros equipamentos de transporte	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
31	Mobiliário	7,28%	3,24%	2,71%	1,76%	2,09%	2,47%	8,00%	2,60%	1,23%	0,69%	0,76%	0,83%
32	Diversas	4,95%	5,13%	4,69%	2,42%	3,09%	3,86%	1,60%	3,36%	2,66%	1,05%	1,65%	2,35%
	Total das indústrias de transformação	96,70%	99,57%	99,85%	99,97%	99,91%	99,85%	96,00%	99,46%	99,92%	99,99%	99,93%	99,85%
7	Extração de minerais	3,30%	0,43%	0,15%	0,03%	0,09%	0,15%	4,00%	0,54%	0,08%	0,01%	0,07%	0,15%
	Total das indústrias de transformação	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte IBGE 1970 e dados calculados pela autora.

Tabela 49 - Comparativo de Caxias sobre Santa Cruz do Sul em 1970 de estabelecimentos, pessoal ocupado, salários e valor de produção e valor de transformação industrial

CNAE	Gêneros	Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Total de salários	Valor da Produção	Valor T.I.	Pessoal Ocupado por Firma	Valor de produção o por firma	Valor de T.I por firma	Valor de Prod. por trabalhador	Valor de T.I. por trabalhador
10	Produtos alimentares	0,99	1,83	2,28	2,94	1,67	1,85	2,97	1,68	1,61	0,91
11	Bebidas	13,75	115,43	905,25	1149,25	955,68	8,39	83,58	69,50	9,96	8,28
12	Fumo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
13	Têxtil	///	///	///	///	///	///	///	///	///	///
14	Vestuário, calçado	7,33	11,15	15,42	15,19	12,87	1,52	2,07	1,75	1,36	1,15
15	Couros e peles	6,00	///	///	///	///	///	///	///	///	///
16	Produtos Madeiras	2,76	18,82	44,35	44,09	39,39	6,83	15,99	14,29	2,34	2,09
17	Celulose, Papel	4,00	///	///	///	///	///	///	///	///	///
18	Impressão	3,00	2,08	1,42	1,74	1,84	0,69	0,58	0,61	0,84	0,89
19	Combustíveis	0,00	///	///	///	///	///	///	///	///	///
20	Químicos	1,71	///	///	///	///	///	///	///	///	///
21	Farmacêuticos	///	x	x	X	x	x	x	x	x	X
22	Borracha	///	///	///	///	///	///	///	///	///	///
23	Minerais não metálicos	1,87	2,18	2,87	3,60	3,14	1,17	1,93	1,68	1,65	1,44
24	Metalúrgica	2,43	6,96	10,38	7,03	8,01	2,86	2,89	3,29	1,01	1,15
25	Produtos de metal	0,00	///	///	///	///	///	///	///	///	///
26	Ótica, Eletrônica e Informática,	0,00	///	///	///	///	///	///	///	///	///
27	Máquinas materiais elétricos	///	///	///	///	///	///	///	///	///	///
28	Mecânica	7,86	12,54	21,37	31,36	27,93	1,60	3,99	3,55	2,50	2,23
29	Material de	10,33	111,52	118,89	515,45	336,61	10,79	49,88	32,58	4,62	3,02

	transporte										
30	Outros equipamentos de transporte	0,00	///	///	///	///	///	///	///	///	///
31	Mobiliário	2,65	5,85	11,29	11,37	12,25	2,21	4,29	4,62	1,94	2,09
32	Diversas	9,00	7,16	9,07	7,70	6,78	0,80	0,86	0,75	1,08	0,95
	Total das indústrias de transformação	2,93	4,70	5,13	4,11	4,13	1,60	1,40	1,41	0,88	0,88
7	Extração de minerais	2,40	3,71	9,33	5,01	4,38	1,54	2,09	1,82	1,35	1,18
	Total das indústrias de transformação	2,91	4,69	5,14	4,11	4,13	1,61	1,41	1,42	0,88	0,88

Fonte: IBGE 1970 e cálculos feitos pela autora.

Para determinar a especialização do município em determinado setor da indústria, recorreremos ao estudo do quociente locacional,<sup>40</sup> e, a principal variável para ser considerada é o pessoal ocupado. Conforme a Tabela 50, em Caxias do Sul os gêneros que apresentavam um quociente locacional maior que um eram os seguintes: bebidas, com 1,86, têxtil, com 2,74, produtos de madeiras, com 2,04, máquinas e aparelhos elétricos, com 1,76, máquinas e equipamentos, com 1,13 e material de transporte, com 5,46. Devemos salientar que todos esses gêneros também apresentavam um quociente maior que um: nos estabelecimentos, no valor de produção e no valor de transformação. O único gênero que tinha quociente locacional menor que um, no que se refere ao valor de produção, eram, as máquinas, aparelhos e materiais elétricos com 0,93.

Pelo estudo do quociente locacional, podemos afirmar que Caxias do Sul estava especializado nos setores mencionados anteriormente e, comparando com a Tabela 38 do ano 1941, verificamos que o município estava especializado na década de 30 nos seguintes gêneros: bebidas, têxtil, vestuário, químicos, metalurgia e móveis. Quer dizer que a principal mudança para a década de 60 se dava na industrialização de bens de capital, que era uma consequência direta da implementação do Plano de Metas. Isso significa que o município aproveitou todas as vantagens do plano econômico e que surgiu um novo tipo de indústria, mas, tal foi só possível graças a toda uma preparação que já vinha sendo implementada desde antes. O caso mais exemplificador era o de material de transportes, porque esse setor soube aproveitar os conhecimentos prévios, digamos artesanais, das pessoas que trabalhavam nas oficinas mecânicas, e depois esses conhecimentos serviram para poder construir todo um império da indústria metal-mecânica.

Já no caso de Santa Cruz do Sul, o principal setor no qual esse município estava especializado era o fumo, com um quociente locacional de 26,48 para as pessoas ocupadas. Também apresentava um quociente de 6,07, correspondente aos estabelecimentos, 23,02 no que se refere ao valor de produção e 10,21 para o valor de transformação industrial do fumo. Os valores resultantes do cálculo do quociente locacional expressavam a alta especialização do município num produto só. Comparando com a Tabela 39, referente ao ano de 1941, que refletia os quocientes locacionais da década de 30, podemos observar que os gêneros nos quais Santa Cruz do Sul se especializava eram: o fumo, fabricação de borracha, produtos de

---

<sup>40</sup> Cálculo da razão entre o percentual de emprego de um determinado gênero da indústria em determinado município e o percentual de emprego desse mesmo gênero da indústria em Rio Grande do Sul.

metal e móveis. Devemos esclarecer que a borracha não apresenta as informações correspondentes a pessoal ocupado porque, tendo o produto menos de duas unidades no município, o IBGE não divulgava os valores para proteger a identidade das empresas correspondentes. Quer dizer que, para as informações referentes a 1970, poderia existir uma especialização na borracha, mas, devido ao baixo número de estabelecimentos existentes, não podemos falar da especialização do município na borracha. Por esse motivo, afirmamos que o único gênero no qual o município se especializava na época de 60 era o fumo em relação aos valores do Rio Grande do Sul.



Tabela 50 - Quociente locacional de Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul e Porto Alegre em 1970

	1970 - Caxias do Sul QL					1970 SANTA CRUZ DO SUL				1970 POA QL			
	Gênero de indústria	Estabelecimentos ano 1970	Pessoal ocupado	Valor de produção	Valor de transformação Industrial	Estabelecimentos	Pessoal ocupado	Valor de produção	Valor de transformação Industrial	Estabelecimentos ano 1970	Pessoal ocupado	Valor de produção	Valor de transformação Industrial
10	Produtos alimentares	0,43	0,35	0,38	0,31	1,27	0,91	0,53	0,78	0,51	0,52	0,52	0,55
11	Bebidas	1,68	1,86	2,62	1,92	0,36	0,08	0,01	0,01	0,15	1,21	1,09	1,19
12	Fumo	0,00	0,00	0,00	0,00	6,07	26,48	23,02	20,21	0,33	x	x	X
13	Têxtil	5,85	2,74	2,47	2,32	0,00	0,00	0,00	0,00	1,79	1,31	1,04	0,93
14	Vestuário, calçado e artefatos de tecidos	1,06	0,62	0,84	0,72	0,42	0,26	0,23	0,23	1,40	0,61	0,91	0,66
15	Couros e peles e produtos similares	0,53	0,18	0,17	0,16	0,26	x	x	x	0,43	0,08	0,05	0,05
16	Produtos de Madeiras	1,01	2,04	4,37	3,76	1,06	0,51	0,41	0,39	0,27	0,25	0,30	0,23
17	Celulose, Papel e Papelão	1,25	0,26	0,25	0,28	0,91	x	x	x	1,91	0,43	0,37	0,33
18	Impressão	1,13	0,51	0,61	0,48	1,09	1,14	1,44	1,08	2,94	2,65	3,35	2,82
19	Combustíveis	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
20	Químicos	0,78	x	x	x	1,32	x	x	x	1,99	1,07	0,84	0,78
21	Farmacêuticos	0,56	x	x	x	0,00	0,00	0,00	0,00	4,63	2,39	2,44	2,12
22	Borracha	1,46	0,64	0,68	0,68	1,41	x	x	x	2,61	1,20	1,25	1,02
23	Minerais não metálicos	0,47	0,38	0,39	0,36	0,73	0,82	0,44	0,48	0,43	0,66	0,96	0,79
24	Metalúrgica	1,42	0,69	0,57	0,61	1,69	0,47	0,34	0,31	2,38	1,97	2,17	1,76
25	Produtos de metal	0,00	0,00	0,00	0,00	///	///	///	///	0,00	0,00	0,00	0,00
26	Ótica, Eletrônica e Informática	0,00	0,00	0,00	0,00	///	///	///	///	0,00	0,00	0,00	0,00
27	Máquinas aparelhos e materiais elétricos	1,65	1,76	0,93	0,89	0,00	0,00	0,00	0,00	2,71	1,07	0,59	0,57
28	Máquinas e equipamentos	1,65	1,13	1,51	1,35	0,61	0,42	0,20	0,20	0,00	0,00	0,00	0,00

29	Material de transporte	2,08	5,46	6,91	5,57	0,59	0,23	0,06	0,07	1,70	1,68	1,89	1,75
30	Outros equipamentos de transporte	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
31	Mobiliário	1,04	0,77	1,00	0,98	1,14	0,61	0,36	0,33	1,61	1,35	1,50	1,26
32	Diversas	2,25	2,47	2,70	2,34	0,73	1,62	1,44	1,43	2,20	1,59	1,98	1,67
	total das indústrias de transformação	0,99	1,02	1,00	1,01	0,99	1,02	1,00	1,01	1,01	1,02	1,01	1,01
7	Extração de minerais	1,19	0,19	0,15	0,14	1,44	0,24	0,13	0,13	0,71	x	x	x
	total das indústrias de transformação	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00

Fonte: IBGE - Censo Industrial 1970.

Na Tabela 51, apresentamos o total do pessoal ocupado referente a Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul e a Porto Alegre, para visualizar a participação dos trabalhadores de cada município em relação ao total do Rio Grande do Sul. Em primeiro lugar, percebemos que o total do pessoal ocupado de Caxias do Sul representa 6,65% do pessoal ocupado do Estado, mas, se considerarmos o total do pessoal ocupado sem incluir as bebidas que, num primeiro momento, eram o principal motor da economia do município, o percentual desce para 6,29%. Pelo contrário, no caso do fumo, em Santa Cruz do Sul existia uma incidência maior neste aspecto porque a participação do total do pessoal ocupado no Estado era de 1,42% e, sem o fumo, a participação descia para 0,99%. No caso de Porto Alegre, o percentual de participação do pessoal ocupado no total do Estado era de 22%, uma cifra significativamente maior em comparação aos percentuais apresentados pelos municípios objetos de nosso estudo. Mas, se formos comparar a relação entre os dois municípios, observaremos que Caxias do Sul superava em quatro vezes e meia o pessoal ocupado de Santa Cruz do Sul e que essa relação passava a 6,94 vezes, se tirássemos as bebidas e o fumo do total de pessoas ocupadas de ambos os municípios.

Por sua vez, a média de pessoas ocupadas por estabelecimento era muito similar em Caxias do Sul e Porto Alegre, apresentando uma média de 20,33 pessoas e 22,35 pessoas por estabelecimento, respectivamente. As bebidas não influenciavam muito nesta média, mantendo um valor quase igual à média anteriormente apresentada, diferentemente de Santa Cruz do Sul, que tinha uma média de 12,62, considerando o pessoal que trabalhava no fumo incluído e apresentava uma média de 8,19 pessoas por estabelecimento sem considerar o principal produto da base de exportação.

Pelo visto anteriormente, podemos concluir que o fumo tinha uma incidência muito expressiva no processo de industrialização, porque, tanto no quociente locacional como na análise em particular do pessoal ocupado, comprovamos que a economia apresentava uma dependência excessiva em relação ao principal produto da base de exportação. Por outra parte, no caso de Caxias do Sul, não existia essa relação de dependência em relação a nenhum setor em especial. Num primeiro momento estudamos que o vinho era o principal produto de exportação no início do século XIX e, nas estatísticas analisadas referentes aos anos de 1937 e de 1941, mas, no início da industrialização pesada, a economia diversificou e a base de exportação ampliou-se, dando lugar a outros gêneros que começaram a ter uma participação percentual maior na economia do município. Na Tabela 52, comprovamos que o percentual

dos salários de Caxias do Sul no total do Rio Grande do Sul correspondia a 7,50% com bebidas incluídas, e 7,03% sem incluir esse item no total. Já percebemos que o caso de Santa Cruz era mais significativo porque volta a se repetir a mesma relação de pessoas ocupadas, dado que o percentual era de 1,42% com fumo incluído e 0,70% sem fumo incluído. A média de salários por estabelecimentos girava na casa dos CR\$ 78,90 por estabelecimento em Caxias do Sul, dos Cr\$ 98,23 para Porto Alegre, e Cr\$ 44,72 para Santa Cruz do Sul, incluindo fumo. Sem considerar esse produto, a média de salários por estabelecimentos descia notavelmente para a metade, ou seja, a um valor de 21,68. A média do Rio Grande do Sul era de Cr\$ 42,05, coincidindo, aproximadamente, com a média da capital do Estado, ficando a média de Caxias do Sul num patamar superior devido ao fato de apresentar menos estabelecimentos e menor quantidade de salários pagos, apresentando, dessa forma uma média superior. De todas as maneiras, a média dos salários por estabelecimentos superava a média do Estado em todos os casos analisados. A média dos salários de Caxias era 1,13 vezes superior à média dos salários do Rio Grande do Sul, Porto Alegre superava 1,28 ao Estado e a média de Santa Cruz do Sul era 1,03 superior à média dos salários por estabelecimentos do Estado, mas, sem considerar o fumo, essa relação era 0,77 vez inferior ao Estado, mostrando a ingerência do fumo nos salários pagos na indústria do município.

Segundo a Tabela 53, o valor de transformação Industrial não se diferenciava no percentual das variáveis: pessoal ocupado e salários, apresentavam um percentual de participação no total do Estado de 6,59% para Caxias do Sul, 5,97% para Caxias do Sul sem bebidas, 25% para Porto Alegre, 1,60% para Santa Cruz do Sul com fumo incluído e 0,78% do total do Estado sem o fumo. A média de salários por estabelecimento era de Cr\$ 308,66 em Caxias, de Cr\$ 388,62 em Porto Alegre, de Cr\$ 217,77 em Santa Cruz do Sul com fumo incluído e de Cr\$ 100,81 sem fumo incluído. A relação entre esses municípios era de 1,64 vez mais de Caxias do Sul em relação ao Estado, duas vezes mais para Porto Alegre e 1,16 vezes mais para Santa Cruz do Sul, incluindo o fumo. Se descontarmos esse produto, ficaria uma relação de 0,5 vez menos que a do Estado, comprovando mais uma vez, a importância do fumo na indústria, tendo em conta que o valor de transformação industrial é o que vai expressar a magnitude da indústria como um todo, porque significa o que o município arrecada em termos de valor de produção industrial menos as despesas industriais.

. Tabela 51 - Pessoal ocupado em 1970

Município / Estado / Relação	em 31/12/1970					
	Estabelecimentos	% do RS	Pessoal ocupado em 31/12/1970			
			Total	% do RS	Média PO total por estabelecimento	Média em relação ao RS
Caxias do Sul	728	4,00%	14.803	6,65%	20,33	1,67
Caxias do Sul – Bebidas	673	3,69%	13.995	6,29%	20,79	1,70
Porto Alegre	2.271	12,47%	50.752	22,82%	22,35	1,83
Santa Cruz do Sul	250	1,37%	3.156	1,42%	12,62	1,03
Santa Cruz do Sul – Fumo	246	1,35%	2.015	0,91%	8,19	0,67
Rio Grande do Sul	18.216	100,00%	222.450	100,00%	12,21	1,00
Caxias do Sul/Santa Cruz	2,912	2,912	4,690	4,690	1,611	1,611
Caxias - Bebida / Sta Cruz – Fumo	2,736	2,736	6,945	6,945	2,539	2,539

Fonte: IBGE - Censo Industrial 1970. Cálculos feitos pela autora.

Tabela 52 - Total de salários pagos 1970

Município/Estado/Relação	Salário Total Cr\$ 1000	% do RS	Média por estabelecimento Cr\$ 1000	Média em relação ao RS	Salário Médio (sal total / pessoal ocupado em 31 de dez)	Média em relação ao RS
Caxias do Sul	57.439	7,50%	78,90	1,88	3,88	1,13
Caxias do Sul - Bebidas	53.818	7,03%	79,97	1,90	3,85	1,12
Porto Alegre	223.087	29,12%	98,23	2,34	4,40	1,28
Santa Cruz do Sul	11.180	1,46%	44,72	1,06	3,54	1,03
Santa Cruz do Sul - Fumo	5.334	0,70%	21,68	0,52	2,65	0,77
Rio Grande do Sul	766.045	100,00%	42,05	1,00	3,44	1,00
Caxias do Sul/Santa Cruz	5,138	5,138	1,764	1,764	1,095	1,095
Caxias - Bebida / Sta. Cruz - Fumo	10,090	10,090	3,688	3,688	1,453	1,453

Fonte: IBGE, 1970. e cálculos feitos pela autora.

Tabela 53 - Valor da produção e valor de transformação industrial de 1970 de Caxias, Santa Cruz e Porto Alegre

Município/Estado/ Relação	Total Cr\$ 1000	% do RS	Média por estabelecimento	Média em relação ao RS	VTI - Total	% do RS	Média por estabelecimento	Média em relação ao RS
Caxias do Sul	485.752	6,12%	667,24	1,53	224.702	6,59%	308,66	1,649
Caxias do Sul - Bebidas	430.588	5,43%	639,80	1,47	203.677	5,97%	302,64	1,617
Porto Alegre	1.701.405	21,45%	749,19	1,72	882.563	25,88%	388,62	2,076
Santa Cruz do Sul	118.118	1,49%	472,47	1,09	54.443	1,60%	217,77	1,163
Santa Cruz do Sul - Fumo	48.829	0,62%	198,49	0,46	24.799	0,73%	100,81	0,538
Rio Grande do Sul	7.931.760	100,00%	435,43	1,00	3.410.331	100,00%	187,22	1,000
Caxias do Sul/Santa Cruz	4,112	4,112	1,412	1,412	4,127	4,127	1,417	1,417
Caxias - Bebida / Sta Cruz - Fumo	8,818	8,818	3,223	3,223	8,213	8,213	3,002	3,002

Fonte: IBGE, 1970.

Devemos destacar que, embora até agora os índices de desempenho tenham mostrado uma superioridade de Caxias do Sul em termos de número de estabelecimentos, pessoal ocupado, salários pagos, valor de produção industrial e valor de transformação industrial na década de 60, existem duas variáveis que merecem ser analisadas, a produtividade do trabalho e a mais-valia.

Em primeiro lugar, a produtividade do trabalho de Caxias do Sul, pelo que observamos na Tabela 54, apresentava um valor de Cr\$ 15,18, Porto Alegre, uma produtividade de Cr\$17,39, e Santa Cruz do Sul, um valor similar de Cr\$ 17,25 por trabalhador, que era superior ao valor do Rio Grande do Sul que se situava num patamar de Cr\$ 15,33. Devemos ressaltar que a produtividade do trabalhador diminuía para Cr\$12,31 se não incluíssemos o fumo no cálculo da produtividade, mostrando a sua relevância, porque todos os indicadores apresentavam valores inferiores quando o fumo não era objeto de análise.

Conforme a Tabela 54, a relação da produtividade dos municípios com o Estado era de 0,99 vez menor em Caxias do Sul, 1,13 vezes maior em Porto Alegre e, em Santa Cruz do Sul, porém essa relação caía para 0,80 se descontássemos o fumo do cálculo da relação entre os municípios e o Estado no que se refere à produtividade. A produtividade do fumo tinha se

mostrado superior aos gêneros da indústria de Santa Cruz do Sul e isto se devia à progressiva automatização do setor do beneficiamento do fumo e ao valor significativo do seu valor de transformação industrial, que, dividido pela quantidade de pessoas ocupadas na indústria, resultava num valor de produtividade significativamente mais alto que o apresentado por Caxias do Sul.

No que se refere à taxa de exploração, ou seja, a mais-valia sobre os salários totais, a indústria em Caxias do Sul, assim como Porto Alegre, apresentava um valor de quase três vezes o valor dos salários. Pelo contrário, Santa Cruz do Sul tinha uma taxa de exploração de 3,87 dos salários, se incluíssemos o fumo na comparação, e apresentava uma taxa de exploração de 3,69 se tirássemos o fumo do cálculo, apresentando, dessa forma uma taxa de exploração superior á do Rio Grande do Sul, que possuía um valor de 3,42.

Reforçamos novamente a idéia de que, embora os indicadores como valor de produção, valor de transformação, estabelecimentos e pessoal ocupado, apresentados anteriormente para a indústria, se manifestassem em forma favorável a Caxias do Sul, por outro lado, no que se refere à produtividade, à mais-valia e à taxa de exploração, Santa Cruz do Sul mostrava um desempenho superior nesses aspectos que indicavam um forte desenvolvimento capitalista. Devemos salientar, mais uma vez, que a mais-valia e a taxa de exploração constituíam uma *proxy* do desenvolvimento capitalista de Santa Cruz do Sul já que deveriam ser analisados outros fatores que fogem ao alcance desta tese, principalmente, pelo oligopólio característico da empresa fumageira.

Tabela 54 - Produtividade do trabalho e excedente da taxa de exploração, 1970

Municípios	VTI / PO total (31 dez)	Produtividade da PO total em relação ao RS	VTI - Sal Totais = Mais -valia em Cr\$ 1000	Mais -valia / salários totais	Taxa de MV/ em relação ao RS
Caxias do Sul	15,18	0,99	167.263	2,912	0,844
Caxias do Sul - Bebidas	14,55	0,95	149.859	2,785	0,807
Porto Alegre	17,39	1,13	659.476	2,956	0,856
Santa Cruz do Sul	17,25	1,13	43.263	3,870	1,121
Santa Cruz do Sul - Fumo	12,31	0,80	19.465	3,649	1,057
Rio Grande do Sul	15,33	1,00	2.644.286	3,452	1,000
Caxias do Sul/Santa Cruz	0,880	0,880	3,866	0,753	0,753
Caxias - Bebida / Santa Cruz – Fumo	1,183	1,183	7,699	0,763	0,763

Fonte: IBGE. Tabela criada pela autora.

#### 4.3.4.1 Milagre econômico brasileiro e a indústria no Brasil e Rio Grande do Sul

O período do chamado milagre brasileiro compreendeu desde 1969 a 1973 e foi caracterizado pelo extraordinário crescimento econômico com taxas baixas de inflação. Conforme Fausto (2000, p. 405): “O PIB cresceu na média anual 11,2%, tendo seu pico em 1973, com uma variação de 13%. A inflação média anual não passou de 18%.”

O chamado milagre brasileiro não durou muito tempo e a explicação estava dada por vários fatores, entre eles a ampla disponibilidade de recursos em nível mundial. Em segundo lugar, houve um crescimento dos investimentos estrangeiros, entre eles, o do setor automobilístico, que liderou o crescimento industrial. Da mesma forma, houve uma expansão do comércio exterior, com um aumento da importação de determinados bens para sustentar o crescimento econômico e também uma ampliação do crédito ao consumidor. Por outra parte, as exportações se diversificaram com os incentivos dados pelo governo à exportação, da mesma forma que houve uma redução de tributos e medidas de isenção fiscal.

Para verificar as consequências do milagre brasileiro no Rio Grande do Sul e, especialmente, nos municípios que estamos analisando, estudamos as principais variáveis da indústria conforme os dados de 1980 do IBGE que indicavam o que tinha acontecido durante a década de 70.



Conforme a Tabela 55, os setores com maior quantidade de estabelecimentos em Caxias do Sul, eram têxtil, com 107 unidades, metalúrgica, com 191, máquinas e equipamentos, com 142 estabelecimentos. Vale destacar que o gênero de material de transporte era aquele que apresentava, por um lado, maior valor de transformação industrial, maior valor de produção e maior pessoal ocupado e, por outro lado, apresentava poucos estabelecimentos, o que demonstrava a acentuada centralização e concentração nesse setor, segundo a teoria de Marx.

Por outra parte, os gêneros que apresentavam maior quantidade de pessoal ocupado por firma eram materiais elétricos e de comunicações, com 102 empregados por firma, e material de transporte, com 151 pessoas ocupadas por firma. No que se refere ao maior valor de transformação industrial por firma, os dois setores mais relevantes eram material elétrico, que apresentava um valor de Cr\$ 38.237, e material de transporte, com Cr\$ 112.026. Os setores com maior produtividade eram os seguintes: bebidas, com Cr\$ 1.079 por trabalhador, material de transporte, com Cr\$ 740 por trabalhador, borracha, com Cr\$ 735 por trabalhador, indústria química, com Cr\$ 718 por trabalhador, máquinas e equipamentos, com Cr\$ 654 por trabalhador. Devemos destacar que Santa Cruz do Sul possuía até a década de 60 um único gênero relevante, que, na concepção de North e de Cardoso de Mello, nem poderia ser classificado como indústria mas, que apresentava indicadores que o mostravam como um setor com um alto grau de desenvolvimento capitalista superior a Caxias do Sul.

Pelo que observamos na Tabela 56, com os dados apresentados referentes a 1980, os quais refletiam o que aconteceu na década de 70, os gêneros com maior quantidade de estabelecimentos de Santa Cruz do Sul eram produtos alimentícios, com 54, madeiras, com 48 unidades, metalúrgica, com 27, e fumo, com treze estabelecimentos. Os gêneros com maior quantidade de pessoas ocupadas eram fumo, com 2551, produtos alimentícios, com 1256, vestuário, com 696, e metalúrgica, com 606 pessoas ocupadas.

No que se refere ao pessoal ocupado por firma, conforme a Tabela 56, a maior quantidade se apresentava para o fumo, com 196, e vestuário com 70 pessoas por firma. No valor de transformação industrial por firma, o valor maior era atribuído ao fumo, com Cr\$ 421.226, e na produtividade também se destacava o mesmo setor, com Cr\$ 2147. Se formos comparar o gênero com maior produtividade de Santa Cruz do Sul, com o gênero de maior

produtividade de Caxias do Sul, que eram as bebidas, poderemos observar que o fumo apresentava uma produtividade maior porque dobrava quase duas vezes o valor das bebidas. Isto se deve, provavelmente, às próprias características das bebidas, que eram mais intensivas em mão de obra. Comparando os gêneros da indústria de cada município que são factíveis de serem comparados pelo fato de existirem os mesmos gêneros da indústria nos dois municípios, conforme a Tabela 57, comprovamos que todos os setores de Caxias do Sul tinham uma relação de superioridade em relação aos setores de Santa Cruz do Sul.

Tabela 55 - Dados industriais de Caxias do Sul para 1980

	<b>Gênero de indústria</b>	<b>Estabelecimentos ano 1980</b>	<b>Pessoal ocupado em 31/12/1980</b>	<b>Salários</b>	<b>Valor da produção Cr\$1000</b>	<b>Valor de Transformação Industrial</b>	<b>Valor de Pessoas por firma</b>	<b>Valor de Produção por firma</b>	<b>Valor TI por firma</b>	<b>Valor de Produção por trabalhador</b>	<b>Valor de TI por trabalhador</b>
10	Produtos alimentares	87	2.573	256.460	4.869.599	1.160.702	30	55.972	13.341	1.893	451
11	Bebidas	46	770	113.278	1.752.601	831.131	17	38.100	18.068	2.276	1.079
12	Fumo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13	Têxtil	107	4.014	348.489	2.477.271	1.508.421	38	23.152	14.097	617	376
14	Vestuário, calçado e artefatos de tecidos	79	2.989	282.446	1.545.902	842.848	38	19.568	10.669	517	282
15	Couros e peles e produtos	6	195	24.246	132.459	54.050	33	22.077	9.008	679	277
16	Madeira	96	3.847	533.775	3.695.498	1.574.283	40	38.495	16.399	961	409
17	Papel e papelão	6	269	28.386	148.152	70.765	45	24.692	11.794	551	263
18	Editorial e Gráfica	35	684	73.453	430.895	258.465	20	12.311	7.385	630	378
19	Combustíveis	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
20	Química	10	191	30.573	259.734	137.147	19	25.973	13.715	1.360	718
21	Produtos farmacêuticos e veterinários	2	x	x	X	x	x	x	x	x	X
22	Borracha e materiais plásticos	20	653	87.674	966.139	480.096	33	48.307	24.005	1.480	735
23	Transformação de produtos minerais não metálicos	62	623	59.398	374.237	233.957	10	6.036	3.774	601	376
24	Metalúrgica	191	5.432	661.944	4.367.372	2.344.326	28	22.866	12.274	804	432
25	Produtos de metal	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26	Ótica, eletrônica e informática	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27	Material elétrico e de comunicações	28	2.847	334.662	2.457.509	1.070.637	102	87.768	38.237	863	376

											235
28	Maquinas e equipamentos	142	6.020	1.101.788	7.429.553	3.939.751	42	52.321	27.745	1.234	654
29	Material de transporte	40	6.056	1.444.134	10.971.330	4.481.042	151	274.283	112.026	1.812	740
30	Outros equipamentos de transporte	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
31	Mobiliário	84	1.846	170.045	1.401.376	787.062	22	16.683	9.370	759	426
32	Diversas	31	720	75.433	740.023	363.510	23	23.872	11.726	1.028	505
	Total						///	///	///	///	///
7	Extração de minerais	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Unidades auxiliares de apoio (utilizadores) e de serviços de natureza industrial	21	x	x	X	x	x	x	x	x	X
	Total	1.093	43.263	5.699.587	44.333.973	20.355.828	40	40.562	18.624	1.025	471

IBGE. Censo industrial: dados gerais, Brasil. Rio de Janeiro: IBGE. 1984. Cálculos feitos pela autora.

Tabela 56 - Industria Santa Cruz 1980

		Estabelecimentos ano 1980	Pessoal ocupado em 31/12/1980	Salários	Valor da produção ***	Valor da transformação Industrial	Valor de Pessoas ocupadas por Firma	Valor de produção por firma	Valor de TI por firma	Valor de produção por trabalhador	Valor de TI por trabalhador
10	Produtos alimentares	54	1.256	102.374	1.974.505	645.136	23	36.565	11.947	1.572	514
11	Bebidas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12	Fumo	13	2.551	538.859	10.945.112	5.475.932	196	841.932	421.226	4.291	2.147
13	Têxtil	4	166	11.430	113.981	65.404	42	28.495	16.351	687	394
14	Vestuário, calçado e artefatos de tecidos	10	696	56.033	421.150	276.063	70	42.115	27.606	605	397
15	Couros e peles e prod.similar	2	x	x	x	X	X	x	x	x	X
16	Madeira	48	197	9.806	58.811	42.145	4	1.225	878	299	214
17	Papel e papelão	1	x	x	x	X	X	x	x	x	X
18	Editorial e Gráfica	9	201	24.818	140.946	82.565	22	15.661	9.174	701	411
19	Combustíveis	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
20	Química	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21	Produtos farmacêuticos e veterinários	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
22	Borracha e materiais plásticos	6	x	x	x	X	X	x	x	x	X
23	Transformação de produtos minerais não metálicos	28	220	14.237	77.259	46.704	8	2.759	1.668	351	212
24	Metalúrgica	27	604	60.291	516.921	312.013	22	19.145	11.556	856	517
25	Produtos de metal	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26	Ótica, Eletrônica e Informática	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27	Material elétrico e de comunicações	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28	Maquinas e equipamentos	6	181	34.593	84.152	64.343	30	14.025	10.724	465	355

29	Material de transporte	2	x	x	x	X	X	x	x	x	X
30	Outros equipamentos de transporte	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
31	Mobiliário	17	226	16.284	113.660	57.681	13	6.686	3.393	503	255
32	Diversas	10	556	42.627	390.976	238.517	56	39.098	23.852	703	429
	Total	///	///	///	///	///	///	///	///	///	///
7	Extração de minerais	16	38	932	7.858	7.670	2	491	479	207	202
	Unidades de serviços de natureza industrial	2	x	x	x	X	X	x	x	x	X
	Total	255	7.780	1.010.722	15.814.178	7.916.865	31	62.016	31.047	2.033	1.018

IBGE. Censo industrial: dados gerais, Brasil. Rio de Janeiro: IBGE. 1984. Cálculos feitos pela autora.



31	Mobiliário	4,94	8,17	10,44	12,33	13,65	1,65	2,50	2,76	1,51	1,67
32	Diversas	3,10	1,29	1,77	1,89	1,52	0,42	0,61	0,49	1,46	1,18
	Total	///	///	///	///	///	///	///	///	///	///
7	Extração de minerais	///	///	///	///	///	///	///	///	///	///
	Serviços de Ut. Ind..	10,50	///	///	///	///	///	///	///	///	///
	Total	4,29	5,56	5,64	2,80	2,57	1,30	0,65	0,60	0,50	0,46

IBGE. Censo industrial: dados gerais, Brasil. Rio de Janeiro: IBGE. 1984.

O Símbolo /// corresponde aos cálculos que não puderam ser feitos, ou por falta de informações, ou pelo fato de não existir determinado gênero nos municípios analisados.



Analisando o percentual com maior grau de participação nos estabelecimentos na indústria de Caxias do Sul, segundo a Tabela 58, o principal setor era a indústria metalúrgica, com 17,47%, e máquinas e equipamentos, com 12,99%, no entanto, o setor com maior participação no valor de transformação industrial, que era o de material de transporte, tinha 3,66% de participação no total de estabelecimentos, reforçando o que foi analisado em 1970 sobre o poder de concentração e centralização desse gênero. Analisando o percentual de pessoas ocupadas, o setor com mais trabalhadores na indústria era o de material de transportes, com 14%, seguido por máquinas e equipamentos, com 12,91%, metalúrgica com 12,56%, têxtil, com 9,28% e vestuário, com 8,98%. Já, quanto ao valor de transformação industrial, o setor de material de transportes prosseguia com a liderança na indústria, com 22,01%, seguido por máquinas e equipamentos, com 19,35%, e metalurgia, com 11,52%. Pelos dados apresentados anteriormente, podemos deduzir que a cadeia produtiva que se estabelecia em Caxias do Sul na década de 70 estava formada pelos setores que produziam bens de capital ou eram setores intermediários que fabricavam peças para os setores que produziam os bens finais.

Comparando com Santa Cruz do Sul, em matéria de importância no total de estabelecimentos, os responsáveis pela maior participação na indústria do município eram, produtos alimentícios, com 21,18%, madeira, com 18,82% e vestuário, com 8,96%. Devemos destacar que o fumo, que continuava sendo o setor mais expressivo da indústria, apresentava 5,10% do total de estabelecimentos, comprovando, cada vez mais, o grau excessivo de concentração e centralização das empresas do fumo, tal como foi analisado para a década de 60.

No que se refere ao pessoal ocupado, o fumo participava com 32% do total dos trabalhadores, seguido pelo setor alimentício, com 16,14%, e pelo gênero de vestuário com 8,95%. Destacamos o caráter, frequentemente artesanal da indústria alimentícia e do setor de vestuário, motivo pelo qual aparecem classificados dentro de indústrias, empreendimentos, que, na verdade, são simples artesanatos e pelo fato de serem setores de livre entrada, não precisam de um alto investimento de capital para ingressar na indústria e, desta forma, aparecem com um alto percentual de participação na quantidade de pessoas ocupadas e na quantidade de estabelecimentos.

Já, no que diz respeito à análise do valor de transformação industrial, permanecia a liderança do fumo em forma absoluta, com 69,17%, seguido pelo setor de alimentos, com um percentual de 8% do total da indústria. Cada vez mais o fumo afirmava seu caráter oligopólico e exclusivo dentro do município. Analisando a composição da indústria de Santa Cruz do Sul, constatamos que não existiam indústrias químicas que produzissem fertilizantes, sementes e agrotóxicos que trabalhassem em conjunto com o beneficiamento do fumo nem tampouco uma outra cadeia que produtiva que surgisse como desdobramento da cadeia original.



Continuação											
7	Extração de minerais	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	6,27%	0,49%	0,09%	0,05%	0,10%
	Unidades auxiliares de apoio (utilizadores) e de serviços de natureza industrial	1,92%	x	x	x	x	0,78%	X	x	x	X
	Total	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Tabela feita pela autora em base os dados do IBGE de 1980.



Continuação

26	Ótica, Eletrônica e Informática	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
27	Máquinas aparelhos e materiais elétricos	2,72	2,45	2,54	1,78	0,00	0,00	0,00	0,00	4,22	1,48	1,31	1,17
28	Máquinas e equipamentos	2,76	1,47	2,25	1,94	0,50	0,25	0,07	0,08	1,90	1,39	1,29	1,24
29	Material de transporte	1,97	3,07	6,68	4,81	0,42	x	x	x	1,50	1,75	2,46	2,47
30	Outros equipamentos de transporte	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
31	Mobiliário	1,29	0,92	1,10	1,09	1,12	0,63	0,25	0,21	1,56	0,85	0,62	0,58
32	Diversas	1,38	0,95	1,72	1,31	1,91	4,07	2,55	2,21	2,84	1,71	2,20	1,67
	Total das indústrias de transformação	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
7	Extração de minerais	0,00	0,00	0,00	0,00	5,34	0,62	0,16	0,16	0,34	x	x	x
	Unidades auxiliares de apoio (utilizadores) e de serviços de natureza industrial	1,49	X	x	x	0,61	x	x	x	0,69	0,57	0,44	0,46
	Total das indústrias	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00

Fonte: Tabela criada pela autora em base ao Censo do IBGE de 1980.

Comparando o pessoal ocupado, no ano de 1980, na indústria do município em relação ao Rio Grande do Sul, dado que mostra o que aconteceu na década de 70, conforme a Tabela 59, verificamos que Caxias do Sul estava especializada nos seguintes setores: bebidas, com 1,10, têxtil, com 2,81, produtos de madeira, com 1,73, metalúrgica, com 1,30, máquinas e aparelhos elétricos, com 1,78, máquinas e equipamentos, com 1,47 e o principal setor da indústria de Caxias do Sul, nessa época, que era material de transportes, com 3,07.

Embora a principal variável considerada para medir o grau de especialização fosse o pessoal ocupado, também estudamos o quociente locacional do valor de transformação industrial para aprofundar o estudo do grau de especialização do município.

Vale destacar que os mesmos setores que apresentavam um quociente locacional maior que um na variável de pessoal ocupado, também tinham um quociente locacional maior que um no valor de transformação industrial. Tal era o caso de bebidas, com um quociente locacional de 1,26, do setor têxtil, com 2,59, de produtos de madeira, com 2,52, da metalurgia, com 1,23, máquinas e aparelhos elétricos, com 1,78, de máquinas e equipamentos, com 1,94 e de material de transporte, com 4,81.

Pelo que vimos anteriormente, concluímos que Caxias do Sul tinha uma cadeia produtiva formada, principalmente, por metalurgia, máquinas e equipamentos elétricos, máquinas e equipamentos e material de transporte. É o polo metal-mecânico de Caxias do Sul, que surge na década de 70 e que foi analisado amplamente até agora. A partir das próprias necessidades da indústria de material de transportes, surgem novos empreendimentos que nascem em virtude das demandas do principal setor da indústria de Caxias e que geram uma movimentação na indústria que provoca a expansão da base de exportação. Num primeiro momento, a base de exportação era formada pelo vinho, mas, a partir da década de 60, a indústria se transformam e os principais investimentos se direcionam à fabricação de bens de capital.

Ao contrário, na indústria de Santa Cruz do Sul, não se visualiza uma diversificação dos investimentos nem se observa a abertura de novas empresas em virtude das demandas do fumo. Pela observação da Tabela 59, verificamos que os únicos gêneros da indústria com

quociente locacional maior que um no que se refere ao estudo das pessoas ocupadas, eram alimentos, com 1,02, e fumo, com 39,66.<sup>41</sup>

No que se refere ao valor de transformação industrial, não existiam outros gêneros, além do fumo, com um quociente locacional maior que um. Reforçamos a ideia da falta de encadeamento produtivo no município e do alto grau de especialização num produto só. Analisando o quociente locacional em relação ao Rio Grande do Sul, percebemos que o município está especializado num produto só e que até a década de 70 não tinha se expandido a base de exportação original do município.

Comparando os dois municípios em estudo com Porto Alegre, podemos afirmar que a capital do Estado tinha uma vasta especialização em vários setores da indústria, com quociente locacional maior que um em relação às pessoas ocupadas nos seguintes gêneros: bebidas, com 1,19, têxtil, com 1,12, químicos com 1,28, farmacêuticos com 3,47, metalúrgica, com 1,96, máquinas e aparelhos elétricos, com 1,48, máquinas e equipamentos, com 1,39 e material de transporte, com 1,75. Pela análise dos quocientes locais, deduzimos que Porto Alegre tinha diversificado, em muitas áreas, nessa década, em relação à década de 60, principalmente, na industrialização de bens de capital, na mesma medida que industrializou Caxias do Sul, aproveitando as mudanças acontecidas na economia depois da implementação de Plano de Metas de 1955 e a conjuntura econômica favorável que se apresentou durante o período denominado milagre brasileiro.

Na Tabela 60, analisamos os totais dos estabelecimentos, dos salários pagos e do pessoal ocupado em Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul e Porto Alegre. Em relação aos estabelecimentos, Caxias ocupava 5,63% do total de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 11,67%, e Santa Cruz do Sul, 1,31%. Tomando em conta o pessoal ocupado, Caxias participava com 9,41%, Porto Alegre, com 15%, e Santa Cruz do Sul, com 1,69% do Rio Grande do Sul. A média de pessoas ocupadas em cada estabelecimento era de 39 para Caxias do Sul e de 30 em Porto Alegre e Santa Cruz do Sul, no entanto, a média de pessoas ocupadas por estabelecimento de Santa Cruz do Sul baixava a 21 se o fumo não fosse incluído. Fazendo

---

<sup>41</sup> O setor de impressão e gráfica também possuía um quociente locacional maior que um, com um quociente locacional de 1,26, mas, analisando o valor de transformação industrial que era inferior a um, deduzimos que o município não era especializado neste setor. No caso de borracha, existia uma importante empresa, a Mercur que fabricava produtos de borracha, mas como o IBGE não liberava as informações do pessoal ocupado não podemos tirar conclusões em relação a sua especialização, mas como era só um estabelecimento importante não podemos dizer que se tratava de uma indústria na qual o município era especializado.



a relação da média das pessoas ocupadas por estabelecimento em relação ao Rio Grande do Sul, observamos que a relação era a seguinte: Caxias do Sul superava em 1,67 a média do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, em 1,31 vezes, e Santa Cruz do Sul a superava em 1,29. A média de Santa Cruz do Sul era inferior em 0,91 vez se tirássemos o fumo do cálculo, mostrando a importância do produto em qualquer relação matemática.

A relevância dos salários pagos, pela indústria de cada município analisado aparece no percentual de participação de cada município. Dessa forma, Caxias representava 10% dos salários pagos, Porto Alegre participava com 17% do total de Rio Grande do Sul, e Santa Cruz do Sul alcançava um percentual de 1,78%, mas esse percentual descia a 0,83% se não contássemos o fumo no total dos salários pagos. Esse dado mostrava que os salários em Santa Cruz do Sul eram muito baixos e era uma das causas da pouca movimentação econômica no município. Se o trabalhador não ganhava o suficiente, não iria gastar o salário em produtos produzidos na própria cidade e, desse modo, não surgiriam novas indústrias para atender às demandas dos trabalhadores.

Agora, se consideramos o total do valor de produção industrial e o valor de transformação industrial, conforme a Tabela 61, os percentuais de participação permanecem semelhantes aos valores de 1970, que mostravam os dados da década de 60. O percentual do valor de produção de Caxias do Sul sobre o total do Rio Grande do Sul permanecia na casa dos 6%, e o percentual de Santa Cruz do Sul representava 2,28%, baixando para 0,78% se não incluíssemos o fumo no cálculo do percentual do valor de produção. A relação entre Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul era duas vezes favorável para Caxias do Sul e subia para oito vezes se tirássemos o fumo do cálculo da relação de valor de produção. Enquanto isso, o valor de produção de Porto Alegre diminuía ligeiramente sua participação, passando de 20% para 14% na década de 70. A média de valor de produção por estabelecimento em relação ao Rio Grande do Sul apresentava uma relação favorável para os três municípios, apresentando uma relação de 1,13 vez, para Caxias do Sul, 1,26 para Porto Alegre e 1,73 para Santa Cruz do Sul. Essa relação caía pela metade e o Rio Grande do Sul superava em 0,56 a Santa Cruz do Sul quando o fumo era tirado do cálculo da relação da média entre o município e o Estado.

Da mesma forma o valor de transformação industrial de Caxias do Sul representava 7% do Estado, Porto Alegre participava com 17%, e Santa Cruz do Sul significava 2,78% do total de Rio Grande do Sul. A média de valor de transformação industrial por estabelecimento em

relação ao Estado era 1,25 superior para Caxias, 1,53 superior para Porto Alegre e duas vezes para Santa Cruz do Sul. Como no caso do valor de produção industrial, o valor caía pela metade se não considerássemos o fumo no cálculo da média, salientando, mais uma vez, a dependência do município em relação ao seu principal produto de exportação e a pouca expressividade dos outros gêneros da indústria no total do Estado.

Apesar dos indicadores estudados anteriormente, tais como número de estabelecimentos, pessoal ocupado, valor de transformação industrial e valor de produção industrial, destacarem a relevância da indústria de Caxias do Sul e constatarem, na prática, a superioridade em relação à Santa Cruz do Sul, considerando os parâmetros analisados, a produtividade e a mais-valia continuam sendo favoráveis ao município do Vale do Rio Pardo.

Observando a Tabela 62, percebemos que a produtividade de Santa Cruz do Sul, comparando com Rio Grande do Sul, era 1,63 vezes superior à produtividade do Estado, mas esse valor diminuía para 0,67, se não aparecesse o fumo no valor de cálculo. No caso de Caxias do Sul, a relação era 0,75 vezes menor que a do Estado e, no de Porto Alegre, era 1,18 superior.

Considerando a mais-valia, ou seja, o cálculo do valor de transformação industrial menos os salários totais, temos que Caxias do Sul superava a Santa Cruz do Sul em duas vezes a mais-valia, sendo que esse valor subia para sete vezes a mais-valia de Santa Cruz do Sul se não fosse considerado o fumo. No entanto, a relação entre a mais-valia sobre os salários totais, ou seja, a relação da taxa de exploração mudava totalmente. Comparando os três municípios, verificamos que Caxias do Sul tinha uma taxa de exploração de duas vezes e meia, Porto Alegre de quatro vezes, e Santa Cruz do Sul, uma taxa de exploração de 6,83, que descia para 4,17 se tirássemos o fumo do cálculo da taxa de mais-valia. Esta era igual à do Estado, que tinha um valor de 4,07.

A taxa de mais-valia de Caxias do Sul e de Porto Alegre era 0,60 vezes menor que a taxa de mais-valia do Rio Grande do Sul, no entanto, a de Santa Cruz do Sul era 1,67 superior à do Rio Grande do Sul, e era 1,02 superior à do Estado se fosse calculada a taxa de mais-valia sem incluir o fumo. Calculando a relação da taxa de mais-valia entre Santa Cruz do Sul e Caxias do Sul, verificamos que Caxias do Sul era inferior a Santa Cruz do Sul em 0,36 se incluíssemos o fumo na relação e essa relação se transformava em 0,56 se não

considerássemos o fumo. A análise da mais-valia demonstrava que, apesar de os outros indicadores expressarem que a indústria de Caxias do Sul tinha alcançado um desenvolvimento capitalista superior ao de Santa Cruz do Sul, a taxa de exploração e a produtividade eram superiores no município do Vale do Rio Pardo. Dessa forma, constatamos uma contradição existente no processo de industrialização de ambos os municípios porque, em princípio, altos índices de produtividade e altas taxas de exploração indicariam um desenvolvimento capitalista maior nos termos de Marx.

Tabela 60 - Estabelecimentos, pessoal ocupado e salários pagos de 1980

	Estabelecimentos	% dos estabelecimentos	Total Pessoal ocupado	Pessoal ocupado. % do RS	Média PO total por estabelecimento	Média em relação ao RS	Salários totais expressos em Cr\$ 1000	% do RS	Média por estabelecimento	Média em relação ao RS	Salário Médio (sal total / pessoal ocupado em 31 de dez)	Média em relação ao RS
Caxias do Sul	1.093	5,63%	43.263	9,41%	39,58	1,67	5.699.587	10,06%	5.214,63	1,79	131,74	1,07
Caxias sem Bebida	1.047	5,39%	42.493	9,24%	40,59	1,71	5.586.309	9,86%	5.335,54	1,83	131,46	1,07
Porto Alegre	2.265	11,67%	70.163	15,25%	30,98	1,31	9.917.528	17,51%	4.378,60	1,50	141,35	1,15
Santa Cruz do Sul	255	1,31%	7.780	1,69%	30,51	1,29	1.010.722	1,78%	3.963,62	1,36	129,91	1,05
Santa Cruz sem Fumo	242	1,25%	5.229	1,14%	21,61	0,91	471.863	0,83%	1.949,85	0,67	90,24	0,73
Rio Grande do Sul	19.415	100,00%	459.961	100,00%	23,69	1,00	56.652.342	100,00%	2.917,97	1,00	123,17	1,00
Caxias do Sul/Santa Cruz	4, 286	4, 286	5, 561	5, 561	1, 297	1, 297	5, 639	5, 639	1, 316	1, 316	1, 014	1, 014
Caxias - Bebida / Santa Cruz - Fumo	4, 326	4, 326	8, 126	8, 126	1, 878	1, 878	11, 839	11, 839	2, 736	2, 736	1, 457	1, 457

Fonte: Dados proporcionados pelo IBGE - Censo Industrial de 1980 e cálculos feitos pela autora.

Tabela 61 - Valor de produção e valor de transformação 1980

Municípios/Relação Caxias sobre Santa Cruz	Valor de Produção Cr\$ 1000				Valor de Transformação Industrial Cr\$ 1000			
	Total	% do RS	Média por estabelecimento	Média em relação ao RS	VTI - Total	% do RS	Média por estabelecimento	Média em relação ao RS
Caxias do Sul	44.333.973	6,39%	40.561,73	1,13	20.355.828	7,08%	18.623,81	1, 257
Caxias sem Bebida	42.581.372	6,14%	40.669,89	1,14	19.524.697	6,79%	18.648,23	1, 259
Porto Alegre	102.187.347	14,72%	45.115,83	1,26	51.574.338	17,93%	22.770,13	1, 537
Santa Cruz do Sul	15.814.178	2,28%	62.016,38	1,73	7.916.865	2,75%	31.046,53	2, 096
Santa Cruz sem Fumo	4.869.066	0,70%	20.120,11	0,56	2.440.933	0,85%	10.086,50	0, 681
Rio Grande do Sul	694.002.037	100,00%	35.745,66	1,00	287.630.652	100,00%	14.814,87	1, 000
Caxias do Sul/Santa Cruz	2, 803	2, 803	0, 654	0, 654	2, 571	2, 571	0, 600	0, 600
Caxias - Bebida / Santa Cruz - Fumo	8, 745	8, 745	2, 021	2, 021	7, 999	7, 999	1, 849	1, 849

Fonte: Dados proporcionados pelo IBGE - Censo Industrial de 1980 e cálculos feitos pela autora.

Tabela 62 - Produtividade do trabalho e excedente taxa de exploração 1980

<i>Municípios/Estado/Relação</i>	<i>Produtividade</i>		<i>Taxa de Exploração</i>		
	<b>VTI / PO total (31 dez)</b>	<b>Prod. PO total em relação ao RS</b>	<b>VTI - Sal Totais = Mais- Valia em Cr\$ 1000</b>	<b>Mais- Valia / salários totais</b>	Taxa de MV em relação ao RS
<b>Caxias do Sul</b>	470,51	0,75	14.656.241	2, 571	<b>0, 631</b>
<b>Caxias sem Bebida</b>	459,48	0,73	13.938.388	2, 495	<b>0, 612</b>
<b>Porto Alegre</b>	735,06	1,18	41.656.810	4, 200	<b>1, 030</b>
<b>Santa Cruz do Sul</b>	1017,59	1,63	6.906.143	6, 833	<b>1, 676</b>
<b>Santa Cruz sem Fumo</b>	466,81	0,75	1.969.070	4, 173	<b>1, 024</b>
<b>Rio Grande do Sul</b>	625,34	1,00	230.978.310	4, 077	<b>1, 000</b>
<b>Caxias do Sul/Santa Cruz</b>	0, 462	0, 462	2, 122	0, 376	<b>0, 376</b>
Caxias - Bebida / Santa Cruz sem Fumo	<b>0, 984</b>	<b>0, 984</b>	<b>7, 079</b>	<b>0, 598</b>	<b>0, 598</b>

Fonte: IBGE 1980 e calculado pela autora.

#### 4.3.4.2 Principais mudanças acontecidas a partir dos anos 80

As informações correspondentes a 1990 estudam os acontecimentos da década de 80. Entre os principais acontecimentos, podemos mencionar que no período entre 1981-1983, houve um declínio do PIB. Conforme Fausto (2000, p.502), pela primeira vez, desde 1947, quando os indicadores do PIB começaram a ser estabelecidos, o resultado em 1981 foi negativo, assinalando queda de 3,1%. Os setores mais atingidos foram as indústrias de bens de consumo durável, como, por exemplo, os eletrodomésticos e de bens de capital, concentradas nas áreas mais urbanizadas do país.

Quando Sarney assumiu o governo em 1985, o quadro econômico era menos grave que em anos anteriores. O grande crescimento foi dado pelo aumento das exportações. Durante o governo de Sarney, houve a implementação do Plano Cruzado que teve, no congelamento de preços, seu principal motor, a indexação foi abolida e os preços e a taxa de câmbio foram congelados por prazo indeterminado.

Um problema sério era o desequilíbrio das contas externas, provocado por um aumento das importações. O desequilíbrio era fruto do fortalecimento da moeda sem a contrapartida das exportações e do ingresso de capital estrangeiro.

Todas essas situações se refletiam na economia e a indústria de Caxias do Sul e a de Santa Cruz do Sul, de alguma forma, sofreram o impacto dessas medidas econômicas.

Os dados que possuíamos para 1990 foram os coletados pela Fundação de Economia e Estatística e apontam o número de estabelecimentos e de pessoas ocupadas nos municípios objetos de nosso estudo, para a capital do Estado e para o Rio Grande do Sul.

Conforme a Tabela 63, os estabelecimentos com maior participação no total da indústria de Caxias do Sul eram os setores de vestuário, com 28,21%, e de metalurgia, com 17% do total da indústria. Comparando com Santa Cruz do Sul, os gêneros da indústria com maior quantidade de estabelecimentos eram o setor de alimentos, com 15,18%, o setor de vestuário, com 15,99%, o setor de madeira, com 12,74% e o setor metalúrgico, com 18,43%. A aparente diversificação dos setores de Santa Cruz do Sul não refletia, na verdade, a realidade do município porque o fumo continuava sendo o principal motor da indústria. Entre

os setores que apresentavam maior percentual de estabelecimentos, no caso de Porto Alegre, se encontravam os produtos alimentícios, com 13,52%, vestuário, com 27,79%, e metalurgia, com 11,39%. Comparando os setores com maior quantidade de estabelecimentos nos três municípios analisados e no Estado, concluímos que todos tinham um ponto em comum: eram os setores com livre entrada e, muitas vezes, organizados num padrão artesanal.

Analisando o quociente locacional dos estabelecimentos de cada gênero da indústria, observamos que Caxias do Sul apresentava um quociente locacional maior que um nos seguintes setores: bebidas, têxtil, vestuário, papel e papelão, borracha, metalurgia, material elétrico, máquinas e equipamentos, material de transporte e mobiliário. Devemos ressaltar que o quociente locacional superior a um, calculado desde o ponto de vista dos estabelecimentos, nos levava a uma aproximação, mas não definia, de forma definitiva, a especialização da indústria de cada município. O que na realidade definia a especialização de cada lugar era o quociente locacional das pessoas ocupadas na indústria de cada local.

Desde o ponto de vista das pessoas ocupadas, observamos, na Tabela 64, que, em Caxias do Sul, as indústrias que tinham maior percentual de pessoas empregadas no setor secundário eram o vestuário, com 10,96%, a metalurgia, com 11,86%, a mecânica, com 14,4%, e, principalmente, o material de transporte, com 20%. Pelo contrário, no caso de Santa Cruz do Sul a indústria centralizava-se nos seguintes setores: produtos alimentícios, com 12,54%, vestuário, com 21,77%, e prioritariamente o fumo, com 33,81%. Comparando os dois municípios com a capital do Estado, esta última apresentava os principais percentuais nos dois setores a seguir: produtos alimentícios, com 12,44%, e metalurgia com 20,89%. Era notável o fato de que o restante dos setores de Porto Alegre participava com percentuais inferiores a 10%, ou seja, os empregados estavam ocupados em diversas atividades da indústria, mostrando uma ampla diversificação.

Depois de analisarmos os percentuais de participação do emprego para cada município, analisamos os quocientes locacionais, considerando a principal variável, que era o emprego em relação ao Estado. Dessa forma, Caxias do Sul estava especializada no setor têxtil, com um quociente locacional de 1,69, madeira, com 1,32, produtos farmacêuticos e veterinários com 1,61, metalurgia, com 1,50, material elétrico e comunicações, com 3,10, mecânica, com 1,94, material de transporte, com 5,49, e mobiliário, com 1,64. Assim, a indústria em Caxias do Sul estava diversificada em vários setores, mostrando as suas potencialidades,



principalmente, nos setores de bens de capital. Já, no caso de Santa Cruz, o único quociente locacional superior a um era o fumo, com um valor de 29. Também a borracha e os materiais plásticos apresentavam um quociente locacional de 2,68, mas devemos destacar que o município não estava especializado nesse setor porque o alto valor do quociente locacional se devia, principalmente, à atuação de uma só empresa na cidade. No caso de Porto Alegre, o perfil da indústria se assemelhava ao de Caxias do Sul apresentando especialização nos seguintes setores: têxtil, madeira, produtos farmacêuticos e veterinários, químicos, papel e papelão, metalurgia, material elétrico e comunicações, mecânica e material de transportes. Como consequência, podemos afirmar que Caxias e Porto Alegre apresentavam um perfil em comum, marcado pela diversificação, diferentemente de Santa Cruz do Sul, que tinha uma característica bem-definida, que era determinada pela especialização no fumo como foi demonstrado na análise do quociente locacional.

Tabela 63 - Estabelecimentos, percentual de participação e quocientes locacionais para Caxias Santa Cruz do Sul e Porto Alegre em 1990

CNAE	Gêneros	Caxias	Santa Cruz	POA	RS	% Est. Caxias	% Est.Sta Cruz	% Est.POA	% Est. do RS	QL Caxias	QL Santa Cruz	QLPOA
10	Produtos alimentares	119	56	249	4.112	4,51%	15,18%	10,52%	13,52%	0,33	1,12	0,78
11	Bebidas	96	1	14	596	3,64%	0,27%	0,59%	1,96%	1,86	0,14	0,30
12	Fumo	-	16	2	67	///	4,34%	0,08%	0,22%	0,00	19,69	0,38
13	Têxtil	26	4	29	229	0,99%	1,08%	1,23%	0,75%	1,31	1,44	1,63
14	Vestuário, calçados e artefatos de tecido	744	59	538	8.455	28,21%	15,99%	22,73%	27,79%	1,02	0,58	0,82
15	Couro, peles e similares	50	3	42	663	1,90%	0,81%	1,77%	2,18%	0,87	0,37	0,81
16	Madeira	149	47	97	2.769	5,65%	12,74%	4,10%	9,10%	0,62	1,40	0,45
17	Papel e papelão	27	2	61	308	1,02%	0,54%	2,58%	1,01%	1,01	0,54	2,55
18	Editorial e gráfica	38	4	49	432	1,44%	1,08%	2,07%	1,42%	1,01	0,76	1,46
19	Combustíveis	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00	0,00	0,00
20	Química	33	3	113	603	1,25%	0,81%	4,77%	1,98%	0,63	0,41	2,41
21	Prod.farm. e veterinários	3	-	22	43	0,11%	///	0,93%	0,14%	0,80	0,00	6,58
22	Borracha e materiais plásticos	50	5	83	432	1,90%	1,36%	3,51%	1,42%	1,34	0,95	2,47
23	Mínerais não-metálicos	69	32	90	2.469	2,62%	8,67%	3,80%	8,12%	0,32	1,07	0,47
24	Metalurgia	460	68	325	3.465	17,44%	18,43%	13,73%	11,39%	1,53	1,62	1,21
25	Produtos de metal	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00	0,00	0,00
26	Ótica, eletrônica e informática	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00	0,00	0,00
27	Material elétrico e de comunicações	89	2	94	363	3,38%	0,54%	3,97%	1,19%	2,83	0,45	3,33
28	Mecânica	214	14	150	1.278	8,12%	3,79%	6,34%	4,20%	1,93	0,90	1,51
29	Material de transporte	130	6	63	607	4,93%	1,63%	2,66%	2,00%	2,47	0,81	1,33
30	Outros equipamentos de transporte	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00	0,00	0,00
31	Mobiliário	199	33	184	2.094	7,55%	8,94%	7,77%	6,88%	1,10	1,30	1,13
32	Diversos	140	13	161	1.109	5,31%	3,52%	6,80%	3,65%	1,46	0,97	1,87
	Energia elétrica	1	1	1	327	0,04%	0,27%	0,04%	1,07%	0,04	0,25	0,04
	Total	2.637	369	2.367	30.421	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	1,00	1,00	1,00

Fonte F.E.E. Anuário Estatístico 1997 e cálculos feitos pela autora.

Tabela 64 - Empregados, participação percentual e quocientes locacionais dos empregados para Porto Alegre, Caxias e Santa Cruz do Sul em 1990

NAE	Gêneros	Caxias	Santa Cruz	POA	RS	%Caxias	% Santa Cruz	%% . POA	% RS	QL Caxias	QL Santa Cruz	QL POA
10	Produtos alimentares	2.714	1.398	7.179	87.871	4,80%	12,54%	12,34%	14,58%	0,33	0,86	0,85
11	Bebidas	800	40	1.713	11.249	1,42%	0,36%	2,95%	1,87%	0,76	0,19	1,58
12	Fumo	-	3.770	553	6.979	0,00%	33,81%	0,95%	1,16%	0,00	29,20	0,82
13	Têxtil	1.301	22	1.346	8.190	2,30%	0,20%	2,31%	1,36%	1,69	0,15	1,70
14	Vestuário,	6.191	2.427	5.055	188.881	10,96%	21,77%	8,69%	31,34%	0,35	0,69	0,28
15	Couro, peles e similares	322	3	237	26.569	0,57%	0,03%	0,41%	4,41%	0,13	0,01	0,09
16	Madeira	2.448	147	941	19.816	4,33%	1,32%	1,62%	3,29%	1,32	0,40	0,49
17	Papel e papelão	660	78	1.413	14.456	1,17%	0,70%	2,43%	2,40%	0,49	0,29	1,01
18	Editorial e gráfica	535	22	3.894	6.884	0,95%	0,20%	6,69%	1,14%	0,83	0,17	5,86
19	Combustíveis	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00	0,00	0,00
20	Química	281	336	2.786	16.021	0,50%	3,01%	4,79%	2,66%	0,19	1,13	1,80
21	Prod.farm. e veterinários	161	-	555	1.065	0,28%	0,00%	0,95%	0,18%	1,61	0,00	5,40
22	Borracha e materiais. plásticos	1.012	756	1.631	15.224	1,79%	6,78%	2,80%	2,53%	0,71	2,68	1,11
23	Minerais não-metálicos	2.002	148	1.441	18.686	3,54%	1,33%	2,48%	3,10%	1,14	0,43	0,80
24	Metalurgia	6.702	798	12.152	47.632	11,86%	7,16%	20,89%	7,90%	1,50	0,91	2,64
25	Produtos de metal	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00	0,00	0,00
26	Ótica, elect. e informática	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00	0,00	0,00
27	Material elétrico e de comunicações	4.622	1	2.120	15.919	8,18%	0,01%	3,64%	2,64%	3,10	0,00	1,38
28	Mecânica	8.179	60	4.157	44.943	14,48%	0,54%	7,15%	7,46%	1,94	0,07	0,96
29	Material de transporte	11.910	192	3.223	23.147	21,08%	1,72%	5,54%	3,84%	5,49	0,45	1,44
30	Outros equipamentos de transporte	0	0	0	0	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00	0,00	0,00
31	Mobiliário	4.137	326	2.411	26.971	7,32%	2,92%	4,15%	4,48%	1,64	0,65	0,93
32	Diversos	2.523	626	5.356	21.842	4,47%	5,61%	9,21%	3,62%	1,23	1,55	2,54
	Energia elétrica	-	-	-	333	0,00%	0,00%	0,00%	0,06%	0,00	0,00	0,00
	Total	56.500	11.150	58.163	602.678	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	1,00	1,00	1,00

Fonte: F. E. E Anuário Estatístico (1997) e cálculos feitos pela autora

A tabela 65 mostra o percentual de participação dos empregados e dos estabelecimentos no total da indústria em 1996, analisando as mudanças que aconteceram a partir dos anos de 1990. Os estabelecimentos com maior grau de participação na indústria de Caxias do Sul eram os setores de fabricação de produtos de metal, com 13,27%, material de transporte, com 10,90%, e fabricação de equipamentos, com 14,36%. Os setores com maior participação de pessoal ocupado eram o de fabricação de máquinas e equipamentos, com 15,08%, e de fabricação de montagem de veículos, automotores e carrocerias, com 27%. No caso de Santa Cruz do Sul, as principais indústrias com maior percentual nos estabelecimentos eram, no período entre 1990 e 1996, a de alimentos, com 21%, e a do fumo, com 12%. Os mesmos setores eram os principais geradores de empregos, com 15% e 33%.

Analisando o quociente locacional de Caxias do Sul, conforme a Tabela 66, constatamos que o município estava especializado, em relação ao Rio Grande do Sul, nos seguintes setores: produtos têxteis, com 2,44, vestuário, com 1,07, borracha e plástico, com 1,59, minerais não metálicos, com 2,19, metalurgia, com 1,47, produtos de metal, com 1,29, fabricação de máquinas e equipamentos, com 2,0, fabricação de máquinas e aparelhos elétricos, com 4,90, e fabricação de veículos e montagem, com 6,52. Mais uma vez se afirmava a relevância do pólo metal-mecânico, que despontava como principal setor da indústria e, ao mesmo tempo apresentavam-se outros setores que não faziam parte da cadeia produtiva do material de transportes, mas mostravam a diversificação do município. No entanto, Santa Cruz do Sul tinha uma especialização da indústria no fumo com um quociente locacional de 31,47, borracha e materiais plásticos, com um quociente locacional de 2,50, celulose e papel, com 1,09, e fabricação de móveis, com 2,09.

Salientamos o fato de que o principal setor continua sendo o fumo, no entanto o setor de borracha e materiais plásticos, apesar de ter um quociente locacional maior que um, não constituía bem um exemplo de especialização do município como foi ressaltado anteriormente, já que correspondia à importância de um estabelecimento, e isso não configurava bem uma especialização. O setor de móveis poderia constituir o caso de uma especialização em relação ao Rio Grande do Sul, pela existência de vários estabelecimentos com características artesanais, que exportavam para vários destinos e que tinham certa relevância nos mercados regional e nacional.

Tabela 65 - Percentuais de Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul e Rio Grande do Sul em 1996

DIVISÃO	Ano 1996 Descrição	Caxias do Sul				Santa Cruz do Sul				Rio Grande do Sul			
		Número de unidades locais	Percentual de números de unidades locais	Pessoal ocupado Total	Percentual de pessoal Ocupado	Número de unidades locais	Percentual de números de unidades locais	Pessoal ocupado total	Percentual de pessoal ocupado	Número de unidades locais	Percentual de número de unidades locais	Pessoal ocupado total	Percentual de pessoal ocupado
10	Extração de carvão mineral	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	9	0,08%	1.031	0,21%
11	Extração de petróleo e serviços relacionados	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
13	Extração de minerais metálicos	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	4	0,03%	71	0,01%
14	Extração de minerais não metálicos	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	225	1,89%	3.467	0,71%
15	Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	24	8,54%	2.164	6,65%	10	21,86%	1.398	15,97%	2.083	17,48%	80.440	16,44%
16	Fabricação de produtos do fumo	0	0,00%	0	0,00%	6	12,91%	2.969	33,91%	52	0,44%	5.272	1,08%
17	Fabricação de produtos têxteis	7	2,42%	1.182	3,63%	0	0,00%	0	0,00%	225	1,89%	7.281	1,49%
18	Confecção de artigos do vestuário e acessórios	20	6,96%	1.139	3,50%	3	7,37%	563	6,43%	985	8,27%	16.038	3,28%
19	Preparação de couros	4	1,45%	235	0,72%	1	2,21%	48	0,55%	1.195	10,03%	141.640	28,95%
20	Fabricação de produtos de madeira	10	3,55%	713	2,19%	1	2,22%	83	0,95%	757	6,35%	13.114	2,68%
21	Fabricação de celulose, papel	3	1,14%	115	0,35%	1	2,15%	176	2,01%	159	1,33%	9.009	1,84%
22	Edição, impressão e reprodução	9	3,32%	629	1,93%	3	6,78%	281	3,21%	566	4,75%	13.392	2,74%
23	Fabricação de coque	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	8	0,07%	X	X
24	Fabricação de produtos químicos	6	2,12%	235	0,72%	1	2,30%	32	0,37%	432	3,63%	15.085	3,08%
25	Fabricação de artigos de borracha e plástico	28	9,83%	1.929	5,93%	3	6,57%	817	9,33%	429	3,60%	18.248	3,73%
26	Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	5	1,66%	2.005	6,16%	2	4,54%	65	0,74%	768	6,45%	13.794	2,82%
27	Metalurgia básica	6	2,19%	773	2,37%	0	0,00%	0	0,00%	153	1,28%	7.905	1,62%

Continuação

28	Fabricação de produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos	38	13,27%	2.606	8,00%	2	4,39%	716	8,18%	1.016	8,53%	30.448	6,22%
29	Fabricação de máquinas e equipamentos	41	14,36%	4.909	15,08%	4	9,09%	176	2,01%	750	6,30%	35.956	7,35%
30	Fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	25	0,21%	988	0,20%
31	Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	22	7,83%	2.992	9,19%	0	0,00%	0	0,00%	206	1,73%	9.170	1,87%
32	Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações	3	1,05%	125	0,38%	0	0,00%	0	0,00%	52	0,44%	2.711	0,55%
33	Fabricação de equipamentos de instrumentação médico-hospitalares, instrumentos de precisão e ópticos, equipamentos para automação industrial, cronômetros e relógios	1	0,35%	66	0,20%	1	2,15%	73	0,83%	97	0,81%	4.151	0,85%
34	Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias	31	10,90%	9.006	27,66%	1	2,15%	94	1,07%	278	2,33%	20.753	4,24%
35	Fabricação de outros equipamentos de transporte	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	25	0,21%	X	X
36	Fabricação de móveis e indústrias diversas	26	9,07%	1.733	5,32%	6	13,30%	1.265	14,45%	1.175	9,86%	33.888	6,93%
37	Reciclagem	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	12	0,10%	179	0,04%
	Outros	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	228	1,91%	5.291	1,08%
Total		285	100,00%	32.559	100,00%	46	100,00%	8.757	100,00%	11.914	100,00%	489.322	100,00%

Fonte: Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria, Pesquisa Industrial Anual - Empresa 1996.

Tabela 66 - Quociente Locacional de Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul em 1996

Divisão	Descrição	Caxias do Sul		Santa Cruz do Sul	
		Num.Uni d.Locais	Pessoas ocupada	Num.Uni d.Locais	Pessoas ocup.
15	Produtos alimentícios e bebidas	0,49	0,40	1,25	0,97
16	Fumo	0,00	0,00	29,59	31,47
17	Produtos têxteis	1,28	2,44	0,00	0,00
18	Artigos de vestuário e acessórios	0,84	1,07	0,89	1,96
19	Preparação de couros	0,14	0,02	0,22	0,02
20	Produtos de madeira	0,56	0,82	0,35	0,35
21	Celulose e papel	0,85	0,19	1,61	1,09
22	Edição, impressão e mat.gráfico	0,70	0,71	1,43	1,17
23	Fabricação de coque,	0,00	x	0,00	X
24	Produtos químicos.	0,59	0,23	0,63	0,12
25	Borracha e plástico	2,73	1,59	1,82	2,50
26	Minerais não metálicos	0,26	2,19	0,70	0,26
27	Metalurgia básica	1,71	1,47	0,00	0,00
28	Produtos de metal	1,56	1,29	0,51	1,31
29	Fabricação de máquinas e equipamentos	2,28	2,05	1,44	0,27
31	Fabricação de máquinas e aparelhos elétricos	4,53	4,90	0,00	0,00
32	Fabricação de material eletrônico	2,41	0,69	0,00	0,00
33	Fabricação de equipamentos de instrumentação médico-hospitalares	0,43	0,24	2,64	0,98
34	Fabricação e montagem de veículos automotores	4,67	6,52	0,92	0,25
35	Fabricação de outros equipamentos de transporte	0,00	x	0,00	x
36	Fabricação de móveis	0,92	0,77	1,35	2,09
Total		1,00	1,00	1,00	1,00

Fonte: Tabela criada pela autora.

Tabela 67 – Relação entre Estabelecimentos e Pessoas Ocupadas de Caxias do Sul e Santa Cruz - 1996

CNAE	Gêneros	Número de unidades locais Caxias do Sul/ Santa Cruz do Sul	Pessoal Ocupado Total Caxias do Sul/ Santa Cruz do Sul
15	Produtos alimentícios e bebidas	2,40	1,55
16	Fumo	///	///
17	Produtos têxteis	///	///
18	Artigos de vestuário e acessórios	5,80	2,02
19	Preparação de couros	4,02	4,90
20	Produtos de madeira	9,83	8,59
21	Celulose e papel	3,25	0,65
22	Edição, impressão e mat.gráfico	3,01	2,24
23	Fabricação de coque,	0,00	0,00
24	Produtos químicos.	5,66	7,35
25	Borracha e plástico	9,19	2,36
26	Minerais não metálicos	2,24	30,85
27	Metalurgia básica	///	///
28	Produtos de metal	18,56	3,64
29	Fabricação de máquinas e equipamentos	9,69	27,92
31	Fabricação de máquinas e aparelhos elétricos	///	///
32	Fabricação de material eletrônico	///	///
33	Fabricação de equipamentos de instrumentação médico-hospitalares	1,00	0,90
34	Fabricação e montagem de veículos automotores	31,10	95,81
35	Fabricação de outros equipamentos de transporte	0,00	0,00
36	Fabricação de móveis	4,19	1,37
37	Reciclagem	0,00	0,00
	Total	6,14	3,72

Fonte: Tabela criada pela autora



Tabela 68 - Percentual de pessoas ocupadas e de estabelecimentos para o ano 2001

Divisão	Descrição	Caxias do Sul				Santa Cruz do Sul				Rio Grande do Sul	
		Unidades Loc.	Pessoal ocupado	% Num. Unid. Loc.	% Pessoal ocupado	Numero unid. Loc.	%Pessoal ocupado	% Unidade. Loc.	% Pessoal ocup.	Unidades locais	Pessoal ocupado
10	Extração de carvão mineral	0	0	0,00%	0,00%	0	0	0,00%	0,00%	7	616
11	Extração de petróleo e serviços relacionados	0	0	0,00%	0,00%	0	0	0,00%	0,00%	0	0
13	Extração de minerais metálicos	0	0	0,00%	0,00%	0	0	0,00%	0,00%	1	0
14	Extração de minerais não metálicos	0	0	0,00%	0,00%	0	0	0,00%	0,00%	270	2.805
15	Produtos alimentícios e bebidas	17	2.365	5,58%	6,06%	7	1.290	17,89%	14,96%	2.164	83.800
16	Fumo	0	0	0,00%	0,00%	7	3.919	17,87%	45,44%	46	5.940
17	Produtos têxteis	10	1.570	3,41%	4,03%	1	34	2,56%	0,39%	349	10.392
18	Artigos de vestuário e acessórios	18	971	6,04%	2,49%	4	554	10,29%	6,42%	967	17.172
19	Preparação de couros	2	(x)	0,69%	X	2	103	5,15%	1,19%	2.101	167.420
20	Produtos de madeira	10	776	3,39%	1,99%	0	0	0,00%	0,00%	1.005	14.196
21	Celulose e papel	4	232	1,33%	0,59%	0	0	0,00%	0,00%	213	10.159
22	Edição, impressão e mat.gráfico	7	632	2,36%	1,62%	1	175	2,60%	2,03%	662	15.605
23	Fabricação de coque,	0	0	0,00%	0,00%	0	0	0,00%	0,00%	8	1.064
24	Produtos químicos.	12	340	3,85%	0,87%	0	0	0,00%	0,00%	438	16.169
25	Borracha e plástico	31	2.614	10,17%	6,70%	3	672	7,72%	7,79%	631	22.325
26	Minerais não metálicos	9	2.613	2,89%	6,70%	2	488	5,11%	5,66%	882	17.298
27	Metalurgia básica	6	652	1,89%	1,67%	0	0	0,00%	0,00%	220	8.949
28	Produtos de metal	55	3.422	18,21%	8,77%	0	0	0,00%	0,00%	1.458	35.782
29	Fabricação de maquinas e equipamentos	42	4.329	13,86%	11,10%	3	140	7,72%	1,62%	969	43.220
30	Fabricação de máquinas para escritório e inf.	0	0	0,00%	0,00%	0	0	0,00%	0,00%	25	1.316
31	Fabricação de maquinas e aparelhos elétricos	16	2.932	5,38%	7,52%	0	0	0,00%	0,00%	240	9.620
32	Fabricação de material eletrônico	1	(x)	0,33%	X	0	0	0,00%	0,00%	79	2.977

33	Fabricação de equipamentos de instrumentação medica	4	1.181	1,33%	3,03%	0	0	0,00%	0,00%	108	5.061
34	Fabricação e montagem de veículos automotores	31	12.050	10,24%	30,90%	1	82	2,56%	0,95%	289	27.046
35	Fabricação de outros equipamentos de transporte	0	0	0,00%	0,00%	0	0	0,00%	0,00%	41	625
36	Fabricação de móveis	27	2.319	9,04%	5,95%	8	1.168	20,53%	13,54%	1.695	41.741
37	Reciclagem	0	0	0,00%	0,00%	0	0	0,00%	0,00%	43	584
	Outros	0	0	0,00%	0,00%	0	0	0,00%	0,00%	22	1.796
TOTAL	1	300	38.998	100,00%	100,00%	39	8.624	100,00%	100,00%	14.933	563.678

Fonte:: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria, Pesquisa Industrial Anual - Empresa 2001. e a autora( cálculos)

Na Tabela 68, podemos verificar os setores com maior grau de participação na indústria,<sup>42</sup> segundo o nível de emprego em determinado município, no o ano de 2001. Quanto Caxias do Sul podemos observar que os setores mais representativos eram o de material de transporte, fabricação de produtos de metal e maquinas e equipamentos. Já, no caso de Santa Cruz do Sul, os setores mais significativos para a indústria eram fumo, alimentos e borracha e plásticos e o setor de fabricação de móveis. Mas, de forma mais visível, era mais importante para o emprego do município o setor do fumo, conforme o percentual de participação de 45% mostrado na Tabela 46 e o único setor que podia representar um setor mais relevante era o setor de móveis.

Assim, comparando o quociente locacional de ambos os municípios, podemos deduzir que os setores nos quais Caxias do Sul se especializava abrangiam mais atividades que os setores especializados em Santa Cruz do Sul. Isto fica demonstrado na Tabela 69, onde temos que Caxias do Sul continuava se especializando principalmente na fabricação de material de transporte, fabricação de máquinas e equipamentos, produtos de metal, máquinas e aparelhos elétricos. O único setor que se agregava em relação aos dados apresentados referentes a 1996 era o de fabricação de equipamentos e instrumentação hospitalar, que veio a representar uma nova atividade especializada do município em relação ao Rio Grande do Sul. Ao contrário, Santa Cruz do Sul mantinha, nessa época, os mesmos setores especializados em relação ao Estado que o período anterior, dando predominância ao setor de fumo, e em menor medida, à fabricação de borracha, artigos de vestuário, extração de produtos não metálicos e fabricação de móveis, salientando que a especialização não sofria nenhuma mudança em relação ao período anterior.

---

<sup>42</sup> Como existiam informações que não foram incluídas pelos órgãos censitários para preservar o sigilo das empresas devido ao fato de serem menos de duas empresas trabalhando em determinado setor da indústria de cada município, não possuíamos para a época dados para definir o grau de especialização em determinados ramos da atividade secundária. Mas, precisamente, pelo fato de serem poucos estabelecimentos trabalhando em determinada atividade, não podem ser configurados como setores especializados da indústria. Para exemplificar essa situação, mostramos o caso de preparação e fabricação de couros e calçados e de fabricação de materiais eletrônicos em Caxias do Sul, que, pelo fato de possuir poucos estabelecimentos, não configuravam empresas especializadas no município.

Tabela 69 - Quocientes locacionais de Caxias e Santa Cruz do Sul 2001

Divisão CNAE*	Descrição	QL Número de unidades locais Caxias do Sul	QL Pessoas ocupadas em Caxias do Sul	QL de Número de unidades locais de Santa Cruz	QL de Pessoas Ocupadas em Santa Cruz do Sul.
15	Produtos alimentícios e bebidas	0,39	0,41	1,23	1,01
16	Fumo	0,00	0,00	58,02	43,12
17	Produtos têxteis	1,46	2,18	1,09	0,21
18	Artigos de vestuário e acessórios	0,93	0,82	1,59	2,11
19	Preparação de couros	0,05	x	0,37	0,04
20	Produtos de madeira	0,50	0,79	0,00	0,00
21	Celulose e papel	0,93	0,33	0,00	0,00
22	Edição, impressão e mat.gráfico	0,53	0,59	0,59	0,73
24	Produtos químicos.	1,31	0,30	0,00	0,00
25	Borracha e plástico	2,41	1,69	1,83	1,97
26	Minerais não metálicos	0,49	2,18	0,87	1,84
27	Metalurgia básica	1,28	1,05	0,00	0,00
28	Produtos de metal	1,87	1,38	0,00	0,00
29	Fabricação de máquinas e equipamentos	2,14	1,45	1,19	0,21
31	Fabricação de maquinas e aparelhos elétricos	3,35	4,40	0,00	0,00
32	Fabricação de material eletrônico	0,63	x	0,00	0,00
33	Fabricação de equipamentos de instrumentação medica	1,84	3,37	0,00	0,00
34	Fabricação e montagem de veículos automotores	5,29	6,44	1,32	0,20
36	Fabricação de móveis	0,80	0,80	1,81	1,83
TOTAL	Total	1,00	1,00	1,00	1,00

Fonte: Tabela Criada pela autora.

\* A classificação da CNAE corresponde a uma versão diferente da apresentada até 1990. As informações apresentadas pelo IBGE referente a P.I.A. diferem das mostradas anteriormente

Por último, analisamos os dados apresentados para o ano de 2007 pelo IBGE os quais mostram as mudanças ou transformações acontecidas na indústria de ambos os municípios desde 2001. Em primeiro lugar, apresentamos os percentuais da indústria de Caxias do Sul em relação ao total da sua indústria. Conforme a Tabela 70, os setores mais representativos eram material de transporte, fabricação de maquinarias, fabricação de aparelhos elétricos, borracha e plástico e móveis, não apresentando diferenças em relação ao acontecido para 2001. No que diz respeito a Santa Cruz do Sul, o principal setor era o fumo, seguido pelo setor de borracha e plástico, produtos de metal e móveis. A única diferença em relação ao período anterior foi a diminuição do percentual da participação no emprego e nos estabelecimentos do fumo, que passou de 45% do total do emprego para 32,87% , o qual mostra a excessiva dependência da indústria em relação a esse setor porque não havia nenhum setor que viesse a substituir a relevância do principal setor que mobilizava a economia de Santa Cruz do Sul desde a época de iniciação da indústria no município. Conforme foi comentado anteriormente quanto ao ano de 2001, o setor de móveis também se apresentava como uma atividade dinâmica que poderia vir a se transformar numa nova força dentro do município, conforme sua progressiva participação no emprego.

O quociente locacional de 2007, conforme a tabela 71, apresentava um perfil similar ao do período anterior, destacando-se o setor de material de transportes no município de Caxias do Sul e o setor do fumo no município de Santa Cruz do Sul como os principais gêneros nos quais os municípios se especializavam. Devemos salientar que o município da Serra apresentava outros ramos da indústria, com quociente locacional maior que um no que se refere ao emprego e que tinham relação com a cadeia produtiva da fabricação de material de transporte, ônibus e carrocerias. Dentre eles podemos mencionar a fabricação de máquinas e equipamentos, fabricação de máquinas e aparelhos elétricos e metalurgia. O único gênero que começou a despontar como um setor especializado na indústria de Caxias do Sul e não pertencia à cadeia do setor de transportes era o de fabricação de equipamentos e instrumentação médica. Também se destacava o setor de vestuários e acessórios que representava um ramo da indústria mais tradicional e que não pertencia à produção de bens de capital.

No que se refere ao fumo em Santa Cruz do Sul, podemos observar que o quociente locacional era de 34. Isto quer dizer que o município era altamente especializado em relação ao Rio Grande do Sul. Os outros setores que tinham um quociente locacional superior à

unidade eram o setor de vestuários e acessórios, borracha e materiais plásticos e fabricação de móveis. No caso de vestuários e acessórios, a especialização se devia à importância de uma empresa e à existência de vários estabelecimentos do tipo artesanal, que aumentavam a importância desse setor na indústria de Santa Cruz do Sul e na indústria de Rio Grande do Sul. Da mesma forma, o setor de borrachas era alavancado pela existência de uma única firma que incrementava a participação do setor no Estado, mas, na verdade, não correspondia ao que, por definição constitui uma especialização na indústria porque, pela existência de uma firma importante, não podemos dizer que borrachas constitui o caso de um setor especializado.

Para podermos determinar como foi a evolução dos estabelecimentos locais e do pessoal ocupado consideramos os setores da indústria que representavam os gêneros nos quais os municípios se especializavam. A Tabela 72 mostra a taxa de crescimento de Caxias do Sul nas variáveis citadas anteriormente, e a tabela 73 mostra a evolução de Santa Cruz do Sul.

Considerando os setores mais especializados de Caxias do Sul em relação ao Rio Grande do Sul (Ver tabela 71), temos que o setor têxtil apresentava uma taxa de crescimento entre 1996-2007 de 90,15% na quantidade de estabelecimentos. O setor têxtil apresentava uma taxa de crescimento do pessoal ocupado de 60,71% para o mesmo período. O outro setor da indústria que representava um dos setores mais representativos no Rio Grande do Sul era o setor de borracha e plásticos, que apresentou um aumento no número de estabelecimentos de 42,81% e uma taxa de crescimento de 148% no número de pessoas ocupadas. O setor de material de transportes apresentou uma taxa de crescimento de 54% no número de estabelecimentos e 136% no número de pessoas ocupadas. Devemos ressaltar que o setor que apresentou uma taxa de crescimento maior foi o setor de fabricação de instrumentos médicos, com um aumento de estabelecimentos na ordem do 100% e um percentual de 1898% nos empregados.

Por outra parte, o setor que merece mais a nossa atenção, no caso de Santa Cruz do Sul, era o fumo que entre 1996 e 2007, apresentou uma diminuição do 37% nos estabelecimentos e uma queda de 37,16% no pessoal ocupado, mostrando que, por uma parte as indústrias fumageiras deixaram o município para se instalar em outros Estados, e por outra parte, responde à própria dinâmica do setor fumageiro que tende à concentração e à centralização na definição de Marx. Observaram-se, nesse período, fusões, absorções e aquisições de empresas

que respondem ao próprio desenvolvimento capitalista e ao que Penrose definia como busca da oportunidade produtiva, nesse caso, o setor do beneficiamento do tabaco, que tecia uma série de operações entre empresas para lograr a sua expansão. Os outros setores da indústria que apresentaram uma taxa de crescimento positiva em relação ao emprego foram o setor de vestuário, borracha e móveis, que pelas próprias particularidades das empresas, tinham maior demanda de funcionários.

A taxa de crescimento mostra-nos a evolução da indústria, considerando o período entre 1996 e 2007 e, comparando os dois municípios, podemos afirmar que a indústria de Caxias do Sul apresentou altas taxas de crescimento, que diversificou a sua base de exportação original e aproveitou as condições favoráveis que apresentava a conjuntura econômica dos períodos históricos de 1950 e de 1970, para despontar como uma indústria de bens de capital bem-sucedida, que exportava para diversos mercados nacionais e internacionais.

No entanto, Santa Cruz do Sul não mudou a sua base de exportação em função do seu bem-sucedido desempenho durante toda a sua história econômica e apresentou taxas de crescimento menores no período compreendido entre 1996-2007. O fumo não permitiu diversificar e abrir novas oportunidades produtivas e as outras indústrias que foram surgindo apareceram de forma isolada mas sem nenhuma conexão com a indústria de base original e, apesar das taxas de crescimento favoráveis apresentadas no período analisado, as taxas de crescimento de Caxias do Sul foram superiores às das indústrias de Santa Cruz do Sul.

Uma outra característica de Caxias do Sul referente ao período analisado era a fabricação de bens de capital e bens de consumo não duráveis e intermediários, ao contrário de Santa Cruz do Sul, que tinha como carro-chefe do processo de industrialização um gênero da indústria, que na definição de Douglass North e de Cardoso de Mello, não poderia ser enquadrado dentro da definição de indústria. O processamento do fumo não cumpria os requisitos que North entendia serem necessários para que um gênero pudesse ser chamado de indústria. Um requisito apontado era fabricar bens de consumo finais ou bens de capital, e no caso de Cardoso de Mello, era mais estrito ainda, entendendo que indústria configurava só os bens de capital. Desse modo, o processo de industrialização de Caxias do Sul apresentava um desenvolvimento capitalista maior que Santa Cruz do Sul, e os únicos gêneros que apresentavam um crescimento maior eram gêneros com um grau de processamento menos sofisticado que Caxias do Sul.

Para concluir a análise dos períodos mais atuais, entendemos que, cada vez mais, o município de Caxias do Sul vai diversificando a sua produção e vai entrando em diversas áreas anteriormente não exploradas. No caso de Santa Cruz do Sul, o único gênero de importância no qual o município era especializado apresentava índices de crescimento menores e não abria novas possibilidades para o ingresso de novas indústrias no município.



Tabela 70 - Percentuais de participação de emprego e estabelecimentos de Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul e Rio Grande do Sul 2007

DIVISÃO	Descrição	Caxias do sul				Santa Cruz do Sul				Rio Grande do Sul	
		Número de unidades locais	Pessoal Ocupado Total	Percentual de unidades locais	Percentual de Pessoal ocupado	Número de unidades locais	Pessoal Ocupado Total	Percentual de unidades locais	Percentual de pessoal ocupado	Número de unidades locais	Pessoal Ocupado Total
10	Extração de carvão mineral	0	0	0,00%	0,00%	0	0	0,00%	0,00%	12	659
11	Extração de petróleo e serviços relacionados	0bb	0	0,00%	0,00%	0	0	0,00%	0,00%	1	0
13	Extração de minerais metálicos	0	0	0,00%	0,00%	0	0	0,00%	0,00%	3	0
14	Extração de minerais não metálicos	0	0	0,00%	0,00%	0	0	0,00%	0,00%	354	4.151
15	Produtos alimentícios e bebidas	22	4.569	6,07%	7,62%	6	879	15,40%	9,43%	2.498	110.994
16	Fumo	0	0	0,00%	0,00%	7	3.063	17,89%	32,87%	43	6.357
17	Produtos têxteis	13	1.899	3,62%	3,17%	0	0	0,00%	0,00%	457	11.644
18	Artigos de vestuário e acessórios	14	1.327	3,88%	2,21%	4	326	10,29%	3,49%	1.038	20.982
19	Preparação de couros	3	184	0,83%	0,31%	4	249	10,40%	2,67%	2.438	143.837
20	Produtos de madeira	10	430	2,75%	0,72%	0	0	0,00%	0,00%	1.097	17.698
21	Celulose e papel	7	372	1,93%	0,62%	0	0	0,00%	0,00%	271	9.766
22	Edição, impressão e mat.gráfico	10	908	2,77%	1,51%	2	163	5,19%	1,75%	812	19.174

23	Fabricação de coque,	0	0	0,00%	0,00%	0	0	0,00%	0,00%	11	1.240
24	Produtos químicos.	17	694	4,69%	1,16%	0	0	0,00%	0,00%	566	18.499
25	Borracha e plástico	40	4.790	11,02%	7,99%	2	1.018	5,11%	10,92%	853	28.618
26	Minerais não metálicos	6	2.958	1,66%	4,93%	2	83	4,97%	0,89%	900	19.485
27	Metalurgia básica	11	2.309	3,03%	3,85%	0	0	0,00%	0,00%	212	14.064
28	Produtos de metal	56	3.509	15,40%	5,85%	2	1.108	5,11%	11,89%	1.927	47.254
29	Fabricação de máquinas e equipamentos	53	6.140	14,49%	10,24%	4	153	10,31%	1,64%	1.535	63.768
30	Fabricação de máquinas para escritório e inf.	0	0	0,00%	0,00%	0	0	0,00%	0,00%	32	2.641
31	Fabricação de máquinas e aparelhos elétricos	20	3.715	5,51%	6,20%	0	0	0,00%	0,00%	290	12.710
32	Fabricação de material eletrônico	5	246	1,38%	0,41%	0	0	0,00%	0,00%	91	4.484
33	Fabricação de equipamentos de instrumentação médica	2	1.319	0,55%	2,20%	0	0	0,00%	0,00%	156	6.480
34	Fabricação e montagem de veículos automotores	48	21.264	13,19%	35,46%	1	78	2,56%	0,84%	389	44.634
35	Fabricação de outros equipamentos de transporte	0	0	0,00%	0,00%	0	0	0,00%	0,00%	52	3.137
36	Fabricação de móveis	26	3.322	7,24%	5,54%	5	2.200	12,77%	23,61%	1.843	47.232
37	Reciclagem	0	0	0,00%	0,00%	0	0	0,00%	0,00%	102	1.413
	Outros	0	0	0,00%	0,00%	0	0	0,00%	0,00%	4	22
Total	Total	363	59.956	100,00%	100,00%	39	9.319	100,00%	100,00%	17.987	660.943

Fonte: IBGE: PIA, 2007. Percentuais calculados pela autora

Tabela 71 - Quociente locacional Caxias e Santa Cruz do Sul 2007

DIVISÃO	Descrição	QL Numero de unidades locais Caxias do Sul	QL Pessoal ocupado Caxias	QL Numero de unidades locais Sta Cruz do Sul	QL Pessoal Ocupado Sta Cruz do Sul
15	Produtos alimentícios e bebidas	0,44	0,45	1,11	0,56
16	Fumo	0,00	0,00	74,85	34,18
17	Produtos têxteis	1,42	1,80	0,00	0,00
18	Artigos de vestuário e acessórios	0,67	0,70	1,78	1,10
19	Preparação de couros	0,06	0,01	0,77	0,12
20	Produtos de madeira	0,45	0,27	0,00	0,00
21	Celulose e papel	1,28	0,42	0,00	0,00
22	Edição, impressão e mat.gráfico	0,61	0,52	1,15	0,60
23	Fabricação de coque,	0,00	0,00	0,00	0,00
24	Produtos químicos.	1,49	0,41	0,00	0,00
25	Borracha e plástico	2,32	1,85	1,08	2,52
26	Minerais não metálicos	0,33	1,67	0,99	0,30
27	Metalurgia básica	2,57	1,81	0,00	0,00
28	Produtos de metal	1,44	0,82	0,48	1,66
29	Fabricação de maquinas e equipamentos	1,70	1,06	1,21	0,17
30	Fabricação de máquinas para escritório e inf.	0,00	0,00	0,00	0,00
31	Fabricação de maquinas e aparelhos elétricos	3,42	3,22	0,00	0,00
32	Fabricação de material eletrônico	2,72	0,60	0,00	0,00
33	Fabricação de equipamentos de instrumentação medica	0,63	2,24	0,00	0,00
34	Fabricação e montagem de veículos automotores	6,10	5,25	1,18	0,12
35	Fabricação de outros equipamentos de transporte	0,00	0,00	0,00	0,00
36	Fabricação de móveis	0,71	0,78	1,25	3,30
Total	Total	1,00	1,00	1,00	1,00

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Tabela 72 - Taxa de crescimento das unidades locais e do pessoal ocupado de Caxias do Sul desde 1996 até 2007

DIVISÃO	Caxias do Sul Descrição	Taxa de crescimento de unidades locais			Taxa de crescimento de pessoal ocupado		
		1996-2001	2001-2007	1996-2007	1996-2001	2001-2007	1996-2007
10	Extração de carvão mineral	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
11	Extração de petróleo e serviços relacionados	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
13	Extração de minerais metálicos	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
14	Extração de minerais não metálicos	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
15	Produtos alimentícios e bebidas	-31,26%	31,61%	-9,53%	9,28%	93,19%	111,12%
16	Fumo	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
17	Produtos têxteis	48,21%	28,30%	90,15%	32,88%	20,94%	60,71%
18	Artigos de vestuário e acessórios	-8,78%	-22,09%	-28,94%	-14,75%	36,62%	16,46%
19	Preparação de couros	-50,05%	46,37%	-26,89%	x	x	-21,61%
20	Produtos de madeira	0,54%	-1,69%	-1,16%	8,80%	-44,58%	-39,70%
21	Celulose e papel	23,03%	75,00%	115,31%	101,82%	60,34%	223,62%
22	Edição, impressão e mat.gráfico	-25,04%	42,14%	6,54%	0,41%	43,71%	44,30%
23	Fabricação de coque,	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
24	Produtos químicos.	90,54%	47,83%	181,67%	44,57%	104,23%	195,27%
25	Borracha e plástico	8,87%	31,17%	42,81%	35,46%	83,30%	148,30%
26	Minerais não metálicos	83,49%	-30,57%	27,40%	30,29%	13,20%	47,50%
27	Metalurgia básica	-9,13%	93,68%	76,00%	-15,57%	253,91%	198,80%
28	Produtos de metal	44,35%	2,43%	47,85%	31,29%	2,56%	34,65%
29	Fabricação de máquinas e equipamentos	1,56%	26,55%	28,53%	-11,81%	41,82%	25,07%
30	Fabricação de máquinas para escritório e inf.	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
31	Fabricação de máquinas e aparelhos elétricos	-27,77%	24,11%	-10,36%	-2,03%	26,73%	24,16%
32	Fabricação de material eletrônico	-66,67%	400,00%	66,67%	x	x	96,80%

Continuação

33	Fabricação de equipamentos de instrumentação medica	300,00%	-50,00%	100,00%	1689,39%	11,69%	1898,48%
34	Fabricação e montagem de veículos automotores	-1,19%	55,98%	54,13%	33,79%	76,46%	136,09%
35	Fabricação de outros equipamentos de transporte	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
36	Fabricação de móveis	4,85%	-2,97%	1,74%	33,82%	43,26%	91,71%
37	Reciclagem	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
	Outros	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Total	Total	5,18%	21,10%	27,38%	19,78%	53,74%	84,15%

**Fonte: Tabela elaborada pela autora.**



Continuação

33	Fabricação de equipamentos de instrumentação médico-hospitalares,	-100,00%	0,00%	-100,00%	-100,00%	0,00%	-100,00%
34	Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias	0,00%	0,00%	0,00%	-12,77%	-4,88%	-17,02%
35	Fabricação de outros equipamentos de transporte	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
36	Fabricação de móveis e indústrias diversas	29,95%	-37,82%	-19,19%	-7,67%	88,34%	73,89%
37	Reciclagem	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
	Outros	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
	Total	-15,80%	-0,01%	-15,81%	-1,51%	8,05%	6,42%

Fonte: Tabela criada pela autora.

#### **4.4.1 A base de exportação e sua relação com a arrecadação tributária: análise histórico dos impostos que incidiam sobre fumo e o vinho.**

A expansão e o crescimento das bases produtivas dos municípios de Santa Cruz do Sul e Caxias do Sul podem ser verificados através da arrecadação da Receita Estadual, entre o período de 1893 até o ano 2000. Para entendermos os diferentes caminhos tomados por cada município, apresentamos a Tabela 74 (Anexo A) com os valores arrecadados, sem indexação, dos tributos estaduais, desde 1893 até o ano 2000, dos municípios de Porto Alegre, Caxias do Sul e do Estado de Rio Grande do Sul.

Depois de apresentarmos os valores na sua moeda original, introduzimos a Tabela 75 (Anexo B) com os valores indexados que permitem compararmos o comportamento dos principais tributos arrecadados no nível estadual, sem a interferência das desvalorizações da moeda durante os diferentes períodos. A razão entre os valores arrecadados de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul foi calculada a fim de verificar qual dos dois municípios arrecadava mais impostos e qual era o motivo dessa superioridade.

Devemos ressaltar que a existência de informações tributárias, relativas ao período objeto da nossa análise, possibilitou a comparação entre os municípios num período mais abrangente, permitindo a visualização do momento no qual Caxias do Sul superou a Santa Cruz do Sul em termos de arrecadação e no qual verificamos a expansão e a abertura da base exportadora.

Da mesma forma, apresentamos a taxa geométrica de crescimento que indicava os períodos nos quais a arrecadação de cada município apresentava diminuição ou crescimento e sua conexão com o processo de industrialização.

Pelo que observamos na Tabela 75 (Anexo B), ao longo da Primeira República, Santa Cruz do Sul gerava uma arrecadação bastante superior à de Caxias do Sul, mas, a partir de 1932, os dois municípios virtualmente se equiparam na arrecadação, até 1947, quando Caxias do Sul passou a superar a Santa Cruz do Sul permanentemente.



A partir do final da década de 50, vale dizer, no final da industrialização restringida, Caxias do Sul passou a arrecadar o dobro de Santa Cruz do Sul e a sua participação relativa (malgrado exceções, provavelmente explicáveis por inflação e alíquotas, mais do que por valor agregado) era crescente no fim do século XX, e, dessa forma, o município consolidou uma arrecadação três vezes maior do que a de Santa Cruz do Sul.

Constatamos que o crescimento da arrecadação está vinculado à diversificação das atividades de Caxias do Sul, que não fica mais dependente apenas do vinho.

Num primeiro momento, o motivo pelo qual Santa Cruz do Sul apresentava uma arrecadação maior que a de Caxias do Sul desde 1893, dizia respeito ao fato de o fumo ser um produto, altamente taxado, e o vinho, ao contrário, altamente beneficiado com isenções ou com alíquotas menores.

No Anexo C, apresentamos as diferentes alíquotas do vinho e do fumo através do tempo e mostramos a diferença existente entre as alíquotas aplicadas aos dois produtos. Para exemplificarmos, podemos observar que o Imposto de Indústrias e Profissões, implementado em 1893 (Anexo C, Tabela 77 C), não taxava a fabricação de vinho, mas a sua comercialização. Da mesma forma, podemos observar que conforme a regulamentação do Imposto de Consumo sobre Fumo e Bebidas, de 1913, (tabela 79 C), o vinho era isento, entretanto, o fumo era taxado. A mesma situação se apresentava, por exemplo, para o Imposto de Patente para Fabricação e Comércio de Bebidas e Fumo, que foi implementado para taxar as bebidas e o fumo, mas isentava o vinho do imposto, e taxava o fumo. Nesse imposto, já existia uma diferença de alíquota porque o fumo já sofria com uma taxa superior à do vinho. (Ver Tabelas 79 C e 92 C)

Quanto ao vinho, também existiam diferenças para quem o produzia e para quem o comercializava. Por exemplo, o Imposto de Indústria e profissões era arrecadado pelos municípios e pelo Estado, em partes iguais, mas, a princípio, isentava aos fabricantes de vinhos naturais e taxava quem comercializava esse produto. ( Ver tabela 78 C)

Conforme foi analisado na seção dedicada às relações de produção na industrialização dos vinhos em Caxias do Sul, os colonos produziam o vinho de forma artesanal e depois o produto era vendido aos comerciantes, os quais, em algumas oportunidades, intervinham no processo, beneficiando o vinho. Desde 1893 até 1921, pela regulamentação da Lei de Indústrias e Profissões, os colonos não sofriam com a tributação, mas quem pagava o citado

imposto eram os comerciantes. Por sua vez, em 1921, os fabricantes foram incluídos, mas, em 1924, ficaram isentos novamente. A partir de 1930, as cantinas foram incluídas na cobrança do imposto, porém, devemos ressaltar que a cantina, sujeito do tributo, era um estabelecimento diferente das antigas cantinas domésticas dos colonos. Quando falamos de cantinas, a partir da década de 30, estamos nos referindo ao termo utilizado por Gobatto (1942), que as definia como um estabelecimento enológico onde a produção do vinho adquiria determinado volume. Quer dizer que as cantinas que sofriam tributação eram empresas verdadeiramente capitalistas, com um grau importante de participação no percentual de emprego, de capital e do valor de produção da indústria de Caxias do Sul. (Ver Tabelas 77 C, 78 C, 79 C, 80 e 81 C)

Devemos ressaltar que o Imposto de Indústrias e Profissões foi transferido totalmente para os municípios em 1946. Mas, antes de ser excluído da esfera do Estado, outro imposto foi criado em 1942, o qual passava a incrementar os cofres do erário público.

Tal tributo era o Imposto sobre Vendas e Consignações que aplicava uma alíquota única para todos os produtos comercializados no Estado e cujas taxas variavam entre 1,40 e 2% sobre os bens taxados, não existindo uma alíquota diferenciada para os produtos principais dos municípios analisados. (Ver tabela 86 C)

Como foi comentado anteriormente, o quociente entre a arrecadação dos dois municípios era igual a um em 1946, o que significava que a arrecadação se aproximava nos dois lugares. Mas o ponto de inflexão ocorreu em 1958, quando Caxias do Sul superou a Santa Cruz do Sul em 2,38 no quociente comparativo da arrecadação de cada município. (Ver Tabela 75 Anexo B)

Devemos ressaltar que, nesse período, as diferenças de arrecadação nos municípios já não estavam diretamente relacionadas com as alíquotas impostas aos seus principais produtos de exportação. Isto se comprovava porque o Imposto de Vendas e Consignações teve vigência até 1966, quando foi substituído pelo Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços. Este tributo apresentava alíquotas diferenciadas, mas, a diferença era em relação aos destinos dos bens sujeitos a tributação, e este tributo só apresentou taxas diferenciadas para 1998, quando o fumo novamente sofria uma alíquota maior que a do vinho, mas, nesse período, o vinho já não representava o principal produto do município de Caxias do Sul. Então, podemos pensar que a

superioridade de Caxias do Sul se devia ao fato do maior desenvolvimento capitalista de município, fato que já foi demonstrado na análise do processo de industrialização. (Ver Tabela 86 c)

Por outra parte, a arrecadação de Caxias do Sul chegou a triplicar a arrecadação de Santa Cruz do Sul em 1966, momento no qual verificamos que a superioridade de Caxias do Sul se devia à implementação do Plano de Metas e, por esse motivo aumentava a arrecadação de forma significativa devido à ampliação da base exportadora do município da Serra.

Se comparamos a arrecadação de Porto Alegre com Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul, verificamos que a capital do Estado apresentava uma superioridade numérica. Pelo que analisamos no decorrer da tese, as variáveis de desempenho da indústria também eram superiores às dos municípios do interior do Estado ao longo do período analisado. Mas essa diferença pode ser explicada pela alta concentração de atividades em Porto Alegre e pela alta circulação de bens e serviços que geravam uma movimentação importante, que se refletia, também, na arrecadação tributária.

Conforme a Tabela 76, Caxias do Sul experimentou uma taxa de crescimento geométrico da arrecadação de impostos de 11,07% no período compreendido entre 1893-1903, possivelmente, pelo aumento das exportações do município no fim do século XIX e início de século XX. Por outra parte, Porto Alegre apresentou uma taxa de crescimento de 1,24%, e Santa Cruz do Sul, de 2,32%. Assim, ambos apresentaram taxas positivas, mas, num percentual inferior ao de Caxias do Sul.

Já, no período situado entre 1903-1913, os dois municípios analisados, a capital do Estado e o Estado apresentavam taxas de crescimento geométrico da arrecadação de impostos similares, numa base de 5%. A taxa de crescimento de Caxias do Sul voltou a subir no período compreendido entre 1923-1932, com um percentual de 13,36%, que refletia o dinamismo da indústria do vinho e também o bom desempenho da metalurgia e dos produtos alimentícios que representavam as principais atividades do município. Por outra parte, Santa Cruz do Sul apresentava uma taxa de 5,89 %, inferior à do Estado e a de Porto Alegre, que apresentavam taxas de 18% e 13%, respectivamente, mas que refletia a significativa arrecadação tributária, sustentada pelas exportações da principal atividade exportadora de Santa Cruz do Sul.

Entre 1942-1952, aumentaram as taxas de crescimento nos quatro casos analisados, principalmente, pela implementação do novo tributo de Vendas e Consignações que se cobrava junto ao antigo tributo de Indústrias e Profissões e pela importante movimentação econômica de cada município analisado no período.

No período compreendido entre 1952-1962, observamos uma taxa de crescimento de 13,27%, para Caxias do Sul que refletia o aumento na arrecadação como consequência da implementação do Plano de Metas no país e no município. Verificamos, também, uma taxa positiva de crescimento para Porto Alegre: 8,72%.

Na época do “milagre brasileiro”, ou seja, entre 1971-1981, a taxa de crescimento de Caxias do Sul era de 5,60%, o que indicava um aumento na arrecadação causado pelo desempenho das atividades ligadas ao polo metal-mecânico, principalmente, do gênero de material de transporte. No caso de Santa Cruz do Sul, a taxa de crescimento era de 6,09%, o que indicava um bom desempenho do fumo.

No período compreendido entre 1981-1991, a taxa de crescimento de Caxias era de 0,95%, o que indicava que a década de 80 não tinha apresentado as mesmas taxas elevadas de períodos anteriores, mas, isso pode ter acontecido por acontecimentos externos, tais como inflação do período, desvalorização da moeda, novo padrão monetário, que afetaram a movimentação econômica do período. Da mesma forma, a mesma conjuntura econômica afetou o Rio Grande do Sul, que apresentou uma taxa negativa de 0,96%. Pelo contrário, Santa Cruz apresentou uma taxa de crescimento de 6,06%, que indicava o bom desempenho da indústria do fumo. No mesmo patamar que Santa Cruz do Sul, situava-se Porto Alegre, com uma taxa de crescimento de 6,25%

No período analisado entre 1991-2000, Caxias do Sul cresceu 1,11%, Porto Alegre, 1,01%, e o Estado, cresceu 2,45%. Apesar da baixa na taxa de crescimento entre 1991 e 2000, houve um aumento na arrecadação, que poderia ter sido mais significativa, mas que influenciou a situação vivida no país durante o período Collor, que não foi positivo para as finanças do Rio Grande do Sul. De todas as formas, o mais chamativo desse período foi a taxa de crescimento negativo de 10,36% que apresentou Santa Cruz do Sul, mostrando que, apesar

de o fumo representar a principal fonte de tributos para o município, e de este apresentar bons sinais de desempenho na indústria, no nível estadual, Santa Cruz do Sul apresentou uma significativa queda na arrecadação no período compreendido entre 1991 e 2000.

Tabela 76- Taxa de crescimento geométrico média anual em relação ao período anterior da arrecadação dos municípios de Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul, Porto Alegre e Rio Grande do Sul entre 1893-2000.

	Porto Alegre	Caxias do Sul	Santa Cruz do Sul	RGS
<b>1893-1903</b>	1,24%	11,07%	2,32%	<b>5,58%</b>
<b>1903-1913</b>	4,74%	5,14%	5,33%	<b>5,10%</b>
<b>1913-1923</b>	-4,77%	0,17%	2,64%	<b>-0,14%</b>
<b>1923-1932</b>	13,62%	13,36%	5,89%	<b>18,24%</b>
<b>1932-1942</b>	10,31%	9,74%	8,81%	<b>3,13%</b>
<b>1942-1952</b>	11,66%	15,84%	12,93%	<b>7,59%</b>
<b>1952-1962</b>	8,72%	13,27%	4,68%	<b>5,84%</b>
<b>1962-1971</b>	7,69%	11,07%	13,98%	<b>8,92%</b>
<b>1971-1981</b>	4,11%	5,60%	6,09%	<b>6,35%</b>
<b>1981-1991</b>	6,25%	0,95%	6,06%	<b>-0,96%</b>
<b>1991-2000</b>	<b>1,01%</b>	<b>1,11%</b>	<b>-10,36%</b>	<b>2,45%</b>

Fonte: Criada pela autora com base nos dados da Tabela 75 B em ANEXO B.

Desta forma, depois de ter analisado a evolução dos tributos estaduais ao longo do período, concluímos que Santa Cruz do Sul superava Caxias do Sul na arrecadação dos impostos até 1945. A partir daquele momento, a arrecadação começava a se igualar entre os dois municípios apresentando um quociente próximo a um. Isto significa que, durante o período de crescimento industrial, Santa Cruz do Sul superou Caxias do Sul, em termos de arrecadação, começando a se equilibrar na etapa da industrialização restringida,

A partir de 1958, Caxias do Sul começou a duplicar a arrecadação de Santa Cruz do Sul e, em 1966, já triplicava a arrecadação desse município. A causa principal dessa superioridade era a expansão da indústria de Caxias do Sul, principalmente, no que se refere ao gênero de material de transporte, que imprimia um crescente dinamismo na economia do município e isso se refletia na arrecadação tributária. Posteriormente, Caxias do Sul sempre se mantém superior a Santa Cruz do Sul no que se refere à arrecadação tributária. Quer dizer que durante a etapa da industrialização pesada, o aumento da arrecadação subiu substancialmente devido à diversificação produtiva, que traz, como consequência uma expansão de ordem tributária.

Em relação à análise da taxa de crescimento da arrecadação, tanto Caxias do Sul como Santa Cruz do Sul apresentaram taxas positivas no decorrer do período compreendido entre 1893 e 2000, destacando-se os períodos de 1923-1932, 1942-1952, 1952-1962 e 1962-1971, como os períodos mais salientes no que se refere ao aumento da arrecadação. O período no qual Caxias do Sul apresentou uma taxa de crescimento quase nula foi o de 1981-1991 e o período no qual Santa Cruz do Sul apresentou uma queda na arrecadação significativa foi o período de 1991-2000.

Assim, ficou demonstrada a diversificação da base exportadora de Caxias do Sul através da análise dos tributos estaduais, e, a despeito da alta rentabilidade do fumo e das significativas taxas de crescimento observadas em Santa Cruz do Sul, entendemos que uma economia altamente dependente do fumo fica presa às mudanças e transformações das economias regional e nacional, provocando queda na arrecadação tributária e não apresentando o mesmo dinamismo de uma economia multiespecializada em diversos produtos, como foi o caso analisado de Caxias do Sul.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elaboramos a tese com a hipótese de que as características técnico-produtivas das principais mercadorias de exportação e, em particular, suas exigências de insumos (a montante) e de processamento (a jusante) na própria região poderiam explicar parcela não desprezível das divergências nas dinâmicas de desenvolvimento e industrialização de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul.

Procuramos demonstrar que as características topográficas da região de Caxias do Sul limitavam o leque de alternativas agrícolas e estimulavam a agricultura permanente. A opção natural para os imigrantes italianos era a viticultura, que, por gerar um produto perecível, impunha o seu beneficiamento na própria região. A vinicultura, por sua vez, estimulou todo um conjunto de indústrias fornecedoras de insumos (barris, vasilhames, etc.) e empresas fornecedoras de serviços (de transporte, representação comercial, etc.), que impuseram um desenvolvimento urbano e uma diversificação de atividades já na entrada do século XX. Assim, o vinho possibilitou o desdobramento da base exportadora e surgiram outras indústrias que trabalhavam em função da cadeia produtiva do vinho. O vinho, por suas próprias características, permitiu que os elos da cadeia, tanto a jusante como a montante, se desenvolvessem na própria região.

Da mesma forma, pelas características técnicas do vinho, que requeria processamento local, foram criadas economias externas que facilitaram o desenvolvimento de indústrias subsidiárias, e, como explicamos, já se visualizava a especialização do município em outros gêneros. Assim, comprovamos, a partir dos dados primários e secundários apresentados, a nossa hipótese de que o vinho provocou o desdobramento produtivo, e, pela análise do quociente locacional, mostramos que, já em 1941, o município estava especializado em: bebidas, têxteis, vestuário, químicos, metalurgia, e móveis, portanto se cumpria, nesse sentido, uma das hipóteses da teoria de North, que afirmava que uma indústria de exportação com base agrícola poderia estimular o crescimento da renda de uma região e, sob determinadas condições, essa base agrícola levaria à especialização e à divisão do trabalho, com ampliação do mercado regional. Devido ao aumento do mercado, mais empresas serão atraídas para se instalar na região.

Por sua parte, o processamento do fumo não era muito sofisticado, na verdade, ele era processado em Santa Cruz do Sul e, posteriormente, era transportado a centros urbanos, onde era transformado num bem de consumo final. Para a indústria fumageira, era mais lucrativo processar o fumo em Santa Cruz do Sul e produzir cigarros em centros urbanos distantes da fonte de matérias-primas. Essa situação não permitiu que outras indústrias se instalassem no município para se integrar à cadeia do fumo. Surgiram outras indústrias subsidiárias alheias à cadeia do fumo, mas não houve um mercado interno, uma demanda de bens e serviços que permitisse uma ampliação da base exportadora. Dessa forma, surgiram indústrias esparsas que não integraram nenhuma cadeia produtiva e, pela análise dos dados disponíveis (quocientes locacionais de estabelecimentos e empregados), entendemos que nenhuma delas, que se instalaram junto à do fumo, estava especializada em determinado gênero da indústria com relação ao Rio Grande do Sul.

Também constatamos que o município de Caxias do Sul era mais industrializado desde o início, pela quantidade de pessoas ocupadas na indústria a partir da década de 20, mas não era pela falta de outros empreendimentos em Santa Cruz do Sul porque ficou comprovado que o município possuía uma alta movimentação comercial e de serviços, entretanto o percentual de pessoas ocupadas na indústria em Caxias do Sul era superior ao de Santa Cruz do Sul.

Podemos concluir que, em Caxias do Sul, a partir das mudanças experimentadas através do desenvolvimento urbano e da força de trabalho, tornou-se mais fácil o desenvolvimento de novas exportações. O que aconteceu com esse município foi que a produção começou a ser mais variada, e a indústria provocou o aumento da população urbana, que foi estudada através da análise da demografia.

Existe uma contradição em termos de desenvolvimento capitalista. Com efeito, apesar de Caxias apresentar índices mais favoráveis no que se refere ao valor de produção industrial, capital empregado, números de estabelecimentos e pessoas empregadas, a indústria do fumo em Santa Cruz do Sul apresentou sempre índices mais altos de produtividade do trabalho e uma taxa de exploração maior que as das indústrias de transformação de Caxias do Sul.

A partir da década de 50, mudou o perfil da indústria de Caxias do Sul, e iniciou-se a expansão do setor de bens duráveis. Portanto, devem ser considerados dois momentos na industrialização do município. Num primeiro momento, o sucesso da indústria deveu-se ao



vinho como produto base de exportação, que induziu ao desenvolvimento de outras atividades. Num segundo momento, o sucesso da indústria deveu-se mais à expansão da indústria automobilística, à produção de peças de material de transporte e ao crescimento da indústria metal-mecânica.

O segundo momento da indústria de Caxias do Sul se caracterizou pela entrada de outros fatores determinantes da expansão da base exportadora. Desse modo, o que definiu essa mudança foram as novas condições provocadas pelo Plano de Metas, que resultaram na implementação da indústria de bens de capital em Caxias do Sul, a qual mudou de perfil e transformou-se numa indústria mais dinâmica.

É claro que as características do produto original de Caxias do Sul provocaram desdobramentos produtivos e o aparecimento de indústrias subsidiárias, contribuindo para o sucesso dessa segunda etapa, mas não representaram as causas principais da implementação do polo metal-mecânico. Quer dizer que o município aproveitou todas as vantagens do plano econômico e surgiu um novo tipo de indústria, porém, isso foi possível graças a toda uma preparação que já vinha sendo implementada desde antes. O caso mais exemplificador era o de material de transportes, setor que soube aproveitar os conhecimentos prévios, digamos artesanais, das pessoas que trabalhavam nas oficinas mecânicas, e depois esses conhecimentos serviram para a construção de todo um império da indústria metal-mecânica.

Devemos salientar que, nos períodos analisados da história da industrialização de Caxias, existia uma linha divisória. Num primeiro momento, na etapa de crescimento industrial e, posteriormente, na segunda etapa de industrialização restringida, o vinho era o principal incentivador de outras atividades. Na etapa da industrialização pesada, aconteceu uma transformação no processo de industrialização, e a indústria de material de transporte começou a se afirmar como líder do processo de industrialização. Entendemos que a formação do mercado regional, a existência de determinados gêneros industriais, como a metalurgia, e a disponibilidade de mão de obra contribuíram para a diversificação da base exportadora, mas, nessa etapa, as condições e os determinantes escaparam da formação original da indústria de Caxias do Sul.

Das mudanças ocorridas na economia de Caxias do Sul, constatamos, na análise mais atual que fizemos, ou seja, referente ao ano de 2007, que se destacavam o setor de material de

transportes no município de Caxias do Sul e o setor do fumo no município de Santa Cruz do Sul, como os principais setores nos quais os municípios se especializavam em relação ao Rio Grande do Sul. Devemos salientar que o município da Serra apresentava outros ramos da indústria nos quais estava especializado e que apresentava conexão com a cadeia produtiva da fabricação de material de transporte, dentre os quais podemos mencionar a fabricação de máquinas e equipamentos, fabricação de máquinas e aparelhos elétricos e metalurgia. O único gênero que começou a despontar como um setor especializado na indústria de Caxias do Sul e que não pertencia à cadeia do setor de transportes era o de fabricação de equipamentos e instrumentação médica. Também se destacava o setor de vestuários e acessórios, que representava um ramo da indústria mais tradicional e que não pertencia à produção de bens de capital.

No que se refere ao fumo em Santa Cruz do Sul, podemos observar que, pela análise do quociente locacional, em 2007, o município era altamente especializado em relação ao Rio Grande do Sul. Isto constata, conforme aos cálculos obtidos a partir dos dados do IBGE, nossa hipótese da excessiva especialização e dependência do município em relação ao fumo pelo tipo de produto e pelo fato de o cigarro ser produzido em centros urbanos afastados da fonte da matéria-prima, não mobilizando a cadeia produtiva nem a jusante nem a montante.

O nosso objetivo geral foi identificar o papel das opções técnico- produtivas originais de duas regiões de padrão de ocupação similar na determinação de suas trajetórias econômicas diferenciadas e crescentemente divergentes, e esse objetivo foi cumprido, já que foi analisado todo o caminho que levou à especialização do vinho e do fumo nos dois municípios, analisando, também, a imigração, a origem dos municípios, e as principais exportações no fim de século XIX.

No que se refere ao objetivo particular de resgatar a bibliografia dos municípios, tivemos problemas de falta de informação da indústria em relação ao fim do século XIX. Não existiam suficientes dados confiáveis nos municípios e nos órgãos oficiais estatísticos, o que nos levou a uma considerável demora em recolher e sistematizar os dados. Os únicos dados que encontramos tinham relação com a arrecadação tributária e, muitas vezes eram incompletos, mas essa informação forneceu um caminho para a análise dos primeiros anos da indústria. As fontes da arrecadação tributária corresponderam aos registros contábeis das

Prefeituras de Santa Cruz do Sul (Arquivo da Estação Frantz) e de Caxias do Sul (atualmente em poder do Arquivo Municipal João Spadari Adami) do Imposto de Indústrias e Profissões.

No que se refere à procura da diferenciação urbana, só foi possível a análise da distribuição urbana e rural, partir da década de 40, porque os dados referentes aos os períodos anteriores possuíam contradições entre os órgãos oficiais de estatísticas. Foi por isso que nós recorremos às informações da população ocupada em 1920 nas atividades econômicas, para ter uma aproximação das populações urbana e rural através da participação no emprego nos diferentes setores. Também recorremos ao estudo das áreas para determinar as mudanças do território através das anexações e desmembramentos dos municípios, a fim de termos certeza de que o aumento ou a diminuição de área não eram a causa do aumento da população.

Quanto à análise do quociente locacional, só foi possível calcular esse valor a partir de 1941. Anteriormente, só existiam os dados da indústria em geral, sem um grau de abertura suficientemente grande que permitisse a análise do percentual de emprego de cada município em relação ao Rio Grande do Sul.

Para determinar como se formaram as cadeias produtivas, fizemos uma abordagem geral dos possíveis encadeamentos produtivos, sem aprofundar, especificamente, todos os elos das cadeias produtivas dos municípios, principalmente, pela variedade existente em Caxias do Sul, que contava com um grau elevado de especialização em vários gêneros industriais e foi difícil chegar a compreender todos as características das cadeias existentes. No caso de Santa Cruz do Sul, constatamos que a cadeia do fumo era muito curta e não achamos evidência do encadeamento produtivo com outros gêneros industriais do município. Devemos reconhecer que este objetivo foi parcialmente cumprido, porque não foram analisadas todas as partes da cada cadeia produtiva de cada um dos municípios.

O objetivo de analisar diferentes teorias de desenvolvimento econômico foi encabeçado pela análise da teoria de Douglass North e das particularidades da teoria de Penrose, que serviram para entender as mudanças provocadas nas indústrias de Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul. Também aplicamos os conceitos de Marx, tais como centralização, acumulação e concentração, para entendermos como era o desenvolvimento capitalista em cada processo de industrialização. Da mesma forma, utilizamos a periodização de Cardoso de

Mello para definir os diferentes momentos da indústria e, dessa forma, estabelecer uma uniformidade nos dois municípios.

No que se refere às limitações da tese, ao analisarmos a taxa de exploração, constatamos que a de Santa Cruz do Sul era superior à de Caxias do Sul, mas, não conseguimos analisar que porção do lucro ficava em Santa Cruz do Sul e qual quantia era destinada aos impostos, à renda dos proprietários, aos juros dos empréstimos dos bancos, enfim, a todos os agentes nos quais se dilui o lucro do empresário. Devemos ressaltar que a falta de informações não permitiu tirar conclusões contundentes em muitos aspectos.

Outra limitação que encontramos foi o fato de que, na arrecadação dos impostos estaduais, não existia uma abertura suficiente para determinar qual setor da indústria era aquele que apresentava uma arrecadação maior, mas, comparando com os principais setores da indústria, foi possível deduzir quais eram os gêneros mais significativos no percentual de participação da arrecadação.

Uma outra limitação, na análise da indústria, foi a falta de dados referentes ao fim de século XIX e início de século XX, a qual foi um empecilho para o cálculo dos quocientes locacionais referentes a esses períodos que constituíram um objetivo de nosso trabalho.

Em relação às contribuições do trabalho, devemos salientar que este serviu para determinar a especialização de cada município através de um trabalho de análise qualitativa e quantitativa. Em outros trabalhos, foi determinado que o vinho era o elemento determinante do sucesso da indústria, mas não existiu uma evidência empírica das relações entre esse produto e a metalurgia e também com outras indústrias.

Esta tese mostrou como era o desenvolvimento capitalista nos municípios de Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul, evidenciando os diferentes aspectos históricos dos municípios analisados..

Também fizemos uma análise da demografia, sob um olhar diferente, através da relação entre total de população, urbanização e área, que permitiu visualizar como cresceu a população e qual foi o motivo de triplicar a população de Caxias em relação à de Santa Cruz do Sul.

Pensamos que representa uma contribuição ao desenvolvimento regional a análise dos diferentes caminhos adotados pelos dois municípios objetos da tese, mostrando, no caso de Caxias do Sul, a especialização inicial e a posterior diversificação e, no caso de Santa Cruz do Sul, o atrelamento ao produto inicial, tudo isso conforme os elementos da teoria da base exportadora.

Entendemos que esta tese pode contribuir a futuras pesquisas através da base de dados apresentada durante toda a análise da industrialização, bem como a estudos futuros. Da mesma forma, acreditamos que ela pode servir como uma ferramenta de consulta para empregar a metodologia utilizada neste trabalho. Também constitui uma contribuição teórica e prática para futuras pesquisas que vierem a estudar a forma como se pode desenvolver uma região desde uma perspectiva endógena. Este estudo serve para mostrar estratégias de desenvolvimento através da retenção do excedente econômico gerado na economia local ou da captação do excedente que vem de outras regiões. O desenvolvimento endógeno, visto sob a perspectiva analisada, pode ampliar o emprego, a base exportadora e aumentar a renda num determinado município que forma parte de uma região. Assim, a análise da teoria da base de exportadora serviu para explorar diferentes aspectos do processo de industrialização de cada município e possibilitou o entendimento dos diferentes desempenhos da economia dos municípios analisados.

## REFERENCIAS

ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul (1864-1970)*. Caxias do Sul: Paulinas, 1971.

AFUBRA. Relatório apresentado à Prefeitura de Santa Cruz do Sul, Secretaria da Fazenda em 2007.

ANTUNES, Duminiense Paranhos. *Álbum documentário de uma cidade: ilustrado*. Caxias do Sul: Livraria Mendes, 1957.

ATAS DA CÂMARA DE VEREADORES DE CAXIAS DO SUL.: Período 1920-2007. Leis, Decretos e Atos. Câmara de vereadores de Caxias do Sul

ATAS DA CÂMARA DE VEREADORES DE SANTA CRUZ DO SUL. Período 1890-2000. Leis, Decretos e Atos. Câmara de vereadores de Santa Cruz do Sul.

ARISTOTELES. Tratado de lógica: Organon. Madrid: Gredos, 1988. 2.v.

BLOCH, Marc. *Introducción a La História*. 13 ed. Fondo de Cultura Económica de España, 1988.

BONI, Luis Costa de. *Os italianos no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul, Porto Alegre: EST, EDUCS, 1984.

BRASIL. Ministério de Trabalho e Emprego. RAIS, 2000. Base de dados disponível em <http://www.met.gov/Terras/RAIS/Estatística/Conteúdo/RaisOnLine.asp>> Acessado em 20 de dezembro de 2009.

CARDOSO Ciro, BRIGNOLI, Héctor Perez. *Os métodos da Historia*. 3edição: Rio de Janeiro Edições Graal , 1983.

CUNHA, Jorge Luiz. *Os colonos alemães de Santa Cruz*: Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1983.

CAVAGNOLLI, Amelise. *Os parceiros do vinho: a vitivinicultura em Caxias do Sul (1911-1936)*. 1990. Dissertação (Programa de Pós-Graduação – Mestrado) - Universidade Federal de Curitiba, 1990.

DALMAZO, Renato. *As relações do comércio do Rio Grande do Sul - do século XIX a 1930*. Documentos FEE.

DRAIBE, Sônia. *Rumos e metamorfoses: um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização no Brasil: 1930-1960*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

EBERLE. Primeira Coletânea : Ser Eberle. Caxias do Sul, 1989.

DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA (Órgão Regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Estatística Industrial do Rio Grande do Sul*. Ano de 1937. Porto Alegre: Editora da Livraria da Globo, 1939.

\_\_\_\_\_ *Estatística Industrial*. Ano de 1941 Porto Alegre: DEE, 1941. P. 20-65

FAVARO, Cleci Eulália. Entre avanços e retrocessos: movimentos associativistas em Caxias do Sul. *Perspectiva Econômica*. v. 38, n. 113, São Leopoldo, Unisinos, 2001, p.5-56. (Série Cooperativismo)

FRANCO, Álvaro. *Abramo já tocou.....ou a epopéia de um imigrante: ensaio biográfico*. São Paulo: Ramos, 1943.

FRAS-LE. Disponível em <[http://www.acionista.com.br/home/frasle/170205\\_frasle.htm](http://www.acionista.com.br/home/frasle/170205_frasle.htm)>. Acesso em: 21 abr. 2008.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 8ª. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo 2000.

FRIZZO, Leoni Massochini. *Industrialização de Caxias do Sul da gênese às exportações*. 1997. Dissertação (Programa de Pós-Graduação – Mestrado) - Universidade de São Paulo / Faculdade de Letras e Ciências Humanas, 1997.

FROSI, Vitalina; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Movimento, 1975.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. *De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul – Censos do RS: 1960-1980*. Porto Alegre, 1984.

\_\_\_\_\_ *De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul – Censos do RS: 1803-1950*. Porto Alegre, 1981

\_\_\_\_\_ *Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul de 1990*. Porto Alegre: FEE, 1997.

FURTADO, Celso. *Dialética do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

----- *Análise do Modelo Brasileiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

GARDELLI, Mario. *Historia da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul (1899-1950)*. Caxias do Sul: Educs, 1970.

GAZETA DO SUL. Santa Cruz do Sul, 27 e 28 de dezembro de 2008, páginas 27-26 ANO 64 Nº 287.

GIRON, Loraine Slam. *Caxias do Sul: evolução histórica*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Educs, 1977.

GOBBATO, Celeste. O cultivo da videira e a industrialização da uva no Rio Grande do Sul. In: *Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1950, p. 403-405.

\_\_\_\_\_. *Manual do Viti-Vinicultor Brasileiro (Volume Enologia)*. Livraria do Globo, 1942.

HEREDIA, Vânia Beatriz Merlotti; MACHADO, Maria Abel. *Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul: 100 anos de história*. Caxias do Sul: Educs, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Série Nacional Volume 7. Brasil. Censo Econômico (agrícola, industrial, comercial e dos serviços) 1940, Rio de Janeiro: 1952

\_\_\_\_\_. Censos Econômicos de 1950 Série Regional Volume XXVIII Tomo 2 Rio de Janeiro: 1956 P. 158 e 159.

\_\_\_\_\_. Enciclopédia dos Municípios. Rio de Janeiro: 1964.

\_\_\_\_\_. Censo Industrial (1960) 1.v. Rio de Janeiro: 1967. P.93

\_\_\_\_\_. Censo Industrial (1970) 1.v. Tomo VI Rio de Janeiro: 1974.

\_\_\_\_\_. Censo Industrial (1980) Volume 26. Rio de Janeiro: 1983.

\_\_\_\_\_. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria, Pesquisa Industrial Anual - Empresa 1996

\_\_\_\_\_. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria, Pesquisa Industrial Anual - Empresa 2001.

\_\_\_\_\_. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria, Pesquisa Industrial Anual - Empresa 2007



IPEA. Disponível em : < <http://www.ipeadata.gov.br>> Acesso em Dezembro de 2009.

JORNAL A ÉPOCA. Caxias do Sul, 1938.

JORNAL O COSMOPOLITA. Caxias do Sul, 1902.

KRAUSE, Silvana. Economia, política e religião em Santa Cruz do Sul na República Velha. Porto Alegre, UFRGS, 1991. (Dissertação)

LANDO, Aldair, BARROS, Eliane. Capitalismo e Colonização. Os alemães no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, J. H., GONZAGA, S. (Org.) *RS: Imigração e colonização. 2.* Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. p 9-33.

MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul. Implicações Econômicas, Políticas e Culturais.* Porto Alegre, Grafosul – Gráfica Editora Fogratura do Sul Ltda., Instituto Estadual do Livro, 1975. 218p.

MARCOPOLO. Disponível em <<http://www.marcopolo.com.br/novo/mpsa/historia.asp>>. Acesso em: 21 abr. 2008.

MARX, Karl.. *O Capital. Crítica da Economia Política.* Livro Primeiro. Tomo 2. Capítulo (XIII a XXV). Coordenação e revisão de Paul Singer. Tradução de Regis Barbosa. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda, 1996.

MELLO, João Manoel Cardoso de. *O Capitalismo Tardio.* São Paulo: Brasiliense, 1982.

MENEZES, João Bittencourt de. *Município de Santa Cruz.* Texto transcrito em ortografia atualizada por Arthur Rabuske. Santa Cruz do Sul, 2004.

MIRANDA, Márcia Eickert. *Rio Grande do Sul: Tributação e Economia ( 1699-1945).* Dissertação apresentada à Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1998.

MONTALI, Lilia. *Do núcleo colonial ao capitalismo monopolista. Produção de Fumo em Santa Cruz do Sul.* Dissertação de Mestrado em Sociologia, apresentada á Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-USP. São Paulo, 1979.

NOR, Ivoni. PELLIZARI MASCHIO, Loiva. *Estrada de Ferro em Caxias do Sul.* Monografia apresentada para obtenção de Título de Especialista em história da América Latina. Caxias do Sul, julho de 1982.

NORTH, Douglass. C. *The Economic Growth of The United States. 1790-1860.* Prentice Hall. Inc. Englewood Cliffs, N.J. 1961

NORTH, Douglass. C. (1955) “Location Theory and Regional Economic Growth”. *Journal of Political Economy*, LXIII, June. (Versão em português em SCHWARTZMANN, J.1977).

NORTH, Douglass.C. (1959) “Agriculture in Regional Economic Growth”. *Journal of Farm Economics*, 41(5), December. (Versão em português em SCHWARTZMANN, J. 1977)

PELANDA, Ernesto. Aspectos gerais da colonização italiana no Rio Grande do Sul. *Álbum comemorativo do 75º aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1950.

PENROSE, Edith H. *Teoría del Crecimiento de la Empresa*. Madrid: Aguilar, 1962

PERROUX, F. *A Economia das Nações Jovens*. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1964.

PIMENTEL, Fortunato. Rio Grande do Sul e suas riquezas. Porto Alegre: Livraria Continente: 1940.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. Ocorrência N° 3 do Museu do Arquivo Histórico de Caxias do Sul. Abril de 1897

\_\_\_\_\_ Livro de Impostos de Indústrias e Profissões. 1892-1893.

\_\_\_\_\_ Livro de Impostos de Indústrias e Profissões 1910

\_\_\_\_\_ Livro de Impostos de Indústrias e Profissões 1920

PREFEITURA DE SANTA CRUZ DO SUL. *Lançamentos dos Impostos de Indústrias e Profissões*. 1901-1910-1920, Santa Cruz do Sul pertencente ao Acervo Histórico da Prefeitura de Santa Cruz do Sul.

\_\_\_\_\_ Secretaria de Fazenda. Informe das principais empresas que tributam o ICMS. em Santa Cruz do Sul.2007

RAMBO, Balduino. S.J. A imigração alemã. In: Enciclopédia Rio-Grandense. *O Rio Grande Antigo*. 1º Volume. Editora Regional Ltda. Canoas- R.G.S.- Brasil. 1956.

RANDON. Disponível em <<http://www.randon.com.br>>. Acesso em: 21 abr. 2008.

RIO GRANDE DO SUL. Anuário Estatístico do Estado do Rio Grande do Sul 1925/1926/1927. (1928). Porto Alegre: Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Exterior (Repartição de Estatística), p. 908-911.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

RODRIGUES, Jimmy. *Subsídios para a história da uva e do vinho*. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 1972.

SCHWARTZMAN, J. *Economia Regional: textos escolhidos*. B.Horizonte: Cedeplar, 1977.

SCHUMPETER, J. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

SECRETARIA MUNICIPAL DA FAZENDA. ICMS. Disponível em <[http://www.caxias.rs.gov.br/sde/opcao\\_maiores.php4](http://www.caxias.rs.gov.br/sde/opcao_maiores.php4)>. Acesso em: 21 abr. 2008.

SIMON, Herbert. *Comportamento administrativo: estudo dos processos decisórios nas organizações administrativas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1965.

SINGER, Paul. *O capitalismo: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica*. São Paulo: Moderna, 1987.

STORNOWSKI, Márcia Sanocki. *Manufatura, artesanato e mercado em Caxias um período em formação (1890-1910)* METIS: História e Cultura.v.4n.8p307-331. Revista de História da Universidade de Caxias do Sul. CAXIAS DO SUL: EDUCS, 2005.

TAMBARA, Elomar. *O desenvolvimento regional desigual (um estudo de caso)*. Porto Alegre: UFRGS, 1983 (a) (Tese de conclusão de curso em Pós-graduação em Economia rural e Sociologia rural)

TEJO, Limeira A *Indústria Rio-Grandense em função da economia nacional*. In: *Estatística Industrial do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Livraria do Globo, 1939.

VOGT, Olgário. *A produção do fumo em Santa Cruz do Sul, RS: 1849-1993*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

## ANEXO A

Tabela 74 A Receita estadual arrecadada 1893-2000.

<b>Unidade de medida</b>	<b>ANO</b>	<b>Porto Alegre</b>	<b>Caxias do Sul</b>	<b>Santa Cruz do Sul</b>	<b>Rio Grande do Sul</b>
(Mil réis)	1893	1.866:531\$000	23:073\$000	79:039\$000	5.760:262\$000
(Mil réis)	1894	1.999:252\$000	26:292\$000	64:044\$000	6.063:664\$000
(Mil réis)	1895	2.402:892\$000	35:864\$000	102:319\$000	7.261:148\$000
(Mil réis)	1896	2.358:096\$000	41:208\$000	104:928\$000	7.539:714\$000
(Mil réis)	1897	2.930:529\$000	60:290\$000	100:869\$000	8.959:570\$000
(Mil réis)	1898	2.726:545\$000	73:124\$000	111:951\$000	9.895:622\$000
(Mil réis)	1899	2.614:677\$000	54:930\$000	103:940\$000	10.354:739\$000
(Mil réis)	1900	2.061:214\$000	53:734\$000	75:885\$000	8.805:994\$000
(Mil réis)	1901	2.065:085\$000	46:403\$000	61:923\$000	7.897:323\$000
(Mil réis)	1902	2.079:736\$000	49:417\$000	64:016\$000	8.638:480\$000
(Mil réis)	1903	2.040:425\$000	63:721\$000	96:081\$000	9.581:632\$000
(Mil réis)	1904	1.667:037\$000	59:839\$000	92:660\$000	8.910:251\$000
(Mil réis)	1905	1.477:142\$000	61:932\$000	99:309\$000	8.562:394\$000
(Mil réis)	1906	1.710:615\$000	66:947\$000	107:725\$000	9.296:918\$000
(Mil réis)	1907	1.592:343\$000	74:075\$000	109:030\$000	9.987:220\$000
(Mil réis)	1908	1.993:427\$000	86:226\$000	140:608\$000	10.945:169\$000
(Mil réis)	1909	2.540:555\$000	91:201\$000	136:380\$000	13.271:092\$000
(Mil réis)	1910	2.654:320\$000	107:542\$000	154:011\$000	13.803:968\$000
(Mil réis)	1911	3.061:417\$000	110:363\$000	162:253\$000	14.667:231\$000
(Mil réis)	1912	3.755:080\$000	126:281\$000	176:900\$000	16.649:292\$000
(Mil réis)	1913	3.639:524\$000	118:095\$000	181:379\$000	17.689:584\$000
(Mil réis)	1914	2.790:083\$000	133:927\$000	177:937\$000	15.656:236\$000
(Mil réis)	1915	2.875:136\$000	136:550\$000	186:001\$000	16.009:501\$000
(Mil réis)	1916	3.266:512\$000	189:332\$000	232:841\$000	18.125:920\$000
(Mil réis)	1917	4.272:729\$000	202:097\$000	223:273\$000	21.216:379\$000
(Mil réis)	1918	4.797:530\$000	189:642\$000	258:283\$000	22.664:677\$000
(Mil réis)	1919	6.215:563\$000	220:817\$000	344:894\$000	27.496:101\$000
(Mil réis)	1920	6.126:739\$000	199:077\$000	346:498\$000	28.402:695\$000
(Mil réis)	1921	6.788:718\$000	218:807\$000	355:032\$000	37.639:776\$000
(Mil réis)	1922	7.914:678\$000	283:074\$000	485:795\$000	34.854:256\$000
(Mil réis)	1923	4.865; 253\$000	261:807\$000	513:175\$000	38.023:047\$000
(Mil réis)	1924	5.914:1704000	399:009\$000	683:944\$000	55.990:407\$000
(Mil réis)	1925	6.843:7384000	355:370\$000	979:396\$000	61.935:597\$000
(Mil réis)	1926	8.370:314\$000	553:900\$000	2.012:222\$000	65.893:035\$000
(Mil réis)	1927	8.680:436\$000	709:857\$000	2.340:055\$000	68.064:947\$000
(Mil réis)	1928	9.184:418\$000	708:228\$000	2.512:349\$000	81.489:410\$000
(Mil réis)	1929	16.455:537\$000	796:889\$000	1.595:998\$000	194.417:953\$000
(Mil réis)	1930	13.581:012\$000	636:919\$000	1.142:254\$000	160.978:462\$000
(Mil réis)	1931	14.096:713\$000	710:682\$000	1.177:983\$000	178.757:759\$000
(Mil réis)	1932	13.783:948\$000	726:901\$000	771:177\$000	182.315:655\$000
(Mil réis)	1936	154.839:973\$000	1.129:094\$000	1.435:474\$000	231.702:251\$000
(mil-réis)	1937	177.919:909\$000	1.527:919\$000	1.917:579\$000	262.880:161\$000

Cr\$	1938	38.090.988	1.562.983	2.046.017	287.077.259
Cr\$	1939	41.439.933	1.826.074	2.745.678	328.065.662
Cr\$	1940	64.386.416	2.413.998	3.167.044	340.601.087
Cr\$	1941	61.757.729	2.619.750	2.946.380	349.736.076
Cr\$	1942	64.217.361	3.213.595	3.131.799	433.267.977
Cr\$	1943	79.113	4.267	3.772	520.188
Cr\$	1944	83.361	5.209	5.470	617.497
Cr\$	1945	102.245	6.774	6.865	731.314
Cr\$	1946	167.020	9.707	9.666	996.351
Cr\$	1947	242.124	14.446	13.941	1.298.657
Cr\$	1948	318.089	19.667	15.846	1.635.690
Cr\$	1949	343.263	22.893	16.225	1.684.125
Cr\$	1950	380.438	27.701	19.998	1.734.103
Cr\$	1951	547.931	38.380	30.804	2.529.755
Cr\$	1952	631.602	45.657	34.489	2.939.899
Cr\$	1953	761.961	56.533	37.114	3.188.267
Cr\$	1954	978.709	78.294	45.784	3.627.806
Cr\$	1955	1.165.140	98.960	59.791	3.856.061
Cr\$	1956	1.771.806	141.216	78.340	5.259.401
Cr\$	1957	2.291.286	197.986	103.761	6.983.248
Cr\$	1958	2.702.762	244.073	102.843	8.734.519
Cr\$	1959	4.009.433	379.761	170.143	13.457.269
Cr\$(1000)	1960	5.902.511	560.303	263.013	22.435.659
Cr\$(1000)	1961	7.983.767	794.291	321.793	32.657.566
Cr\$(1000)	1962	12.626.189	1.374.970	471.967	44.937.854
Cr\$(1000)	1963	21.803.971	2.377.414	894.963	79.404.246
NCr\$	1964	46.730.817	4.942.047	1.854.163	163.698.000
(Cr\$)	1965	70.208.544	7.846.263	2.936.021	244.302.000
(Cr\$)	1966	115.630.740	14.099.478	4.153.551	395.242.805
(Cr\$)	1967	119.049	17.316	6.704	473.162
(Cr\$)	1968	206.027	33.535	11.625	790.835
(Cr\$)	1969	284.580	46.013	14.959	1.020.640
(Cr\$)	1970	360.130	56.025	20.755	1.474.863
(Cr\$ 1000)	1971	487.166	70.060	30.338	1.919.526
(Cr\$ 1000)	1972	--	- -		2.496.714
(Cr\$ 1000)	1973	--	- -		3.497.453
(Cr\$ 1000)	1974	--	- -		4.920.050
(Cr\$)	1975	1.506.659	250.259	116.694	7.531.219
(Cr\$)	1976	2.176.469	354.222	141.302	9.795.021
(Cr\$ 1000)	1977	3.193.342	595.858	222.002	14.667.933
(Cr\$ 1000)	1978	5.251.602	870.798	352.955	23.346.300
(Cr\$)	1979	8.401.743	1.298.128	583.074	35.785.530

1000) (Cr\$					
1000)	1980	18.000.447	2.802.936	1.109.893	73.051.472
(Cr\$					
1000)	1981	34.457.755	5.712.508	2.590.256	167.933.117
(Cr\$					
1000)	1982	70.367.107	11.972.142	5.931.713	380.454.711
(Cr\$					
1000)	1983	177.511.871	22.425.940	14.558.296	742.688.630
(Cr\$					
1000)	1984	646.497.308	71.222.860	46.649.494	2.584.316.993
(Cr\$					
1000)	1985	4.913.044.561	285.075.979	186.839.372	9.297.116.274
(Cz\$)	1986	6.005.801	1.072.185	519.353	19.016.417
(Cz\$					
1000)	1987	15.962.557	2.753.787	1.451.843	49.183.073
(Cz\$					
1000)	1988	117.113.429	19.081.966	9.533.822	337.286.746
(Cr\$					
1000)	1989	2.330.553	301.095	131.972	6.061.337
(Cr\$					
1000)	1990	69.675.298	9.073.856	4.701.900	187.663.661
(Cr\$)	1991	353.504.940	35.152.818	26.111.694	853.432.963
(Cr\$)	1992	3.823.048.984	289.473.539	354.749.735	9.280.203.540
(CR\$)	1993	82.848.061	6.786.152	5.403.744	198.590.375
(R\$)	1994	965.977	90.269	50.055	2.155.483
(R\$)	1995	1.269.274	165.746	95.382	3.516.494
(R\$)	1996	1.561.509	174.032	102.493	4.083.875
(R\$)	1997	1.562.241	167.418	68.961	4.128.427
(R\$)	1998	1.651.896	174.790	72.689	4.417.566
(R\$)	1999	1.870.361	173.305	53.302	4.990.634
(R\$)	2000	2.174.412	218.163	54.847	5.966.753

Fonte: Anex C detalhe dos Impostos.<sup>43</sup>

<sup>43</sup> A Professora Márcia Eckert Miranda possibilitou a abertura dos arquivos originais correspondentes a sua dissertação de Mestrado, podendo extrair os valores arrecadados dos tributos estaduais correspondentes ao período entre 1893-1945. Devemos ressaltar que dos valores originais fornecidos pela Dra. Márcia Eckert Miranda foram subtraídos os valores correspondentes as multas por infrações e dívidas dos colonos porque para a análise do comportamento da base exportadora de cada município a sua inclusão levaria a conclusões errôneas porque a imigração em Caxias do Sul aconteceu a fim de século XIX e a imigração de Santa Cruz do Sul era de 1850, assim, as condições impostas ou oferecidas pelo Governo Imperial e Estadual eram bem diferentes e a inclusão dos valores impossibilitaria a comparação.

## ANEXO B

Tabela 75 B Arrecadação Tributária Estadual indexada correspondente ao período entre 1893-2000. ( Valor expresso em reais)<sup>44</sup>

Período	Porto Alegre	Caxias do Sul	Santa Cruz do Sul	RGS	Quociente (Caxias Santa Cruz)
1893	5.765	71	244	17.790	0,29
1894	6.368	84	204	19.314	0,41
1895	8.084	121	344	24.430	0,35
1896	6.207	108	276	19.847	0,39
1897	6.501	134	224	19.877	0,60
1898	5.736	154	236	20.817	0,65
1899	5.605	118	223	22.197	0,53
1900	5.096	133	188	21.770	0,71
1901	6.208	139	186	23.740	0,75
1902	6.773	161	208	28.132	0,77
1903	6.520	204	307	30.615	0,66
1904	5.026	180	279	26.865	0,65
1905	4.970	208	334	28.808	0,62
1906	4.723	185	297	25.669	0,62
1907	4.636	216	317	29.077	0,68
1908	5.674	245	400	31.151	0,61
1909	7.360	264	395	38.444	0,67
1910	7.370	299	428	38.330	0,70
1911	8.318	300	441	39.852	0,68
1912	9.500	319	448	42.121	0,71
1913	10.359	336	516	50.347	0,65
1914	9.154	439	584	51.366	0,75
1915	8.329	396	539	46.377	0,73
1916	7.829	454	558	43.443	0,81
1917	9.409	445	492	46.719	0,91
1918	9.753	386	525	46.076	0,73
1919	11.619	413	645	51.401	0,64
1920	9.621	313	544	44.600	0,57
1921	12.587	406	658	69.790	0,62
1922	13.449	481	825	59.224	0,58
1923	6.352	342	670	49.642	0,51
1924	6.956	469	804	65.850	0,58
1925	6.799	353	973	61.528	0,36
1926	10.148	672	2.440	79.889	0,28
1927	10.765	880	2.902	84.410	0,30

<sup>44</sup> Os valores foram indexados com o indexador do IPEA e foram calculados os valores originais até o ano de 2000.

1928	10.211	787	2.793	90.598	0,28
1929	18.981	919	1.841	224.251	0,50
1930	17.874	838	1.503	211.869	0,56
1931	20.815	1.049	1.739	263.953	0,60
1932	20.041	1.057	1.121	265.080	0,94
1936	203.085	1.481	1.883	303.897	0,79
1937	213.214	1.831	2.298	315.028	0,80
1938	44.250	1.816	2.377	333.494	0,76
1939	47.177	2.079	3.126	373.488	0,67
1940	68.698	2.576	3.379	363.410	0,76
1941	59.786	2.536	2.852	338.570	0,89
1942	53.481	2.676	2.608	360.831	1,03
1943	56.503	3.048	2.964	371.525	1,03
1944	49.351	3.084	3.238	365.571	0,95
1945	52.670	3.490	3.537	376.727	0,99
1946	75.097	4.365	4.346	447.986	1,00
1947	99.876	5.959	5.751	535.698	1,04
1948	124.012	7.668	6.178	637.698	1,24
1949	123.566	8.241	5.841	606.244	1,41
1950	125.589	9.145	6.602	572.457	1,39
1951	153.144	10.727	8.610	707.055	1,25
1952	161.071	11.644	8.795	749.733	1,32
1953	170.531	12.652	8.306	713.550	1,52
1954	172.152	13.772	8.053	638.122	1,71
1955	183.760	15.607	9.430	608.158	1,66
1956	227.660	18.145	10.066	675.781	1,80
1957	261.122	22.563	11.825	795.833	1,91
1958	274.232	24.765	10.435	886.236	2,37
1959	299.442	28.362	12.707	1.005.048	2,23
1960	351.536	33.370	15.664	1.336.201	2,13
1961	353.177	35.137	14.235	1.444.671	2,47
1962	371.736	40.481	13.896	1.323.047	2,91
1963	359.800	39.231	14.768	1.310.296	2,66
1964	406.858	43.027	16.143	1.425.222	2,67
1965	384.605	42.982	16.084	1.338.294	2,67
1966	459.219	55.995	16.496	1.569.678	3,39
1967	373.666	54.351	21.042	1.485.138	2,58
1968	510.365	83.072	28.797	1.959.039	2,88
1969	587.209	94.944	30.867	2.106.014	3,08
1970	639.199	99.439	36.838	2.617.750	2,70
1971	724.278	104.159	45.104	2.853.792	2,31
1972	-	-	-	3.096.686	---
1973	-	-	-	3.347.658	---
1974	-	-	-	3.498.603	---
1975	799.952	132.874	61.958	3.998.659	2,14
1976	818.381	133.192	53.131	3.683.059	2,51
1977	903.412	154.095	57.412	3.793.269	2,68
1978	982.520	162.917	66.034	4.367.852	2,47
1979	1.018.281	157.332	70.668	4.337.164	2,23
1980	1.135.428	176.803	70.010	4.607.922	2,53



1981	1.083.893	179.691	81.478	5.282.453	2,21
1982	1.101.029	187.327	92.813	5.952.945	2,02
1983	1.199.873	151.586	98.405	5.020.126	1,54
1984	1.448.242	159.549	104.501	5.789.223	1,53
1985	3.157.679	183.222	120.084	5.975.381	1,53
1986	1.549.088	276.551	133.958	4.904.944	2,06
1987	1.344.591	231.963	122.295	4.142.891	1,90
1988	1.355.165	220.805	110.320	3.902.875	2,00
1989	1.920.198	248.079	108.735	4.994.080	2,28
1990	2.023.537	263.526	136.554	5.450.200	1,93
1991	1.987.031	197.592	146.772	4.797.098	1,35
1992	2.011.744	152.325	186.675	4.883.380	0,82
1993	2.074.661	169.937	135.319	4.973.054	1,26
1994	2.828.688	264.336	146.577	6.311.935	1,80
1995	1.920.614	250.800	144.328	5.321.016	1,74
1996	2.018.035	224.912	132.458	5.277.845	1,70
1997	1.875.600	200.999	82.793	4.956.521	2,43
1998	1.902.641	201.322	83.723	5.088.119	2,40
1999	1.985.899	184.011	56.595	5.298.921	3,25
2000	2.174.412	218.163	54.847	5.966.753	3,98

Fonte: Valores Originais proporcionados pela Dra. Prof.<sup>a</sup> Márcia Eickert Miranda no período correspondente a 1893-1945. Entre 1945-1969. Série de Finanças Públicas lançada pela D.E.E. Ver anexo D. Período 1966-1971. SEI (Superintendência especial de informática). F.E.E 1976-2000

## ANEXO C - Alíquotas dos Impostos sobre o Vinho e o Fumo entre 1893-2000

Tabela 76 Alíquotas do vinho 1893-1909

<i>PERIODOS</i>	<i>Imposto de Exportação</i>	<b>Imposto de indústrias e profissões</b>
<b>1893</b> Acto 9 de 14/1/1893. Reg. Imp. de Ind. e Profissões As taxas fixas dependem da natureza e classe da profissão, e a categoria das localidades onde forem exercidas. O valor proporcional é o percentual sobre o valor locativo do prédio ou local onde se e 1902-1903 Relatório da Fazenda 1915 1903-1909 Relatórios da Fazenda	6%	Tabela anexa alíquotas 1893
<b>Decreto 1417 de 4/1/1909 Impostos de Indústrias e Profissões</b>		Tabela anexa 1909 ALIQUOTAS

Tabela 77 ALIQUOTAS INDÚSTRIAS E PROFISSÕES 1893 Vinho

<i>GÊNEROS</i>	<i>Cidades</i>	<i>Vilas</i>	<i>Outros Lugares</i>	<b>Taxa Proporcional</b>
Vinho naturais (mercador em grosso)	100\$000 contos de reis	80\$000 contos de réis	60\$000 contos de reis	20%
Vinho naturais (mercador em menor escala)	50\$000	40\$000	30\$000	10%
<b>Vinhos (mercador em pequena escala)</b>	25\$000	20\$000	15\$000	5%

Tabela 78 ALIQUOTA IMPOSTO de INDUSTRIAS E PROFISSÕES DO VINHO 1909

<i>GÊNEROS</i>	<i>Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande</i>	<i>Bagé, Livramento, Quaratay</i>	<i>Outras Cidades</i>	<i>Vilas</i>	<i>Outros lugares</i>	<b>Taxa Proporcional</b>
Vinhos Naturais (mercador em grosso)	100\$	100\$	100\$	80\$	60\$	20%
Vinho naturais (mercador em menor escala)	50\$	50\$	50\$	40\$	\$30	10%
<b>Vinhos naturais(mercador em pequena escala)</b>	30\$	30\$	25\$	20\$%	15\$	10%

Quadro 79 ALIQUOTAS VINHO 1923-1939

<i>ANOS</i>	<i>Imposto de Exportação</i>	<i>Imposto de Patente para Fabricação e comercio de bebidas e fumo</i>	<i>Imposto de Consumo sobre Fumos e Bebidas</i>	<b>Imposto de indústrias e profissões</b>
1909-1910	2%			
1911	2%			
1912-Importante Isenção do Imposto de Exportação	Todos produtos da Vinha produzidos por cooperativas agrícolas isentos. O vinho paga 2%			
1913 Lei 178 23/12/1913 Imposto de Indústrias e Profissões Muda alíquota e taxa fixa	Idem		O vinho era isento	Taxa fixa conforme as localidades e Taxa Proporcional conforme valor locativo.
1913- Os fabricantes de Vinhos continuam sem pagar o imposto de indústrias e profissões	Idem			
1914-1915 Impostos de Patentes.	Idem	Isenta	Isento	
1916 Extingue o Imposto de Patentes.		Extinto	Isento	
1921-Os Fabricantes de Vinhos Naturais são incluídos no Imposto de Indústrias e Profissões.				Taxa fixa e Taxa proporcional conforme anexo.
<b>1922</b>	Idem	Isenta	Isenta	Idem

QUADRO 80 INDUSTRIAS E PROFISSOES VINHO 1913

<i>GÊNEROS</i>	<i>Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande</i>	<i>Bagé, Livramento, Quaratay</i>	<i>Outras Cidades</i>	<b>Vilas</b>
Vinhos (mercador em grosso)	100\$	100\$	100\$	80\$
Vinho naturais (mercador em menor escala)	50\$	50\$	50\$	40\$
<b>Vinhos naturais(mercador em pequena escala)</b>	30\$	30\$	25\$	20\$%

QUADRO 81 ALIQUOTAS INDÚSTRIAS, E PROFISSÕES VINHO 1921

<i>Gêneros</i>	<i>Porto Alegre</i>	<i>Bagé</i>	<i>Cruz Alta e Caxias</i>	<i>Outras Cidades</i>	<i>Outros Lugares</i>	<b>Taxa Proporcional</b>
Vinhos Naturais (Fabricante em maior escala)	50\$	50\$	30\$	20\$	15\$	10%
Vinhos Naturais (Fabricante em menor escala)	30\$	30\$	20\$	15\$	15\$	10%
Vinhos Naturais (Fabricante em pequena escala)	15\$	15\$	10\$	10\$	10\$	5%
<b>Vinhos Naturais (Mercador grande escala)</b>	150\$	150\$	150\$	120\$	100\$	20%

Tabela 82 ALÍQUOTAS 1924-1936 vinho

Anos	Imposto de Exportação	Imposto de Patente para fabricação e comercio de bebidas e fumo	Imposto de consumo sobre bebidas e fumo	Imposto sobre consumo de mercadorias e serviços	Imposto de Indústria e Profissões	Imposto sobre vendas e consignações	Taxa de expediente sobre fumo e vinho
1924 Mudanças de Alíquota Indústrias e Profissões. São isentos os vinhos naturais.	Idem	Isenta	Isenta		São Isentos os Fabricantes e Mercadores de vinhos naturais		
1928 Leis 462 do 5/07/1928. Torna extensivo o imposto de consumo a outras mercadorias. O imposto agora se chama Imposto de Consumo de mercadorias.			É substituído pelo Imposto sobre consumo de mercadorias e serviços	Tabela Anexa com os dados das alíquotas			
1930 Mudança de alíquotas Industrias e Profissões					Tabela com alíquota anexa		
1931 1935. O governo estadual extingue o Imposto de Consumo				Extinto			
1935 Decreto 6130 de 31-12-1935 Aprova o regulamento para						1% sobre as vendas a vista	

fiscalização e arrecadação do Imposto sobre consignações e vendas	
1935 Taxa de expediente do Fumo e do Vinho.	3%
<b>1936 Mudança de alíquota Industrias e Profissões</b>	Tabela anexa

TABELA 83 IMPOSTO DE CONSUMO DE MERCADORIA E SERVIÇOS PARA O VINHO para 1928

<i>Características</i>	<i>Vinho Nacional até 14% de álcool</i>	<i>Vinho Nacional mais de 14% de álcool</i>
por meia garrafa	\$025	\$050
por meio litro	\$040	\$075
por garrafa	\$050	\$100
por litro	\$075	\$100
<b>Características</b>	Vinho Nacional até 14% de álcool	Vinho Nacional mais de 14% de álcool

Tabela 84 INDUSTRIAS E PROFISSÕES 1930 VINHO

<i>Gêneros</i>	<i>Porto Alegre, Pelotas Rio Grande</i>	<i>Bagé Caxias Cruz Alta</i>	<i>Vilas</i>	<b>Taxa Proporcional</b>
Vinhos Cantinas de maior escala	250\$000	250\$000	250\$000	10%
<b>Vinhos Cantinas de menor escala</b>	150\$000	150\$000	150\$000	5%

TABELA 85 DE INDUSTRIAS E PROFISSÕES VINHO 1936

<i>Gêneros</i>	<i>Categoria 1</i>	<i>Categoria 2</i>	<i>Categoria 3</i>	<b>Taxa Proporcional</b>
Vinhos naturais cantinas maior escala	615\$000	615\$000	615\$000	10%
<b>Idem em menor</b>	369\$000	369\$000	369\$000	5%

<b>escala</b>	
---------------	--

Quadro tabela 86 ALIQUOTAS VINHO DIFERENTES IMPOSTOS 1937-2000

<i>Anos</i>	<i>Imposto de Indústrias e Profissões</i>	<i>Imposto de Vendas e consignações</i>	<i>Taxa de Expediente</i>	<i>Taxa de \$006 Reis sobre o vinho</i>	<b>ICMS</b>
1937. Implantação da Taxa do vinho e Mudança na alíquota de indústrias e profissões e isenção da outra taxa de expediente do vinho	ANEXO ALIQUOTAS		Isento	Taxa de \$006 reis sobre o vinho.	
Decreto 307 de 30-12-1942 Regula alíquotas de impostos sobre vendas e consignações		1,40%			
Extinção do Imposto de Exportação					
decreto 532 de 27-1-1946 eleva alíquota vendas e consignações		1,50%			
decreto 532 de 27-1-1946 eleva alíquota vendas e consignações		2,00%			
Constituição de 1946 art.29 inc. III O imposto de Indústrias e Profissões passou para o Município	Transferido para os municípios				
Lei 5400 de 20/12/66 extingue os Impostos de vendas e consignações e a taxa de fomento agropecuário		Extinto			
Lei 5373/66 dispõe sobre impostos de operações relativos a circulação de mercadorias					12%
Lei 6742. Alíquotas					Tabela 88C

exercício 1975	
Alíquotas de 1976 do ICMS.	Tabela 88C
Alíquotas de 1979 Decreto 29457 de 31/12/79 para o ano de 1980	Tabela 88 C
1981	Tabela 88 C
1982	Tabela 88 C
1983	Tabela 88 C
1998	Tabela 88 C
1999	Tabela 88 C
<b>2009</b>	Tabela88C

Fonte: Constituição 1946, Decretos e Leis.de Rio Grande do Sul

Quadro TABELA 87 alíquotas indústria e profissões 1938

<i>Generos</i>	<i>Categoria 1</i>	<i>Categoria 2</i>	<i>Categoria 3</i>	<b>Taxa Proporcional</b>
Cantinas maior escala	600\$000	600\$000	600\$000	10%
Idem menor escala	370\$000	370\$000	370\$000	5%
<b>Cantinas maior escala</b>	600\$000	600\$000	600\$000	10%

TABELA 88 ALIQUOTAS ICMS.1975-2009

	Vendas	Outros Estados	Minas Gerais Rio De Janeiro São Paulo	Regiões Norte nordeste e centro oeste e no Estado de Espirito Santo	estrangeiro	ICMS específico Vinho 1998
Lei 6742. Alíquotas exercício 1975	14,50%	12%	-	-	13%	-
Alíquotas de 1976 do ICMS.	14%	11%	-	-	13%	-
Alíquotas de 1979 Decreto 29457 de 31/12/79 para o ano de 1980	15	-	11,00%	10%	13%	-
1981	15,5	-	11%	9,50	13%	-
1982	16%	-	11%	9,00	13%	-
1983	14%	-	12,00%	9,00%	-	-
1998	16%	-	12,00%	7,00%	-	17%



2009	17%%	-	12,00%	7,00%	13,00%	17%
------	------	---	--------	-------	--------	-----

TABELA 89 alíquotas 1893-1909 para o fumo

<i>Anos</i>	<i>Imposto de Exportação</i>	<i>Imposto de Patente e Fabricação e comercio de bebidas e fumo</i>	<i>Imposto sobre consumo de mercadorias</i>	<i>Imposto sobre consumo de bebidas e fumo</i>	<b>Imposto de Indústrias e Profissões</b>
<b>1893</b> Acto 9 de 14/1/1893. Reg. Imp. de Ind. e Profissões As taxas fixas dependem da natureza e classe da profissão, e a categoria das localidades onde forem exercidas. O valor proporcional é o percentual sobre o valor locativo do prédio ou local onde se e					anexo
1902-1903 Relatório da Fazenda 1915	10%				
1903-1909 Relatórios da Fazenda	6%				
<b>1909 Decreto 1417 de 4/1/1909 Impostos de Industrias e Profissões</b>	Idem				ANEXO TABELA 90 c

Relatórios da Fazenda, Actos de Governo.

Tabela 90 Industrias e Profissões 1893 fumo

<i>Gêneros</i>	<i>Cidades</i>	<i>Vilas</i>	<i>Outros Lugares</i>	<b>Taxa Proporcional</b>
Fumo ( Fabrica de Picar ou desfiar)	100\$000	80\$000	60\$000	20%
<b>Fumo ( fabrica ou mercador)</b>	50\$000	40\$000	30\$000	20%

TABELA 91 Indústrias e Profissões fumo de 1909

<i>Gêneros</i>	<i>Porto Alegre</i>	<i>Bagé</i>	<i>Outras cidades</i>	<i>Vilas</i>	<i>outros lugares</i>	<b>Taxa Proporcional</b>
Fumo (Fab.de picar ou desfiar)	100\$	100\$	100\$	80\$	60\$	10%
Fumo (Idem em menor escala)	50\$	50\$	50\$	40\$	30\$	10%
Fumo (preparador ou mercador)	50\$	50\$	50\$	40\$	30\$	10%
<b>Fumo e seus preparados(mercador)</b>	50\$	50\$	50\$	40\$	30\$	10%

Tabela 92 ALIQUOTAS DIFERENTES IMPOSTOS DO FUMO 1909 1922

<i>Anos</i>	<i>Imposto de Exportação</i>	<i>Imposto de Patente e Fabricação e comercio de bebidas e fumo</i>	<i>Imposto sobre consumo de mercadorias</i>	<i>Imposto sobre consumo de bebidas e fumo</i>	<b>Imposto de Indústrias e Profissões</b>
1909-1910	6%				
1911	6%				
1913 Lei 178 23/12/1913 Tabela anexa Imposto de Indústrias e Profissões					Anexo alíquota 93 c
1914-1915 Impostos de Patentes. As Fábricas de Fumo e cigarros pagam o imposto conforme a classe do estabelecimento. Dividido em 12 classes de acordo a sua importância.		de 8:000\$000 até 100\$000 conforme à classificação do estabelecimento		Anexo	
1915 Imposto de Patentes					
1916 Extingue o Imposto de Patentes.					
<b>1921 Muda a alíquota de Indústrias e Profissões</b>					Anexo alíquota

Lei de Rio Grande do Sul.

TABELA 93 indústria e profissões 1913 FUMO

<i>Gêneros</i>	<i>Porto Alegre</i>	<i>Bagé</i>	<i>outras cidades</i>	<i>vilas</i>	<i>outros lugares</i>	<b>Taxa Proporcional</b>
Fumo (Fab.de Picar ou desfiar)	100\$	100\$	100\$	80\$	60\$	10%
Fumo Idem em menor escala	50\$	50\$	50\$	40\$	30\$	10%
Fumo preparador ou mercador	50\$	50\$	50\$	40\$	30\$	10%
<b>Fumo e seus preparados</b>	50\$	50\$	50\$	40\$	30\$	10%

Tabela 94 Imposto sobre consumo de bebidas e fumo 1913

<i>charutos cujo preço não exceda de 150\$000 o milheiro cada charuto</i>	<b>\$005</b>
charutos cujo preço seja superior de 150\$000 o milheiro até 300\$000	\$010
Preço superior a 300\$000 o milheiro	\$050
Cigarros por maço de 20 ou fração	\$010
Fumo desfiado	\$010
Rapé por 125 g de fração	\$030
Papel p/cigarros	\$020
Idem em blocos	\$020
<b>Palha por maço de 50</b>	<b>\$020</b>

TABELA 95 Imposto sobre consumo de bebidas e fumo 1921

charutos cujo preço não supera 200\$000 o milheiro	\$025
Charutos cujo preço exceda 200\$000	\$050
Cigarros por maço de 20	\$040
Fumo desfiado	\$040
Rapé	\$080
Papel para cigarro	\$080
Idem em bloco 100	\$100
Palha para maço de 50	\$040
Idem	Idem

TABELA 96 quadro IND E PROFISSÕES 1921 fumo

<i>Gêneros</i>	<i>Porto Alegre</i>	<i>Bagé</i>	<i>Cruz Alta Caxias</i>	<i>Outras cidades</i>	<i>Outros Lugares</i>	<b>Taxa Proporcional</b>
Fumo ( Fab de picar ou desfiar maior escala)	200\$	200\$	180\$	160\$	140\$	20%
<b>Idem em menor escala</b>	100\$	100\$	90\$	80\$	70\$	10%

Tabela 97 c Evolução da alíquota do fumo do período entre 1923-1937

<i>Período</i>	<i>Imposto de Exportação</i>	<i>Imposto sobre consumo de mercadorias</i>	<i>Imposto sobre consumo de bebidas e fumo</i>	<i>Imposto de indústria e profissões</i>	<i>Taxa de expediente sobre fumo</i>	<i>Taxa para fundo especial de defesa agropecuária</i>	<i>Imposto sobre vendas e consignações</i>	<b>ICMS</b>
1928 Lei 462 do 5/07/1928. Torna extensivo o imposto de consumo a outras mercadorias. O imposto agora se chama Imposto de Consumo de mercadorias.		Anexo com alíquotas	É substituído pelo Imposto sobre consumo de mercadorias					
1930 Mudança de alíquotas Industrias e Profissões				Anexo alíquota				
1935 Taxa de expediente do Fumo e do Vinho.					4%			
1936 Mudança de alíquota Industrias e Profissões								
1935 Decreto 6130 de 31-12-1935 Aprova o regulamento para fiscalização e arrecadação do							1% sobre vendas a vista	

Imposto sobre consignações e vendas			
1937 Implementação da Taxa para constituição de Fundo especial para defesa agropecuária incide sobre o fumo exclusivamente		de 2\$000, \$040,\$ 010,\$ 040 \$ 060 e \$300 conforme seja fumo manufaturado, maço de cigarro, charutos.	
Decreto 307 de 30- 12-1942 Regula alíquotas de impostos sobre vendas e consignações			1,40%
1942-Extinção do Imposto de Exportação	Extint o		
decreto 532 de 27-1- 1946 eleva alíquota vendas e consignações			1,50%
decreto lei 110617- 6-1946 eleva alíquota vendas e consignações Constituição de 1946 art.29 inc. III O imposto de Indústrias e Profissões passou			2,00%

para o Município		
Lei 5400 de 20/12/66 extingue os Impostos de vendas e consignações e a taxa de fomento agropecuário	3%	
Lei 5373/66 dispões sobre impostos de operações relativos a circulação de mercadorias		Anexo
Lei 6742. Alíquotas exercício 1975		anexo
Alíquotas de 1976 do ICMS.		anexo
Alíquotas de 1979		anexo
Decreto 29457 de 31/12/79 para o ano de 1980		
1981		anexo
1982		anexo
1983		anexo
1998		
1999		
<b>2009</b>		

Fonte Leis do Estado de Rio Grande do Sul.

TABELA 98 C Imposto sobre consumo de mercadorias DE 1928 PARA o Fumo

<i>Gênero</i>	<b>Imposto</b>
Charutos cujo preço não exceda de 200\$ o milheiro	\$030

charutos cujo preço não exceda 400\$	\$060
Charutos cujo preço exceda 400\$	\$100
charutos de procedência estrangeira	\$360
cigarros e cigarrilhas nacionais	\$100
cigarros ou cigarrilhas estrangeiros	\$480
fumo desfiado	\$075
fumo em corda	\$075
rapé	\$120
papel para cigarros	\$100
blocos de 100 mortalhas	\$300
<b>palha para maço de 50</b>	<b>\$050</b>

Tabela 99 c 1930 INDUSTRIAS E PROFISSÕES ALIQUOTAS

Gêneros	Porto Alegre Rio Grande Pelotas	Bagé Caxias	Vilas	Taxa Proporcional
Fumo Fabrica de picar ou desfiar	300\$000	300\$000	250\$000	20%

Tabela 100 C 37 Industria e Profissões Fumo alíquota



Gêneros	Categoria 1	Categoria 2	Categoria 3	Taxa Proporcional
Fumo	750\$000	750\$000	600\$000	20%

Tabela 101 ICMS ALIQUOTAS FUMO 1966-2009

	Vendas	Outros Estados	Minas Gerais Rio De Janeiro São Paulo	Regiões Norte nordeste e centro oeste e no Estado de Espírito Santo	estrangeiro	ICMS específico fumo
1966	12%					
Lei 6742. Aliquotas exercício 1975	14,50%	12%	-	-	13%	-
Aliquotas de 1976 do ICMS.	14%	11%	-	-	13%	-
Aliquotas de 1979 Decreto 29457 de 31/12/79 para o ano de 1980	15	-	11,00%	10%	13%	-
1981	15,5	-	11%	9,50	13%	-
1982	16%	-	11%	9,00	13%	-
1983	14%	-	12,00%	9,00%	-	-
1998	16%	-	12,00%	7,00%	-	26%
<b>2009</b>	17% <sup>9</sup>	-	12,00%	7,00%	13,00%	25%

Lei do ICMS e modificações.

## ANEXO D

## Fontes de Tributação desde 1893-2000.

Eckert Miranda, Márcia. Dissertação de Mestrado apresentada a U.F.R. GS, 1998. (1890-1945)

Fonte: Balanço da Receita e Despesa do Estado do Rio Grande do Sul do exercício de 1893-1898.

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda de 1900.

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda de 1903, Balanço Definitivo da Receita e Despesa do Estado de 1902.

Fonte: Balanço Definitivo da Receita e Despesa do Estado do Rio Grande do Sul do exercício de 1903.

Fonte: Relatório da 3ª Diretoria do Tesouro do Estado em 1905, anexo ao Relatório da Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda de 1905.

Fonte: Balanço Definitivo da Receita e Despesa do Estado do Rio Grande do Sul do exercício de 1905.

Fonte: Balanço definitivo de Receita e Despesa do Estado do Rio Grande do Sul exercício 1906

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda de 1908

Fonte: Relatório Definitivo da Receita e Despesa do Estado do Rio Grande do Sul do exercício de 1908.

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda de 1910

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda em 1911.

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda de 1912.

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda de 1913

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda de 1914.

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda de 1915.

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda de 1916.

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda de 1917.

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda de 1918.

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda de 1919.

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda de 1920

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda de 1921

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda de 1922

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda de 1923.

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda em 1924.

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda em 1926.

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda em 1928.

Fonte: Relatório do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda em 1929

Fonte: Relatório do Secretário dos Negócios da Fazenda em 1932

Fonte: Relatório do Secretário dos Negócios da Fazenda em 1933.

Fonte: Relatório do Secretário dos Negócios da Fazenda em 1934.

Fonte: Relatório apresentado ao Interventor Federal pelo Secretário da Fazenda relativo ao quinquênio de 1938 a 1942.

Fonte: Balanço Geral do Estado e Relatório da Secretaria da Fazenda do exercício de 1944.

Fonte: Balanço Geral do Estado e Relatório da Secretaria da Fazenda referente ao exercício de 1943; FIBGE, 1944 Fonte: Balanço Geral do Estado e Relatório da Secretaria da Fazenda do exercício de 1944

para 1940-44

FINANÇAS PÚBLICAS. Receita e despesa da união, do Estado e dos Municípios - Rio Grande do Sul. Departamento estadual de estatística: 1945 p. 17-8.

para 1945-49

FINANÇAS PÚBLICAS. Receita e despesa da união, do Estado e dos Municípios - Rio Grande do Sul. Departamento estadual de estatística: 1949. P. 28-9

Para 1950-1954

FINANÇAS PÚBLICAS. Receita e despesa da união, do Estado e dos Municípios - Rio Grande do Sul. Departamento estadual de estatística: 1954. P. 36-7

Para 1955-59

FINANÇAS PÚBLICAS. Receita e despesa da união, do Estado e dos Municípios - Rio Grande do Sul. Departamento estadual de estatística: 1959 p. 51-53.

Para 1960-64

FINANÇAS PÚBLICAS. Receita e despesa da união, do Estado e dos Municípios - Rio Grande do Sul. Departamento estadual de estatística: 1960 p. 60-1

Para 1965-69

FINANÇAS PÚBLICAS. SEPS. 1969, p. 17-21

1966-1970; SUPERINTENDÊNCIA DE ESTATÍSTICA E INFORMÁTICA: Anuário estatístico do Rio Grande do Sul 1971. V. 4. Porto Alegre: Secretaria de coordenação e planejamento, 1971, p. 385-389.

A publicação ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL foi "interrompida em 1971, sob a responsabilidade da SEI, e reiniciada em 1976, com a responsabilidade da FEE". (Cf. consta na ficha catalográfica da edição de 1977)

1971=1974 (apenas total, não há por mun.) FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul 1972-75. Volume 5-8. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, p. 184-189.

Para 1976: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul 1976. Volume 9. Porto Alegre: fundação de economia e estatística, dezembro, 1978. P. 616-621.

Para 1977: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - 1977. Volume 10. Tomo I. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1979, p. 202-204.

- Para 1978 FUNDAÇÕES DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - 1978. Volume 11. Tomo dois. Estatísticas sociais, infraestrutura e administração pública. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1980 p. 1127-1136.
- Para 1979 FUNDAÇÕES DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - 1979. Volume 12. Tomo II. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1980, p. 567-573.
- Para 1980 FUNDAÇÕES DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - 1980. Volume 13. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1981, p. 722-728.
- Para 1981 FUNDAÇÕES DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - 1981. Volume 14. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1982, p. 704-710.
- Para 1982 FUNDAÇÕES DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - 1982. Volume 15. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1984, p. 433-437.
- Para 1983 FUNDAÇÕES DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - 1983. Volume 16. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1985, p. 289-292.
- Para 1984 FUNDAÇÕES DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - 1984. Volume 17. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1986, p. 314-317.
- Para 1985 FUNDAÇÕES DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - 1985. Volume 18. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1986, p. 211-213.
- 1986 FUNDAÇÕES DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - 1986. Volume 19. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1987, p. 246-248.
- Para 1987\*\*\*: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - 1987. Volume 20. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1988, p. 246-250.
- Para 1988\*\*\*\*: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - 1988. Volume 21. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1989, p. 222-224.
- 1989\* FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - 1989. Volume 22. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1991, p. 435-439.
- Para 1990\*\*\*\*\*: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - 1990. Volume 23. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1992, p. 452-456.
- Para 1991: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - Edição Especial. (CD-ROM)
- Para 1992 FUNDAÇÕES DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - Edição Especial (CD-ROM)
- Para 1993 FUNDAÇÕES DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - Edição Especial. (CD-ROM)
- Para 1994 FUNDAÇÕES DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul - Edição Especial. (CD-ROM)
- Para 1995 FUNDAÇÕES DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul 2001. V. 31. (CD ROM).
- Para 1996 FUNDAÇÕES DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul 2001. V. 31. (CD-ROM).
- Para 1997 FUNDAÇÕES DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul 2001. V. 31. (CD-ROM).
- Para 1998: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul 2001. V. 31. (CD-ROM).
- Para 1999 FUNDAÇÕES DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul 2001. V. 31. (CD-ROM).
- Para 2000: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul 2001. V. 31. (CD-ROM).

## ANEXO E

Participação percentual dos principais produtos nas exportações totais do Rio Grande do Sul entre 1901 e 1930

Ano	Arroz	Banha	Vinhos	Fumo em folha	Couros secos e salgados	Charque	Outros*	Total
1901	0,01	9,8	0,25	4,32	18,31	26,76	40,55	100,00
1902	0,04	10,84	0,17	1,94	23,13	25,31	38,57	100,00
1903	0,07	9,52	0,29	2,16	23,74	24,12	40,1	100,00
1904	0,12	7,09	0,47	2,61	27,39	23,19	39,13	100,00
1905	0,03	8,03	0,85	3,19	20,32	28,15	39,43	100,00
1906	0	10,33	0,9	1,83	19,61	19,15	48,18	100,00
1907	0,1	10,21	0,79	2,78	17,53	31,52	37,07	100,00
1908	0,22	12,3	0,96	2,34	15,48	34,01	34,69	100,00
1909	1,03	9,75	0,83	3,3	19,57	32,3	33,22	100,00
1910	0,92	9,58	0,91	3,25	17,03	29,76	38,55	100,00
1911	0,8	8,01	1,61	3,81	16,41	32,33	37,03	100,00
1912	2,39	12,61	1,59	3,7	16,03	30,05	33,63	100,00
1913	4,58	15,59	1,06	3,68	11,09	29,37	34,63	100,00
1914	4,56	20,34	1,4	-	10,31	29,9	33,49	100,00
1915	5,91	14,79	1,29	1,72	10,3	31,42	34,57	100,00
1916	2,51	16,11	2,63	2,98	14,52	30,73	30,52	100,00
1917	5,31	10,42	1,47	1,93	9,43	26,47	44,97	100,00
1918	7,15	10,96	2,14	2,91	9,05	17,69	50,1	100,00
1919	7	14,87	1,38	3,88	9,32	18,89	44,66	100,00
1920	9,04	17,25	0,66	3,53	7,63	21,51	40,38	100,00
1921	9,97	15,46	0,99	3,68	8,47	19,31	42,12	100,00
1922	9,8	14,68	1,43	3,84	11,3	24,03	34,92	100,00
1923	7,85	13,26	2,49	3,85	14,33	19,23	38,99	100,00
1924	8,34	12,08	1,79	5,51	11,16	18,55	42,57	100,00
1925	11,3	15,55	2,18	3,64	10,8	19,62	36,91	100,00
1926	9,66	21,66	3,24	4,32	7,09	19,96	34,07	100,00
1927	12,99	19,71	2,91	3,23	6,84	17,68	36,64	100,00
1928	11,32	14,27	3,62	4,48	12,61	16,74	36,96	100,00
1929	9,99	14,38	3,3	5,66	8,98	19,36	38,33	100,00
1930	9,24	16,08	2,13	4,76	7,62	15,8	44,37	100,00

Fonte: Documentos FEE 60. As relações do comércio do Rio Grande do Sul - do século XIX a 1930. Renato Antonio Dalmazzo.

Secretaria da Coordenação e planejamento. Fundação de Economia e Estatística, Porto Alegre, outubro de 2004.

\* Neste caso, além dos "outros produtos" que constavam na tabela, somou-se o valor que faltava para chegar aos 100% exportados.